UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Clovis Eduardo Zanetti

Os quatro discursos de Lacan e a construção do caso clínico: Método heurístico, neurose modelo e discurso universitário

(Versão corrigida)

São Paulo
2019

Clovis Eduardo Zanetti

Os quatro discursos de Lacan e a construção do caso clínico: Método heurístico, neurose modelo e discurso universitário

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obter o título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker

São Paulo
2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Zanetti, Clovis Eduardo
Os quatro discursos de Lacan e a construção do caso clínico: Método heurístico, neurose modelo e discurso universitário/ Clovis Eduardo Zanetti; orientador Christian Ingo Lenz Dunker. -- São Paulo, 2019.
237 f.
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Psicanálise lacaniana. 2. Discursos. 3. Construção do caso clínico. 4. Método heurístico. 5. Neurose modelo. I. Dunker, Christian Ingo Lenz, orient. II. Título.

Nome: Zanetti, Clovis Eduardo.

Título: Os quatro discursos de Lacan e a construção do caso clínico: Método heurístico, neurose modelo e discurso universitário.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obter o título de Doutor em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura:_____

Para Juliana, Leonardo e Arthur

AGRADECIMENTOS

A Christian Dunker pela orientação precisa e generosa, por sua presença, sua coragem e parceria, obrigado Chris! Aos colegas da Rede Clínica, do Laboratório Jacques Lacan e Latesfip, Tatiana Assadi, Heloísa Ramirez, Anna Turriani, Sandra Tolentino, Delia Césaris, Karen Alves, Luciana Salum, Maria Letícia Reis e Daniele Sanches pela acolhida inicial, pelas trocas e pela aprendizagem. A Claudia Rocha pelo apoio de secretaria.

Aos queridos Hugo Lana e João Felipe Domiciano, a Beto Propheta, Ilana Katz, Rafael Alves Lima, Clarice Paulon, Natalie Mas, Ramaiana Cardinali, Vanessa Da Fonseca, Renata Bazzo, Marcus Teshainer e Rodrigo Gonsalves pela leitura atenciosa que em diferentes momentos e de diferentes formas contribuíram com a realização desse trabalho.

Ao valioso time que aceitou fazer parte da comissão julgadora, começando com a qualificação, a Maria Lívia Tourinho Moretto com quem tanto aprendi e a quem tanto admiro por seu trabalho genuíno com a transmissão da psicanálise e pela forma firme com que me conduziu a assumir o meu; a Paulo Rona que tive a felicidade de poder ouvir e discutir esse texto a partir de sua tese iluminada. A Mayla Di Martino pelo apoio e incentivo que me fez acreditar e concluir, a Carlos Henrique Kessler, Roberto Lopes Mendonça, Rafael Cossi, Beth Brose, Clarice Paulon, Ivan Estevão e Mirian Debieux Rosa, meus sinceros agradecimentos.

A Cândida Maria de Oliveira Martins pela travessia e com quem pude contar e recontar minha vida até que ela se torna-se outra, a Carolina Morari Mendes pela amizade duradoura. A Denise Hernandes Tinoco pela confiança, aos colegas de colegiado, aos meus queridos alunos, meus supervisionandos e analisantes. A minha família, aos meus pais, meu irmão, meus amigos. A Fabio Bruschi e Fabio Salomão irmãos de coração e trilha sonora; e a Juliana e aos nossos filhos Arthur e Leonardo que me fazem ler nas entrelinhas desse texto uma história que vivemos juntos, e a inacreditável e surpreendente experiência de um amor que cresce e se renova a cada dia.

Zanetti, C. E. (2019). Os quatro discursos de Lacan e a construção do caso clínico: Método heurístico, neurose modelo e discurso universitário. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RESUMO

O objetivo desse estudo foi investigar a hipótese de que a teoria dos quatro discursos de Jacques Lacan possa servir de estrutura por meio da qual entendemos ser possível ordenar, dar inteligibilidade lógica e uma orientação ética à construção e à formalização do caso clínico enquanto método de pesquisa em psicanálise. A investigação dos discursos desde o ponto de vista da direção da cura nos conduziu a constatação de um obstáculo semântico à utilização de sua estrutura desde a perspectiva de um conjunto de quatro discursos. A habilitação dessa estrutura para um funcionamento de conjunto, nos levou a consideração de um giro discursivo que implica na passagem do trabalho da análise pela estrutura do discurso do saber, mais conhecida por uma de suas variantes semânticas, o discurso universitário. Um discurso que até então se encontrava excluído do campo da cura devido a um apego excessivo a sua semântica em detrimento da investigação de sua sintaxe. A descoberta do problema gerado por esta exclusão nos permitiu constatar que, quando se trata de ler, construir e escrever a clínica, a passagem da escrita pelo discurso do saber lança outra luz sobre a questão da transferência. A posta em ato da realidade do inconsciente na relação com o analista é concebida na passagem entre discursos como a via pela qual a neurose de origem é substituída por uma neurose de transferência. Segundo nossas fórmulas discursivas, uma neurose modelo, que ao repetir a neurose de origem na relação com o analista põe a enfermidade no raio de alcance do tratamento. O estudo da formalização dos discursos tal qual é proposto por Lacan, trouxe-nos também uma nova perspectiva para o desenvolvimento da pesquisa em psicanálise, agora do ponto de vista epistêmico e metodológico. Quando acompanhamos o passo a passo da elaboração lacaniana, fica evidente que, além de uma via de transmissão da psicanálise, a formalização é também para ele um método de pesquisa. Contudo, o que ainda não foi suficientemente destacado, muito menos desenvolvido, é que esse método é para Lacan um método heurístico. Com essa orientação metodológica é que avançamos através de uma retomada do significante lacaniano desde sua função algorítmica. Propomos uma releitura da construção dos discursos como um aparelho algébrico e topológico que permite situar o percurso do sujeito na transferência a partir de uma sequência de transformações. Para isso, recorremos ao exame das alterações sugeridas por Lacan ao tetraedro dos discursos e as aplicamos ao modelo matemático oferecido pelo Grupo de Klein. O que nos permitiu dar continuidade ao projeto de formalização de uma modalidade de estrutura cujo produto de suas operações resulte numa transformação criativa. Com objetivo de avaliar a funcionalidade clínica desse modelo na vertente da escrita, propusemos testá-lo a partir dos princípios da direção da cura por meio da construção e da formalização do caso clínico freudiano o *Homem dos ratos*.

Palavras-chave: Psicanálise lacaniana. Discursos. Método heurístico. Neurose modelo. Construção do caso clínico.

Zanetti, C. E. (2019). Lacan's four discourses and the construction of the clinical case: Heuristic method, model neurosis and university discourse. (Doctoral thesis). Institute of Psychology, University of Sao Paulo, Sao Paulo.

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate the hypothesis that Jacques Lacan's theory of four discourses may serve as a framework by which we understand that it is possible to order, give logical intelligibility and an ethical orientation to the construction and formalization of the clinical case as a research method in psychoanalysis. The investigation of discourses from the point of view of the healing direction led us to find a semantic obstacle to the use of its structure from the perspective of a set of four discourses. The habilitation of this structure for an operation of set, led us to consider a discursive turn that implies the passage of the work of analysis through the structure of the discourse of the knowledge, better known by one of its semantic variants, the university discourse. A discourse that until then was excluded from the healing field due to too long an attachment to its semantics to the detriment of the investigation of its syntax. The discovery of the problem created by this exclusion allows the reader to consider, when it comes to reading, creating, and writing a clinic, a passage of writing through the discourse of the knowledge sheds another light on the question of transference. An act of unconscious reality in the relationship with the analyst is conceived in the passage between discourses as the way in which a neurosis of origin is replaced by a neurosis of transference. According to our discursive formulas, a neurosis model that, by repeating a neurosis of origin in the relationship with the analyst, places the disease within the range of treatment. The study of discourse formalization qualified by Lacan also brought a new perspective to the development of research in psychoanalysis, now with the epistemic and methodological point of view. When it follows the step by step of Lacanian elaboration, it is evident that, besides a way of transmission of psychoanalysis, the formalization is also for the research method. However, what has not yet been highlighted, much less developed, is that this method is for Lacan a heuristic method. It is with this methodological orientation that we advance through a resumption of the Lacanian significant from its algorithmic function. We propose a rereading of the construction of discourses as an algebraic and topological apparatus that allows us to situate the subject path in the transference from a sequence of transformations. For this, we resorted to examining the alterations suggested by Lacan to the tetrahedron of the discourses and applied them to the mathematical model offered by Klein's Group. This allowed us to continue the project of formalizing a type of structure whose product of its operations results in a creative transformation. With purpose to evaluate the clinical functionality of this model in writing, we proposed to test it from the principles of the direction of healing through the construction and formalization of the Freudian clinical case the *Rat Man*.

Keywords: Lacanian psychoanalysis. Discourses. Heuristic method. Model neurosis. Construction of the clinical case.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....p.11

PARTE I

PSICANÁLISE: MÉTODOS DE PESQUISA, NEUROSE MODELO, ALGORITMOS E AXIOMAS

Cap. 1. *Forschung* e *Untersuchung* p.32
Cap. 2. Neurose de transferência, neurose modelo p.36
Cap. 3. Direção da cura p.41
Cap. 4. O algoritmo da psicanálise p.48
Cap. 5. Axiomas, significante e sujeito p.55

PARTE II

HEURÍSTICA LACANIANA:
OS QUATRO DISCURSOS NUMA PERSPECTIVA DE CONJUNTO

Cap. 1. Lógica do significante e prática da estrutura p.61
Cap. 2. Extração lógica do significante S1 e do objeto *a* p.64
Cap. 3. Aparelho algébrico, discurso sem palavras p.72
Cap. 4. Do ¼ de giro a volta completa, quatro discursos p.77
Cap. 5. Que ensina S2 no lugar da verdade e o objeto *a* no campo do Outro?.....p.84

PARTE III

GRUPO TRANSFORMATIVO E O GIRO NA FUNÇÃO DOS ELEMENTOS

Cap. 1. Lugar e posição do agente, de um discurso a outro p.94
Cap. 2. O tetraedro dos discursos p.103
Cap. 3. Diagrama de Klein, Grupo transformativo p.110
Cap. 4. Sistemas formais, interpretações semânticas: crítica ao uso ideológico da noção de modelo p.117
Cap. 5. Grupo *não involutivo* e sentido anti-horário p.129

PARTE IV

OS DISCURSOS NA CONSTRUÇÃO E NA FORMALIZAÇÃO DO CASO CLÍNICO

Cap. 1. Construções em análise e teoria p.144
Cap. 2. Fragmentos de um caso clínico.....p.154
Cap. 3. Construção e transferência.....p.164
Cap. 4. Caso clínico: redução algébrica, estrutura topológica.....p.178
Cap. 5. Os discursos na cura: transferência e ato analítico.....p.194

CONCLUSÃO.....p.224

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....p.226

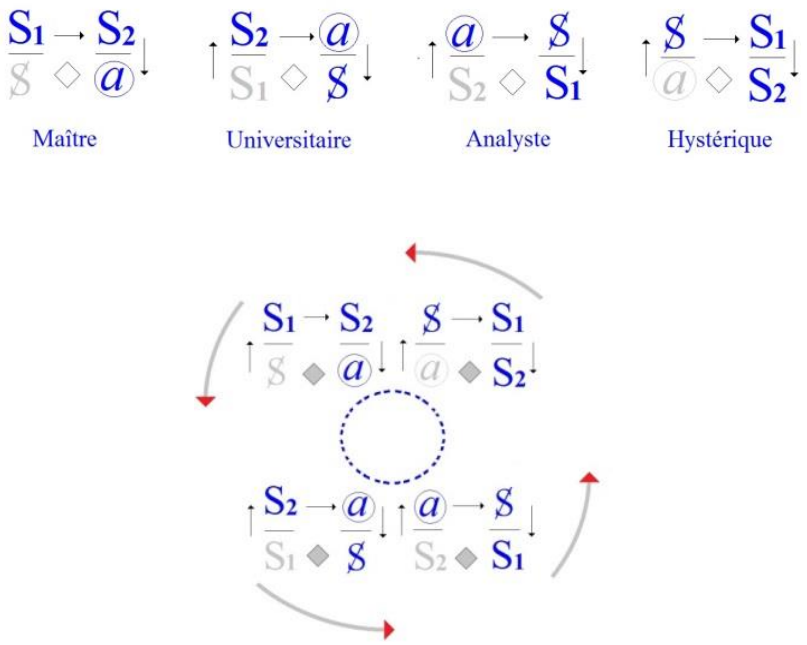
INTRODUÇÃO

As questões que a “construção de casos clínicos” nos colocam, somada à precisão que a teoria lacaniana dos discursos (Lacan 1969-1970/1992) nos empresta para interrogar a posição que ocupamos em nossos esquemas práticos, inspiraram-nos a investigar a hipótese de que a teoria dos quatro discursos possa servir de estrutura por meio da qual entendemos ser possível ordenar, dar inteligibilidade lógica e uma orientação ética à construção e à formalização do caso clínico enquanto “método de pesquisa” em psicanálise.

Partindo das teses que afirmam que “para além da fala é toda a estrutura da linguagem que a experiência analítica descobre no inconsciente” (Lacan 1957/1998, p. 498) e que “é na análise que ele se ordena como discurso” (Lacan 1973 /2003, p. 452), procuramos delimitar um campo adequado à proposição de que “a psicanálise deveria ser [portanto] a ciência da linguagem habitada pelo sujeito” (Lacan 1955-1956 /2002, p. 276). Buscamos, na investigação dos discursos, um modelo que possa proporcionar um referencial teórico-metodológico adequado às condições exigidas para pesquisa clínica que leve em conta a estrutura do inconsciente e a ética da psicanálise. Propomos delimitar um campo operacional para construção e formalização do caso clínico cujo desenho metodológico seja adequado e logicamente coerente à consideração do sujeito no tratamento dos sintomas, na experiência da clínica e na transmissão da psicanálise.

Um dos problemas levantados pelo estudo na delimitação desse campo operacional se apresentou pela constatação de um *obstáculo* materializado na forma parcial com a qual a estrutura dos quatro discursos tem sido tratada até o momento, impedindo que eles – discurso do mestre (DM), universitário (DU), do analista (DA) e da histeria (DH) – sejam tomados numa perspectiva de um conjunto de quatro discursos (Figura 1).

Figura 1. A estrutura dos quatro discursos numa perspectiva de conjunto

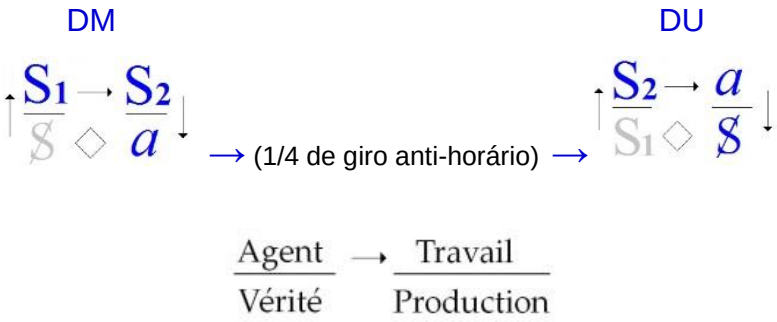


Fonte: Lacan (1969-1970). Lição de 27.01.1970. http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

A constatação desse obstáculo, embora fecundo para a investigação da estrutura dos discursos como método de pesquisa, toca num ponto sensível da teoria lacaniana, pois a habilitação dessa estrutura para um funcionamento de conjunto conduz necessariamente a consideração de um giro discursivo que implica na passagem do trabalho da análise pela estrutura denominada por Lacan – não sem hesitação – discurso universitário, que é, como veremos, fundamentalmente um discurso do saber.[1] (Figura 2).

[1] Na primeira lição do seminário *O avesso da psicanálise* (1969-1970/1992) Lacan após nomear três dos quatro discursos, opta por adiar a nomeação do Discurso universitário até que tenha fundamentado seu aparato algébrico, e assim o faz por entender que nomeá-lo sem essa fundamentação prévia "se prestaria a demasiados mal-entendidos". (p. 18). Mais adiante a dúvida retorna: "Que outro nome dar-lhe?" se interroga Lacan sobre esse discurso em que o saber inconsciente S2 ocupa o lugar da dominante, enquanto agente do discurso. (Lacan, 1969-1970/1992 p. 42).

Figura 2. Giro do discurso do mestre DM para o discurso universitário DU



Fonte: Lacan (1969-1970). Lição de 11.02/10.06.1970. http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

O estudo dos discursos desde o ponto de vista clínico nos conduziu a observar que essa passagem da escrita da análise pelo discurso universitário se encontra ainda hoje bloqueada em razão de uma determinada leitura, ora parcial, ora ideológica, que *exclui* esse discurso do campo da cura. Parcial, por ser uma leitura que tende a abordar os discursos isoladamente, em detrimento de suas relações de covariância e circularidade propostas por Lacan, e ideológica, por se apegar em demasia a uma leitura da estrutura por um viés predominantemente semântico em detrimento da investigação de sua sintaxe.

A descoberta desse problema e a investigação da passagem do trabalho da análise por esse discurso nos permitiram constatar que, quando se trata de ler, construir e escrever a clínica do ponto de vista da direção da cura, a passagem da escrita pelo discurso universitário lança outra luz sobre a questão da transferência. O que descobrimos é que essa passagem pelo discurso universitário se revela especialmente apta à localização e à investigação de um momento específico da transferência, que é quando ela se apresenta como transferência real.

Segundo a leitura que estamos propondo, baseada na lógica e na topologia dos discursos, esta modalidade da transferência pode se articular nessa estrutura por meio de um giro que opera uma passagem de um discurso a outro. Precisamente, por um giro que permite localizar na estrutura uma alteração da relação transferencial que de simbólica passa para real. Ou seja, a localização na estrutura dos discursos da emergência da transferência enquanto atualização, como posta em ato (*la mise en acte*) da realidade sexual do inconsciente no aqui e agora

da relação analítica – tal como é introduzido por Lacan no Seminário *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998). O que nos possibilita uma visualização lógica de um movimento transferencial que costuma pôr a prova o desejo do analista e a própria eficácia da psicanálise. Nesse sentido, damos destaque tanto à localização do obstáculo que a exclusão desse discurso gera, bloqueando o desenvolvimento da pesquisa clínica com essa estrutura fundamental, quanto ao avanço que sua inclusão possibilita como pretendemos demonstrar.

Dentre as possibilidades de leitura do discurso universitário, duas delas nos interessam em primeira instância, uma leitura pela via da formalização enquanto pesquisa e outra pelo percurso da transferência na direção da cura. São duas vertentes distintas que iremos examinar adiante à luz da diferença entre método de tratamento e método de pesquisa:

❖ A primeira delas, proposta pelo próprio Lacan, toma a via do discurso da ciência e reconhece nessa fórmula do discurso universitário "o próprio *ideal* de uma formalização onde tudo é conta", num giro "que faz com que se instaure, no lugar do senhor, uma articulação eminentemente nova do saber, completamente redutível formalmente" (Lacan, 1969-1970/1992, p. 76 [grifo nosso]). Um saber S2 que se apoia unicamente sobre o significante S1 esvaziado de todo e qualquer significado, e que ocupa nesse discurso uma posição de Ideal no lugar da verdade. Um Ideal de formalização que reduz o outro a quem se dirige no campo da linguagem a ser o objeto desse saber e o conduz a realizar um trabalho que produz como perda o próprio sujeito.

Figura 3. Discurso universitário – Discurso do saber

Fonte: Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

❖ E outra leitura pela via da direção da cura que reconhece nessa fórmula ***um giro eminentemente clínico***, inscrito na própria estrutura dos discursos, porém, não desenvolvido nem por Lacan, e muito menos pela literatura lacaniana, salvo

raríssimas exceções (Cf. Vegh, I., Wainsztein, S., Flesler, A., Amigo, S., & Nanclares, A., 2001). Como veremos, do ponto de vista da direção da cura a escrita do discurso do saber permite formalizar a emergência do objeto da pulsão na transferência. Portanto, sua exclusão do campo da cura cria um obstáculo que impede a abordagem clínica dos quatro discursos desde uma perspectiva de conjunto, e não se trata de um obstáculo de estrutura.

- ***Método heurístico***

O estudo da formalização dos discursos tal qual é proposto por Lacan, trouxe-nos também uma nova perspectiva para o desenvolvimento da pesquisa em psicanálise, agora do ponto de vista epistêmico e metodológico. Quando acompanhamos o passo a passo da elaboração lacaniana, fica evidente que, além de uma via de transmissão da psicanálise, a formalização é também para ele um método de pesquisa. Contudo, o que ainda não foi suficientemente destacado, muito menos desenvolvido, é que esse método é para Lacan um ***método heurístico*** (Lacan, 1960-1961/1992; 1967-1968/n.d; 1969-1970/1992). Essa ausência luminosa de trabalhos a respeito da heurística em Lacan, em parte se explica pelo fato paradoxal observado por Maldonado (2005) de que a heurística mesma, embora atravesse os séculos e seja cada vez mais relevante em alguns setores da ciência e da epistemologia contemporânea, sua definição, seu campo, procedimentos e estratégias ainda são amplamente desconhecidos pela comunidade científica em geral.

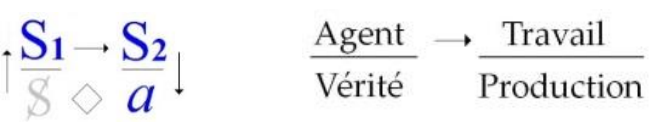
Segundo Maldonado (2005), a heurística, surgida no período clássico da Grécia antiga, pode ser compreendida como aquela parte da lógica interessada na busca de experimentos, teorias, na construção de modelos e algoritmos adequados a um modo específico de elaboração e da solução de problemas. Uma vez que os problemas passem por um tratamento formal, as ferramentas da lógica abrem caminhos que conduzem à realização de descobertas e à invenção de soluções. Uma ciência e um método que se utiliza da lógica matemática como ferramenta criativa e cujo problema maior consiste em renovar o pensamento, modificar as estruturas e obter novas ideias. Os problemas nesse campo se definem em razão de sua complexidade combinatória, e a álgebra constitui aí o marco geral de definição e investigação de problemas cuja solução é algorítmica. Trata-se de um método muito

bem aproveitado por Lacan que por sua vez enriquece essa metodologia introduzindo aí novas ferramentas além da álgebra, como a topologia e a teoria dos conjuntos, inovando e inscrevendo a psicanálise num domínio onde chave de leitura dos problemas é matemática (Rona, 2012). A utilização da lógica como instrumento e método heurístico é sem dúvida o que melhor define o modo como Lacan conduz a formalização dos discursos (Costa, 2014).

No Seminário *A transferência* (1960-1961/1992), por exemplo, quando trabalha as relações topológicas entre desejo e angústia, Lacan é muito direto: "*Não é apenas minha questão que é heurística, mas também meu método*." (Lacan, 1960-1961/1992, p. 349 [grifo nosso]). Essa orientação atravessa todo esse seminário inclusive o exame que Lacan faz dos diálogos que compõe o *Banquete* de Platão. Lacan aborda-os como discursos e se põe a acompanhar seus movimentos que culminam na entrada abrupta e perturbadora de Alcebíades cujo discurso opera um giro em relação àqueles que o antecederam: a partir de Alcebíades não se trata de mais um discurso sobre o amor e sim de um discurso em que *o problema do amor é posto em ato*, pondo à prova o desejo de Sócrates. A forma como Lacan decompõe e descreve o discurso de Alcebíades constitui uma bela figura que antecipa a formalização desse momento específico da transferência reconhecido como a posta em ato da realidade sexual do inconsciente, tal como estamos propondo ao ler esse problema desde o ponto de vista heurístico.

Já o Seminário *O avesso da psicanálise* (1969-1970/1992) é sem dúvida um dos melhores momentos para se acompanhar e examinar os movimentos e etapas desse método utilizado por Lacan. Nesse seminário, a noção de discurso passa por um tratamento formal e uma redução nos termos da lógica do significante, o que permite a Lacan, distinguir seus elementos e descobrir as regras de seu funcionamento a fim de operar com essa estrutura.

Figura. 4. Estrutura matriz – Discurso do mestre

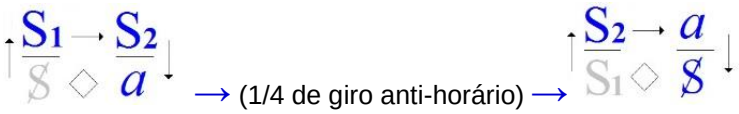


Fonte: Lacan (1969-1970). Lição de 26.11.1969; 10.06.1970.http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Seus elementos: *S1 significante mestre, S2 saber, o objeto a, e o sujeito barrado $* se encadeiam formando uma série ordenada que uma vez formada – constitui uma estrutura fundamental – cuja cadeia simbólica pode se deslocar sobre quatro lugares fixos: lugar do *agente*, do *trabalho*, da *produção* e da *verdade*. A descoberta dessa possibilidade de deslocamento dos elementos sobre lugares diz sobre o modo como se opera com essa estrutura.

Nesse Seminário sobre o *Avesso da psicanálise,* a invenção das fórmulas dos quatro discursos pode ser acompanhada passo a passo e decorre da descoberta da possibilidade de uma operação denominada ¼ quarto de giro: "*Nesse nível de estrutura significante* [observa Lacan], *só temos que conhecer a maneira pela qual isso opera* [discurso]. *Assim, temos a liberdade de ver no que dá isso se escrevermos as coisas dando a todo o sistema um quarto de giro*". (Lacan, 1969-70, p. 12 [grifo nosso]).

Figura 5. Operação de ¼ de giro



Fonte: Lacan (1969-1970). Lição de 11.02.1970.http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Como já foi observado por Longo & D'Agord (2011), o que fica claro nessa passagem e ao longo de todo o Seminário XVII, é que a invenção dessas novas fórmulas discursivas se realiza precisamente ao fazer operar as regras da topologia. Nesse caso, as regras implicam o quarto de giro e a permutação dos elementos sobre lugares fixos num sistema *não involutivo*, como veremos adiante.

❖ ***Epistemologia da construção***

Quanto à estrutura em questão, é de suma importância considerar a relação da psicanálise com a ciência. Entendemos ser fundamental para o estudo tecer esclarecimentos quanto à epistemologia de base, a concepção de ciência em que se apoia o empreendimento e por meio do qual se pode estabelecer os critérios adequados a fim de avaliar a construção, suas operações, alcance e limites. Nesse plano, vige a concepção bachelardiana que Lacan encontra em Koyré (2006, 1991)[2] de que há *uma ruptura* a se observar entre ciência e senso comum. A experiência científica é preparada pelo conceito, a teoria estrutura e organiza a experiência, ao contrário do caminho da observação empírica que pressupõe o objeto científico como objeto dado.

Essa é uma orientação epistêmica que vem da filosofia da ciência de Gaston Bachelard (1940/1984) – influente epistemólogo francês cujas teses renovaram a epistemologia racionalista com sua concepção de um racionalismo setorial e aberto – e para quem "em todas as circunstâncias, o *imediato* deve ceder ao *construído*" (p. 87 [grifo do autor]). Os objetos de uma ciência assim como seus "fenômenos são teoricamente construídos e tecnicamente produzidos" (Canguilhem, 1966/1979. p. 170). O objeto da ciência somente passa ter existência a partir de sua vigência teórica.

> Procurou-se, durante muito tempo, a unidade característica do conceito de uma ciência na direção de seu objeto. O objeto ditaria o método utilizado para o estudo de suas propriedades. Mas era, no fundo, limitar a ciência à investigação de um dado, à exploração de um domínio. *Quando se tornou claro que toda ciência se dá mais ou menos seu dado e se apropria, assim, daquilo que se chama seu domínio*, o conceito de uma ciência progressivamente fez valer mais seu método do que seu objeto. Ou, mais

[2] Segundo Delacampagne (1997) "Dois livros de Bachelard, *O novo espírito científico* (1934) e *A formação do espírito científico* (1938), terminam por convencer Koyré da tese segundo o qual o progresso científico não se faz de modo linear, mas descontínuo, através de "cortes" ou de "rupturas", provocadas geralmente, aliás, mais pela emergência de concepções teóricas novas do que pela observação empírica dos fatos. Aplicada à história da física e da astronomia modernas, essa tese bachelardiana é ilustrada, de modo exemplar, pelos dois grandes livros de Koyré, *Estudos galileanos* (1939) e *Do mundo fechado ao universo infinito* (1975)" (p. 239).

> exatamente, a expressão “objeto da ciência” recebeu um sentido novo. O objeto da ciência não é mais somente o domínio específico dos problemas, dos obstáculos a resolver, é também a intenção e o alvo do sujeito da ciência; é o projeto específico que constitui como tal uma consciência teórica. (Canguilhem,1958/1979, p. 366 [grifo nosso]).

É nesse horizonte epistêmico que Lacan situa as relações da psicanálise com a ciência, localizando o campo freudiano no domínio da linguagem. O exame cuidadoso das teses lacanianas sobre o inconsciente nos conduz ao entendimento de que “os fundamentos epistemológicos da psicanálise devem ser buscados nas ciências da linguagem” pelo justo motivo de ser “neste campo que seu método se afiniza com seu objeto e que suas técnicas decorrem de sua ética”. (Dunker, Paulon & Ramos, 2016, p. 47)

Lacan inicia seu retorno a Freud, estabelecendo uma nova forma de conceber e conduzir a *práxis* analítica por meio da noção de significante importada da linguística. Em *Radiofonia* (Lacan, 1970/2003), interrogado sobre a relação entre à linguística inaugurada por Saussure [1857-1913] e o Círculo de Praga e sua relação com a psicanálise de Freud, Lacan faz a seguinte síntese: A linguística saussuriana se institui por *um corte* que “é a barra colocada entre o significante e o significado, para que prevaleça a diferença pela qual o significante se constitui em termos absolutos, mas também para que se ordene, efetivamente, por sua autonomia (...) pelo sistema do fonema.” (Lacan, 1970/2003, p. 401). Um corte teórico, no sentido bachelardiano do termo, do qual decorre uma série de consequências:

a) A partir de então nenhuma significação será tida como evidente.
b) O significado será ou não cientificamente pensável, conforme se sustente ou não um campo do significante distinto de qualquer campo físico.
c) Na rede do simbólico só se admite sentido no que a rede responde pela incidência de *um efeito* e não de um conteúdo (Lacan, 1970/2003, p. 401).

É desse corte que advém muito dos axiomas, algoritmos, fórmulas lacanianas, como por exemplo, talvez a mais conhecida delas de que **"**o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem" (Lacan, 1955-56/2002, p. 139), cuja estrutura é concebida "em primeiro lugar [como] um grupo de elementos formando um conjunto covariante" (Lacan, 1970/2003, p. 210).

> A noção estrutura já é por si própria uma manifestação do significante. (...) Na análise estrutural, encontramos, como na análise da relação entre significante e significado, relações de grupos fundadas em conjuntos, abertos ou fechados, (...). Quando analisamos uma estrutura, é sempre, pelo menos idealmente, do significante que se trata. (Lacan, 1970/2003, p. 210).

Portanto, se quisermos medir o alcance da novidade introduzida por Lacan no campo psicanalítico, é preciso situá-la no contexto da inovação introduzida pelo método estrutural. Com o estruturalismo, segundo Nogueira (1997), as magnitudes passam a ser definidas pelas relações e não o inverso (Hjemslev). Na língua, só há diferenças (Saussure), no terreno da fonologia tudo se pode formular a partir de uma mínima oposição simbólica e binária de um *mais* e de um *menos* (Jakobson). "Lacan manterá esta estrutura binária ao largo de seu ensino. É a herança estruturalista. O mínimo de significante é dois." (Nogueira, 1997, p. 13).

De acordo com Nogueira (1997), a partir dos estudos de Bachelard [1884-1962], a inovação introduzida pela Linguística e pelo movimento estruturalista pode ser compreendida como a realização de um corte epistemológico que põe em crise o substancialismo enquanto paradigma científico[3]. Assim, "a estrutura não é mais algo dado pela natureza, mas depende da produção da linguagem. E, nessa produção, a diferenciação não é de substâncias diversas, mas de lugares formais pela produção dos significantes esvaziados do significado." (Nogueira, 1997, p. 11). Essa dessubstancialização inerente a esse novo espírito científico é correlativa a um esvaziamento ôntico do universo decorrente da matematização da natureza. Segundo essa abordagem estruturalista, a matemática não se aplicará à realidade

[3] Como é possível conferir nos estudos e nos casos analisados por Bachelard (1940-1934/1984) no campo da química, da física e da psicologia.

empírica e sim à estrutura dessa realidade e ao estudo de suas propriedades estruturais independentemente de seu estatuto ontológico. (Grande, 2015). Na verdade o que se pode verificar ao longo de seus seminários e conferências é que Lacan radicaliza ao extremo essas concepções, a ponto de não admitir outra existência *real* a não ser aquela decorrente da estrutura lógica e algorítmica do significante. (Lacan, 1972/1978).

Contudo, Lacan subverte essa estrutura, pois ao mesmo tempo em que situa a relação e a pertinência da psicanálise no campo da ciência, também afirma seu lugar êxtimo, de exclusão interna. Subverte porque por meio do significante reintroduz no campo da linguagem o elemento que a ciência exclui para se constituir: a fala equívoca, o sujeito e a verdade. Fala equívoca que no discurso científico é substituída pela escrita matemática. Esse é um ponto crucial para Lacan que irá localizar nos impasses e paradoxos da escrita lógico-matemática, um campo fecundo para a formalização dos conceitos e dá *práxis* psicanalítica. Segundo Lacan, a psicanálise também se constitui nesse movimento mais amplo de esvaziamento ôntico decorrente da matematização da natureza. Porém, do ponto de vista estritamente psicanalítico, o vazio ontológico deixado pela matemática, abre algumas questões, entre elas, a das relações da função do desejo com o que nesse campo se instala como *falta-a-ser*, pois do ponto vista ontológico o inconsciente é *o evasivo*, como afirma no Seminário XI. Quanto a essa questão, a posição de Lacan é clara: o inconsciente “não é nem ser nem não ser, mas algo de não-realizado” (Lacan, 1964/1998, p. 34).

Definir o inconsciente como algo da ordem do *não realizado* põe em primeiro plano uma tomada de posição quanto à ética, ao que acrescentamos uma tomada de posição também quanto à filosofia da ciência. Uma vez que afirma que o “estatuto do inconsciente” é ético (Lacan, 1964/ 1998, p. 37), isso implica que sua existência é relativa a *uma decisão* quanto à consideração ou não de suas formações e de sua estrutura de linguagem como aquilo com que se opera na relação analítica. Trata-se de operar num dispositivo que possibilite então uma realização, mas não do inconsciente e sim do sujeito na sua relação com a verdade. É nesse sentido que entendemos a definição de que o inconsciente freudiano não tem um fim em si mesmo, mas que se trata de “um conceito forjado na trilha do que opera para constituir um sujeito” (Lacan, 1964/1998b, p. 844). No entanto, trata-se de uma realização que exige um operador, que haja aí um analista, ou seja, “os

psicanalistas fazem parte do conceito de inconsciente posto que constituem seu destinatário" (Lacan, 1964/1998b, p. 848). O sentido ético desses conceitos e suas operações encontram sua fórmula no "*Wo es war, soll ich werden*" freudiano (Freud 1933/1976, p. 74), na tradução de Lacan: "*La onde isso era [estava], lá, como sujeito devo [eu] advir*" (Lacan, 1965-66/1998, p. 87).

Com isso, Lacan faz uma retificação fundamental da posição que marca a ciência moderna e particularmente o estruturalismo: a rejeição metodológica que mantém o sujeito "fora da estrutura". Lacan, na própria senda aberta pelo método estrutural, localiza essa exclusão interna e propõe através da lógica e da topologia introduzida pelo significante uma nova definição de estrutura, não como modelo teórico, mas "como máquina original que põe em cena o sujeito" (Lacan, 1959-1960/1998 p. 655). O que dá outra luz e medida a dramaticidade do ato freudiano. Seu projeto é claro, pois se trata do "reingresso da verdade no campo da ciência, ao mesmo tempo em que ela [a verdade] se impõe no campo de sua *práxis*: [pois] recalcada, ali ela retorna" (Lacan, 1960/1998, p. 813 [grifo nosso]).

Se acompanharmos os desdobramentos dessa questão em *A ciência e a verdade* (1965-1966/1998) veremos que, para Lacan, trata-se da conquista de "uma modalidade muito especial de sujeito": "o sujeito da ciência" (p. 875). No "Penso, logo sou" do *cogito* cartesiano, o saber é reduzido ao pensamento esvaziado de qualidade, substância e significação, o *cogito* é lógico matemático, a certeza do cálculo de um saber que exclui seu próprio sujeito. Um sujeito que se define, nesse momento, por sua divisão entre o saber e a verdade. No discurso do método, essa divisão se faz pela via da dúvida metódica que implica "um rechaço de todo saber" e conclui com a certeza do *cogito* matemático e com o deslocamento da verdade para relação com o Deus da religião. Lacan destaca precisamente, nesse ancoramento do ser do sujeito na certeza do *cogito*, a exclusão da verdade. Daí a tese de Lacan de que o "sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência" (Lacan, 1965-1966/1998, p. 873).

No entanto, não se pode deixar esquecer e sublinhar o horizonte ético dessa operação de instituição do sujeito. O estatuto do inconsciente não é ôntico, a estrutura em questão não é um dado empírico imediato, portanto não se pode esperar que o sujeito do inconsciente exista por si mesmo, "senão que se trata de fazê-lo existir". (Berenguer, 2018, p. 199). Daí a pertinência da observação fundamental de que o "dispositivo da análise consiste em pôr em ato uma estrutura –

em realizá-la da forma mais efetiva, como condição para que algo do sujeito possa ter um lugar. Como nos diz Berenguer em relação à construção do caso clínico: “nada disso existe por si, [sua existência] depende do ato do psicanalista”, que é responsável “por construí-lo e sustentá-lo”. (2018, p. 193).

No sentido dessa construção é que entendemos a observação de Lacan em *A ciência e a verdade* (1965 – 1966/ 1998) de que o *status* do sujeito, sua *Spaltung*, seu estado de fenda, o psicanalista certamente o situa em sua prática: ele a reconhece de maneira cotidiana, contudo, esse reconhecimento empírico não basta para que ele “saiba o que acontece em sua *práxis*”. (p. 869). Seu saber empírico intuitivo não lhe entrega as chaves, ainda menos a estrutura em que se apoia e orienta sua operação. Com relação a esse saber, “é preciso certa redução” afirma Lacan, “às vezes demorada para se efetuar, mas sempre decisiva no nascimento de uma ciência”. (p. 869). Isso exige que do lado do analista, é muito importante que se observe a seguinte implicação – “é essencial que o analista seja pelo menos dois”: um que sustenta sua *práxis* a fim de que ela tenha efeitos, e outro que faz desses efeitos sua construção. (Lacan, 1974-1975, n.d., aula 10/12/74). Portanto, “o fazer existir o inconsciente” cabe abordá-lo em duas vertentes, no ato e na escrita:

- Na vertente do ato como presença real do analista que faz existir o inconsciente e autoriza o trabalho analisante.

- Na vertente da escrita, da construção teórica como proposta para que cheguemos a fazer existir o inconsciente em cada caso.

Apesar de apresentarem efeitos homólogos, ainda assim não se pode apagar a diferença entre essas duas vertentes. Há que reconhecermos aí uma descontinuidade.[4] É o que apreendemos com nossa pesquisa com a construção de

[4] Descontinuidade no sentido de ruptura epistemológica tal qual a encontramos em Bachelard. Vejamos com M. Chauí (2010) alguns exemplos no campo da geometria e da física: quando “comparamos a geometria clássica ou geometria euclidiana (que opera com o espaço plano) e a geometria contemporânea ou topológica (que opera com o espaço tridimensional), vemos que não se trata de duas etapas ou duas fases sucessivas da mesma ciência geométrica e sim duas geometrias diferentes, com princípios, conceitos, objetos, demonstrações completamente diferentes. Não houve evolução e progresso de uma para outra, pois são duas geometrias diferentes e não geometrias sucessivas.” O

casos clínicos – e de fato concordamos que “há uma grande divisão a se fazer a respeito do ensino de Lacan, e da psicanálise em geral. É que há uma descontinuidade entre a teoria analítica e a clínica analítica” (Nogueira, 1997, p. 13), “uma descontinuidade entre a experiência, sua investigação, e sua transmissão” (p. 136). Há entre elas um corte temporal e topológico cujo resultado é o estabelecimento de diferentes métodos de pesquisa, de construção de objetos, e de avaliação de resultados que estamos propondo examinar por meio da diferenciação entre as vertentes do ato e a da escrita.

Assim, é na vertente da escrita – em descontinuidade com o tempo da análise e desligada das incumbências terapêuticas relacionadas com o tratamento de um caso em específico – que estamos propondo a investigação dos discursos como método de pesquisa e formalização de casos clínicos em psicanálise. A fecundidade heurística da proposição se concentra, a nosso ver, primeiro na possibilidade de uma nova leitura da transferência pela via de um giro discursivo que conduz o trabalho analítico a uma passagem pelo discurso universitário, enquanto *discurso do saber*, e segundo, como resultado dessa primeira etapa, a própria desobstrução dessa passagem como abertura que habilita essa estrutura e suas operações transformativas num funcionamento e numa perspectiva de um conjunto de quatro estruturas covariantes.

Para tanto, dividimos o estudo em quatro partes. Na primeira delas examinaremos as diferenças e a relação disjuntiva entre duas modalidades de pesquisa em psicanálise propostas por Freud, e muito pouco notadas pela literatura: a pesquisa enquanto *Forschung*, realizada por ambos, analista e analisante, como aquela pesquisa realizada em ato no curso do tratamento na qual a investigação científica e propósitos terapêuticos coincidem, e a pesquisa enquanto *Untersuchung* como investigação científica imparcial do analista, desligada do tempo da análise e das incumbências terapêuticas relacionadas a um tratamento em específico.

---

mesmo se passa quando comparamos “as físicas de Aristóteles, Galileu-Newton e Einstein, não estamos diante de uma mesma física, que teria evoluído ou progredido, mas diante de três físicas diferentes, baseadas em princípios, conceitos, demonstrações, experimentações e tecnologias completamente diferentes. Em cada uma delas, a ideia de natureza é diferente; em cada uma delas, os métodos empregados são diferentes; em cada uma delas o que se deseja conhecer é diferente.” (p. 257).

As diferenças e relações entre essas duas modalidades nos servirão de base para o exame da estrutura dos discursos, primeiro desde a perspectiva da direção da cura, e segundo, do ponto de vista da construção do caso clínico. Partindo da concepção freudiana sobre a dinâmica da transferência como criação de uma neurose artificial, proporemos com Lacan a noção de *neurose modelo*, cujo artifício clínico consiste em operar sobre as repetições sintomáticas a partir da inclusão do analista na neurose de origem através de sua replicação no curso da análise enquanto neurose de transferência. Essa é a via pela qual a neurose é colocada no raio de alcance e de influência do tratamento.

Veremos como, a partir do exame da heurística proposta por Lacan na elaboração de suas fórmulas dos quatro discursos, podemos introduzir a noção de modelo em psicanálise nas duas vertentes de pesquisa propostas por Freud: na vertente do ato no contexto da neurose de transferência e na vertente da escrita no contexto dos modelos matemáticos. O elemento chave da construção dos modelos nas duas vertentes é o conceito de *significante* que nessa primeira parte será examinado desde sua função algorítmica. O estudo de suas propriedades fornecerá a estrutura matriz em que poderemos conferir a novidade introduzida por Lacan com sua leitura da lógica do significante a partir da teoria dos conjuntos (Rona, 2012).

O que permitirá, na segunda parte do estudo, acompanhar as operações pela via da escrita formal a partir das quais o sujeito excluído pelo estruturalismo é novamente posto em cena estabelecendo a matriz lógica com que opera a psicanálise, tanto na vertente do ato quanto na vertente da construção do caso clínico. A propriedade segundo a qual o significante não pode significar a si mesmo, articulada com a teoria do sujeito, resulta na redefinição do significante como sendo então aquilo que representa o sujeito para um outro significante. Ambas serão utilizadas como base axiomática a fim de reconstituirmos os passos e os movimentos do método heurístico utilizado na formalização dos quatro discursos. Veremos como Lacan concebe a escrita com os recursos da lógica e da topologia como *uma prática da estrutura*. Seu primeiro passo consiste em elaborar por meio de uma redução algébrica uma série de provas lógicas as quais submete seus axiomas significantes. Assim como no passo seguinte iremos, por nossa própria conta e risco, colocar suas fórmulas e sua topologia dos discursos à prova dos princípios direção da cura e da construção do caso clínico.

As provas lógicas as quais Lacan submete os axiomas significantes estabelecem a via pela qual serão extraídos um a um os elementos que irão compor a série ordenada na matriz dos quatro discursos. Uma estrutura cuja propriedade fundamental consiste na impossibilidade estrutural do significante significar a si mesmo, resulta, na leitura de Lacan, num processo de falha que impede que o significante S1 alcance no significante S2 sua significação absoluta. Na impossibilidade de um fechamento definitivo da significação, da ação reiterada da falha do significante em constituir para o sujeito uma identidade definitiva, poderemos inferir, com os recursos lógicos das operações com o conjunto do par ordenado, a existência real de uma falta no sistema da linguagem. Nos termos dos discursos, da falha irredutível do significante podemos inferir a existência de um furo na estrutura, designado por Lacan como o furo da verdade no saber.

A partir de então, insere-se na vertente da escrita a questão dos lugares. Da inferência lógica da existência uma impossibilidade real, decorre *retroativamente* na estrutura da representação do sujeito pelo significante, uma dupla inscrição: do lugar da verdade, como o lugar de uma falta, e da função do objeto, como objeto perdido. Assim como o lugar da verdade, os outros três lugares que compõe a estrutura matriz dos quatro discursos, o lugar do agente, do trabalho e da produção, também são gerados pela ação retroativa do significante a partir da produção do objeto *a*. Como veremos, a construção matemática do objeto (*a*) *tetraedra* o discurso. A introdução de recursos lógicos pensados a partir do grupo de Klein, somada algumas indicações deixadas por Lacan, nos permitirá conceber uma estrutura de discurso na qual é possível formalizar a possibilidade da realização de um percurso transformativo.

Na vertente do ato, por meio da neurose de transferência, a constatação do não fechamento da significação definitiva reproduz para o falante os impasses com a perda de um objeto mítico que se fosse recuperado completaria o Outro da linguagem, e consequentemente forneceria uma significação absoluta para o ser do sujeito. Desse modo, temos num mesmo movimento retroativo a perda de identidade do sujeito e a inscrição de uma falta no Outro S (Ⱥ) correlativa a perda de um objeto que se converte pelo aparelhamento do discurso analítico DA em objeto mais-de-gozar, como objeto causa do desejo. A construção da fórmula matriz dos discursos (Figura 4) mostra que a produção dessa falta do objeto aparelhada pela formação da fantasia que se instala na base do discurso do inconsciente estabiliza a estrutura

associativa da neurose. A gramática da pulsão presente na fantasia instala o eu do sujeito no lugar do objeto de satisfação da pulsão, tamponando a falta no Outro e conferindo ao eu do sujeito uma identificação parcial pela vertente do gozo. Uma fixação fantasmática que, ao preço da neurose e do automatismo de repetição, visa atender à demanda pulsional, e desse modo deter o deslocamento infinito do S1 e o recuo programado do S2, como veremos na vertente da prática teórica com demonstração proposta por Lacan pela via do par ordenado.

Ainda na vertente teórica, seguindo a definição do significante como aquilo que representa o sujeito para um outro significante, a extração lógica do significante S1 e do objeto (a) a partir do outro significante S2, permitem a montagem de um aparelho algébrico cuja escrita representa a elaboração de um discurso sem palavras. Um aparelho algébrico composto de quatro elementos dispostos em quatro lugares, no qual a operação de ¼ de volta desloca os elementos de seus lugares iniciais. Ao final de uma volta completa dos elementos pelos lugares fixos pode-se conferir a produção de quatro diferentes fórmulas discursivas a partir de uma mesma matriz estrutural.

Na terceira parte do estudo nos dedicaremos a mostrar que a ideia de modelo que estamos propondo pela via dos discursos difere do sentido convencional atribuído a esse termo, bem como de certas acepções existentes na epistemologia contemporânea. (Rona, 2012). Como bem observaram Fender & Moretto (2016), com relação à construção de casos clínicos, a ideia de modelo como imagem ou forma a ser *copiada* é justamente o contrário do que estamos propondo como construção.

> Sabemos o que se deve conter na construção de um caso e sabemos também o formato do texto. Isso não significa que basta que copiemos um modelo. Pelo que apresentaremos em seguida, *copiar um modelo, seria, inclusive, uma não-construção do caso clínico*. (Fender & Moretto, 2016, para. 9 [grifo nosso]).

A ideia de modelo com que estamos trabalhando o extraímos do campo da lógica e da matemática. Nesse campo o conceito de modelo se assenta na reunião e nas regras de correspondência entre sintaxe e semântica, entre a exigência de "como devem ser escritas as proposições formalmente corretas e o modo de deduzir outras proposições válidas" e seu "domínio de emprego", ou seja, "sua

interpretação". (Rona, 2012, p. 71). Segundo esse referencial o domínio da interpretação constitui um modelo para uma teoria se todos os axiomas dessa teoria são validos para a estrutura que a interpreta. (Badiou, 2007).

Nos discursos o tensionamento produtivo entre sintaxe e semântica, entre os axiomas e estrutura fica evidente na investigação do modo como a cada operação de quarto de volta o deslocamento da série ordenada sobre os lugares fixos altera a função dos elementos na estrutura. Essa possibilidade de transformação indicada por Lacan é uma das grandes descobertas desse experimento. A importância desse giro transformativo para o conjunto dos discursos, e o fato de Lacan ter deixado esse aspecto da estrutura num estado inacabado, irá nos conduzir ao resgate e a reconstrução de suas propriedades em busca de estabelecer quais operações combinatórias podem responder pelo giro na função dos elementos na passagem de um discurso a outro.

Para atingirmos esse objetivo iniciaremos com a caracterização do lugar do agente, que é o lugar a partir do qual e de onde se ordenam os discursos. A cada quarto de giro, o lugar do agente é ocupado por um dos quatro elementos que compõe as quatro funções que se articulam nessa estrutura: o significante mestre, o saber, o sujeito barrado e o objeto a. Os discursos são nomeados por Lacan com referência aos elementos que ocupam esse lugar.

No estudo dessas diferentes dominantes, a questão da nomeação do discurso universitário será retomada e o obstáculo semântico que tende a excluir a consideração desse discurso na direção da cura será trabalhado. Segundo a leitura que iremos propor, o discurso universitário pode ser considerado como uma variante do discurso do saber. Entendemos que a antipatia e o combate de Lacan contra essa variante semântica se baseiam na crítica a um determinado laço social que se faz em nome da psicanálise que tende a traduzir-se em instituições que veiculam ganhos secundários por meio de políticas segregacionistas. Contudo, como pretendemos demonstrar, quando Lacan se opõe e critica a forma como a psicanálise é introduzida pelo discurso universitário, ele utiliza de sua fórmula do discurso do saber, que em rigor, em sua pura sintaxe – como a boa fórmula matemática – não significa nada, para analisar a lógica em ação nas inversões de sentido produzidas pelo modo universitário de transmissão da psicanálise. Essa lógica será demonstrada pela análise do caso de uma tese universitária sobre os *Escritos* comentada por Lacan. Desse modo, haja vista a importância dessa escrita

do discurso para análise desse modo de inserção da psicanálise no laço social, mas também para a relação da psicanálise com a ciência, como sublinha Lacan, entendemos que seria um erro excluir a utilização dessa fórmula para pensar a direção da cura. Principalmente por tratar-se de uma exclusão baseada numa leitura que dela fora feita por Lacan num determinado contexto e que se estabeleceu desde então como se fosse a única leitura possível.

Feito o tratamento desse obstáculo semântico pela via dos discursos, retornaremos a investigação das operações e condições que podem ser propostas como implicadas na transformação dos elementos na passagem de um discurso a outro. Veremos como a partir das indicações deixadas por Lacan quanto à articulação entre topologia, álgebra e grupo de Klein esboçadas pela introdução do tetraedro dos discursos, podemos operar sua estrutura como se opera com um grupo transformativo. Em outras palavras, queremos saber como partindo de um grupo involutivo cuja repetição das operações não resulta em mudança alguma, podemos obter um agrupamento lógico cujo produto de suas operações resulte numa transformação criativa para além do automatismo de repetição.

A grande questão desse experimento é saber quais as alterações são necessárias realizar no grupo de Klein a fim de que se obtenha uma estrutura combinatória vetorizada em que seja possível realizar um percurso no qual as operações – não sejam – involutivas. A continuidade do trabalho com o grupo de Klein desde as inovações introduzidas por Lacan nos conduzirá ao exame do sentido matemático da noção de estrutura. Apoiados na reconstrução de um de seus exemplos, veremos como o acoplamento dialético entre o grupo abstrato e interpretação semântica nos guiará na investigação do conceito de modelo em matemática. Como já dissemos o elemento chave da construção da noção de modelo que iremos introduzir com nosso estudo é o conceito de significante tal como Lacan o formaliza a partir da teoria dos conjuntos.

Na conclusão dessa etapa será proposta a inversão da orientação vetorial da estrutura dos quatro discursos do sentido horário para o sentido anti-horário. Essa inversão irá possibilitar o estabelecimento de uma *progressão regressiva*, tal como encontramos na dinâmica da transferência e nos próprios princípios da direção da cura. Como veremos com a construção do caso clínico a ideia de uma progressão regressiva decorre do princípio de que a regressão psicanalítica implica em seu próprio movimento a própria dimensão progressiva da história do sujeito.

Na quarta e última parte, iremos investigar como podemos nos servir da escrita algébrica e topológica dos discursos a fim de estabelecer um método para a construção e formalização de casos clínicos como método de pesquisa em psicanálise. A proposta é testar a funcionalidade clínica dos discursos desde uma perspectiva de conjunto. Nessa etapa partiremos do princípio de que um caso clínico em psicanálise precisa ser construído por envolver necessariamente “a função do esquecimento e da separação do real” implicados no tratamento e na direção da cura. (Dunker, 2011, 2017). É com relação a esse princípio que entendemos que os recursos da lógica e da topologia introduzidos por Lacan inovam a maneira como podemos entender e praticar as construções, ou seja, a matéria e as regras para realizar inferências lógicas em psicanálise. Veremos com a construção do caso clínico do *Homem dos Ratos* (considerado por Freud como um caso relativamente grave de neurose obsessiva) como é possível por meio de um processo de redução formal do tecido narrativo realizar com a estrutura dos discursos uma série cálculos algébricos e topológicos que permitam situar, na passagem de um discurso a outro, o progresso do sujeito na transferência. Para tanto, estabeleceremos um recorte que dá destaque à construção desde o ponto de vista da *posta em ato da realidade do inconsciente* como uma modalidade específica de transferência que entendemos encontrar sua fórmula nessa estrutura em movimento.

Trata-se, segundo Freud, de um movimento da transferência que marca o ponto alto da cura, num processo que ao inserir o analista no centro da neurose como objeto, constitui assim, a via pela qual se dá o desenvolvimento de uma neurose artificial. Na vertente do ato, temos a gradual substituição da neurose de origem por uma neurose de transferência. Nos termos de Lacan, uma neurose modelo, que ao repetir a neurose na escala da análise coloca a enfermidade no raio de alcance do tratamento. O ato e o desejo do analista são tomados como funções que habilitam a operar com essa estrutura segundo os princípios da direção da cura.

PARTE I

PSICANÁLISE: MÉTODOS DE PESQUISA, NEUROSE MODELO, ALGORITMOS E AXIOMAS

CAP. 1. *FORSCHUNG* E *UNTERSUCHUNG*

O que observamos com nossas revisões, é que a literatura em grande parte desconhece ou não tira consequências dessa descontinuidade que iremos destacar em Freud entre método de tratamento e método de pesquisa. Lembrando que um dos objetivos de nosso estudo é investigar nos discursos em Lacan uma metodologia de pesquisa para construção de casos, coerente à consideração do sujeito no tratamento dos sintomas, na experiência da clínica e na transmissão da psicanálise.

Nesse caminho, uma referência constantemente utilizada para se pensar a pesquisa em psicanálise é a afirmação freudiana de que no exercício da psicanálise tratamento e pesquisa coincidem. Em *Dois verbetes de enciclopédia* (1923/1989) quando precisou definir o termo "*Psychoanalyse*" Freud o fez da seguinte forma, Psicanálise é o nome de:

a) Um procedimento para a investigação (*Untersuchung*) de processos anímicos que são quase inacessíveis por qualquer outra via.

b) Um método para o tratamento de distúrbios neuróticos (*Behandlungsmethode*), baseado nessa investigação.

c) Uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo desse caminho, e que pouco a pouco vai se coligando numa nova disciplina científica (*neuen wissenschaftlichen Disziplin*). (p. 231).

Nesse texto Freud opta por explicar os motivos dessa tripartição e a relação entre os métodos de pesquisa e tratamento a partir de uma perspectiva vertical, historiando seu desenvolvimento, diz:

> As investigações (*Untersuchungen*) que serviram de base para os estudos de Breuer e Freud tiverem dois resultados principais que não foram

> abalados pelas experiências posteriores: Primeiro, que os sintomas histéricos tem sentido e significado (*Sinn und Bedeutung*) sendo substitutos de atos anímicos normais, e, segundo, que a descoberta desse significado desconhecido é acompanhada pela remoção dos sintomas, de modo que, nesse caso, a pesquisa científica (*wissenschaftliche Forschung*) e o esforço terapêutico coincidem (*sich decken*). (Freud, 1923/1989 p. 232).

Sublinhamos que para se referir a coincidência entre pesquisa e tratamento, o termo para pesquisa utilizado é *Forschung*, e quando Freud quer se referir a modalidade de pesquisa que é desligada e independente das incumbências terapêuticas relacionadas a um tratamento em específico, o termo para a pesquisa é *Untersuchung*. Na discussão da *Análise da fobia de um menino de cinco anos* (1909/1988), o pequeno Hans, a distinção entre *Forschung* e *Untersuchung* aparece com toda nitidez. Freud contrapõe a psicanálise enquanto terapêutica e a pesquisa científica imparcial como sendo radicalmente diferentes. A psicanálise enquanto experiência de tratamento "não é uma investigação científica imparcial (*keine tendenzlose wissenschaftliche Untersuchung*) mas uma medida terapêutica. Sua essência não é provar nada, mas simplesmente mudar alguma coisa" (Freud, 1909 /1988, p. 86]).

Em *Estudos sobre histeria* (1893/1987), o pesquisar enquanto *Forschung* investiga através da variedade das formas e sintomas da neurose "com vistas a descobrir sua causa desencadeante" (p. 29). Contudo, é uma investigação clínica que ocorre em simultaneidade com a terapêutica, é uma pesquisa em ato, mas é antes de tudo *ato do analista* e não do analisante, este último não se cura por que descobriu cientificamente a causa de seus sintomas. Recordemos a afirmação de Freud de que as "construções em análise" consistem num trabalho que "abre caminho para a investigação das causas" – ou seja, que a *posteriori "*torna-se possível explicar (*Darzulegen*) a conexão causal, da forma mais clara e convincente. (1893/1987, p. 29). Portanto, essa investigação científica da causa que começa em simultaneidade com o tratamento somente pode se concluir em *descontinuidade* com a análise. Em *Conselhos aos médicos sobre o tratamento psicanalítico* (1912), é nítido o corte que marca uma oposição e uma passagem para uma modalidade outra de pesquisa, a pesquisa científica e imparcial do analista.

> Uma das reivindicações da psicanálise em seu favor é indubitavelmente, o fato de que, em sua execução, pesquisa e tratamento (*Forschung und Behandlung*) coincidem; ***não obstante, após certo ponto, a técnica exigida por uma opõe-se à requerida pelo outro***. (Freud, 1912/1988, p. 114 [grifo nosso]).

Na vertente do método de pesquisa (*Forschung*), o motivo técnico que justifica essa descontinuidade é o de que a regra da associação livre e a construção narrativa soberanas no tratamento, na pesquisa científica devem ser substituídas por uma modalidade de construção escrita. Uma escrita clínica que se faz por meio de uma linguagem cuja sintaxe permite, além de demonstrar e tornar inteligível uma estrutura, permite também testar conceitos, produzir evidências e avaliar resultados. Enfim, através da escrita lógico matemática construir e reconstruir sua teoria, tendo como referência e controle os problemas colocados pela experiência da análise (Zanetti, 2006). "A transmissão da experiência analítica, no nível da escrita, é uma substituição do vivido, uma espécie de laboratório, uma experiência artificial onde produzimos fatos científicos."[5] (Nogueira, 1997, p. 140).

Além dos motivos técnicos, há motivos clínicos e éticos para se evitar a escrita do caso durante o tratamento. Vejamos a recomendação cuidadosa de Freud que, a nosso ver, renova o interesse teórico, o valor clínico e a dimensão ética da pesquisa clínica *retrospectiva.*

> Não é bom trabalhar cientificamente num caso (*einen Fall wissenschaftlich zu bearbeiten*)[6] enquanto o tratamento ainda está continuando - reunir sua estrutura, tentar predizer (*Erraten*) [adivinhar-inferir] seu progresso futuro e obter, de tempos em tempos, um quadro do estado atual das coisas, como o interesse científico exigiria. Casos que são dedicados, desde o princípio, a propósitos científicos, e assim tratados, sofrem em seu resultado; enquanto os casos mais bem sucedidos são aqueles em que se avança,

[5] Fatos científicos enquanto "fatos de discurso", por se tratar de ocorrências, relações que não são passíveis de se observar como algo dado de forma imediata à observação empírica e que se revelam e se deixam apreender apenas pela via da escrita formal.

[6] *Bearbeiten*: trabalhar – editar.

> por assim dizer, sem qualquer intuito em vista, em que se permite ser tomado de surpresa por qualquer nova reviravolta neles, e sempre se o enfrenta com liberalidade, sem quaisquer pressuposições[7]. (Freud 1912/1988, p. 114).

Nessa chave, entendemos que um caso se constitui a partir e em respeito a essa descontinuidade. Uma disjunção ético-metodológica, que somada à diferença irredutível entre a consciência e o inconsciente e à questão do esquecimento, faz com que o caso clínico seja sempre uma construção, nunca um dado ou o relato de uma observação direta.

O que para Lacan implica a construção pelo conceito e a formalização como pesquisa, como método heurístico. Ou seja, uma inovação metodológica que introduz na psicanálise freudiana noções de método e recursos lógicos aplicados ao campo da linguagem que trazem um rigor e novos horizontes de leitura tanto para a combinação entre pesquisa e tratamento (*Forschung*) – a pesquisa clínica em ato que caracteriza e distingue a psicanálise – quanto do lado da escrita como modalidade de investigação científica imparcial (*Methode der Untersuchung*).

Assim quando se trata de "trabalhar cientificamente num caso" desligado das incumbências terapêuticas, essas novas noções possibilitariam numa escrita reunir do caso seu tecido narrativo e trabalhá-lo operando sobre sua linguagem uma redução formal. Uma apreensão escrita mediada por ideias abstratas[8], cuidadosamente escolhidas por apresentarem relações significativas com o material estudado. "Relações essas [complementa Freud] que imaginamos adivinhar [*zu erraten*] antes mesmo que as possamos reconhecer e demonstrar" (1915/2013, p. 17). Ideias e noções abstratas aptas a acolher e distinguir os elementos essenciais à estrutura do caso dispersos ao longo do tratamento. E com esses elementos de linguagem reunidos da história reconstruída da neurose pela via do deciframento de

---

[7] A conduta correta para um analista reside em oscilar, de acordo com a necessidade, de uma atitude mental para outra, em evitar especulação ou meditação sobre os casos enquanto eles estão em análise e somente submeter o material obtido a um processo sintético de pensamento após a análise ter sido concluída. (Freud 1912/1988 p. 152).

[8] "Semanticamente abertas", como observa Ianinni (2013), e que devem se mostrar aptas a acolher singularidade do caso conferindo-lhe ordem e clareza bem como "tolerar certo grau de indeterminação e de obscuridade para que a experiência possa surpreender o investigador e obrigá-lo a redefinir os contornos de suas ideias iniciais." (p. 102).

sonhos e sintomas, ser capaz de *localizar a estrutura e a questão* que o caso impõe justamente no ponto em que contrariando nossas expectativas clínicas e teóricas, faz enigma.

A pesquisa, em ato na vertente do método de tratamento (*Forschung*) quando faz sua passagem para escrita como pesquisa científica (*Untersuchung*), tem nas "transformações do sintoma" um indicador, uma baliza clínica fundamental. É um dos pontos em que se verificam no campo da linguagem os efeitos do trabalho da análise. Esse é também o motivo maior que leva Freud a afirmar que, nessa vertente (*Forschung*), a pesquisa científica e os esforços terapêuticos coincidem.

CAP. 2. NEUROSE DE TRANSFERÊNCIA, NEUROSE MODELO

Com o objetivo de estabelecer o campo clínico em que desejamos circunscrever o problema que iremos abordar pela via dos discursos, vejamos com Freud em que condições e de que forma os problemas se apresentam primeiro ao método de tratamento. Dando destaque, nesse momento, a essa modalidade de pesquisa que ocorre em simultaneidade com a análise, e o modo como nessa vertente os sintomas adquirem um novo sentido a partir de um determinado percurso do trabalho analítico pela relação de transferência.

Em *Sobre a dinâmica da transferência* (1912/2017) o problema é colocado sob a perspectiva da neurose em situação de tratamento. Desse ponto de vista o texto destaca que um "pré-requisito regular e imprescindível de toda psiconeurose" é um processo em que se constata que "***a libido moveu-se (total ou parcialmente) para regressão***", ou seja, voltou a investir fragmentos dos complexos inconscientes reanimando fantasias infantis. (Freud, 1912/2017, p.111 [grifo nosso]). A parcela da libido capaz de consciência diminuiu e aquela que se voltou às fantasias inconscientes aumentou proporcionalmente. A cura analítica (*analytische Kur*) segue em direção à libido com o objetivo de resgatá-la e "torná-la novamente acessível à consciência e, por fim, colocá-la a serviço da realidade". (Freud, 1912/2017, p.111). Nesse caminho de resgate da libido, a transferência ao mesmo tempo em que se apresenta como obstáculo à análise, fornece o seu melhor instrumento.

> Nos pontos em que a pesquisa analítica (*analytische Forschung*) topa com a libido recolhida em seus esconderijos, necessariamente eclode uma batalha; todas as forças que causaram a regressão da libido irão se levantar como 'resistências' contra o trabalho. (...) Se acompanharmos um complexo patogênico desde sua representação no consciente (seja ele evidente como sintoma, seja mesmo bastante imperceptível) até sua raiz no inconsciente, logo chegaremos a uma região em que a resistência se evidencia (...). Se algo da matéria do complexo (o conteúdo do complexo) for adequado para ser transferido à pessoa do médico, então se dá essa transferência, resultando na ideia seguinte e anunciando-se através dos sinais de uma resistência (...). Tal processo repete-se inúmeras vezes no decorrer de uma análise. Sempre que nos aproximamos de um complexo patogênico, a porção do complexo capaz de transferência é empurrada para a consciência e defendida com a maior insistência. Após a superação desta, a dos outros elementos do complexo apresenta poucas dificuldades. (Freud, 1912/2017, p.111-112).

Lembrar, repetir e perlaborar (1914/2017) traz uma descrição preciosa desse momento crucial para curso da análise e que todo analista pode confirmar por sua própria experiência. Nesse texto Freud observa que no curso do tratamento, na medida em que a análise progride – se a transferência tende a se tornar excessiva ou hostil – o que se observa é que o trabalho analisante com associação livre é subitamente interrompido, os sintomas se calam e são substituídos pelo fenômeno da atuação. "O analisando não se lembra de mais nada do que foi esquecido e recalcado, mas ele *atua* com aquilo (*agieren*). Uma cena anterior recalcada se confunde com a situação presente. Ele não a reproduz como lembrança, mas como ato, ele repete" (p. 154) sem a consciência de que está atuando. A partir dessa mudança na relação transferencial, com atualização da realidade sexual do inconsciente – é a resistência que passa a determinar a sequência do que será repetido. Quanto maior a resistência maior atuação. Na verdade reconhece Freud, "enquanto ele permanecer em tratamento, não se libertará mais dessa obsessão da repetição, enfim, entendemos que esse é o seu modo de lembrar" (Freud, 1914/2017, p. 155).

> O analisando não conta que lembra ter sido rebelde e incrédulo diante da autoridade dos pais, mas se comporta dessa forma diante do médico. Ele não lembra que em sua pesquisa sexual ficou perplexo, atônito e desamparado, mas apresenta uma série de sonhos e ocorrências confusos, reclama que nada dá certo para ele e mostra como sendo o seu destino nunca terminar uma empreitada. Ele não lembra que se envergonhou intensamente por certas atividades sexuais e que temia ser descoberto, mas mostra que tem vergonha do tratamento. (...) Repete tudo o que já se impôs a partir das fontes do seu recalcado (...) suas inibições e posições inviáveis, seus traços de caráter patológicos. Pois ele também repete todos os seus sintomas (...). E agora podemos perceber que com o destaque da compulsão a repetição não ganhamos um fato novo, mas apenas uma concepção coesa. (Freud, 1914/2017, p. 155-156).

São fragmentos recalcados da história da neurose que o paciente os experimenta como "algo real e atual" – tal como podemos observar com ***a regressão*** nos sonhos, com a *transformação de pensamentos em imagens* como consequência da atração exercida por desejos que lutam por realização – com a atemporalidade e capacidade alucinatória que lhes são características. (Freud, 1900/1987). Desse modo, a regressão analítica que observamos na transferência é a via pela qual: "Peça por peça desse estar doente será colocada agora no horizonte e no raio de influência do tratamento e enquanto o paciente vivenciar isso como algo real e atual" –– o analista entra "com o trabalho terapêutico, que em boa parte consiste na recondução ao passado." (Freud, 1914/2017, p. 157).

Nessa direção, a própria posição do sujeito frente ao adoecimento precisa ser retificada, pois ele é também encorajado a dirigir a atenção aos fenômenos de sua enfermidade. "Seguindo a regra fundamental da psicanálise", pela via do que se pode inferir da articulação da fala guiada pelas ocorrências significantes, chegamos ao "trabalho de interpretação e comunicação dos resultados" ao analisante. (Freud, 1914 / 2017, p. 151). O analisante, por sua vez, a cada novo passo é colocado diante do trabalho de superar a crítica contra suas próprias ocorrências livres e comunicá-las, preparando com isso o caminho para uma reconciliação possível com o material recalcado que se expressa por meio dos sintomas.

Em meio a essas tarefas, segundo Freud, o manejo da transferência constitui o principal instrumento na transformação da repetição num motivo para recordar. Respeitadas as condições necessárias da análise “o manejo transferencial” constitui o caminho pelo qual “tornamos a compulsão inócua e até mesmo útil, na medida em que lhe damos o direito de se esbaldar em uma determinada área” (Freud, 1914/2017, p. 160). Com desenvolvimento do trabalho analítico, os sintomas adquirem “um novo significando transferencial”, ou seja, as operações com a transferência e a interpretação conduzem à realização de uma substituição. Com o desenvolvimento da transferência, a neurose comum é pouco a pouco substituída por uma “neurose de transferência”, “que é em todos os pontos, acessível à nossa intervenção”. (Freud, 1914/2017, p. 160). A transferência cria, portanto, uma neurose artificial.

Como muito bem destacou Lacan, trata-se da criação de um modelo (1971-1972/2012, p. 146), porém, de um **modelo na vertente do ato**, segundo nossas categorias. Veremos adiante, além do exame do conceito, exemplos de **modelos na vertente da escrita,** entre eles a construção do caso clínico. No ato, é preciso considerar a diferença que a “presença do analista” faz com relação à repetição da “neurose original”. A diferença é que sua posição deve possibilitar que da neurose de origem se possa realizar um manejo a fim de que a transferência possa produzir seus “significantes”. Visando os fins indicados pelo discurso analítico, esses significantes é preciso reproduzi-los “a partir do que foi sua eflorescência.” Assim, continua Lacan:

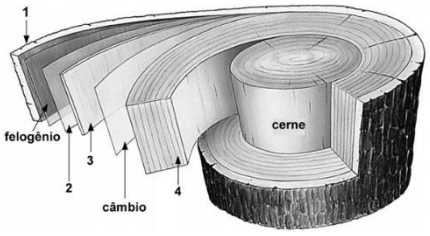
> **Fazer um modelo da neurose é, em suma, a operação do discurso do analista**. Por quê? Pela medida em que ele lhe subtrai a dose de gozo. [E novamente confirma] “**É a introdução do modelo que consuma a repetição vã**. Uma repetição consumada o dissolve, por ser uma repetição simplificada. (1971-1972/2012, p. 146 [grifo nosso]).

Trata-se da criação de uma neurose artificial enquanto um modelo na vertente do ato que, ao repeti-la na escala da análise, coloca a enfermidade no campo de alcance do tratamento. Freud remete esse artifício clínico à antiga técnica da hipnose e lhe é grato por ter apresentado “alguns processos específicos da análise

de forma isolada e esquemática". "Só assim [continua Freud], conseguimos ter coragem de criar nós mesmos situações complicadas no tratamento analítico [*Kur*] e mantê-las transparentes. (Freud, 1914/2017, p. 152). Assim, a transferência, de maior ameaça torna-se o melhor instrumento.

A transferência se desenvolve aí num movimento ao longo do qual se vai constituindo, *se aparelhando*, o que podemos reconhecer como sendo o "umbigo do tratamento", o ponto traumático em torno do qual se evoca a "presença do analista" como que "incorporando o real" para o analisante. (Cauwe & Vanheule, 2017). Vejamos o desenvolvimento da transferência descrito por Freud sob a perspectiva dessa presença do analista. A neurose quando aparelhada pela análise não pode ser considerada como algo acabado, concluído, e sim mais vale compará-la a um ser vivo, que continua crescendo mesmo após o início do tratamento. Freud insere na sua construção uma metáfora, compara o desenvolvimento da transferência com *a camada do câmbio* do caule de uma árvore situada entre a madeira e a casca. A camada do câmbio é aquela a partir da qual se origina a formação de novos tecidos e com eles o crescimento do tronco por camadas que circundam o cerne. (Figura 5).

Figura 5 - Estrutura macroscópica do caule



Fonte: Coldebella (2016). https://www.researchgate.net/publication/320130589

Assim, "quando o tratamento se apodera do enfermo" o que se observa é que toda a produção de sua doença "se concentra num único lugar, a saber, na sua relação com o médico" (Freud, 1916-1917/ 1989, p. 404). A partir de então, "não é incorreto dizer que já não se está tratando com uma enfermidade anterior do paciente, e sim com uma neurose recém criada e reconstruída, que substitui à primeira" (Freud, 1916-1917/1989, p. 404). Esta reedição do distúrbio antigo

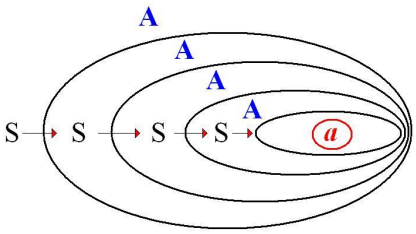
continua Freud, temos acompanhado seu desenvolvimento desde o início, vimo-lo nascer e crescer camada a camada em torno de um núcleo, até que por fim percebemos que "**estamos especialmente aptos a nos situar dentro dele, de vez que, por sermos seu objeto, estamos colocados em seu próprio centro**. Quando a transferência atingiu esse grau de importância, o trabalho com as recordações ficam em segundo plano e "todos os sintomas do enfermo abandonam seu significado (*bedeutung*) original e incorporaram um novo sentido (*sinn*) que consiste num vínculo com a transferência." (Freud, 1916-1917/ 1989, p. 404 [grifo nosso]).

CAP. 3. DIREÇÃO DA CURA

É a partir dessa estrutura em movimento que avaliamos a importância dada por Freud ao manejo psicanalítico da transferência. Como veremos, Lacan no Seminário XVI *De um Outro ao outro* (1968-1969/2008), na *vertente da escrita* (*Untersuchung*) a caminho da formalização dos discursos, substitui o uso das metáforas pelas ferramentas da lógica matemática. É nessa vertente que realiza a extração do objeto – esse que Freud localiza no cerne da experiência da análise – pela via da teoria dos conjuntos através da operação do "par ordenado". Operação cujo esquema final (Figura 6) antecipamos aqui – sem nos determos no seu exame nesse momento – a fim de que se possa mais adiante acompanhar a formalização dessa metáfora importante para Freud, que compara o desenvolvimento da transferência ao crescimento das camadas de um caule em torno de um núcleo.

A leitura de Lacan da lógica do significante a partir da teoria dos conjuntos lhe permitirá operar um processo de escrita no qual será possível demonstrar, primeiro a gênese lógica do significante a partir de um Outro (A) significante, e segundo a extração lógica do objeto *a* como resto desse processo. Nessa etapa da formalização lacaniana, podemos reconhecer a elevação da questão introduzida pela metáfora freudiana a outro nível de epistemologização. (Dunker & Zanetti, 2017). Como examinaremos adiante, essa etapa lógica do tratamento do problema resultara na extração dos elementos necessários para a construção e formalização da estrutura fundamental da qual irão se derivar o conjunto dos quatros discursos.

Figura 6 – Conjunto significante, extração lógica do objeto *a*



Fonte: Lacan (1968-1969). Lição de 26.03.1969. http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Portanto, se a transferência confere ao analista o lugar do objeto, e a partir de então os sintomas adquirem um novo sentido, isso somente é possível com a condição de que o analista suporte a transferência de modo que o lugar do objeto, nessa estrutura, o cerne do aparelho, permaneça vazio. E nesse ponto, tanto Freud quanto Lacan são irredutíveis, o estatuto do objeto em psicanálise, aquele que visa a direção da cura, é o objeto perdido, porque se trata em última instância de uma falta que se inscreve no cerne do ser. A grande questão é como operar desde aí a fim de que algo de novo ocorra, que haja uma verdadeira busca e uma transformação.

Freud estabelece um princípio básico que orienta a operação a partir do discurso analítico, segundo esse princípio fundamental: “o tratamento analítico deve ser conduzido, na medida do possível, sob privação, num estado de abstinência”. (Freud, 1919 [1918] / 2017, p. 195). Um estado que, segundo Freud, tem uma íntima conexão tanto com a dinâmica do adoecimento quanto com a dinâmica da recuperação. Tanto o adoecimento como a recuperação têm como causa desencadeante uma recusa, em alemão se diz uma *Versagung*, uma falha, que no limite da experiência da cura deve dar lugar a localização e a elaboração de uma falta seguida de um trabalho de luto pela perda de um objeto no campo da libido.

> Foi precisamente a pesquisa psicanalítica (*psychoanalytische Forschung*) que nos capacitou a demonstrar (*nachzuweisen*) que a disposição neurótica reside na história do desenvolvimento da libido, e a remontar os fatores operantes nesse desenvolvimento. A causa precipitante mais óbvia, mas facilmente descobrível e mais inteligível de um desencadeamento da

> neurose deve ser vista no fator externo que pode ser descrito, em termos gerais, como frustração (*Versagung*)[9].
>
> O indivíduo foi sadio enquanto sua necessidade de amor foi satisfeita por um objeto real do mundo externo; torna-se neurótico assim que esse objeto lhe é subtraído, sem que um substituto ocupe seu lugar. (Freud, 1912/1988, p. 239).

O conflito que daí resulta é solucionado pela formação do sintoma enquanto satisfação substitutiva. O analista, na medida em que aceita o lugar que a transferência lhe confere e na medida em que se abstêm de fornecer a neurose uma satisfação substitutiva, eleva o objeto da demanda ao lugar de causa do desejo. O objeto passa a ocupar o lugar de agente de um discurso a partir do qual se irá produzir a neurose de transferência. Temos aí a localização na estrutura do discurso do "princípio de abstinência" que deve orientar a cura analítica. Um princípio ético, que consiste no ato de renúncia do analista em relação ao poder que a transferência lhe concede; um ato que abre a via pela qual a mensagem do sintoma possa retornar ao sujeito, que enfim a carta chegue a seu destinatário.

Essa implicação ética é um dos elementos que diferenciam a noção de cura em Freud e Lacan. Segundo Dunker (2011), a cura integra no dispositivo clínico uma dimensão ética que atravessa e orienta o tratamento. Diferente da *terapia* que se configura em torno da noção de *sofrimento,* e do *tratamento clínico* que se orienta pela noção de *sintoma*, a *dimensão da cura* "associa-se com a de *mal-estar* na medida em que esta remete às noções como angústia, desespero ou desamparo". (Dunker, 2011, p. 40). Por essas diferenças obtemos a seguinte distribuição: se por um lado "o sintoma exige tratamento (*Behandlung*), o sofrimento pede alívio (*Genesung*)", "o mal estar demanda cuidado (*Sorge*)". Deste modo, quanto a finalidade da cura podemos dizer que "o sintoma pode ser curado (*Heilung*) e o sofrimento mitigado", mas "quanto ao mal estar não podemos prometer o restabelecimento do sujeito (*Heilung*), entendido como um estado que substitua a miséria neurótica por um estado grandioso de felicidade e bem estar sem oscilações." O autor observa que "neste quesito Freud contentava-se em propor

[9] *Versagung* (recusa), do verbo *versagen*, recusar, falhar, fracassar https://dicionario.reverso.net/. Mas também, como impedimento da satisfação idealizada, no sentido da neurose, como "promessa" não cumprida, como demanda não atendida.

alternativas como a possibilidade de amar, criar e trabalhar, no quadro da infelicidade banal.” (Dunker, 2011, p. 41).

> A cura não se constrange às ambições negativas, presente na ideia de retirada dos sintomas ou de abreviação do sofrimento, ambas formas de redução, clínica e psicoterapêutica, do desprazer. A cura não apenas faculta amar e trabalhar, mas sugere que isso possa ser feito segundo uma nova forma de estar no mundo, uma forma que convida à criação e à invenção de outras maneiras de satisfação. Quando alguém chega ao tratamento psicanalítico, tem suas próprias ambições quanto ao que a vida lhe promete e o que dela se pode esperar. Tais ambições, frequentemente tomam parte em sua própria neurose. A cura, em grande sentido, é também a cura destas ambições. (Dunker, 2011, p. 41).

O ato de abstenção do analista em fornecer as ambições da neurose uma satisfação substitutiva opera no sentido de fazer advir da demanda um lugar para o desejo. Uma operação que orienta a direção da cura sob o princípio da abstinência. O manejo apoiado nesse princípio consiste em sustentar um lugar vazio, ou seja, fazer “casa vazia” (Triska & D’Agord, 2017), e com isso dar suporte a operação com o objeto para que esse não escorregue para o plano do imaginário e se mantenha no registro do real como causa da emergência do sujeito no lugar do trabalho. Mas, isso não é evidente, pois o real aí não é o empírico, precisará, portanto, ser construído e formalizado. O fato é que no ponto de passagem em que nos encontramos quanto à neurose de transferência é preciso considerar a direção da cura a partir da seguinte situação que ganha forma quando:

> Toda a libido, assim como toda resistência contra ela, converge para uma única relação, a relação com o médico. É inevitavelmente então que os sintomas sejam despojados da libido. Em lugar da doença verdadeira do seu paciente, surge a doença transferencial artificialmente formada; em lugar dos diversos objetos irreais da libido, aparece um único objeto e, mais uma vez, um **objeto fantasiado**, **na pessoa do médico**. (...) Assim, nosso trabalho terapêutico se decompõe em duas fases. Na primeira, toda a libido é retirada dos sintomas e colocada na transferência, sendo aí concentrada; na segunda, trava-se a luta por esse novo objeto e a libido é liberada dele. A modificação

> decisiva para um resultado favorável consiste em que se elimine o circuito da repressão [e da compulsão] neste conflito aí reconstituído (Freud, 1916-1917/1989, p. 414 [grifo nosso]).

Nos termos do texto *A direção da cura e os princípios de seu poder* (1958/1998)[10], o psicanalista certamente dirige a cura e o primeiro princípio dessa direção diz que ele não deve de modo algum dirigir o paciente, dessa forma ele não opera com seu ser. A ***direção da cura*** "*consiste, em primeiro lugar, em fazer o sujeito aplicar a regra analítica"*, e do lado analista que este pague com palavras "se a transmutação que elas sofrem pela operação analítica as eleva a seu efeito de interpretação". O analista paga com sua pessoa, "na medida em que haja o que houver, ele a empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência", e pôr fim "com o que há de essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne do ser (*Kern unseres Wesens*)". (Lacan, 1958/1998, p. 592-593). Portanto, afirma Lacan, o "segredo da análise" deve ser buscado no manejo da transferência na qual a liberdade do analista se vê alienada pelo desdobramento que nela sofre a pessoa do analista.

> Sua ação sobre o paciente lhe escapa, juntamente com a ideia que possa fazer dela, quando ele não retoma seu começo naquilo pelo qual ela é possível, quando não *retém o paradoxo* do que ela tem de retalhada, *para **revisar** no princípio a estrutura por onde qualquer ação intervém na realidade*. (Lacan, 1958/1998, p. 596 [grifo nosso]).

De acordo com a direção da cura e a doutrina do significante, o que é preciso apreender na intervenção analítica é a estrutura por onde se opera uma *transmutação no sujeito* "no exato momento em que passa à ação", na transferência com o analista. O que vai de encontro com nossos propósitos, pois, como continua

[10] Optamos com Dunker (2011) por manter o termo *cura* que é o termo utilizado por Lacan: "*La direction de la cure et les príncipes de son pouvoir*", ao invés do termo *tratamento* como consta na tradução brasileira. Segundo Dunker, em sua arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento, existe um "potencial crítico a ser recuperado" na ideia de cura em psicanálise. Damos destaque nesse exame a observação de que na constituição da clínica moderna a primazia é do método, e a noção de cura "termina por acolher o resíduo ético não integrável" dessa operação. (Dunker, 2011, p. 418).

Lacan, “nenhum indicador basta, com efeito, para mostrar onde age a interpretação, quando não admite radicalmente *um conceito da função do significante que capte onde o sujeito se subordina a ele*, a ponto de por ele ser subornado”. (Lacan, 1957/1998, p. 599 [grifo nosso]). Disso decorre o valor do significante na localização da verdade analítica numa direção ordenada “segundo um processo que vai da retificação das relações do sujeito com o real, ao desenvolvimento da transferência, e depois, à interpretação.” (Lacan, 1957/1998, p. 604 [grifo nosso]). Um processo ao longo do qual, em todas suas etapas, se “parte dos dizeres do sujeito para voltar a eles” visando um lugar para o desejo e sua interpretação, ou seja, para “a falta-a-ser do sujeito como o cerne da experiência analítica, como o campo mesmo em que se exibe a paixão do neurótico”. (Lacan, 1957/1998, p. 619 [grifo nosso]).

A localização do desejo enquanto falta-a-ser evoca diretamente a questão do desejo do analista. Tal como vimos na metáfora freudiana que compara a transferência com o desenvolvimento de um caule em torno do qual o analista está especialmente apto a se situar no seu centro, uma vez que ele ocupa aí o lugar do objeto. Isso nos adverte de que é “realmente na relação com o ser que o analista tem de assumir seu nível operatório”. (Lacan, 1957/1998, p. 621 [grifo nosso]). O sujeito convidado a falar na análise, demanda, é tarefa do analista sustentar a demanda e com o sintoma fazer enigma preservando assim na operação “o lugar do desejo”. (Lacan, 1957/1998, p. 640 [grifo nosso]).

> O desejo é aquilo que se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta. O que é assim dado ao Outro preencher, e que é propriamente o que ele não tem, pois também nele o ser falta, é aquilo a que se chama amor, mas também o ódio e a ignorância. (Lacan, 1958/1998, p. 633 [grifo nosso]).

O analista na posição de objeto da transferência, com toda pregnância imaginária que esse fenômeno se apresenta, opera com a estrutura do significante a fim de que o objeto mantenha-se no registro do real. Desse modo, “por intermédio da demanda”, por não saturá-la, por abster-se de compreendê-la de imediato, “todo

o passado se entreabre, até os recônditos da primeira infância." (Lacan, 1957/1998, p. 623). Em termos mais precisos, é por intermédio da demanda que "a ***regressão analítica*** pode se produzir", e ela "não mostra outra coisa senão *o retorno, no presente, de significantes* comuns, em demandas para as quais há uma prescrição." (Lacan, 1957/1998, p. 624). Segundo os movimentos previstos pela estrutura do significante articulada na demanda, e com o retorno dos significantes que marcaram a história do sujeito para fora do recalque na transferência, podemos dizer com Lacan que: a "***regressão psicanalítica*** *implica" simultaneamente em seu próprio movimento a "****dimensão progressiva da história do sujeito***" (Lacan, 1953/1998, p. 289).

> Assim, o analista é aquele que sustenta a demanda, não, como se costuma dizer, para frustrar o sujeito, mas para que reapareçam os ***significantes*** em que sua frustração está retida. Ora, convém lembrar que é na demanda mais antiga que se produz a ***identificação primária***, aquela que se efetua pela onipotência materna, ou seja, a questão não apenas torna dependente do aparelho significante a satisfação das necessidades, mas que as fragmenta, as filtra e as molda nos desfilamentos da estrutura do significante. (Lacan, 1957/1998, p. 624).

O propósito desse recorte conceitual foi delinear numa vertente da pesquisa que é aquela que ocorre em simultaneidade com o tratamento (*Forschung*), um campo no qual possamos situar esse giro transferencial em que a demanda inconsciente é posta em ato e, ao analista, é imputado o lugar de objeto. Já na segunda vertente que ocorre em descontinuidade com a análise (*Untersuchung*), o que está em pauta é a passagem para escrita que iremos percorrer seguindo o passo a passo do uso heurístico que Lacan faz da formalização enquanto método de pesquisa. Então, partindo do estabelecimento dessa base clínica em que situamos nosso problema, seguimos com o trabalho nas duas vertentes:

a) Primeiro investigaremos, em descontinuidade ao tempo da análise, a construção e a formalização da estrutura dos discursos seguindo o passo a passo do método heurístico lacaniano com ênfase nas propriedades estruturais da matriz lógica proposta pelo autor.

b) Segundo, cumprida essa etapa e recuperado a estrutura dos quatro discursos para um funcionamento desde uma perspectiva de conjunto, examinaremos como eles se comportam do ponto de vista lógico com relação às construções referentes ao percurso da neurose de transferência na direção da cura, num caso clínico em específico.

Nessa vertente da pesquisa formal, que ocorre em descontinuidade com análise e suas finalidades terapêuticas, na passagem da fala para a escrita, duas observações preliminares ainda que óbvias são importantes: primeiro, que não se trata de uma escrita alfabética, ainda que tenha na letra um suporte material, e sim de uma escrita algébrica com recursos da lógica e da topologia; e segundo, que a observação da descontinuidade e da diferença que esse corte estabelece entre a pesquisa em ato no tratamento e a pesquisa científica imparcial, ao contrário do que pode parecer, *a própria diferença estabelece uma relação indissociável entre prática clínica e produção teórica*. Nesse momento, o melhor exemplo que temos disso é observar o quanto a formalização acima anunciada do objeto *a* responde à posição de abstinência preconizada por Freud no manejo da transferência, como veremos adiante.

É justamente por haver um corte que os separa é que se torna possível investigar a prática a partir de sua teoria e a teoria a partir de sua prática, havendo, assim, *uma dialética sob o modo de um retorno descontínuo de um campo a outro*. Ou seja, é justamente por não se confundirem que é possível observar uma estreita relação entre “como a teoria se produz e o modo que se conduz a análise”, e é dessa relação que “depende a direção da cura, assim como seus desvios”. (Berenger, 2018, p. 199). É com referência a essa estreita relação entre a teoria e a direção da cura que entendemos o apelo de Lacan aos analistas quando defende no seu Seminário XVI (1968-1969/2008) *uma prática lógica da psicanálise*.

CAP. 4. O ALGORITMO DA PSICANÁLISE

O tratamento proposto ao signo linguístico saussuriano estabelece um marco epistemológico e um ponto de partida para a investigação da formalização

que irá resultar, mais adiante, na estrutura matriz dos quatro discursos. O tratamento dado às propriedades estruturais do signo linguístico permite-lhe destacar aí a autonomia e a lógica do significante, reconhecendo, nessa estrutura, a própria estrutura com que opera a psicanálise. As propriedades estruturais destacadas serão utilizadas como base axiomática para formalização dos discursos por meio dos recursos de escrita que encontra na lógica e na topologia.

A fim de situar as implicações lógicas do algoritmo proposto por Lacan desde seu deslocamento da linguistica para a psicanálise, apoiaremo-nos no trabalho de Nancy & Labarthe (1991) *O título da letra – uma leitura de Lacan*. [11] Segundo os autores em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998), trata-se para Lacan de visar, na linguística inaugurada por Saussure (1916/2012), a ciência da letra. Isso, na medida em que, por meio de seu corte epistemológico, "a linguagem tenha conquistado, na experiência, seu status de objeto científico." (Lacan, 1957/1998, p. 499).

Segundo os autores, a ruptura epistemológica aí se localiza precisamente na consideração de que o que se requer de uma ciência é que essa seja instituída "com base não simplesmente no tratamento de um novo objeto empírico, mas na determinação prévia de um modo de cálculo - e de uma conceitualidade correspondente" (Nancy & Labarthe, 1991, p. 40). Com efeito, segundo Lacan no caso da Linguística de Saussure, esse modo de cálculo é estabelecido sob a forma de um *algoritmo*.

> **Para marcar o surgimento da disciplina linguística**, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, **no momento constitutivo de um algoritmo que a funda**. Esse algoritmo é o seguinte:
>
> $$\frac{S}{s}$$

[11] Um trabalho bastante pertinente para escopo epistêmico de nosso estudo, além de ter sido muito bem conceituado por Lacan em seu seminário *Mais ainda* (1972-1973/1985) a ponto de reconhecer na leitura que os autores fizeram de seu texto seminal sobre instância da letra (1957/1998) que, "se se trata de ler [diz Lacan] jamais fui tão bem lido" (p. 88).

> **Que se lê:** significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas. (Lacan, 1957/1998, p. 500 [grifo nosso]).

Essa apresentação algorítmica do signo feita por Lacan resulta de uma série de operações que autor realiza sobre o signo tal qual ele e formalizado por Saussure no Curso de Linguística Geral (1916/2012)[12].

Para medir o alcance do estabelecimento desse algoritmo proposto por Lacan, a partir de sua releitura do signo saussuriano, não se pode perder de vista a acepção lógico matemática do termo ***algoritmo***, como: *uma sequência finita de regras, operações, e raciocínios lógicos perfeitamente definidos que “quando aplicados a um número finito de dados, permite solucionar classes semelhantes de problemas*” (Houaiss & Villar, 2001). Como podemos claramente verificar no recorte que estamos propondo, Lacan, ao aplicar o algoritmo S/s aos dados da experiência analítica, formaliza, assim, a estrutura pela qual essa pratica se constitui.

Dentre a classe de problemas tratados pelo algoritmo S/s por Lacan, podemos listar alguns deles. A *título de exemplo,* em um recorte bastante específico que nem de longe pretende abarcar a extensão e a diversidade das aplicações feitas por Lacan da lógica do significante ao longo de seu ensino, podemos citar algumas como:

- A fórmula da metáfora para o sintoma. (Lacan, 1957/1998).
- A fórmula da metonímia para o desejo e a falta-a-ser. (Lacan, 1957/1998).
- A fórmula da metáfora paterna como inscrição do falo no campo do Outro (Lacan, 1957-1958/1999).
- A definição axiomática do significante como aquilo que representa o sujeito para um outro significante. (Lacan, 1960/1998).
- O grafo do desejo e sua rede de algoritmos. (Lacan, 1957-1958/1999).
- O algoritmo da transferência. (Lacan, 1967/2003).
- Os quatro discursos. (Lacan 1969-1970/1992).

[12] Para o exame das operações bem como da diferença entre os algoritmos propostos por ambos os autores, remetemos o leitor ao estudo de Nancy & Labarthe (1991) em que a releitura lacaniana é apresentada em suas etapas, e discutida a partir de suas implicações teóricas e epistemológicas.

De fato, destacam Nancy & Labarthe (1991), “se o algoritmo designa, em seu primeiro sentido, um processo de cálculo algébrico” por meio de um processo de notação diferencial “as duas expressões de lógica algorítmica e de lógica simbólica são equivalentes.” É nesse sentido que Lacan concebe e pratica a formalização, no sentido moderno do termo: “como processo de notação formal que torna possível um cálculo lógico” (p. 41). A instância da letra no inconsciente, por sua vez, é definida nesse contexto tanto como “estrutura essencialmente localizada do significante” (Lacan, 1957/1998, p. 505), como “suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (Lacan, 1957/1998, p. 498).

Todavia, nessa definição de letra, não se pode deixar de sublinhar a reintrodução por parte de Lacan da consideração do discurso concreto no campo científico. Reintrodução que adquire todo seu valor quando consideramos que uma das características do corte epistemológico inaugurado pela linguística de Saussure foi separar o estudo da língua do estudo da fala. Como bem observaram Dunker, Paulon e Ramos (2016):

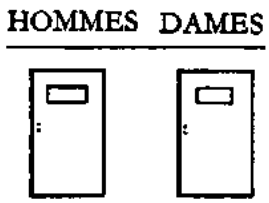
> O corte saussuriano entre *língua* e *fala* definiu a partição dos fenômenos da linguagem e o método estrutural com o qual a ciência linguística os aborda. Esse gesto metodológico determinou duas exclusões. [A primeira delas] a fala, por ser individual e contingente, estava fora da pesquisa linguística. [E a segunda, a esta correlacionada] a sutura do sujeito da ciência no campo da linguagem. (p. 12).

Ao separar o estudo da língua do estudo da fala, segundo os autores, a “língua aproxima-se de um ideal, um sistema abstrato e virtual, entidade autônoma, uma forma pura, neutra e dessubjetivada”. Nesse corte “a fala surge como resto, impureza, um dejeto expulso pela própria operação que constitui a língua”. (Dunker, Paulon & Ramos, 2016, p. 15). No entanto, por outro lado, essa mesma exclusão também “permitiu que o inconsciente freudiano pudesse ser redefinido como uma estrutura de linguagem.” (p. 12). Isso se explica pelo fato de ser justamente nesse contexto que a psicanálise soube reconhecer nos sintomas o retorno do recalcado. É precisamente o retorno do que fora excluído da língua como sistema abstrato que se situa o valor do discurso que se define aí como a própria “estrutura da linguagem

posta em ato na fala" (Soler 2012, p. 53). Estrutura e ato que constituem o campo de experiência em que opera o significante enquanto algoritmo da psicanálise.

Desde a instância da letra, Lacan defende que a força lógica do algoritmo S/s se deve precisamente por sua ausência de sentido, por se constituir como uma pura função do significante. Para isso, demonstra por meio de uma ilustração (Figura 7), o equívoco da ideia de que "o significante atende à função de representar o significado, ou melhor, de que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer". (Lacan, 1957/1998, p. 501). A pura função do significante é demonstrada através da ilustração a seguir composta por dois significantes separados pela barra abaixo em que se situam duas portas. Dessa forma, a diferença entre homens e mulheres é apenas a diferença entre os significantes e nada mais. Significantes que indicam cada um deles diferentes lugares, porém vazios de qualquer significado que, *a priori*, possa-os diferenciar.

Figura 7. Ilustração das portas



Fonte: Lacan (1957). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

O significante é, como se pode ver na ilustração do algoritmo, "a diferença dos lugares", ou seja, "a própria possibilidade de localização"; o significante "não se divide em lugares", ele os divide, ou seja, "ele os institui". Se "a letra é matéria, mas não é substância" (Nancy & Labarthe, 1991, p. 38) isso é o mesmo que dizer que "não há divisão por existir matéria, mas, inversamente, que existe matéria por haver divisão." (Nancy & Labarthe, 1991, p. 50). Portanto "o significante linguístico Homens/Damas não se inscreve para remeter diretamente ao significado (os "conceitos" de homem e de mulher), mas inscreve-se só a si mesmo como diferença." (Nancy & Labarthe, 1991, p. 50-51).

Disso, decorre a fecundidade e a força do algoritmo S/s, pois assim como os algoritmos matemáticos, o algoritmo do significante “não tem sentido algum”. (Lacan, 1957/1998, p. 501).

> Tal ausência de sentido liga-se ao funcionamento autônomo da cadeia algorítmica na medida em que esta é concebida como uma cadeia de marcas diferenciais - isto é, de marcas que por si mesmas não marcam nada além de suas posições recíprocas e as relações (ou as combinações) por onde fabrica-se um "sentido" (que não se define ele próprio por nenhuma mira de um conteúdo ou de um significado, seja ele empírico ou de verdade). (Nancy & Labarthe, 1991, p. 55).

Onde se constata “o alcance do significante implicado na experiência” cujo “sentido complementar”, sublinha Lacan - referindo-se à ilustração do algoritmo Homens/Damas - não é dado *a priori*, mas “parece ter que ser consolidado” pela experiência. (Lacan, 1957/1998, p. 503). Todavia, quando se trata da especificidade da experiência analítica, “para que não seja vã nossa caçada”, diz Lacan (1960/1998), é preciso localizar a ausência de sentido postulada pelo algoritmo S/s como experiência de discurso:

> a nós, analistas, convém reduzir tudo à função de corte no discurso, sendo o mais forte aquele que serve de barra entre o significante e o significado.
>
> $\frac{S}{s}$
>
> Alí se surpreende o sujeito que nos interessa. (...) Pelo que chegaríamos ao paradoxo de conceber que o discurso na sessão analítica só tem valor por tropeçar ou até se interromper: (...) como ruptura num discurso falso, digamos, **naquilo que o discurso realiza** [do significante a letra] **ao se esvaziar como fala**, ao não ser mais do que **a moeda de efígie desgastada de que fala Mallarmé, passada de mão em mão “em silêncio”**. Esse corte da cadeia significante é o único para verificar a **estrutura do sujeito como descontinuidade do real**. (Lacan, 1960/1998, p. 815 [grifo nosso]).

Nessa e em outras passagens analisadas por Nancy & Labarthe (1991) fica evidente que “é numa teoria do sujeito que se assenta, aqui, a lógica do significante”. (p. 73). Ou nas palavras de Lacan em *A instância da letra* (1957/1998): “todo esse significante, dirão, só pode operar por estar presente no sujeito.” Sim, completa o autor, “é justamente a isso que respondo ao supor que ele passou ao patamar de significado” (p. 508). Assim, a introdução da questão do sujeito na operação significante nos mostra que, “o que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz”. O que acaba por revelar “a função mais digna de ser enfatizada na fala”, a função de indicar “o lugar desse sujeito na busca da verdade”. (Lacan, 1957/1998, p. 508).

Nancy & Labarthe (1991) destacam ainda algumas fórmulas em Lacan que julgam serem capazes de iluminar “o jogo do que doravante será necessário chamar de a *Lógica do significante*” (p. 55 [grifo nosso]). As fórmulas destacadas acrescentaremos outras que nos permitirão dimensionar o alcance da ação do algoritmo tanto na vertente da direção da cura, quando da formalização enquanto pesquisa teórica.

Nessa nova etapa, iremos partir dessa seriação visando selecionar aquelas definições e axiomas pertinentes ao escopo do estudo e que nos permitirão dar o passo seguinte em direção ao exame do que foi proposto por Lacan como raiz matemática dessa estrutura significante: demonstrando com a operação do par ordenado (S1 (S1 – S2) a existência real de uma impossibilidade lógica, como princípio ativo fundamental da estrutura significante. Tal como apresenta Lacan no Seminário XVI *De um Outro ao outro* (1968-1969/2008) num exercício de formalização pela qual a estrutura significante encontra na teoria dos conjuntos seu modelo lógico matemático, como veremos adiante, à luz das teses defendidas por Paulo Rona em *O significante, o conjunto e o número* (2012).

CAP. 5. AXIOMAS, SIGNIFICANTE E SUJEITO

Para tanto, vejamos como é possível – a partir dessa base que estabelecemos com o estudo do algoritmo S/s – reunir, numa seriação, um conjunto específico de fórmulas e definições que se desdobram a partir dele, nas duas vertentes, da cura e da formalização. No primeiro bloco, temos três fórmulas selecionadas por Nancy & Labarthe (1991):

1º. Significante somente se constitui a partir de ajuntamento sincrônico e enumerável (S1, S2).

2º. Nenhum significante se sustenta se não for pelo princípio de sua oposição a cada um dos outros.

3º. Se a linguística promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido (*trous du sens*) os determinantes de seu discurso. (Lacan, 1960/1998, p. 815).

A primeira fórmula é clara quanto ao seu enunciado: diz de duas condições exigidas para a constituição do significante, um encadeamento sincrônico e a localização da letra pelo número. A segunda fórmula acrescenta à primeira seu princípio fundamental. Quanto ao agrupamento sincrônico e seu princípio opositivo e diferencial temos a seguinte definição:

> A rede do significante é a estrutura sincrônica do material da linguagem, na medida em que cada elemento adquire nela seu emprego exato por ser diferente dos outros; é esse o princípio de distribuição que rege sozinho a função dos elementos da língua em seus diferentes níveis, desde o par da oposição fonemática até as locuções compostas, das quais é tarefa da mais moderna pesquisa destacar as formas estáveis. (Lacan, 1956/ 1998, p. 415).

Quanto à localização da letra pelo número, a ênfase recai inicialmente sobre definição de letra como suporte material e “estrutura essencialmente localizada do significante” (Lacan, 1957/1998, p. 505). Da perspectiva das operações da psicanálise como discurso é preciso acrescentar que: “o significante vale para o sujeito em função de sua localização na cadeia, localização que se representa da seguinte forma S1 S2, de onde o significante cobra seu valor de letra, implica a noção de lugar. (Eidelsztein, 2008, p. 55). Lugar é preciso dizer numa estrutura cujo valor de seus elementos não é dado de antemão, mas dependem justamente da posição e do lugar ocupado pelo elemento num sistema.

Haja vista a importância para nosso estudo desse princípio opositivo e diferencial que remete o problema do valor ao sistema - vejamos como a questão é introduzida por Saussure (1916/2012). Segundo o autor, o valor de um elemento significante pode ser considerado em seu aspecto conceitual e material. Do ponto de vista conceitual, subentende-se que os elementos “são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com outros do sistema. **Sua característica mais exata é ser o que os outros não são**. (Saussure, 1916/2012, p. 164 [grifo nosso]). Já do ponto vista material, o significante “em sua essência” “não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras”; os significantes são, portanto, antes de tudo “*entidades opositivas, relativas e negativas*”. (Saussure, 1916/2012, p. 166 [grifo nosso]). Ou seja, o que importa destacar aí para nossos fins é que, segundo o método estrutural, não só *o significante não é idêntico a si mesmo* pois ele se define pela diferença para com os outros, como também, *o significante sozinho não significa nada,* pois seu valor emana de sua relação com outros significantes. Daí seu valor como algorítmico que já destacamos.

Contudo, se desde a perspectiva de Lacan é correto dizer que o significante embora incorpóreo cobra seu valor de letra, e se a letra embora seja matéria não é substância, é preciso considerar pela via matemática que a letra permite também – pelo traço – a operação de contagem. Tal como consta na primeira das três fórmulas apresentadas: significante somente se constitui a partir de ajuntamento sincrônico e enumerável (S1, S2). O traço unário S1 é a marca, dirá Lacan no Seminário XVII, é a marca no corpo “por onde o gozo se introduz na dimensão do ser do sujeito”. “O

gozo é marcante e se homologa por ter a sanção do traço unário e da repetição". (1969-1970/1992, p. 47).

Já a terceira fórmula – de que a análise faz dos furos do sentido os determinantes do discurso – Nancy e Labarthe (1991) identificam nisso que Lacan nomeia de "furos do sentido", o local exato onde se enxerta "uma determinação última a partir da qual se ordena, de fato, o jogo [significante] no seu conjunto" (p. 56). Trata-se da inscrição na relação do sujeito com o Outro, de um significante que Lacan nomeia "o significante de um falta no Outro" S(Ⱥ). (Lacan, 1960/1998, p. 832). Este significante do Outro barrado abre um segundo bloco de sentenças fundamentais que, de acordo com os autores, constituem e determinam a lógica do significante centrada numa falta. Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960/1998), diz:

> 4º. Partiremos do que a sigla S(Ⱥ) articula, por se antes de tudo um significante. Nossa definição do significante (não existe outra) é:
>
> **Um significante é aquilo que representa o sujeito para um outro significante**. (Lacan, 1960/1998, p. 833 [grifo nosso]).
>
> 5º. Esse significante S(Ⱥ), portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. (Lacan, 1960/1998, p. 833).
>
> 6º. Como tal ele S(Ⱥ) é impronunciável, mas não sua operação, conclui Lacan. (Lacan, 1960/1998, p. 833).

A quarta sentença traz uma nova definição de significante que, por sua vez, implica numa definição do sujeito, pois aquilo que um significante "representa", faz ver Nancy & Labarthe, "está aí o que é preciso chamar de sujeito", ou seja, o sujeito então nessa definição passa a ser "aquilo que pode ser representado por um significante para outro significante". (Lacan, 1968-1969/2008, p. 22). Uma definição circular em que "a lógica do significante e a teoria do sujeito implicam-se uma na outra". (1991, p. 77). Na verdade, Lacan radicaliza essa definição quando a situa da perspectiva do sujeito na sua relação com o Outro, a ponto de inverter a ordem de

determinação entre os elementos. A nova definição afirma que é por representar o sujeito que o próprio registro do significante efetivamente se institui no ser falante, diz: “o registro do significante se institui pelo fato de um significante representar um sujeito para um outro significante.” (Lacan, 1960/1998, p. 854). E complementa essa nova definição de uma forma que reafirma o alcance de seu desdobramento algorítmico no que tange as operações com a estrutura, suas formações, a divisão do sujeito e a alienação.

> O registro do significante se institui pelo fato de um significante representar um sujeito para um outro significante. Essa é a estrutura, sonho, lapso e chiste, de todas as formações do inconsciente. E é também a que explica a divisão originária do sujeito. Produzindo-se no lugar do Outro ainda não discernido, ele faz surgir ali o sujeito do ser que ainda não possui a fala, mas ao preço de cristalizá-lo. (...) O que lá havia desaparece, por não ser mais que um significante. (Lacan, 1960/1998, p. 854).

Como se pode conferir na quinta sentença, com a introdução do significante de uma falta no Outro $S(\not A)$, o Outro assim concebido - como lugar da fala e tesouro do significante – não constitui um todo completo. A fim de operar com essa estrutura, de poder servir-se dela, é preciso reconhecer que essa “falta no Outro” provém, em última instância, de que “não há Outro do Outro”. (Lacan, 1960/1998, p. 833).

É nessa direção que entendemos o sentido apontado pela sexta sentença de que, se por um lado o significante de uma falta no Outro $S(\not A)$ é praticamente impronunciável, o mesmo não ocorre com sua operação. Assim, extraímos dessas considerações dois enunciados que Lacan eleva a categoria de axiomas fundamentais da teoria psicanalítica: o primeiro decorre como vimos de uma impossibilidade de estrutura, diz:

O significante não pode significar a si mesmo.

E o segundo que extrai as consequências dessa impossibilidade para a teoria do sujeito numa fórmula fundamental, aquela que diz que:

O significante é aquilo que representa um sujeito para um outro significante.

Esses dois axiomas serão submetidos por Lacan a uma série de provas lógicas ao longo do Seminário XVI *De um Outro ao outro* (1968-1969/2008) cujas demonstrações e relações extraídas servirão de base para sua heurística dos discursos. Lacan avança em sua pesquisa por meio do que entende ser a lógica, uma prática, uma prática criativa vale dizer. Lacan também utiliza o termo “uma prática da estrutura”, em que se constroem as operações e os elementos que, neste caso, serão utilizados na formalização dos quatro discursos. (1969-1970 [1992]).

PARTE II

HEURÍSTICA LACANIANA:
OS QUATRO DISCURSOS NUMA PERSPECTIVA DE CONJUNTO

CAP. 1. LÓGICA DO SIGNIFICANTE E PRÁTICA DA ESTRUTURA

Logo nas primeiras lições do Seminário XVI, Lacan retoma suas fórmulas, pondo-as à prova da direção da cura. Daí a pergunta com que inicia que põe o discurso a prova da regra da associação livre, regra fundamental da psicanálise**: que fazemos na análise senão instaurar, através da regra, um discurso?"** (Lacan, 1968-1969/2008, p. 19 [grifo nosso]). A instauração da regra consiste num processo artificial em que é solicitado ao sujeito em análise que suspenda sua função de sujeito: "o sujeito fica dispensado de sustentar seu discurso com um *eu* digo" (Lacan, 1968-1969/2008, p. 19), ou seja, é convidado a falar e a *deixar que o significante o represente em seu enigma para um outro significante.* Trata-se portanto, de fazer referência "às formulações fundamentais", em particular, sublinha Lacan, a essa que define **o** significante como aquilo que representa um sujeito para outro significante*.* "Surpreende-me que, até hoje, [faz notar Lacan] ninguém nunca tenha observado que o corolário resultante disso é que um significante não pode representar a si mesmo". (Lacan, 1968-1969/2008, p. 20). Essa impossibilidade faz com que a cada vez que a estrutura opere com o significante, sua operação abra articulações em série nas quais se pode constatar o fenômeno da *repetição.* Vejamos como o autor faz novamente funcionar a lógica do significante nos termos de uma prática da estrutura:

> com efeito, há um processo da falha, e é desse processo que a prática da estrutura se serve, mas só pode servir-se dele ao segui-la, o que não é, de modo algum ultrapassá-la, a não ser para permitir sua captura na consequência que se cristaliza no ponto exato em que se detém a reprodução do processo. Ou seja, é seu tempo de suspensão que marca seu resultado. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 14).

Trata-se de localizar na estrutura o ponto exato onde a repetição se cristaliza, onde se detém o deslocamento: "a reprodução do processo da falha". A impossibilidade do significante representar a si mesmo, converte-se na teoria psicanalítica na possibilidade de representar o sujeito, porém o faz sempre para um outro significante, que remete a um outro e assim por diante indefinidamente. Não

existe um ponto de fechamento do discurso. Sim diz Lacan, mas isso não o desvaloriza, pelo contrário, torna o analista responsável por bem conduzi-lo, considerando “o que quer dizer o enunciado de que não existe universo do discurso”. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 14).

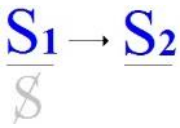
Portanto, o que se pode concluir desse não fechamento é que – o sujeito “não pode reunir-se em seu representante de significante sem que se produza, na identidade, uma perda” – perda “propriamente chamada de objeto a”, que é exatamente, assegura Lacan, o que concerne à repetição na teoria freudiana. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 21). Porém, em meio a isso “ali está o psicanalista para lhe sustentar o tempo todo” que o analisante “não pode se reencontrar no tocante à causa de seu discurso”. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 20). Em outras palavras, a prática dessa estrutura “rechaça qualquer promoção de uma infalibilidade”, pelo contrário, ela se serve do processo da falha a fim de constituir um sujeito. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 13).

A consequência disso é que “nada pode produzir-se aí”, em termos de gozo, “sem que um objeto seja perdido”, sem que dessa perda se faça traço, por onde, um sujeito pode vir numa análise a apreender a ler as suas marcas. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 21). Se não há unidade possível para o sujeito pela via do significante, haja vista a diferença do significante para consigo mesmo, a consequência disso no plano de sua economia de gozo, é que não sendo mais idêntico a si mesmo, “daí por diante, o sujeito não goza mais. Perde-se alguma coisa que se chama mais-de-gozar.” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 21). Por outro lado, devemos nos perguntar por que vias e em que ponto exato se detém esse processo da falha conferindo ao sujeito uma unidade possível, uma *estabilização*.

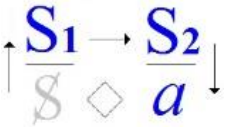
> Esta é também a oportunidade de nos apercebermos **do que confere ao sujeito a unidade** – que permitiu até o momento, sustentá-lo na sua pretensa suficiência. Longe de ele ser suficiente, é em torno da fórmula [da fantasia] ($S \lozenge a$) em torno do ***ser do a*****,** do mais-de-gozar, que se constitui a **relação que nos permite**, até certo ponto, **ver consumar-se a solda**, **a precipitação, o congelamento que faz com que possamos unificar um sujeito como sujeito de todo um discurso**. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 22 [grifo nosso]).

A introdução da fantasia como relação que vem fixar o sujeito a um objeto ao qual se anexa o mais-de-gozar, detém a reiteração da falha e promove a estabilização da estrutura, é também o que irá conferir ao discurso sua primeira fórmula. Lacan escreve “farei no quadro um esquema que representa aquilo que se trata”. Vejamos a construção das fórmulas em suas etapas:

A primeira fórmula indica que, em sua relação [de um significante S1] com outro significante, S2, um significante **S1 representa o sujeito**, o $ barrado, que jamais poderá apreender-se.



A segunda pretende assinalar que um significante qualquer na cadeia pode ser relacionado com o que não passa, no entanto de um objeto: o objeto pequeno a, que é fabricado na relação com o mais-de-gozar.



Este esquema permite conceber como é em torno da fantasia [(**S ◊ *a***)] que se articula o que acontece com a produção do a.

A reiteração do significante S1 [S1 → S2] que representa o sujeito, $ barrado, em relação a ele mesmo é correlata ao a, colocado embaixo da barra.

Inversamente, a relação do sujeito com o objeto, por causa disso, **ganha consistência** em **(S ◊ *a*)**, onde se produz algo que não é nem sujeito nem objeto, mas se chama fantasia. A partir daí, os outros significantes, ao se encadearem, ao se articularem e, ao mesmo tempo, ao se cristalizarem no

> efeito de significação, podem introduzir o efeito de metonímia que **consolida o sujeito**. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 22-23 [grifo nosso]).

É com essa cadeia simbólica assim constituída que doravante iremos trabalhar. “Se, pela aplicação da regra analítica algo pode relaxar-se tanto nessa cadeia que se produzam efeitos reveladores,” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 23) onde situarmos no discurso o lugar da verdade? Vimos que desde o *cogito* cartesiano e a dúvida metódica que inaugura o sujeito da ciência dividido entre o saber e a verdade, o saber é esvaziado e reduzido ao cálculo lógico matemático e a verdade é deslocada para fora da ciência endereçada ao Deus da religião. Desde essas referências a verdade se situa no campo do Outro como “lugar em que o discurso do sujeito ganharia consistência”. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 24).

Como diz Lacan, se com os desenvolvimentos da lógica matemática, esse problema foi totalmente deslocado “por não haver no campo do Outro a possibilidade de uma consistência completa do discurso”, a questão que nos retorna é novamente onde situar a questão do sujeito dividido entre o saber e a verdade se não na experiência da análise. Porém, se do ponto de vista da direção da cura “a estratégia com a verdade” é sem dúvida a “essência da terapêutica”, ainda assim devemos admitir que não existem meios de prosseguir nessa via clínica sem que a teoria lhe confira seu peso e seu lugar. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 19).

CAP. 2. EXTRAÇÃO LÓGICA DO SIGNIFICANTE S1 E DO OBJETO *a*

É nesse sentido que Lacan propõe, antes de avançarmos com a fórmula do discurso na doutrina e na prática analítica, que possamos situar *a* ***inconsistência*** aí revelada no campo discursivo que lhe convém. Esse campo é, para Lacan, o discurso matemático, um discurso sem palavras. Na primeira lição desse Seminário *De um Outro ao outro*, a frase escrita na lousa diz: *A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem palavras.* Lacan quer mostrar, principalmente aos analistas, que essa inconsistência do discurso é algo que pode e deve ser demonstrada. Nesse ponto há uma passagem das operações com o algoritmo que resultam na fórmula do

discurso, para a demonstração no campo da lógica que Lacan defende no campo teórico como uma vertente prática da estrutura.

Os motivos para tanto são os mais fortes, pois do ponto de vista lógico, como poderemos conferir adiante com a construção do caso clínico, se não se pode em parte alguma assegurar a consistência da verdade, o que no Outro pode responder a questão do sujeito é a função do objeto *a.* Porém, não se pode esquecer que segundo a álgebra lacaniana **o objeto *a* é o que "constitui a coerência do sujeito enquanto eu", em outras palavras, daquilo que no eu é seu verdadeiro suporte**. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 25.). Assim, diante da impossibilidade do Outro em assegurar a consistência da verdade, **o *eu do sujeito* se faz objeto de satisfação da pulsão como *aquilo que produz a consistência do discurso***. A produção do objeto *a,* através da reiteração do significante, quando *eu do sujeito* a ele se identifica construindo assim sua fantasia, detém o deslocamento, estabilizando a estrutura.

Nesse próximo passo, considerando que a inconsistência do Outro se estabiliza pela fantasia que fixa o eu do sujeito como objeto da pulsão, e o *alto preço que a neurose cobra por essa cristalização da estrutura*, é preciso saber "em que sentido é pertinente introduzir, na elucidação da função do discurso", no caso do *discurso analítico*, "uma função" que lhe é própria". (Lacan, 1968-1969/2008, p. 24). Lacan extrai essa função no campo da lógica. Contrário ao discurso matemático, em que as operações consistem em artifícios que buscam eliminar a todo instante a questão do desejo, no discurso analítico "trata-se de dar plena presença" a essa função, e inverter o movimento de redução tal qual é conduzido pelo discurso lógico, para pôr em evidência o processo da falha. Uma falta na estrutura da linguagem que se escreve: $S(\not A)$ *significante do A barrado*.

"O que representa essa falta no significante?" essa é a pergunta posta por Lacan que irá nos conduzir – por meio do par ordenado (S1 (S1 – S2) – a demonstração da existência de uma impossibilidade lógica, que confere a falta no significante seu estatuto real. A definição fundamental que" enraíza a determinação do sujeito no fato de um significante o representar para outro significante" é retomada no campo da lógica. "Essa formulação tem a vantagem de inserir o sujeito numa conexão que é a mais simples e mais reduzida que se pode formular: a de um significante 1 para um significante 2." (Lacan, 1968-1969/2008, p. 33).

$$\frac{S_1}{\$} \rightarrow S_2$$

> Destacar no discurso o que convém chamar pelo nome, a lógica, é sempre condicionado por uma redução do material, e por nada mais. (...) Com isso valorizamos um funcionamento em que se apreendem consequências (...) com suas variedades: a do necessário ou a do contingente, por exemplo. Redução do material quer dizer que a lógica começa na data precisa da história em que alguns elementos da linguagem tidos como funcionando em sua sintaxe natural, são substituídos por uma simples letra por alguém que entende do riscado. E isso inaugural a lógica. É a partir do momento em que vocês introduzem um A e um B no *se isto, logo aquilo* que a lógica começa. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 34).

Para destacar no discurso analítico sua lógica, partimos da redução da cadeia significante ao par S1 – S2, que segundo Lacan, não deixa de fazer eco com o que na **teoria dos conjuntos** é chamada a função do **par ordenado**. (Lacan, 1968-69/2008, p. 48). E aqui então situamos um corte, uma passagem descontínua que estabelece uma modalidade de pesquisa em que não se trata mais da função da fala, mas de uma escrita, de um discurso sem palavras. O primeiro esclarecimento nessa passagem para escrita diz que, na definição do significante que representa o sujeito para um outro significante, o S2 – do par (S1 – S2) é definido como o significante que nessa conexão representa *o saber.*

Essa notação do saber como S2 implica numa “transformação da relação do saber” que, além de “determinante para a posição do sujeito”, há que considerá-lo como constituído a partir de um “fundo enigmático do gozo” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 45). Pois a relação com o saber S2, aquele que na gênese do sujeito responde por seu desparecimento no campo Outro, faz com que ali onde o sujeito é representado, ele também se apague na demanda. Lacan diz “os apagões do sujeito”, entre eles esse que decorre de sua alienação ao sentido do ser produzido na relação do significante ao outro significante. Sou onde não penso, penso onde não sou.

O que destacamos na demonstração de Lacan pela função do par ordenado é a relação que se estabelece entre a inconsistência do universo do discurso aí

demonstrada e a impossibilidade real que daí decorre. Sigamos Lacan no seu artifício expositivo. O ponto de partida da demonstração é a conexão, na cadeia significante, do significante com outro significante. Lembrando que aqui a função do discurso será uma função extraída da lógica. O termo mais simples que constitui na definição dos conjuntos – uma relação de conexão – é o termo: pertença. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 55). Segundo Lacan o primeiro passo da teoria dos conjuntos tropeça num paradoxo que consiste em considerar "como uma classe", "todos os elementos de uma dada conexão" que possuem o atributo de "não pertencerem a si mesmos." A constituição dessa classe acarreta um paradoxo, e isso se pode escrever, é demonstrável.

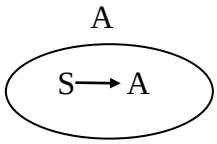
De acordo a tese de Rona (2012) entendemos que a estratégia de Lacan nessa passagem consiste em propor a **lógica dos conjuntos como modelo para o significante** em psicanálise, um modelo que fornece uma interpretação do significante em termos matemáticos. É o que a nosso ver justifica o artifício expositivo lacaniano que consiste em iniciar a demonstração não por uma reconstituição da teoria dos conjuntos e sim pela enunciação do problema desde uma perspectiva formal. "Tentarei mostrar-lhes de maneira formal, a que nos conduz a formulação *o significante só representa o sujeito para outro significante*." (Lacan, 1968-1969/2008, p. 56).

Vamos à montagem do problema, Lacan (1968-1969/2008, p. 56) a princípio propõe uma substituição da notação simbólica até então utilizada, ampliando assim as possibilidades de cálculo, que é acompanhado de um acréscimo semântico, sem alterar a ordem e o valor significante dos símbolos utilizados, a notação do par S1 – S2 é substituída então por S - A:

> Colocaremos S como significante e tomaremos o A como outro significante.
>
> $S \longrightarrow A$
>
> *O par ordenado* $S \longrightarrow A$
>
> Se já designamos previamente o A como lugar ou tesouro do significante, (...) que acontece ao postularmos como significante de uma relação [ela mesma], um significante [A] que intervém nessa mesma relação?

> Em outras palavras, se é importante, como apontei, que nessa definição do significante intervenha apenas a alteridade do outro significante, será formalizável, de modo que leve a algum lugar, rotular com esse próprio significante, A, alteridade do Outro, a relação (S ⟶ A)?

Figura 8.



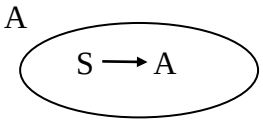
Rotulando a relação (S ⟶ A)

Fonte: Lacan (1968-1969/2008, p. 56).

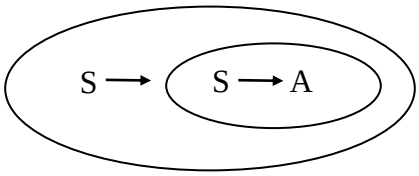
Segundo o uso que entendemos que Lacan faz da lógica, **o conjunto proposto interpreta "nossa relação com o Outro",** que é uma **"relação de demanda",** de forma que o "Outro (A) já contém tudo aquilo em torno do qual a demanda se articula" (S ⟶ A). A questão é "se esse Outro pode ou não ser concebido como um código fechado, sobre cujo leque de possibilidades baste nos apoiarmos para que o discurso se institua sem falhas e se totalize." (Lacan, 1968-1969/2008, p. 57). E continua:

> Se foi assim que enunciamos a questão, está claro que o A que figura no par ordenado [(S ⟶ A)] **constitutivo desse conjunto** é considerado idêntico ao A que designa esse mesmo conjunto. A relação (S ⟶ A), portanto, passa a se escrever (S ⟶ (S ⟶ A)), se eu substituir o A pelo que o A é, como significante do conjunto [que designa o conjunto] constituído pela relação entre S e A. Isso é absolutamente corriqueiro em qualquer elaboração de uma teoria dos conjuntos.

Figura 9.

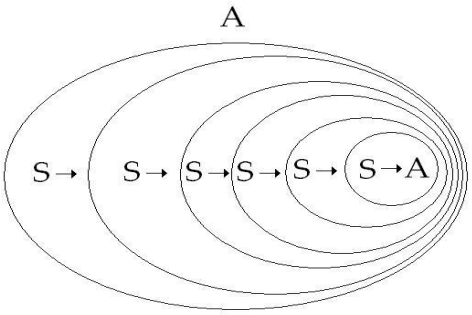


A



Primeira reescrita

> Vejam, portanto, o que acontece a partir desse processo. Teremos uma série de círculos, que estou desenhando – que não sei o que eles são, exceto que nos servem para designar o conjunto como tal e fazer com que ele funcione –, e uma repetição infinita do S, sem que jamais possamos deter o recuo, digamos assim, do A. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 57).

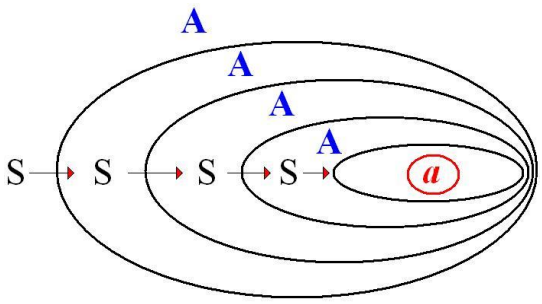


Reescrita da série.

Figura 10. Fonte: Lacan (1968-1969/2008, p. 57).

O que assim se demonstra nessa passagem da cadeia significante ao conjunto do par ordenado é: com a “inacessibilidade do A”, a inconsistência do Outro, e “a separação de um significante a partir de outro que o contém, que é o que se lê em Lacan na escrita S1 – S2, ou, muito simplesmente S – A.” (Rona, 2012, p. 106). Lacan encontra nesse caráter inacessível do A uma interpretação lógica do lugar do recalque primário freudiano. Vê-se que, assim como o significante não pode representar a si mesmo, o conjunto nesse “processo esparramado com saídas sucessivas de envoltórios”, também “nunca podem englobar-se”. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 60).

Figura 11 – Extração lógica do significante e do objeto *a*



Fonte: Lacan (1968-1969). Lição 26.03.1969. http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Um processo instaurado pela "instituição do sujeito como efeito de significante" estabelecendo no campo do Outro "uma estrutura de borda", e "um ponto que chamamos de furo, um lugar êxtimo que "conjuga o mais íntimo, com a exterioridade radical". (Lacan, 1968-1969/2008, p. 241) Disso temos:

a) Que o objeto *a* se produz pela ação dessa estrutura como consequência de seu não fechamento e como "furo que se designa no nível do Outro" (A).

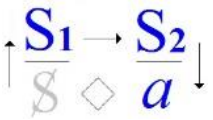
O que demonstra que "o campo do Outro não é todo significante", que aí se produz "um objeto que é resto da operação significante, um objeto particular que cai do Outro como não significável". (Lana 2015, p. 48). O objeto *a* constitui nesse processo o índice de uma falta que se inscreve em ambos, tanto no campo do sujeito como no campo do Outro, como *falta-a-ser*, instalando na estrutura alienante dessa relação primeira a possibilidade de um processo de separação.

b) Consequência disso, se a possibilidade do sujeito depende do lugar do Outro, o lugar da verdade por sua vez, aquele que garantiria a consistência do sujeito, ele "é, em si mesmo um lugar vazado." (Lacan, 1968-1969/2008, p. 58).

c) E sendo o gozo o que só se "institui por sua evacuação do campo do Outro" como lugar da fala (Lacan, 1968-1969/2008, p. 240), é, portanto, por uma

estrutura topológica que o “objeto *a* pode funcionar como equivalente do gozo”.

Se o objetivo foi demonstrar - por meio do conjunto do par ordenado – a extração real dos elementos e relações que lhe servirão de base para a formalização dos discursos, o que podemos concluir? Se a construção do conjunto do par ordenado representado pelos diagramas acima (Figuras 10 e 11) mostra como o objeto *a* é produzido – a construção da fórmula dos discursos por sua vez mostra que essa produção estabiliza a estrutura com a fixação do sujeito ao objeto na fantasia ($ ◊ *a*).



Uma fixação que detém o deslocamento infinito do S1 e o recuo programado do S2. Outra forma de representar esse processo é a seguinte: o S2 da fórmula (S1 – S2) é substituído pelo par (S1 – S2), assim temos o par S1 (S1 –S2) em que o S2 será novamente substituído pela relação (S1 – S2), e assim por diante. (Fingermann, 2009).

S1-(S1(S1-(S1-(S1-S2))))

> O que “não cessa de se inscrever é o Um – traço unário que distingue e afirma: “1-1-1”, como se declarasse: “sou, sou, sou...” e sempre falta dizer “O quê?” (...) “A ‘relação’ S1- S2 revela de fato a conjunção impossível de S1 e S2 e a disjunção do S1, significante mestre da identificação do sujeito, com “a”, signo da singularidade que escapa à sua alienação ao Outro. (...) O recurso ao par ordenado indica com a marca do impossível que: não há relação. (...) *O neurótico burla essa disjunção escrevendo-a com a verdade mentirosa: ($ ◊ a) axioma da fantasia, que faz coesão/coerência logo no ponto em que se encontraria a inconsistência da sequência infinita dos 1.1.1*. (Fingermann, 2009, p. 24 [grifo nosso]).

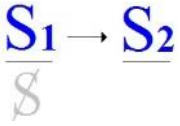
Repetição da falha e recuo programados pela lógica do significante segundo o princípio de que o significante “não pode significar a si mesmo”, e pela regra de formação do conjunto do par ordenado que estabelece como critério de inclusão somente os elementos que apresentam a propriedade de “não pertencerem a si mesmos”.

Importante notar que em determinado ponto de ligação do S1 ao S2, “se abra esse essa falha que se chama sujeito”, que consiste ao mesmo tempo numa falha da representação do sujeito. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 82). Como se vê no diagrama da multiplicação dos conjuntos, **a falha dá o lugar do objeto**, lugar esvaziado pela ação da estrutura, lugar em que o discurso do sujeito ganharia consistência, é também designado nessa construção como: o **lugar da verdade**, como furo da verdade no saber. Contudo, quando passamos do diagrama dos conjuntos para a fórmula dos discursos**, o lugar da produção do objeto *a* e o lugar da verdade se separam**. O objeto continua ocupando o lugar da produção, e ao sujeito dividido é reservado o lugar da verdade, como veremos na continuação da formalização desse discurso fundamental da qual resultarão outros três.

CAP. 3. APARELHO ALGÉBRICO, DISCURSO SEM PALAVRAS

Na abertura do Seminário XVII *O avesso da psicanálise* (1969-1970/1992), Lacan retoma a fórmula fundamental (Figura 12) a fim de escrevê-la de uma nova maneira, diz: “é no instante mesmo em que o S1 intervém no campo já constituído dos outros significantes, na medida em que eles já se articulam entre si, que ao intervir junto a um outro do sistema, surge isto, $, que é o que chamamos de sujeito dividido (Lacan, 1969-1970/1992, p. 11).

Figura 12. Fórmula fundamental



> Nós sempre acentuamos que desse trajeto surge alguma coisa definida como uma perda. É isso que designa a letra que se lê como sendo o objeto *a*.

> Fonte: Lacan (1969-1970). Lição de 11.03.1970. http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

> Não deixemos de designar o ponto de onde extraímos essa função do objeto perdido. É do discurso de Freud sobre **o sentido específico da repetição** no ser falante.
> A repetição tem uma certa relação com aquilo que, desse saber é o limite, e que se chama gozo. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 13 [grifo nosso]).

É a tentativa, a partir de Freud, de avançar com a articulação lógica do saber como gozo do Outro, e do gozo como ponto de inserção do aparelho: “há uma relação primitiva entre o saber e o gozo, e é ali que vem se inserir” o significante. “O saber, isto é o que faz com que a vida se detenha em certo limite em direção ao gozo”, o caminho para a morte. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 16). É no caminho inverso a esse, segundo a aposta da análise, que reconhecemos que é da tentativa de deter o processo, que da relação S1 – S2 pode surgir então *o sujeito dividido* que representa algo de uma perda da unidade. Fato é que a partir dessa perda a relação com o gozo que se estabelece pela via do mais-de-gozar se acentua por essa função que aí se anuncia que é a **função do desejo** (*Désir* / *Vérite* - Figura 12).

Lacan retoma também aquilo que entende estar em questão na definição do discurso como uma ***estrutura necessária,*** que opera por um ***discurso sem palavras***: “o que eu prefiro é um discurso sem fala, o que não designa nada além do discurso sustentado pela escrita”. (Lacan, 1968- 1969/2008 p. 156). Discurso em que se inscrevem certas relações estáveis cujo alcance sobre o sujeito e sobre o laço social é bem mais amplo do que a eventualidade da palavra falada. Contudo,

trata-se de *um discurso sem palavras* em no mínimo dois sentidos, segundo nossas vertentes:

1. A vertente do discurso sem palavras tal como o encontramos na experiência analítica sob a forma do supereu, por exemplo, e também pela ação mesma dessa estrutura posta em ato no qual também "não há necessidade de palavras para que nossa conduta, nossos atos, eventualmente se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais". (Lacan, 1969-1970/1992, p. 113).

2. A vertente do discurso sem palavras, como um processo de escrita e uma produção cujas elaborações se coligam e delimitam um novo campo de racionalidade para psicanálise, daí a elevação dessa modalidade de discurso em Lacan a categoria de *essência da teoria psicanalítica*. (Lacan, 1968-1969/2008).

Como já sublinhamos a própria escrita deve ser tomada num duplo registro, porém num terceiro sentido. Nesse modo da estrutura de um "discurso sustentado pela escrita", a referência que Lacan faz a letra não separa o plano teórico como forma de cernir e articular em fórmulas elementos que seriam dados a observação. Não se trata disso, por que isso pressupõe que a realidade seja dada. O que não podemos deixar de sublinhar é que na modalidade de estrutura proposta por Lacan tais operações com a escrita agem no plano ontológico como estruturando relações que determinam uma ordem de realidade. A escrita estrutura uma ordem de realidade como realidade do discurso tal qual o caso do Direito que Lacan cita como exemplo, pois não há dúvida que nessa perspectiva o Direito como discurso "estrutura o mundo real". (Lacan, 1969-1970/1992, p. 113).

Na verdade, Lacan toma uma posição epistêmica tal que radicaliza as operações com uma determinada escrita teórica, com forte traço heurístico, que também encontramos em Freud desde seus primeiros esboços teóricos.[13] Assim,

[13] Em síntese, podemos dizer com Assoun que "a pesquisa científica é, para o jovem Freud, essencialmente, uma técnica. O que Freud coloca sob o termo "ciência", através daquilo que se efetivamente faz, é uma técnica heurística". (1983, p. 120, 1983). Para os detalhes do modo de construção com que Freud conduz sua pesquisa metapsicológica, remetemos o

após a separação e diferenciação das duas vertentes, da pesquisa em ato na vertente do método de tratamento (*Forschung*), e da pesquisa escrita enquanto pesquisa científica retrospectiva (*Untersuchung*), é preciso observar que estamos tratando de uma separação de cunho ético metodológico. O que não se aplica ao plano conceitual discursivo, neste plano vige a concepção que Lacan encontra em Koyré (2006, 1991) de que a experiência é preparada pelo conceito, a teoria estrutura e organiza a experiência[14].

É o que justifica Lacan falar em termos de uma "prática da estrutura", o que nesse contexto, é o mesmo que dizer um "discurso sem palavras". Nessa descontinuidade que se estabelece a fim de que se possa reconhecer a especificidade de cada campo, no que diz respeito à relação da psicanálise com a ciência, para Lacan o discurso em questão nesse contexto científico é o "discurso da matemática" (Lacan, 1973/2003, p. 452). Um discurso em que se podem investigar e propor modelos, ou seja, instrumentos de leitura e interpretações da estrutura cujas operações incidem na construção da experiência. Modelos que, neste estudo, serão postos a prova dos princípios que regem a direção da cura. É nesse sentido ético que entendemos a afirmação de Lacan sobre a ordem seriada que o discurso estabelece aos dados da experiência, pois se por um lado consideramos a extensão que o axioma "o inconsciente estruturado como linguagem" atinge na teoria, por outro, não se pode esquecer que "é na análise que ele se ordena como discurso". (Lacan, 1973/2003, p. 452).

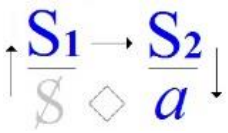
> Por meus ofícios, foi elaborada uma tentativa, que é esta a que chego agora após haver gasto o tempo que foi preciso para dar-lhe forma. *É uma tentativa de instaurar o que necessitava para manipular decentemente uma noção, encorajando os sujeitos a confiarem nela e com ela operarem*. É o que se chama o psicanalisante. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 188 [grifo nosso]).

---

leitor, para além do livro de Paul-Laurent Assoun, aos trabalhos de Zanetti, 2005, 2006a, 2006b, 2007; Zanetti & Simanke, 2011; Milidoni, 1993.

[14] "Vivemos no nível dos conceitos bem mais do que acreditamos". (Lacan 1954-55/1985, p. 63).

A proposição de uma escrita que possibilita a ambos, analista e analisante, operar com o discurso numa situação simbólica concreta. Para o analista, o discurso se reduz a "uma sequência algébrica que se sustenta por constituir uma cadeia cujo ponto de partida está nesta fórmula" – repetida uma centena de vezes, diz Lacan (1969-1970/1992, p. 188) – mas que ainda assim tem o mérito de articular dá forma mais reduzida possível o sujeito ao significante numa "inscrição fundamental":



> Trata-se de articular uma lógica que, por mais frágil que pareça – minhas quatro letrinhas que não parecem nada, salvo que **temos que saber as regras segundo as quais elas funcionam** -, é ainda bastante forte para comportar aquilo que é o signo dessa força lógica, a saber, a incompletude. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 193 [grifo nosso]).

Assim, temos uma sucessão de letras que formam uma cadeia simbólica em que a ordem na qual se apresentam os elementos importa, tal como no par ordenado, pois para que saibamos como funciona, a ordem dos elementos não pode a princípio ser alterada. O que indica aí uma sequenciação fundamental que determina no sentido forte do termo a estrutura significante. Nesse nível, observa Lacan que só temos que conhecer o modo como essa estrutura opera. Esse é o ponto chave da investigação dos discursos.

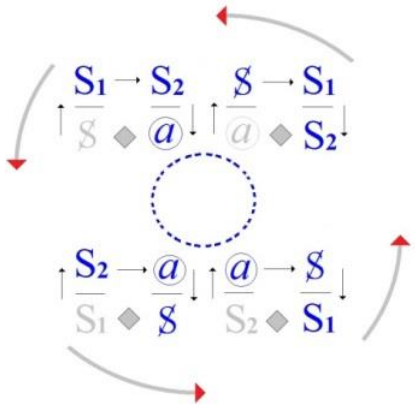
Na busca de saber o modo como opera essa estrutura, a construção, o tipo de pergunta e o encaminhamento proposto por Lacan não deixa dúvidas quanto à metodologia heurística com que conduz sua pesquisa. Tanto que, diante da questão de saber das regras segundo as quais essa estrutura funciona, a resposta é: o experimento lógico. Para tanto, é preciso que o problema tenha sido formulado em termos matemáticos, nesse caso em específico uma fórmula algébrica formando um grupo covariante. Cumprida essa etapa, continua Lacan: "temos a liberdade de ver no que dá isso se escreveremos as coisas dando a todo o sistema **um quarto de giro**" (Lacan, 1969-1970/1992, p. 12 [grifo nosso]).

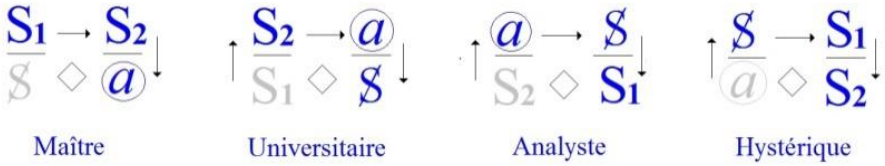
Um experimento com a escrita que a nosso ver se faz em quatro grandes momentos: a elaboração do problema, o estabelecimento da fórmula, a operação do quarto de giro e o que este produz, as regras que essa estrutura exige para funcionar, e por fim, propor testes e conferir sua funcionalidade clínica. Testes que no nosso caso serão propostos a partir da investigação de um determinado percurso da transferência na direção da cura. Trata-se através dessa escrita saber como esta modalidade específica de transferência – como posta em ato da realidade do inconsciente – pode se fazer representar pelos elementos simbólicos nessa estrutura em movimento.

CAP. 4. DO ¼ DE GIRO A VOLTA COMPLETA, QUATRO DISCURSOS

Tendo por base essa estrutura inicial cujo processo de falha representa, de um lado a perda de identidade do sujeito, e de outro, a inscrição de uma falta no Outro, ao nos dedicarmos então “à operação de quarto de giro” que é a chave do problema, “iremos obter quatro estruturas”. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 12). Num movimento que confere ao aparelho quatro posições fixas, nas quais operação de um quarto de giro no sentido anti-horário desloca os elementos sobre os lugares operando uma permutação entre os mesmos. Uma *volta completa* dos elementos sobre essa estrutura e obtemos com isso “quatro discursos radicais” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 18).

Figura 13. Uma volta completa e os quatro discursos radicais





Fonte: adaptado de Lacan (1969-1970). Lição de 26.11.1969. http://staferla.free.fr/.

Aparelho e aparelhamento do gozo que estamos apresentando numa ordem e num sentido definido não pela história como o faz Lacan no *Avesso da psicanálise,* e sim pela lógica e pelos princípios que orientam a direção da cura.[15] O que nos permitirá reexaminar com mais atenção o quanto a teoria dos discursos, não somente se apoia em fundamentos clínicos (Torres, 2013), mas pode também subsidiar uma clínica que tome os discursos numa perspectiva de conjunto, ou seja, um aparelho em que se articulam quatro discursos. O que até o momento não foi plenamente desenvolvido, haja visto os obstáculos que identificamos anteriormente quanto a passagem da análise pelo discurso universitário e o próprio estado inacabado de alguns aspectos de sua formalização.

Ainda com relação à apresentação dos discursos, do ponto de vista em que situamos nosso problema, é importante partir do reconhecimento de que aquilo que "descobrimos na experiência psicanalítica é da ordem do saber", de algo que liga "numa relação de razão" S1 e S2. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 28). E nisso temos duas observações preliminares, pontuais, porém de relevo para nossos fins. Primeiro, o texto chama-nos atenção de que, se a linguagem é condição do inconsciente, aquilo que possibilita essa ligação significante é a condição mesma exigida para que a linguagem funcione no ser falante, ou seja – a condição de que o significante *represente um sujeito* para outro significante. E segundo, que é justamente essa instituição do sujeito que possibilita que haja aí uma leitura. "Se há inconsciente" isso "significa que há um saber sem sujeito", todavia "esse saber só se revela como legível". (Lacan, 1967-1968, 2003, p. 372).

[15] Para uma apresentação dos discursos definidos a partir do ponto de vista histórico, bem como das relações entre psicanálise, história e ciência, remetemos o leitor aos trabalhos de Askofaré (2013) e Granger (1975/1967).

É o que permite, o exemplo é de Lacan, que possamos ler uma biografia, como uma escrita que ateste “o que uma vida acreditou haver sido seu destino”, e isso a luz – e aí o principal – “da noção de que não é certo que um saber se saiba”. Assim, acrescenta Lacan, o que é para nós uma fórmula: “não parece impossível que possamos *ler no nível de que saber inconsciente foi feito o trabalho* que decanta o que efetivamente é *a verdade* de tudo o que se acreditou ser.” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 28 [grifo nosso]). Nisso, sublinhamos a possibilidade da **leitura** e o lugar de destaque onde se situa a noção de **trabalho** nessa fórmula do discurso (Figura 14), numa relação com a **produção** e com a **verdade**, pois o que importa do trabalho, nessa estrutura, é *o que* dele se decanta como a **verdade** daquilo que o saber (S2) **produz,** ou seja, uma fantasia**.** Dito isso, Lacan nomeia esse discurso fundamental, discurso do mestre, o discurso do inconsciente.

Figura 14. Discurso do mestre e os quatro lugares

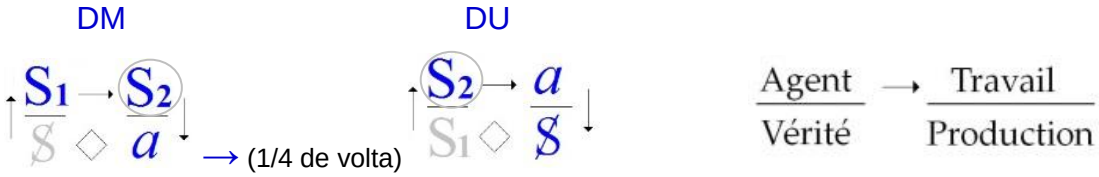
Fonte: Lacan (1969-1970). Lição de 10.06.1970. http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

> Para operar com o esquema do discurso do M maiúsculo, digamos que o **trabalho escravo, invisivelmente, é que constitui um inconsciente não revelado**, que dá a conhecer se essa vida vale a pena que se fale dela. O que de verdades, verdadeiras, fez surgir tantos desvios, ficções e erros. O saber, então, [S2] é posto no centro, na berlinda, pela experiência psicanalítica. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 28).

Correlacionada a essa elaboração que dá relevo a noção de um saber descompletado de si mesmo, de um saber sem sujeito, Lacan contrapõe a ideia contrária, de que “o saber” de alguma forma “possa constituir uma totalidade”, ou de

que o saber possa engendrar uma “ideia imaginária” de um corpo todo completo. A partir do momento em que é feita uma “colusão dessa imagem [de um todo completo] com a ideia de satisfação - eis contra o que temos que lutar”. Esse é segundo Lacan “o obstáculo, o limite”, é mesmo a “névoa onde perdemos a direção e onde nos vemos obstruídos.” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 28). Essa é também uma situação que podemos ler com a ajuda do discurso quando deslocamos o saber S2 do campo do Outro no discurso do mestre DM para o lugar do agente no discurso seguinte, o discurso universitário, discurso do saber DU (Figura 15). É o que veremos a seguir, no exame da passagem discurso do inconsciente para outro discurso, o discurso denominado por Lacan, não sem hesitação, como discurso universitário.

Figura 15. Giro anti-horário do discurso do mestre para o discurso universitário



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). Lição de 11.02/10.06.1970.http://staferla.free.fr/. (Acesso livre).

A leitura clínica que realizamos nas entrelinhas da construção de Lacan, propõe que se reconheça nessa passagem, um giro que no curso da análise representa a emergência de obstáculos ao trabalho de descobrimento pelas vias do discurso do inconsciente DM. Na vertente da direção da cura, a fórmula indica que um dos obstáculos advém desse deslocamento do saber S2 do lugar do trabalho no campo do Outro (A), tal como encontramos no discurso do inconsciente, para o lugar de agente no discurso universitário (Figura 15), o que faz desse discurso um “**discurso do saber**”. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 163). As consequências disso para o manejo da transferência é que com esse deslocamento do S2, não se trata mais de uma demanda de trabalho feita ao saber, como no caso do discurso do

mestre DM, e sim de um saber que ao localizar o objeto no campo do Outro, demanda o outro como objeto. Um discurso DU que faz a seguinte exigência àquele que aí se instala no lugar do agente: que, no lugar do senhor antes ocupado pelo S1, institua-se no lugar do agente um “ser todo-saber” (*d’etre tout-savoir*) (Lacan, 1969-1970/1992, p. 29). Ou na referência, a economia política, um saber de senhor, um S2 que, segundo a fórmula, assenta-se e extrai seu poder de uma referência oculta determinada pela posição primitiva do significante mestre no lugar da verdade, ou seja, um imperativo inquestionável. (Figura 15).

O produto dessa operação de discurso dominada pelo S2 na posição de um *ser todo-saber* é a destituição do sujeito no campo do Outro. Já o resultado disso para o agente é que àquele que esse lugar ocupa, por razões de estrutura, a ele escapa, exatamente o principal, aquilo que motiva sua obediência alienada a um ideal sem sujeito. Ou seja, no campo do amor e do trabalho “ele não sabe o que quer”, uma vez que isso também o apaga como sujeito. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 30).

O modo como estamos construindo e apresentando os discursos tem por objetivo dar sustentação a uma leitura possível que descobrimos no curso de nossa pesquisa. Uma leitura que a nosso ver permite situar nesse aparelho um momento específico da transferência na direção da cura. Nesse caminho, damos um passo com a seguinte questão posta por Lacan: se há um saber que não se sabe instituído no nível do S2, o que nos concerne no ato analítico? **O que o analista institui** com seu ato nesse discurso do saber DU? Em outras palavras, do ponto em que nos encontramos na apresentação dos discursos, o que a passagem do discurso universitário pelo discurso do analista promove? (Figura 16).

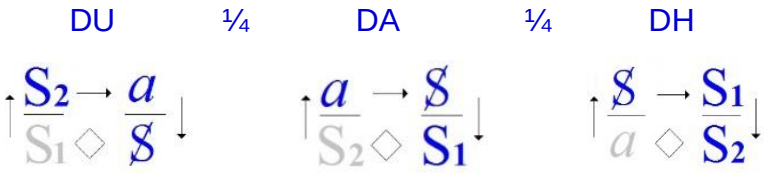
> O que se institui como experiência analítica pode-se dizer simplesmente – é a histerização do discurso. Em outras palavras, é a introdução estrutural, mediante condições artificiais, do discurso da histeria. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 31).

No que diz respeito ao curso da análise, todos aqueles que a ela se submetem são impelidos a essa passagem pelo discurso da histeria, essa é a lei, afirma Lacan, é a regra do jogo. O que queremos provar é que essa lei, segundo a

qual a regra do jogo institui, deve passar pelos quatro discursos, enquanto estruturas necessárias e covariantes.

Esse movimento que introduz a histerização do discurso como efeito do ato analítico, marca a entrada na análise por um giro de discurso mediado pelo discurso analítico. Ponto em que se faz outro discernimento crucial para o que virá depois e que devemos observar, pois Lacan nomeia o discurso da histeria como o ***discurso do analisante*** e diz que se "existe o discurso do analista e este não se confunde com o discurso do psicanalisante, com o discurso proferido efetivamente na experiência analítica". (Lacan, 1969-1970/1992, p. 31).

Figura 16. Passagem do discurso universitário DU pelo discurso do analista DA em direção ao discurso da histeria DH



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

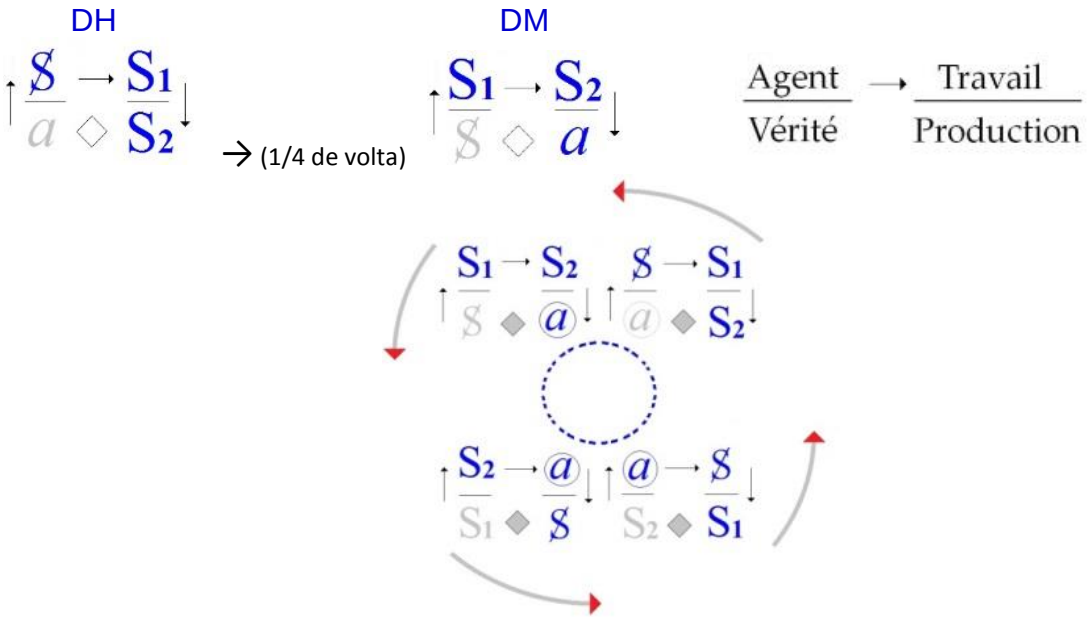
Dois quartos de volta no sentido anti-horário e o sujeito dividido, do lugar da produção no discurso universitário DU passa ao lugar de agente no discurso da histeria DH. (Figura 16). A histerização do discurso constitui, segundo Lacan, "**o próprio fundamento da experiência analítica**", uma vez que esse discurso confere ao outro, como sujeito, o lugar dominante. Esse sujeito, que vindo de uma passagem pelo lugar do trabalho no discurso do analista DA, ao produzir aí uma separação em relação aos significantes mestres de sua alienação ao Outro, passa a ocupar no momento seguinte o lugar de agente de um discurso que produz um saber DH.

O discurso da histeria DH como entrada em análise é um discurso que exige a passagem pelo ato analítico que faz do outro um sujeito e o remete ao lugar do trabalho. A separação que aí se produz ($ → S1) faz do sujeito um analisante "a quem se solicita [nesse giro para o discurso da histeira] que abandone qualquer

referência que não seja a das quatro paredes que o envolvem, e que produza significantes que constituam a associação livre soberana.” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 32). Confiante de que nessa produção, por se tratar de significantes, “não há nada que não se reporte àquele saber que não se sabe, que na verdade é o que trabalha” no inconsciente. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 32).

Desse modo temos, num sequenciamento bastante dinâmico, mais um quarto de giro nos discursos. Pois nessa produção do discurso da histeria DH como discurso do analisante, os significantes produzidos pela associação livre *reportam*, segundo Lacan, àquele *saber que não se sabe* tal como o encontramos no discurso do inconsciente DM. Uma passagem que desloca o trabalho da análise para outro discurso. Momento de travessia em que o sujeito paga com a renúncia a certa satisfação com suas queixas e aceita deixar-se representar pela série dos S1, significantes enigmáticos, tal qual eles se apresentam nesse processo de falha do saber S2 pela via das formações do inconsciente.

Figura 17. Passagem do discurso da histeria DH para o discurso do inconsciente DM



Uma volta completa

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Segundo a direção da cura, nesse retorno ao ponto de partida (DH-DM) deve ocorrer uma retificação da posição do sujeito com relação às formações do inconsciente que na análise dos sintomas colaboram para a construção da fantasia. Os significantes S1 que aí ocupam o lugar do agente no discurso do mestre DM não ocultam mais a divisão do sujeito. Segundo a fórmula, a relação sujeito-significante-saber, produz como perda um objeto que é aparelhado pela fantasia ($ ◊ *a*) que se forma no andar de baixo do discurso DM e que, vale lembrar, estabiliza a estrutura à custa da fixação do sujeito a um objeto produzido como mais-de-gozar. (Figura 17). Do ponto de vista do percurso, assim se *completa uma volta*, contudo, como examinaremos a seguir, depois de uma volta completa, os elementos não são mais os mesmos.

CAP. 5. QUE ENSINA S2 NO LUGAR DA VERDADE E O OBJETO NO CAMPO DO OUTRO?

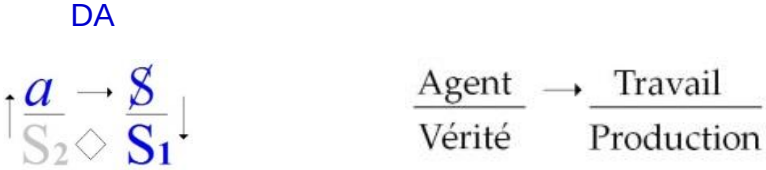
Muito importante notar o quanto heurístico é esse manejo das fórmulas por Lacan. O leitor logo percebe que, seguindo o movimento de construção das fórmulas no Seminário XVII, a passagem pelo discurso do analista DA que conduz a histerização do discurso DH é realizada antes mesmo que esse discurso DA tenha sido minimamente caracterizado nesse novo contexto, deixando uma lacuna na construção. Concordamos que isso põe questões para a estruturação de uma tese. Contudo, assumimos os riscos de acompanharmos esses movimentos com a escrita, afim de que possamos estudá-los. Pois entendemos que Lacan assim procede justamente por não tratar-se da apresentação de um sistema com suas articulações ou da gênese de um conceito, e sim de um movimento de descoberta orientado por uma determinada metodologia.

Todavia, não se pode reduzir as antecipações, suspensões e recuos de Lacan na apresentação das fórmulas à lógica da pesquisa. Numa leitura atenta desses recuos, também podemos observar o atravessamento de motivos éticos e políticos, como ocorre, por exemplo, na hesitação de Lacan em nomear o discurso em que o S2 ocupa o lugar do agente, como discurso universitário, assinalados na introdução desse trabalho. (Cf. Nota de rodapé nº 1). Alguns desses movimentos no

tempo da construção e na instabilidade semântica certamente são determinados pelo contexto em que Lacan se encontra em seus seminários atravessados pelos protestos estudantis de maio de 1968. Embora não façam parte do escopo de nosso estudo, ainda assim não podem deixar de serem mencionados. Para o exame desse contexto e do posicionamento de Lacan que aí propõe sua teoria dos quatro discursos, remetemos o leitor aos seus próprios seminários, com destaque para os livros XVI e XVII e principalmente as lições de 13.11.1968 (Lacan, 1968-1969/2008) e a lição de 03.12.1969 realizadas no centro experimental universitário de Vincennes. (Lacan, 1969-1970/ 1992). Para o exame das relações entre política e psicanálise pela via de uma política dos discursos, remetemos o leitor ao trabalho de Checchia (2015) *Poder e política na clínica psicanalítica*.

Dando continuidade à construção, Lacan, após antecipar a introdução da histerização do discurso pela mediação do discurso analítico, recua um quarto de giro para recolocar a questão sobre o que está em jogo nesse discurso do analista.

Figura 18. Discurso do analista



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

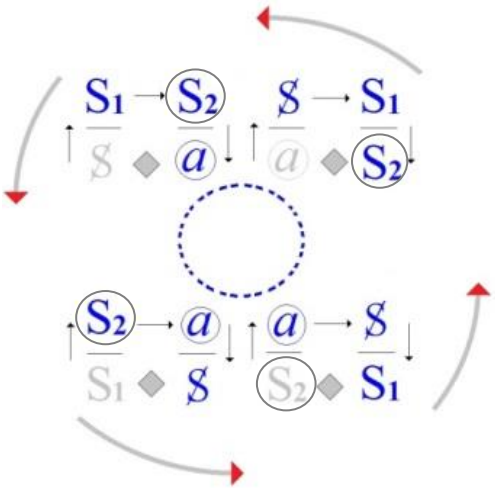
E essa é uma passagem muito importante, pois faz referência ao ato psicanalítico, definido como sendo aquele que autoriza a tarefa psicanalisante. (Lacan, 1967-1968/ n.d., lição 07.02.1968, p. 140). Nesse discurso, o analista está no lugar do agente, ele é o mestre, mas sob que forma pontua Lacan, e "por que sob a forma de *a*?" (Lacan, 1969-1970/1992, p. 33). Lacan não responde diretamente e faz observar que a reposta à questão não pode ser dada sem que se observe que o objeto *a* no lugar de agente somente se sustenta e mesmo se define por haver um saber S2 no lugar da verdade. (Figura 18). Mas antes vejamos:

1º. Como coloca a questão desde uma perspectiva de conjunto na relação aos outros discursos, numa determinada sequência e num movimento de passagem de um discurso a outro.

2º. Não menos importante, o modo como indica que quando um elemento muda de lugar ele passa por uma transformação, ao final da qual "ele já não é mais o mesmo". No caso do saber S2 (Figura 19), por exemplo, diz:

> **Mas o que é preciso compreender deste esquema** – como já foi indicado ao colocar S2 no discurso do senhor [DM], no lugar do escravo, e em seguida colocá-lo (S2) no discurso do senhor modernizado [DU] no lugar do senhor – **é que não é o mesmo saber.** (Lacan, 1969-1970/1992, p. 33 [grifo nosso]).

Figura 19. Posição do saber S2 de um discurso a outro



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Aqui se abrem dois caminhos, um que dá continuidade a construção do conjunto dos quatros discursos e sua semântica e outro, que conduz a investigação de quais propriedades e combinações respondem pelas transformações dos elementos, aqui introduzida pela consideração do saber, S2, no lugar da verdade.

Nós percorreremos os dois, mas não ao mesmo tempo; primeiro a via semântica, segundo sua sintaxe. No entanto, não podemos deixar de marcar o surgimento das transformações dos elementos nesse ponto da elaboração. Definido a operação do quarto de giro, as transformações surgem como possibilidades decorrentes das permutações dos elementos sobre os lugares. Trata-se de investigar quais as combinações respondem pela produção de mudanças na função dos elementos na passagem de um discurso a outro. É preciso notar que essa transformação do saber, proposta por Lacan, abre um novo capítulo de sua pesquisa.

Dito isso, retomemos o experimento e a questão heurística que Lacan nos coloca nessa passagem: “O que nos ensina agora a posição do S2 no lugar da verdade? O que é a verdade como saber? Seria o caso dizê-lo: - como saber sem saber? É um enigma. Essa é a resposta.” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 33 -34). Assim, segundo a estrutura do discurso do analista DA à função do saber no lugar da verdade é a função do enigma: um *semi-dizer*, ou seja, o que se denomina interpretação no sentido analítico do termo. Algo similar ao que o corpo representa no discurso da histeria DH, que situando o objeto *a* no lugar da verdade propõe ao significante mestre no campo do Outro seus enigmas. Lacan compara e articula a operação da *interpretação* com a da *citação*, fazendo-as equivaler ao par enunciado-enunciação. A interpretação que faz enigma está para enunciação, assim como a citação está para o enunciado.

Essa articulação ordenada se distribui como operações possíveis na transição entre dois discursos, o discurso do saber DU e o discurso do analista DA:

- A citação, segundo a estrutura do discurso universitário, que se apoia no nome do autor, operando com o significante S1 no lugar da verdade.

- A interpretação que ocorre segundo a estrutura do discurso do analista, apoia-se no saber da estrutura, operando com o S2 no lugar da verdade.

A citação supõe a participação do leitor no discurso. A interpretação institui o sujeito. E aqui uma nota importante, um tanto perturbadora do já sabido, pois o texto considera que a citação no discurso do saber DU, contrário do que pode se imaginar, participa a sua maneira do mesmo registro do *semi-dizer* que a interpretação. Vejamos o que diz: “O fato de que se cite ou não um autor” tem seu

grau de importância, uma vez que nesse discurso o autor constitui a base em que se apoia o enunciado:

> Suponham que num segundo tempo alguém cite uma frase indicando onde ela está, o nome do autor, por exemplo, do Sr. Ricoeur. Suponham que se cite *a mesma frase*, colocando-a [agora] sob o meu nome. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 35 [grifo nosso]).

Nesse momento, vê-se claramente como muitas vezes Lacan passa com velocidade de um campo a outro de pesquisa sem dar sinal de que irá fazê-lo, como aqui apreendemos com a passagem da questão da citação com sua função no discurso universitário para sua função na direção da cura. Pois é precisamente quando - sem saber - "*se cita a frase de um colocando-a sob o nome de outro*", que se constitui aquilo que na análise "dá o meio – e, por assim dizer, o título – sob o qual a interpretação intervém". É sobre a citação que interpretação intervém como enigma "colhido tanto quanto possível, da trama do discurso do psicanalisante". (Lacan, 1969-1970/1992, p. 35). Temos, assim, duas operações significantes concernentes à estrutura de dois discursos que se articulam e se sucedem uma a outra na tarefa analítica. Pelo ato analítico, que opera o quarto de giro, o que é citação sem referência em um se faz enigma no outro.

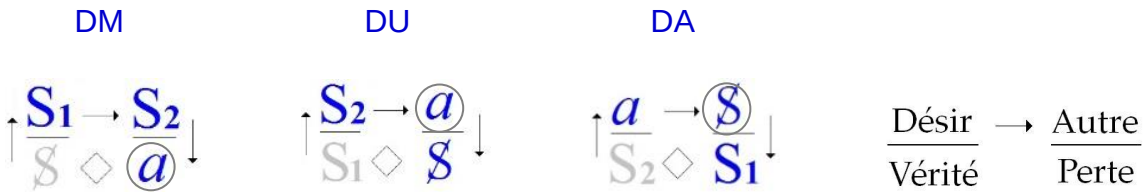
Desde Freud, como vimos em *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914/2017), essa substituição de um que se coloca no lugar do outro é a via pela qual se instala a neurose de transferência. Outra cena toma lugar da situação presente, e o analisante não a reproduz como lembrança, mas como atuação, ele repete. É a via pela qual os sintomas da neurose adquirem um novo significado transferencial. Pouco a pouco sua neurose de origem é substituída por uma neurose artificial que é o meio pelo qual a neurose se faz acessível a nossa intervenção. Como já destacamos, trata-se para Lacan da criação de um *modelo*: "fazer um modelo da neurose é, em suma, a operação do discurso do analista". (Lacan, 1971-1972/2012, p. 146). A introdução de um modelo que subtrai a neurose sua dose de gozo. Ali, onde havia uma repetição vã, damos lugar para que se consuma, para que se realize enquanto discurso e assim seja aparelhada. Pois "uma repetição consumada o dissolve, por ser uma repetição simplificada. (Lacan, 1971-1972/2012, p. 146).

Esse trilhamento de operações conduz Lacan a uma reviravolta na questão da transferência no que tange seu aparelhamento pelos discursos. O que impressiona “nessa instituição do discurso analítico que é a mola-mestra da transferência, não é como alguns pensaram ter escutado de mim, [diz Lacan] que o analista, seja ele colocado na função do sujeito suposto saber”, e sim que se trata de saber nessa transição entre discursos, “de que o analista toma o lugar, para desencadear o movimento de investimento do sujeito suposto saber”. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 35). Segundo a definição de que o sujeito é aquilo que o significante representa para outro significante, o investimento que supõe um sujeito ao saber, é, a princípio, uma operação do lado do analista. Por motivos éticos e teóricos, é preciso supor aos “significantes” colhidos do discurso do analisante “a representação de um sujeito para outro significante”. Assim, a questão: de que o analista toma o lugar para que o sujeito possa advir, articula a estrutura do discurso do inconsciente DM a operação da transferência. Se a palavra é dada ao analisante e visa à instituição do sujeito no lugar do trabalho, ao analista a transferência reserva o lugar do agente na posição de objeto.

Para que o analista chegue a ocupar o seu lugar é preciso que haja uma transformação no discurso do saber DU. Veremos com a construção do caso clínico que o analista ao assumir a posição do saber S2 no lugar do agente, ele altera a função desse elemento na estrutura. O analista aceita a transferência mas renuncia com seu ato a exercer a posição de um *ser todo-saber*. Como veremos, sua renúncia faz enigma, faz furo no saber. É o que permite que num segundo momento possa assumir no discurso analítico DA à posição do objeto da transferência por onde se instalará no curso do tratamento uma neurose artificial.[16] Uma operação que adquire uma precisão algébrica com a teoria dos discursos, pois a leitura da neurose de transferência através dessa passagem do discurso do saber para o discurso do analista (DU-DA) torna possível formalizar o movimento estrutural que permite ao analisante localizar o objeto em questão no campo do Outro, como condição da emergência do sujeito no lugar do trabalho. (Figura 20).

[16] Cf. Parte I, cap. 2 e cap. 3.

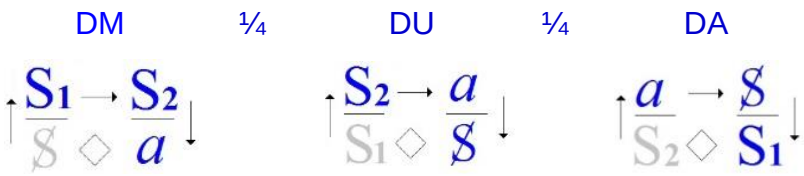
Figura 20. Localização do objeto *a* no campo do Outro, emergência do sujeito no lugar do trabalho



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Nessa localização, o analista, para ocupar o lugar que lhe imputa a transferência, paga com sua pessoa, um dos princípios da direção da cura. O analista empresta sua pessoa a fim de operar uma mudança, pois é o analisante, vale lembrar, aquele "de quem se supõe" que a fala em análise "conduz a um saber". Nesse giro do discurso do inconsciente para o discurso do saber (DM-DU), trata-se do lado do analisante de poder operar com o saber S2 inconsciente transferindo-o ao analista no lugar do agente, diante do qual o sujeito se apresenta identificado à posição de objeto. Com a passagem para o discurso do saber DU, o objeto da pulsão fixado pela fantasia (**S ◊ *a***) no discurso do inconsciente DM emerge no discurso manifesto no campo do Outro no lugar do trabalho. Como veremos, com esta posta em ato da realidade sexual do inconsciente na transferência, o analista responde em ato, sua renúncia em exercer o poder que a transferência lhe atribui, altera a função do saber S2 no lugar do agente. O ato analítico faz do saber "cesto furado", "cesta do desejo" a fim de garantir ao analisante o vazio necessário, ou o oco, segundo a Coisa freudiana, a fim de que o desejo se realize enquanto desejo do Outro. (Lacan 2003/1970, p. 395). Processo pelo qual se encontra o caminho para um giro transformativo do discurso do saber para o discurso do analista (DU-DA).

Figura 21. Giro transformativo em direção ao discurso do analista DA



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Um novo discurso *onde o objeto*, ao mudar de lugar, muda de função, se faz causa do desejo e ao se deslocar para o lugar de agente *cede lugar a emergência do sujeito dividido* que assume aí uma posição de trabalho no campo do Outro. Esse novo discurso, DA, dá ao analisante a chance de produzir e de se separar, se esse for o caso, dos significantes S1, traços idealizados de sua *paixão* significante, aos quais seu desejo se encontra alienado.

É por esse percurso da transferência - que se faz pela passagem do discurso do inconsciente para o discurso do saber (DM-DU) e do discurso do saber ao discurso do analista (DU-DA) que verificamos os giros pelos quais o analista chega, pela via do enigma, a se fazer objeto "causa do desejo do analisante". A grande operação que ocorre nesse percurso é elevação pela qual o objeto *a* alcança a posição de agente do discurso, o que implica "um giro na função do objeto" (Torres, 2013) que nessa transição passa a ocupar o cerne em torno do qual se observa o desenvolvimento da neurose de transferência[17].

Essa modalidade de transferência aí formalizada marca um tempo na análise que se caracteriza pelo pêndulo que vai da atuação do inconsciente em transferência à perlaboração das resistências (*Durcharbeiten*). Uma prova de paciência para o analista lembra-nos Freud, no entanto estabelece a via pela qual se obtém os melhores resultados. Segundo Lacan, é nesse atravessamento do plano da transferência que o objeto da pulsão sofre uma desubstancialização que muito se deve ao efeito de rechaço do discurso analítico. Rechaço intrínseco, a função do desejo do analista em se prestar a satisfação da neurose pela redução do desejo à

[17] (Cf. Parte I, Figuras 5 e 6).

demanda, ou da transferência à sugestão. Veremos como isso pode resultar na queda das identificações primordiais (S1) que fixam a repetição sintomática, mantendo o recalcamento da fantasia e a persistência do retorno do recalcado. O que se faz acompanhar num movimento covariante do deslocamento do objeto para o lugar da dominante do discurso, lugar do desejo. Lugar que o analista ocupa sem preencher, deixa vazio o cesto, para que o desejo do sujeito aparelhe-se e realize-se enquanto alienação e separação do desejo do Outro.

PARTE III

GRUPO TRANSFORMATIVO E O GIRO NA FUNÇÃO DOS ELEMENTOS

CAP. 1. LUGAR E POSIÇÃO DO AGENTE, DE UM DISCURSO A OUTRO

A posição do analista na transferência na passagem do discurso do saber em direção ao discurso do analista (DU-DA), marca nessa construção que estamos examinando o primeiro movimento na caracterização do lugar do agente nas fórmulas dos discursos. A cada quarto de giro, cada lugar é ocupado por um dos quatro elementos que compõe as funções que se articulam nessa estrutura: S1, S2, $, a – significante mestre, saber, sujeito dividido e objeto *a*. As quatro estruturas são nomeadas com referência ao elemento que ocupa o lugar do agente. O lugar que se define por ser aquele a partir do qual e de "onde se ordena o discurso". (Lacan, 1969-1970/1992, p. 42).

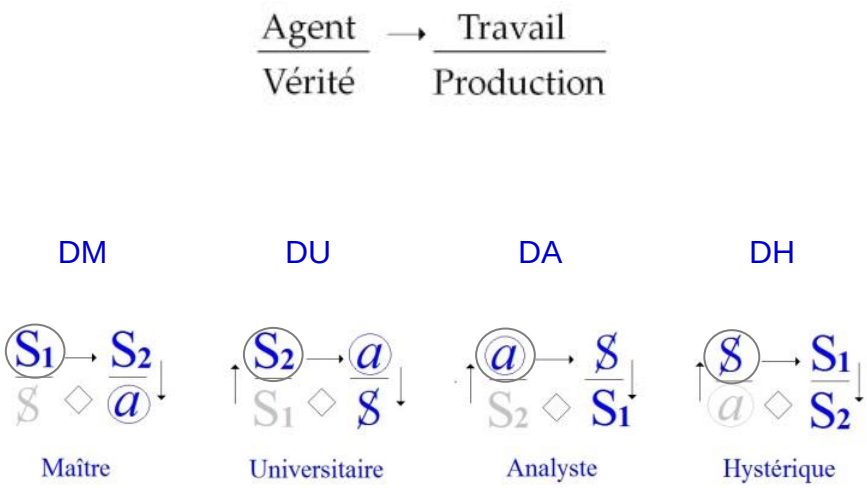
$$\frac{\text{Agent}}{\text{Vérité}} \rightarrow \frac{\text{Travail}}{\text{Production}}$$

> Se designamos o lugar do agente – seja qual for, não é sempre o do significante mestre, pois todos os outros significantes vão passar ali por sua vez –, a questão é a seguinte. O que é que faz agir esse agente? Como é que o extraordinário circuito (...) pode se produzir?
>
> (...) Qual é a verdade? É justamente ali que ela se situa, com um ponto de interrogação. **O que é que inaugura, o que é que põe em ação o agente**? (Lacan, 1969-1970/1992, p. 163 [grifo nosso]).

Nesse ponto, ao invés de seguir o ordenamento da estrutura como fará adiante com relação aos impossíveis, Lacan opta por mover a caracterização do lugar do agente em função daqueles agentes que estão definidos de maneira mais segura. Assim, sua exposição se apresenta na seguinte ordem: o objeto *a* no discurso do analista DA, o S1 no discurso do mestre DM e o $ no discurso da histérica DH, deixando o discurso universitário DU em suspenso. O que estabelece uma ordem de apresentação sem referência à ordem que os discursos ocupam na estrutura. Em consideração aos nossos desenvolvimentos anteriores que visam o tratamento do discurso universitário no contexto da cura, não iremos nesse ponto

acompanhar a sequência apresentada por Lacan e sim, na ordem que estamos investigando por regressão do quarto de giro no sentido anti-horário.

Figura 22. Lugar do agente e posição dos elementos a partir da qual se ordenam os quatro discursos



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

O lugar do agente de onde se ordena o discurso do mestre DM enquanto discurso do inconsciente, é ocupado pelo significante S1, que Lacan designa como sendo *a lei*. Pois existem “leis de estrutura que fazem com que a lei seja sempre a lei situada nesse lugar que chamo de dominante do discurso do mestre”. (Lacan, 1992/1969-1970, p. 41). A lei que se encontra na raiz da estrutura, na impossibilidade do significante representar a si mesmo, e que inaugura a lógica a partir da qual o significante se define como aquilo que representa um sujeito para outro significante.

O lugar do agente de onde se ordena o discurso universitário DU enquanto discurso do saber, é ocupado pelo saber S2. Como já temos desenvolvido, esse discurso em específico apresenta de fato um obstáculo semântico que se deixa apreender pelas dúvidas quanto a sua nomeação. “Que outro nome dar-lhe?” que não o de discurso universitário se pergunta Lacan. Ao longo do Seminário XVII, esse discurso adquire o nome que lhe convém a partir da posição do elemento S2 no

lugar do agente, denominando-se, assim: "*discurso do saber*" (Lacan, 1969-1970/ 1992, p. 163 [grifo nosso]). Todavia, esse é um dos momentos em que o obstáculo aparece de maneira aguda. Vejamos o modo como a questão se apresenta ao próprio Lacan: "*nossa dificuldade em responder o que constitui a essência, a dominante, do discurso universitário deve justamente advertir-nos de alguma coisa em nossa investigação*". (Lacan, 1992/1969-1970, p. 42 [grifo nosso]).

- ***Em que se baseia o uso crítico que faz Lacan da fórmula do discurso universitário*.**

O esclarecimento desse "alguma coisa em nossa investigação" tem sido crucial para nossos propósitos. Segundo o que estamos propondo, o sinal de advertência que vem dessa dificuldade nos indica a abertura por onde localizamos a existência de um obstáculo semântico sob a forma da crítica e da antipatia assumida por Lacan em relação ao discurso universitário e que tende no campo lacaniano a excluir a consideração dessa fórmula na direção da cura.

Este também é outro momento em que se observa nitidamente o modo com que Lacan modula sua posição e também como conduz a formalização dos discursos como método de pesquisa: "o que traço diante de vocês são as próprias vias em torno das quais, quando me interrogo, meu pensamento vagueia, erra, antes de encontrar os pontos seguros." O que se almeja é que do ponto de vista da cura pudéssemos encontrar para o discurso do saber algo tão seguro "quanto o sintoma quando se trata da histeria", por exemplo. (Lacan, 1992/1969-1970, p. 42). Ou seja, dar "um passo na ordem do descobrimento que nada mais é do que a chamada estrutura". (Lacan, 1992/1969-1970, p. 42). A resposta que estamos construindo que visa situar essa estrutura DU em sua relação com os outros discursos a encontramos pela via da neurose de transferência. Desde essa perspectiva o discurso universitário é aquele em que o saber S2 no lugar do agente ordena o discurso de forma a possibilitar ao analisante situar o objeto *a* no campo do Outro, no lugar do trabalho, que é uma forma de escrita do que reconhecermos como a localização do real da pulsão na transferência.

Para que seja possível dar esse passo na ordem do descobrimento a que se refere Lacan, façamos um parêntese para situar o obstáculo. Segundo a leitura que iremos propor, o discurso universitário pode ser considerado como uma variante do discurso do saber. A antipatia de Lacan contra essa variante semântica se baseia na forma como a psicanálise é introduzida pelo discurso universitário no laço social. Lacan utiliza como exemplo o que ocorre com uma tese universitária, a fim de analisar a lógica em ação nas inversões de sentido produzidas pelo modo universitário de transmissão da psicanálise.

Como temos constatado, do ponto de vista heurístico que temos conduzido nossa pesquisa, podemos concordar com Lacan quando afirma com relação à tese universitária que “o mínimo que transparece” com relação à sua obra é que ela “não se presta para isso”. É preciso muita atenção nesse momento, não se presta para isso o quê? A que Lacan está se referindo? Lacan nessa passagem está tecendo críticas a uma determinada leitura de seus Escritos que tende a inverter o sentido do que seu texto diz. Primeiro, vejamos o contexto em que situa a questão da tese e em seguida a inversão do sentido do texto segundo o que é possível localizar na estrutura por meio da relação entre suas fórmulas.

> Do motivo estritamente universitário, digo eu, resulta que a pessoa que me traduz, por ser formada no estilo, na forma de imposição do discurso universitário, não pode fazer outra coisa – creia ela ou não estar me comentando – se não **inverter minha fórmula**, isto é, dar-lhe um alcance, é preciso dizê-lo, estritamente contrário à verdade, e mesmo sem qualquer homologia com o que eu afirmo. Seguramente, a dificuldade própria em me traduzir para a linguagem universitária é também a que atingirá todos aqueles que, pela razão que for, se arriscarem a fazê-lo – e, na verdade, a autora da tese que mencionei foi impelida pelas melhores qualificações, as de uma boa-vontade imensa. Essa tese, que vai sair em Bruxelas, não deixa de conservar seu valor de exemplo também pelo que promove de distorção, de alguma forma obrigatória, em uma tradução ao discurso universitário de algo que tem as suas próprias leis. Essas leis, tenho que abrir-lhes a trilha (...), as condições de um discurso propriamente analítico. (...) O fato de que eu o enuncie aqui do alto de uma tribuna [auditório da Faculdade de Direito – Pantheon, Sorbonne] comporta, com efeito, o risco de um erro, um elemento de refração que faz com que, por algum lado,

> caia sob a ação do discurso universitário. Há algo aqui que provém de um desaprumo fundamental. (Lacan, 1992/1969-1970, p. 39 [grifo nosso]).

Por exemplo, diz Lacan, no caso de uma citação textual, “não é a mesma coisa dizer que o inconsciente é a condição da linguagem”, e dizer “que a linguagem é a condição do inconsciente. A linguagem é a condição do inconsciente, isto é o que eu digo.” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 35). A inversão sublinhada, Lacan a lê por meio de sua escrita do discurso universitário. Vejamos:

a) “A linguagem como condição do inconsciente”: a fórmula do discurso do mestre DM como discurso do inconsciente situa claramente a estrutura da linguagem como condição do inconsciente na medida em que a divisão do sujeito, que aí se encontra no lugar da verdade, *se dá por ação do significante S1* que representa o sujeito para outro significante.

Figura 23. Ação do significante na constituição do discurso do inconsciente DM

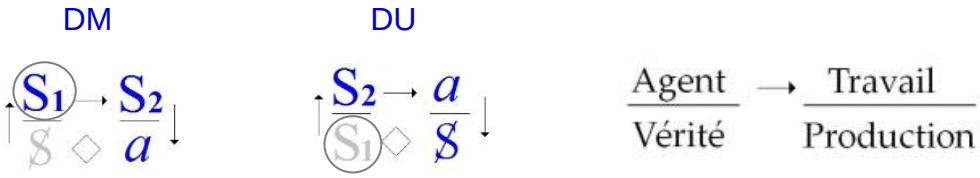
Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

b) Segundo Lacan, o modo como essa tese foi traduzida faz ver a lógica que opera no discurso universitário DU precisamente no momento em que o discurso inverte a proposição. Ali onde se postulava “*a linguagem como condição do inconsciente*” agora se escreve o contrário “*o inconsciente como condição da linguagem*”. Como a fórmula do discurso universitário permite localizar**, a inversão do sentido da tese consiste em colocar o significante mestre “Lacan” no lugar da verdade**. O lugar que no discurso do inconsciente era ocupado pelo sujeito dividido, no giro para o discurso universitário passa a ser ocupado pelo “Eu do mestre”. Passagem que implica num giro que altera a função do S1 ao deslocá-lo do

lugar do agente, cuja função era representar sujeito, para o lugar da verdade em que passa a exercer a função de Eu ideal.

> O mito do Eu ideal, do Eu que domina [a linguagem], do Eu pelo qual alguma coisa é pelo menos idêntica a si mesma, a saber, o enunciador, eis precisamente o que o discurso universitário não pode eliminar do lugar onde se acha a sua verdade. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 59).

Figura 24. Giro na função do S1, da representação do sujeito no discurso do inconsciente DM ao mito do Eu ideal no discurso universitário DU



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

A antipatia e o combate de Lacan contra essa variante semântica do discurso do saber como discurso universitário se baseiam no fato de que "como sintoma, [essa variante] traduz-se em instituições que veiculam ganhos secundários [por meio de uma política segregacionista]". (Lacan, 2003/1970 p. 391)[18]. Contudo, é muito importante observar que quando Lacan esta tecendo sua crítica a essa variante universitária do discurso do saber, ele está utilizando de sua fórmula, que em rigor, em sua pura sintaxe - como a boa fórmula matemática - não significa nada, para fazer dela a crítica a certo laço social que se faz em nome da psicanálise. Seria um erro excluir a utilização dessa fórmula em razão de uma leitura que dela fora feita

[18] O discurso universitário não é o único dos discursos no qual o obstáculo semântico e ideológico tende reificar sua estrutura, bloqueando seu uso na vertente da cura. Para um exame e tratamento dos mesmos tipos de obstáculo no caso do discurso do mestre, encaminhamos o leitor ao trabalho de Costa, A. M. R., Ribeiro, P. L., Gomes, V. (1997). *Análise e tratamento psicanalítico de estruturas discursivas*.

como se fosse a única leitura possível. Tanto é que o próprio Lacan deixa claro sua posição quanto a esse equívoco:

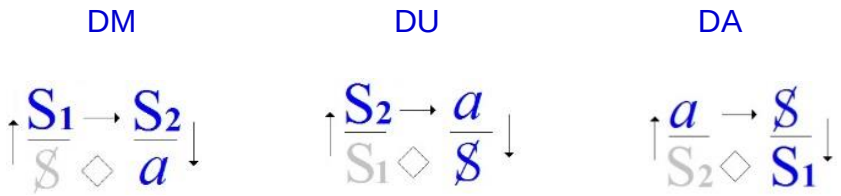
> Será bom, será ruim esse discurso? Eu o etiqueto intencionalmente de universitário porquê de certa forma é o discurso universitário que mostra por onde ele pode pecar, mas também, em sua disposição fundamental, é o que mostra [por exemplo] onde o discurso da ciência se alicerça. (Lacan, 1969-1970/ 1992, p. 97).

Portanto, o que não se vê, e esse é o obstáculo que ainda é preciso superar, é que ao criticar o discurso universitário, Lacan não está criticando ou desautorizando o uso da fórmula do discurso do saber na investigação dos discursos com relação à ciência, por exemplo, e muito menos com relação à direção da cura. Pelo contrário, esse uso crítico de sua fórmula mostra apenas *um* dos vários motivos pelos quais essa escrita do discurso, segundo o próprio Lacan, "nos interessa em alto grau", (Lacan, 1969-1970/1992, p. 51).

Vejamos como se comporta a dominante do discurso na passagem do discurso do saber DU ao discurso do analista DA. O lugar do agente de onde se ordena o discurso do analista DA, é ocupado pelo objeto *a*. Justamente o objeto que do ponto de vista da direção da cura vem deslocar o saber S2 do lugar de agente no discurso do saber DU cuja intervenção se apoiava no S1 do "Eu do mestre" para o lugar da verdade no discurso do analista DA.

Nesse ponto crucial é que vemos a importância da habilitação da estrutura para um funcionamento desde a perspectiva de um conjunto covariante de quatro discursos. Uma estrutura cuja regra é de que um discurso não pode ser tomado isoladamente, pois ele somente se define na sua relação a outro discurso. Do ponto de vista da escrita, contrário à imposição de um saber apoiado num mestre, a operação do quarto de giro, insiste Lacan, "é uma maneira, assim, **heurística** que tenho de introduzi-los" àquilo que define a posição do analista. (Lacan, n.d./ 1967-1968, p.139 [grifo nosso]). Na sequência destacada (Figura 25) se vê claramente que é em relação ao discurso universitário que o giro para o discurso analítico adquire seu valor.

Figura 25. Discurso do inconsciente DM, discurso do saber DU, discurso analítico DA

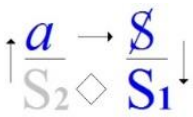


Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

A partir do discurso do inconsciente DM, passando por meio do quarto de volta ao discurso do saber DU e desse ao discurso do analista DA, cabe saber: "**o que é que essa tarefa psicanalisante produz**?" (Lacan, n.d./ 1967-1968, p.139 [grifo nosso]). Produz em primeiro lugar, uma neurose de transferência, ou seja, produz um giro no discurso que instala o analista no discurso do saber DU no lugar do agente, na posição do *ser todo-saber*, e o eu do sujeito do analisante na posição de objeto no campo do Outro (S2 – a). Desde dessa posição na transferência, o analista passa no giro seguinte, ao lugar do agente na posição de objeto no discurso analítico (a – $). (Figura 25). Uma operação que consiste numa virada discursiva em que o objeto *a,* ao ocupar o lugar do agente, exerce a função de causa do desejo que visa instituir o sujeito dividido no campo do Outro, no lugar do trabalho. Se nessa passagem "a posição do analista" é feita "substâncialmente do objeto *a*" (Lacan, 1992/1969-1970, p. 40), não podemos esquecer que, o analista não é todo objeto, e sim, que ele opera como objeto. (Lacan, n.d./ 1967-1968, p.139). O que se espera de um analista nessa posição é que "faça funcionar seu saber em termos de verdade", essa é a razão pela qual ele "se confina em um semi-dizer". Opera com o saber da estrutura no lugar da verdade e o faz desde a função do enigma que aí retorna ao sujeito no campo do Outro.

Figura 26. Discurso do analista, saber no lugar da verdade, enigma

DA

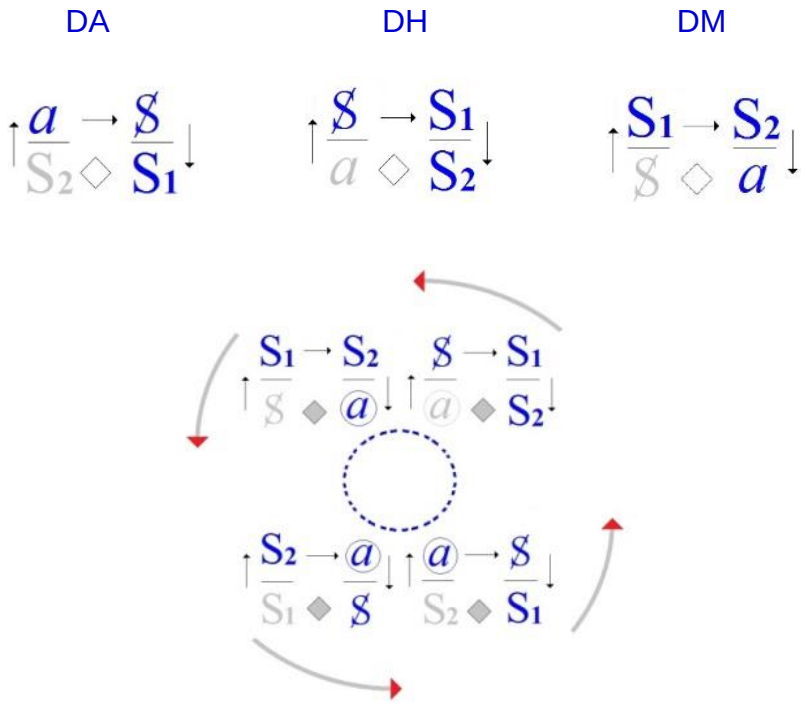


Fonte: Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

> [O analista] que por estar ele mesmo em posição de *a*, possa fazer girar tudo o que diz respeito ao destino do sujeito psicanalisando, a saber, sua relação com à verdade, por **fazê-lo girar** pura e simplesmente em torno desses termos de **uma álgebra** [que concerne a] uma multiplicidade de dimensões existentes (...) respirando sobre o divãn. (Lacan, n.d./ 1967-1968, p.139 [grifo nosso]).

Sobre o divã, nesse giro do discurso do analista DA para o discurso da histeria DH, o lugar do agente de onde se ordena o discurso do analisante DH é finalmente ocupado pelo $, sujeito barrado. Esse sujeito dividido no lugar do agente, Lacan aí designa como aquilo que "vemos aparecer sob a forma do **sintoma**". Assim, "é em torno do sintoma" no lugar do agente "que se situa e se ordena tudo o que é do discurso da histérica". (Lacan, 1992/1969-1970, p. 41 [grifo nosso]). É o que marca a entrada na análise por um giro de discurso mediado pelo discurso analítico, pelo ato que autoriza a tarefa analisante é que faz da associação livre sua regra fundamental, reiniciando o processo em outro nível, o que é caraterístico desse tipo de estrutura. Como bem observou Dunker (2011), referindo-se a estruturas inspiradas no grupo de Klein, como veremos a seguir, "tudo se passa como se retornássemos ao ponto inicial, realizando um giro que reinicia o processo em nova escala". (p. 420). Assim a passagem do discurso do analista DA para o discurso do analisante DH, que marca a entrada em análise no giro para o discurso do inconsciente DM, inaugura, a nosso ver, uma segunda volta sob a estrutura, que entendemos ser coerente com a noção de que a histerização do discurso não é um dado *a priori* da direção da cura, mas um efeito do percurso pela transferência do ato implicado na constituição do sujeito no campo do Outro.

Figura 27. Retorno ao ponto de partida no discurso do inconsciente DM e reinício do processo em nova escala



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

CAP. 2. O TETRAEDRO DOS DISCURSOS

Definido o lugar de *agente* de onde se ordena os discursos, vejamos rapidamente o caminho percorrido ao longo do qual poderemos observar os antecedentes do que Lacan denominará a seguir como **o tetraedro dos discursos.** Sem dúvida, um avanço da elaboração da estrutura que nos permite investigar que operações e condições podem ser propostas como implicadas na transformação dos elementos na passagem de um discurso a outro. Segue o caminho do algoritmo ao tetraedro:

a) O algoritmo S/s e sua raiz na impossibilidade lógica do significante representar a si mesmo.

b) A definição de significante que decorre dessa raiz como aquele que representa o sujeito para um outro significante.

c) A falha da representação e o sujeito dividido como efeito de linguagem.

d) A produção lógica de um objeto real, resíduo decorrente desse não fechamento de uma significação definitiva que daria ao sujeito sua unidade, o ser que lhe falta.

e) A extração lógica do objeto *a* traduzido como furo da verdade no saber e falta no Outro.

f) Com a produção desse objeto lógico a composição de uma série ordenada de quatro elementos que constituem uma cadeia simbólica fundamental, primeira fórmula do discurso.

Figura 28. Produção do objeto a e constituição da matriz dos discursos.

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

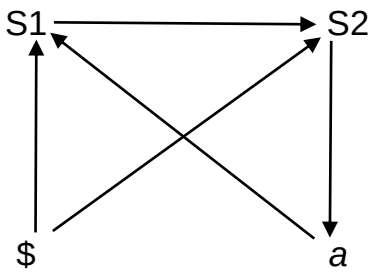
g) A constatação retroativa de uma topologia implicada nessa seriação pela extração do objeto *a* que inscreve na estrutura uma falta (de objeto) e um lugar vazio (lugar da verdade), tal como fora demonstrada pela operação com o conjunto do par ordenado.

h) Dos quatro lugares gerados retroativamente a partir da produção do objeto *a* como o último elemento a integrar a cadeia na formação da série.

i) **A separação e a diferenciação entre o lugar da verdade e o lugar da produção na passagem da formalização da estrutura pelo conjunto do par ordenado para a fórmula matriz dos quatro discursos, que permite conferir no plano da escrita o estabelecimento e a estabilização da estrutura por meio da produção da fantasia** ($ ◊ *a*).

O ponto de consequência que é preciso destacar nessa sequenciação é que "**o objeto *a***" constitui verdadeiramente "uma passagem na ordem do descobrimento dessa estrutura", por se tratar de um objeto lógico que Lacan considera como sendo uma **"**construção**" –** no sentido matemático do termo – que permite **tetraedrar** os quatro discursos[19]**,** ou seja, **"permite pôr num tetraedro** cada um desses quatro discursos", cada um à sua maneira. (Lacan, 2011/1971, p. 65 [grifo nosso]).

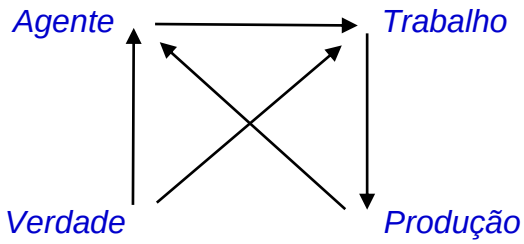
Figura 29. Estrutura tetraédrica do discurso do mestre



Segundo o percurso formado pelo tetraedro o elemento que ocupa o lugar de ***agente,*** de onde se ordena os discursos, se dirige ao Outro no lugar do ***trabalho,*** dessa relação é possível examinar o que esse laço ***produz***, bem como sua não relação com ***verdade***. (Figura 30).

[19] "C'est ce qui permet de tétraédrer ces quatre discours". (Lacan, 1971- 1972, Lição de 02.12. 1971). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Figura 30. O tetraedro dos discursos e seus lugares [20]



Essa é uma construção que atravessa os seminários XVII a XX. No entanto, é no curso do seminário XIX que os quatro discursos adquirem um delineamento mais preciso de sua estrutura ao pôr em cena “o tetraedro” e por fazê-lo “a partir do grupo de Klein modificado” pela extração de uma de suas flechas (Peusner, 2009), como veremos.

Antes de dar o próximo passo, vejamos com Dunker (2017a, p. 34) como é possível reunir no tetraedro as relações a partir das quais os lugares se definem. Diante do desenvolvido acima, o que se pode dizer sobre “quem comanda o dizer?” Se não é em absoluto o sujeito, pondera Dunker, estaríamos “condenados a ser falados pelo Outro?” (2017a, p. 34). Não, pois se um dia fomos falados pelo Outro ainda assim “essa não é única forma de habitar a linguagem”, pois também falamos.

São questões que segundo o autor apontam para uma busca, primeiro “em representar a função de agente do discurso”, mas principalmente, de encontrar um lugar nessa estrutura “**de onde o discurso pode fazer ato”**. (Dunker, 2017a, p. 34 [grifo nosso]). Ato pelo qual o analista como objeto *a* no lugar do agente, num giro para além da terapêutica, faz da psicanálise laço social.

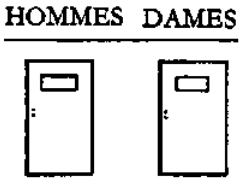
[20] Ao longo da construção e nos Seminários seguintes, os nomes atribuídos aos lugares também mudam como, por exemplo, a substituição do *agente* pelo *semblante,* contudo para nossos propósitos mantemos a denominação proposta nesse momento. Para um exame das inovações introduzidas por Lacan com essas mudanças, bem como seu aproveitamento para renovação da clínica psicanalítica dos discursos sob “**a hipótese da psicopatologia não-toda**”, remetemos o leitor ao excelente trabalho crítico de Dunker (2017a) “Discurso e semblante – leituras sobre Lacan, vol. 1”, e “Litorais do Patológico – Leituras sobre Lacan, vol. 2 (2017b).

Já a posição do Outro “como aquele a quem o agente se endereça”, e de onde a mensagem retorna, é preciso notar, primeiro a ação da estrutura que conduz a tarefa analisante à passagem do Outro ao outro. Uma transição que acompanhamos na redução operada por Lacan ao longo do Seminário XVI, que conduz o trabalho do simbólico para o real. Segundo, a observação de que é “no lugar do outro que o discurso produz efeitos” e que, “em retorno, fabrica-se o espaço da verdade. Aliás, [observa Dunker] “**quando a verdade se mostra, é preciso girar o discurso, que move [os elementos] para um outro funcionamento**.” (2017a, p. 34 [grifo nosso]). Quanto a posição da produção, “onde o discurso tem efeito”, o “melhor exemplo seria o chiste”; lembrando desde Freud que: “se há produção de chiste, há economia de gozo”. (Dunker, 2017a, p. 34). E por fim, a posição da verdade, que merece certo destaque por sua definição talvez única em seu gênero, condizente com o que é mais próprio da experiência psicanalítica.

> Posição da verdade (um lugar abrigado [do qual, como veremos] somente saem setas, mas, a ela, nunca chegam. [Figura 30]. A verdade se situa abaixo da barra, em um lugar abrigado, mas o que isso quer dizer? Quer dizer que a verdade só se apreende por seus efeitos, não sendo diretamente acessível. De fato, a verdade constitui um lugar que funciona muito mais como um tempo, do que como um conteúdo. Em suma, a verdade não varia de acordo com o saber, pois é o tempo do saber. (Dunker, 2017a, p. 34).

Retomemos a questão que ficou suspensa sobre a transformação dos elementos. Vale lembrar que a topologia e as regras a partir das quais ela opera têm nessas transformações um papel fundamental. Desde o corte epistemológico introduzido pela linguística, como já detalhamos em Saussure, “a língua se suporta tão somente a partir de puras diferenças e de lugares; de diferenças que não assumem seu valor senão a partir dos locais que ocupam.” Por tanto, observa Darmon (1994), é “o próprio simbólico que introduz uma topologia.” (p. 11). É o que pudemos conferir em “A instância da letra” (1957) na “Ilustração das portas” a partir da letra enquanto sua estrutura localizada, o significante –- é nessa ilustração nada

mais do que a diferença de lugares, ou ainda, a própria possibilidade de localização, uma vez que é ele quem divide os lugares, é ele que os institui.



Quando passamos da linguística para a lógica, do simbólico para o real, essas propriedades diferenciais do significante que implicam na constituição de lugares, formalizam-se e adquirem novas funções. Assim, com a escrita algébrica dos discursos “o que é preciso compreender desse esquema”, defende Lacan, é que os elementos se transformam ao mudarem de lugar. Definida a operação do quarto de giro enquanto regra de funcionamento da estrutura, as transformações surgem como possibilidades decorrentes das permutações dos elementos sobre os lugares, ao final das quais “eles não são mais os mesmos.” Portanto, trata-se de investigar quais as operações e propriedades se combinam na produção de mudanças na função dos elementos na passagem de um discurso a outro.

Segundo o que pudemos acompanhar no recorte que estamos propondo da construção das fórmulas lacanianas, a transformação dos elementos na estrutura do discurso, pode ser considerada como produto da **combinação** entre os seguintes vetores: 1. A propriedade segundo a qual **valor** de cada elemento advém da **diferença** para com os outros e do **lugar** que ocupam na rede do significante. 2. Dos próprios lugares gerados retroativamente a partir da produção do objeto *a* como o último elemento a integrar a cadeia na formação da série. 3. A operação de quarto de giro enquanto regra de funcionamento do aparelho, que define a especificidade lógica desse agrupamento algébrico.

Lacan não diz quais as referências que utiliza para pensar a transformação dos elementos na estrutura dos discursos, como o fez, por exemplo, nas demonstrações da extração lógica do S1 e do objeto *a* por meio da função do par ordenado. Porém, como bem observou Rona (2012), quanto à escrita dos discursos:

> Costuma-se comentar [como vimos] que eles são montados a partir de uma estrutura derivada de um grupo de Klein, um subgrupo dele, com efeito, e que a teoria dos grupos teria algo a ver com uma álgebra e está por sua vez, com uma topologia, mas o parentesco, como se vê, não é imediato. (Rona, 2012, p. 36).

A fim de avançar no caminho das transformações dos elementos, indicado, mas não desenvolvido por Lacan, vamos dividir a observação acima em duas partes: a primeira, de que os discursos sejam montados a partir de uma estrutura derivada de um subgrupo de Klein, e a segunda, de que teoria dos grupos teria algo a ver com uma álgebra e esta, por sua vez, com uma topologia ainda que o parentesco entre elas não tenha sido demonstrado.

Quanto à segunda, no que diz respeito aos discursos, ainda que não tenhamos como objetivo a investigação dessas relações em seus campos de origem, na matemática, temos em Lacan algumas indicações que podem ser úteis, senão na solução ao menos na montagem do problema. O uso heurístico que Lacan faz dessas relações entre álgebra, topologia e grupo na teoria dos discursos em específico – mesmo estando em suspenso o grau de parentesco entre elas no seu campo de origem – permitem-nos observar a presença dessa tentativa de articulação na construção e nas operações das fórmulas dos discursos. Na teoria dos discursos essas articulações se esboçam de modo explícito, quais sejam:

a) A topologia tal qual ela é introduzida pelas propriedades do significante e demonstrada por Lacan pelo conjunto do par ordenado.

b) A álgebra introduzida pela via da notação simbólica dos elementos S1, S2, $, a, numa série ordenada e pelo cálculo das posições que as relações possibilitam quando do estabelecimento da regra de operação e da conclusão do aparelho, a partir de então denominado por Lacan de aparelho algébrico.

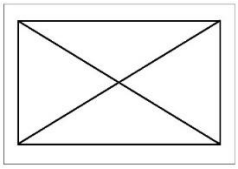
c) Já a teoria dos grupos, mais especificamente o grupo de Klein, disposto sob a forma do diagrama tetraédrico, mesmo sendo uma estrutura amplamente aproveitada por Lacan nos seminários que antecederam a

formalização dos discursos, ao que tudo indica, também é utilizado para pensar as transformações em questão, por não fazer menção direta a ele nesse momento será necessário reconstruí-lo.

CAP. 3. DIAGRAMA DE KLEIN, GRUPO TRANSFORMATIVO

A articulação dessas três matemáticas, topologia, álgebra e grupos na construção dos discursos como mencionamos acima, apoia-se, em hipótese, sobre um esquema tetraédrico cuja forma básica é a mesma de “uma pirâmide projetada no solo plano” ou de “um envelope” (Víctora, 2017).

Figura 31. Envelope



Trata-se de esquemas quadrangulares cuja lógica quaternária é introduzida por Lacan no Seminário XIV *A lógica da fantasia* (1966-1967) inspirados no modelo matemático do Grupo de Klein[21]. O texto de Felix Klein sobre grupos ficou conhecido como *Programa de Erlanger* (1872). Escrito para inauguração do departamento de Lógica da Universidade de Erlanger, o “Programa” influenciou profundamente o desenvolvimento da matemática. O texto propõe uma inovação entre a geometria espacial (euclidiana) e a geometria analítica (não-euclidiana). (Víctora, 2006). Nesse trabalho, Klein define os assim conhecidos grupos de Klein, como sendo “grupos de

[21] “Felix Christian Klein (1849-1925) foi um matemático nascido em Düsseldorf, antiga Prússia, atual Alemanha, que ficou conhecido por suas pesquisas na geometria não-euclidiana. Herdeiro do trabalho de Plücker, colega de Engel e contemporâneo dos fundadores da Topologia, De Morgan, Jordan e Poincaré, Klein deu uma importantíssima contribuição às teorias do Grupo e da Função. As primeiras descobertas matemáticas importantes de Klein foram feitas em 1870 em colaboração com Marius Lie. Em 1875, Klein casou-se com Anne Hegel, neta do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel.” (Víctora, 2006).

transformação" (*Transformationsgrupen*). Vejamos a definição de Grupo dada pelo matemático francês Evariste Galois (1811-1832) que antecedeu e influenciou Klein em sua pesquisa. Segundo Galois (citado por Víctora, 2016, p. 37 [grifo nosso]):

> Um conjunto de elementos forma um grupo com uma operação se é um conjunto fechado, onde há uma relação associativa entre todos, ou se dois elementos se combinam para se transformar em outro. Deve conter um elemento neutro e para cada elemento, existe um elemento que é seu inverso.

Também nos lembra a autora que, segundo essa definição, um conjunto de elementos pode ser formado por retas, números, objetos, pontos e assim por diante. Já as transformações podem ser algébricas, aritméticas, geométricas. Tomando por base essas definições, damos destaque àquela que diz de que o Grupo de Klein é, portanto, uma função de transformação. Segundo Víctora (2016 [grifo nosso]).

> **O Grupo de Klein é uma função de transformação**. Transformações jogam um papel fundamental na matemática moderna. Klein mostrou como **as propriedades essenciais** de uma geometria poderiam ser representadas por ***grupos de transformações, em que dois elementos jogam entre si para formar um terceiro*** onde:
>
> 0 = neutro (o elemento, em contato consigo mesmo nada faz) [a x a = 0].
>
> a x b = c
>
> b x c = a
>
> a x c = b
>
> A relação entre os quatro elementos pode ser organizada nesta tabela:

0	**a**	**b**	**c**
a	0	c	b
b	c	0	a
c	b	a	0

A indicação desses breves comentários é de que essa lógica combinatória quaternária seja a base a partir da qual se podem pensar as transformações, porém segundo “as fórmulas da álgebra lacaniana”, como no caso particular das fórmulas dos discursos em que “basta girar cada elemento” para que disso resulte na criação de outro. (Víctora, 2016, p. 37).

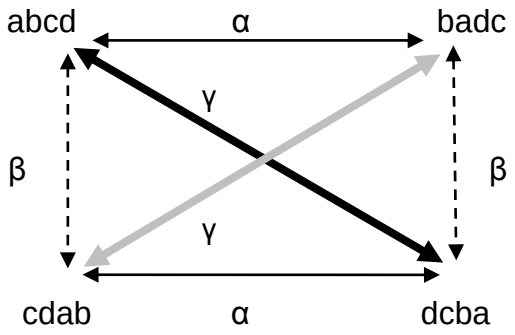
Vejamos com Marc Barbut (1966/1996) em “*Sobre o sentido da palavra estrutura nas matemáticas*”, outros exemplos dessa função transformativa. Esse é um texto citado e recomendado por Lacan no curso de seu Seminário XIV *A lógica da fantasia* (1966-1967 aula de 14.12.1966). Um artigo que seguramente o inspirou no desenvolvimento de seus esquemas. Segundo Barbut, a ideia de estrutura em matemática é um fenômeno recente, que percorre um arco que vai de Evaristo Galios a Nicolas Bourbarki[22]. Barbut recorre a exemplos para mostrar como foi que se constituiu essa ideia de **estrutura**, que sentido tem essa palavra em matemática e como pode servir de instrumento de análise a outras ciências.

São vários os exemplos, vejamos o segundo deles, o “jogo das quatro letras”: “Quatro letras a, b, c, d, colocadas nessa ordem. Regra do jogo: tanto é possível deixar as letras nessa ordem a, b, c, d, quanto colocá-las em outra ordem, mudando-as de duas em duas”. (Barbut, 1996, p. 146). Seguem exemplos de transformações simbolizadas pelas letras (alfa α), (beta β) e (gama γ); as transformações ocorrem sob a forma de alteração na ordem das letras na passagem de um vértice a outro do diagrama (Figura 32). Na verdade, do ponto de vista da construção do modelo, é importante observar que **o diagrama não é prévio as transformações**, são as transformações que ao criarem grupo de letras com diferentes ordens entre os elementos, criam simultaneamente novos grupos. Por se tratar de grupos diferentes não podem ocupar o mesmo lugar na estrutura, caso contrário, teríamos uma sobreposição; uma anomalia estrutural tal qual encontramos na holófrase quando ocorre a fusão entre dois significantes que assim perdem sua diferença e deixam de

[22] Pseudônimo coletivo de um grupo fundado por sete matemáticos franceses, Henri Cartan, Claude Chevalley, Jean Delsarte, Jean Dieudonné, Szolem Mandelbrojt, Rene de Possel e André Weil, oficialmente conhecidos como Associação dos Colaboradores de Nicolas Bourbaki (*Ecole Normale Supérieure* - Paris), cujo projeto iniciado em 1935 continua ativo, e que resultou na edição de uma série de livros com o objetivo maior de fundamentar a matemática na teoria dos conjuntos. http://www.bourbaki.ens.fr/

funcionar como significantes. Assim, é logicamente necessário que a criação de novos grupos institua novos lugares ali aonde antes não havia nada, tal qual ocorre com a estrutura e as propriedades do significante. Uma vez que, por elos associativos, formem-se entre os elementos e os grupos um sistema, no caso um diagrama, partindo de princípios e definições elementares, podemos nos perguntar como faz Lacan diante de suas fórmulas, como isso funciona. Nesse caso, não podemos deixar de observar que mesmo se tratando da lógica matemática, a matéria e estrutura com que se operam, continua sendo a estrutura da linguagem, cuja unidade mínima é o significante reduzido ao fonema. Porém nesse campo, os elementos são tomados como letras, símbolos algébricos esvaziados de todo e qualquer significado, de modo que se possa utilizá-los a fim de operar cálculos numa pura combinatória[23].

Figura 32. Diagrama completo das transformações simbolizadas por setas

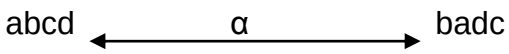


As permutações na ordem das letras são binárias: ocorrem aos pares

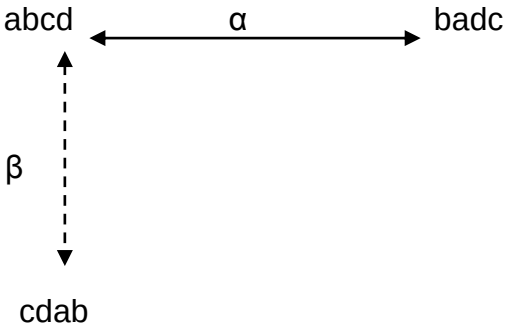
1º Permutação: as duas primeiras letras entre elas (a, b) e as duas últimas entre elas (c, d): segundo essa operação a ordem a, b, c, d se transforma em b, a, d, c. Observamos que esta primeira transformação institui um lugar, a partir dela temos um lugar a direita, outro a esquerda, entre eles uma aresta e uma passagem de um ponto a outro, de um lugar – a outro lugar, ali aonde antes não havia nada. Tanto a

[23] Nos termos do discurso do saber DU, como vimos, um esvaziamento decorrente de um giro na função do significante quando no discurso da ciência passa a ocupar o lugar da verdade.

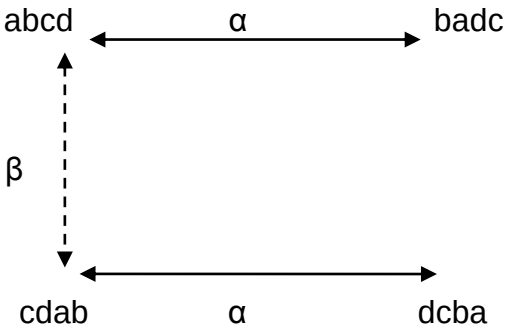
operação quando a passagem de um ponto a outro aqui e é simbolizada pela letra alfa (α) e pela aresta de linha cheia.



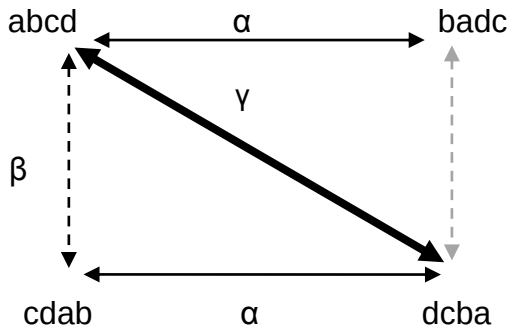
2º Permutação: a primeira pela terceira letra e a segunda pela quarta: seguindo essa regra, constrói-se ao mesmo tempo um vértice e uma passagem do ponto esquerdo superior para um outro ponto a esquerda abaixo. Nessa passagem a ordem a, b, c, d se transforma em c, d, a, b. Assim, transformação institui um lugar abaixo e é simbolizada pela letra beta (β) e pela aresta pontilhada.



3º Permutação: consiste em trocar primeira e quarta letras e segunda e terceira. Essa terceira permutação pode ser obtida de duas formas: uma delas quando repetimos a operação da primeira permutação (alfa α), duas a duas, sobre a ordem c, d, a, b, à esquerda abaixo, obtemos à direita uma nova ordem d, c, b, a, que institui um novo lugar e outra passagem, simbolizados novamente pela letra alfa (α) e pela aresta linha cheia no andaime de baixa da construção.



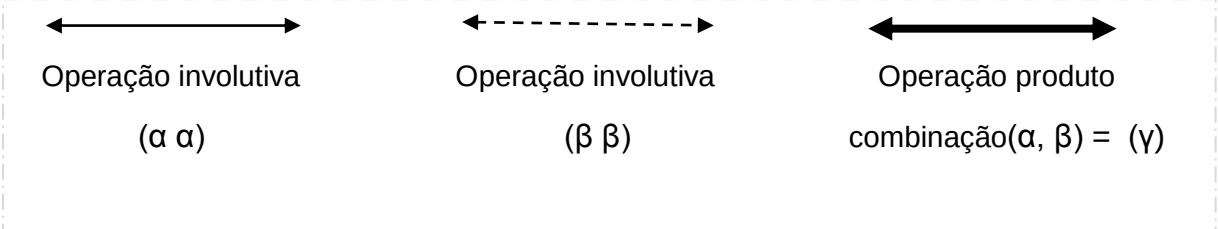
Contudo, essa ordem d, c, b, a, obtida pela repetição de alfa sobre beta é justamente aquela que obteríamos se operássemos a regra da 3º permutação diretamente sobre a, b, c, d, pois nessa ordem trocando a primeira pela quarta letra e a segunda pela terceira, também obtemos o mesmo resultado d, c, b, a, instituindo uma passagem pela diagonal do vértice esquerdo superior para o vértice direito inferior.



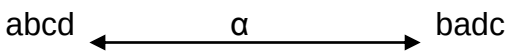
A combinação entre essas duas transformações (α) e (β) numa única operação que neste exemplo resultou em d, c, b, a é denominada como produto e está simbolizado pela seta diagonal e pela letra (γ).

O importante é notar, primeiro, como as transformações operam na construção dos lugares e dos vértices que constituem o diagrama, e segundo, que independente dos objetos, letras, formas, números, entre outros, com que se trabalhe nesse modelo, a combinatória das transformações resulta, a saber: as permutações são **involutivas,** ou seja, *ao cabo de certo percurso retornar-se ao ponto de partida sem que nada tenha mudado.*

Cada uma das diferentes flechas simbolizam diferentes operações:



Portanto, podemos dizer que as duas transformações, simbolizadas por α e β (Figura 26), estão submetidas a seguintes regras de combinação: 1ª Regra: cada uma das transformações são involutivas: [ou seja] quando se repetem duas vezes consecutivas nada muda. (Barbut, 1996, p. 148). Se percorrêssemos no diagrama o caminho que vai do vértice superior esquerdo ao vértice superior direito, operação que simbolizamos por (α) e voltássemos pelo mesmo trajeto agora da direita para esquerda, passando novamente por (α), isso constitui uma operação involutiva, ou seja, retornamos a mesma ordem da qual se partiu sem que nada tenha mudado.



> Para escrever esta propriedade é necessário um signo que simbolize "nada muda". É o que se chama transformação idêntica; adotaremos o signo I. De acordo com a convenção, escrevemos:
>
> α α = I (α seguido de α não muda nada).
> β β = I (β seguido de β, o mesmo).

2ª Regra: a primeira transformação: (α β) – α seguido de β, é a mesma transformação do que (β α) – igualdade simbolizada pela letra gama (γ) que, segundo Barbut (1996, p. 150), escreve-se:

> α β = β α (= γ)
> onde se verifica a emergência de uma nova propriedade.
> α e β se comutam entre elas.

Assim, deixando de lado os objetos aos quais se aplicam as transformações, conservando apenas regras de composição e propriedades, as permutações simbolizadas pelo diagrama ou pela construção de uma tabela, também podem ser apresentadas num segundo nível de abstração sob a forma de um "jogo de escritura", em direção à formalização dos axiomas. Uma passagem entre níveis exatamente no sentido da passagem entre os "níveis de epistemologização" tal qual é proposto por Gaston Bachelard e relido desde a perspectiva da ordem do discurso

por Michel Foucauld (Dunker & Zanetti, 2017). A passagem de nível aqui se verifica pelo estabelecimento de um “alfabeto”, por exemplo, que contenha as letras I, α e β e que permita pela “regra da associatividade” construir palavras e frases, como αIαβ, βαIαβI, etc., bem como montar um “dicionário”. (Barbut, 1996, p. 151-155).

Trata-se de uma linguagem regida por uma sintaxe, cujas regras da associatividade e do elemento neutro, nesse caso contêm apenas quatro palavras I, α, β e α β ou (β α), e que sua gramática é o grupo de Klein. As regras são as vias pelas quais se realizam os cálculos ao qual se atribui uma significação: “a de ser transformações”. Como vimos isso se faz de modo associativo, no qual a transformação idêntica não muda nada. Contudo, destaca Barbut, “não lhe damos sentido algum, então nossa linguagem não tem semântica”, e isso é o que convém chamar de estrutura.

“É aqui onde convém pronunciar a palavra “estrutura” ou, mais precisamente, a palavra - **estrutura algébrica** -”, ou seja, um conjunto de elementos finitos em que se observa a partir de suas operações a existência de uma lei de composição. No caso estudado, os grupos são formados por transformações determinadas por uma lei binária, opera-se com os elementos aos pares. Já as condições que as operações devem satisfazer “constituem os axiomas da estrutura”, aqueles necessários e suficientes para reconstruir a tabela. (Barbut, 1996, p. 152 [Grifo nosso]).

CAP. 4. SISTEMAS FORMAIS, INTERPRETAÇÕES SEMÂNTICAS E CRÍTICA AO USO IDEOLÓGICO DA NOÇÃO DE MODELO

Na definição de estrutura algébrica, e da própria álgebra como estudo das estruturas definidas por suas leis de composição, Barbut sublinha em Bourbaki, duas noções que segundo o autor são inseparáveis da noção de estrutura, são elas: a noção de ***isomorfismo*** e a noção de ***representação***.

> O grupo de Klein, dado por sua tabela, ou por uma axiomática conveniente, mas sem precisar o que são os elementos (ou seja, sem semântica), é o que se chama o grupo “abstrato”.
> Figura 33. Grupo abstrato

I	α	β,	y
α	I	y	β
β	y	I	α
y	β	α	I

> Uma representação deste grupo é uma significação dada a cada elemento do grupo, ou seja, é fazer objetos “concretos” que se combinam como os elementos do grupo “abstrato”.
>
> Assim, quando interpretamos os quatro elementos I, α, β, γ do grupo de Klein, (I) como sendo a permutação idêntica, e α, β, γ como permutações de quatro letras, chegamos a uma **representação** deste grupo como grupo de permutações. (Barbut, 1996, p. 154 [grifo nosso]).

A noção de *isomorfismo* se aplica quando temos mais de uma interpretação de uma mesma estrutura sintática em diferentes linguagens e semânticas, que permitem traduções de uma linguagem a outra mantendo a mesma sintaxe do grupo abstrato. Já a noção de *representação* se aplica quando se atribui uma significação aos elementos abstratos, fazendo-os corresponder a elementos concretos. “Dando um sentido aos objetos abstratos”, a representação “oferece” desse modo “uma sustentação à intuição e permite maior eficiência nos cálculos”. (Barbut, 1996, p. 155 [grifo nosso]).

Apesar da aparente simplicidade com que se estabelece esse *acoplamento dialético entre sistemas formais e interpretações semânticas*, quando se introduz aí a noção de “representação”, a questão se torna bem mais problemática do que aparenta ser. Na exposição de Barbut o representar consiste em dar uma significação aos elementos a partir da qual se possa estabelecer uma correspondência entre um grupo abstrato e uma determinada semântica, visando com isso, realizar certas operações que conferem à sintaxe uma representação, ou

seja, aquilo que em matemática se entende como sendo um *modelo*. Mas nesse ponto, é preciso muita atenção, pois nos exemplos de semântica dados por Barbut, podemos identificar duas modalidades, uma que utiliza de semânticas internas ao campo da matemática, e outras que de semânticas externas extraídas de outros campos que não a da lógica matemática. Essa duplicação semântica dá origem a duas "instâncias epistemológicas da palavra – modelo –. Uma é a noção descritiva da atividade científica, a outra é um conceito da lógica matemática. (Badiou, 1969/2007, p. 52).

Vejamos com Alain Badiou (1969/2007), aluno de Lacan, onde se localiza o problema quando concebemos a noção de modelo enquanto representação descritiva. O texto de Badiou, contemporâneo aos Seminários XVI e XVII de Lacan, tem por título "O conceito de modelo: introdução a uma epistemologia materialista das matemáticas" e consiste em duas conferências planejadas como parte de um "Curso de filosofia para cientistas", organizadas por Louis Althusser na *École Normale Supérieure*. Segundo a tese de Badiou, desde o ponto de vista materialista, podemos identificar dois usos da palavra modelo: um uso puramente ideológico, e um uso científico. Do lado do uso científico, teríamos através da construção de modelos "**um processo de transformação prática do real**", e do lado do uso puramente ideológico, teríamos ao invés de uma transformação, a construção de um modelo sob a forma da "**criação de uma imagem plausível**" através da qual um objeto se torna controlável.

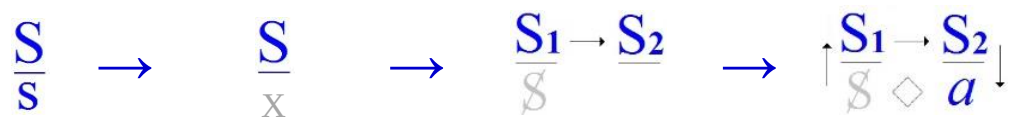
Dois usos diferentes, oponentes, e que muito nos interessa pela sintonia estabelecida com a questão legada a nós por Lacan no seu Seminário XVII (1969-1970) a respeito das transformações produzidas pelos giros de discurso do ponto de vista da direção da cura. Vimos com o grupo de Klein um modelo cujas transformações são involutivas, ou seja, um percurso de operações permutativas ao final do qual, nada muda. Logo a seguir, veremos as mudanças introduzidas por Lacan nesse grupo abstrato a fim de que partindo dele se possa construir isso que Badiou denomina "um processo de transformação prática do real", ou seja, uma *práxis* psicanalítica: "o fato de que a psicanálise seja antes de tudo uma *práxis*, um processo de transformação da economia do gozo de um sujeito, em outras palavras, o exato oposto de uma operação de produção de um saber positivo. (Askofaré, 2013, p. 31).

Mas antes examinemos o modo como Badiou o apresenta à questão dos modelos do ponto de vista materialista.

> Supõe-se já conhecida a descrição de uma formação ideológica particular, distribuindo o discurso da ciência segundo uma diferença pressuposta: a diferença da realidade empírica e da forma teórica. Lembraremos que esta diferença comanda uma imagem da ciência, definida de uma maneira geral, como a representação formal do objeto dado. (Badiou, 1969/2007, p. 43 [grifo nosso]).

A fim de apreendermos o que há de ideológico nessa noção de modelo enquanto representação formal do objeto dado, vejamos como isso se opõe ao que é proposto por outra corrente da filosofia da ciência que compõem o quadro em que Badiou situa seu estudo. Para toda uma vertente epistêmica, que vai de Bachelard, Canguilhem, Cavaillès, Koyré, até a Lacan, o objeto de uma ciência nunca é um objeto dado, é sim uma construção, uma escrita algorítmica, como defende Lacan em a “Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. (1957/1998). Isso foi demonstrado anteriormente com o corte epistemológico instaurado pelo algoritmo da linguística, tomado por Lacan como uma referência e ponto de partida teórico a partir do qual realiza sua releitura. Foi essa releitura que tornou possível estabelecer o significante como algoritmo da psicanálise e, com isso, realizar uma série de operações que possibilitou estabelecer com segurança a primeira fórmula dos discursos, sua matriz fundamental, o discurso do inconsciente.

Figura. 34. Série das operações com o algoritmo do significante até a fórmula matriz dos quatro discursos



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Como vimos anteriormente, segundo a articulação proposta neste estudo que separa “temporalmente” duas vertentes, a vertente da escrita teórica e a vertente da direção da cura, não há nesse corte instaurado pelo algoritmo uma divisão entre teoria e os fatos como pertencentes a distintas realidades em relação de exterioridade uma em relação a outra. Trata-se antes de tudo de um corte temporal e metodológico, pois entende que todo fato, científico ou não, é um fato de discurso, não há fato sem linguagem. “O que quer que seja só chega à categoria de fato quando é dito”. (Lacan, 2012/1971-1972, p. 67). O que diferencia o fato científico é que ele não pode ser concebido fora de uma intervenção teórica que progride por níveis de abstração dentro do campo da linguagem, no caso lacaniano numa passagem descontínua do campo da fala para a escrita, um discurso sem palavras, a essência da teoria psicanalítica.

Nessa perspectiva, o objeto de uma ciência é desde o primeiro momento um objeto posto pela linguagem, a princípio sob a forma de um obstáculo. Os obstáculos no campo científico decorrem de um modo de utilização da linguagem em que a primazia é do sentido que se fixa em imagens, é aí que nos perdemos. A primazia do sentido produz inevitavelmente um campo de alienação. Como faz ver Badiou, os modelos, por exemplo, quando utilizam de semânticas externas às matemáticas, tanto em termos técnicos quanto como figura ideal, o processo científico longe de fixá-los, demole-os.

> Bachelard mostra bem como o modelo planetário de Bohr só revelou uma imagem útil do átomo, enquanto a microfísica [por sua vez] acentuava a extinção das órbitas, a obscuridade de seu traçado e finalmente a renúncia à própria imagem em favor de um modelo estatístico. Quem não sabia renunciar ao modelo renunciava ao saber: toda permanência do modelo produzia obstáculo epistemológico. (Badiou, 1969/2007, p. 58).

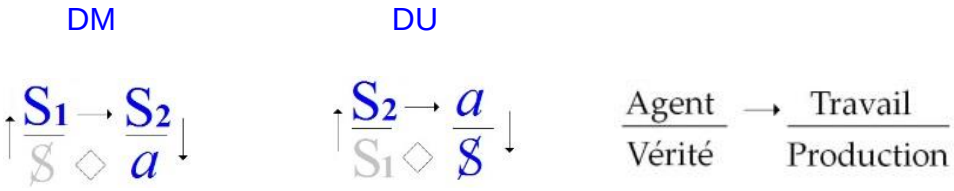
O objeto científico, por sua vez, produz-se na superação desse obstáculo por meio de um processo de redução no qual a escrita destituída de sentido encontra seus limites reais e convoca outra semântica, outro imaginário, não mais do senso comum e sim das operações matemáticas. Não mais como “imagem percebida”, mas como “imagem criada”. (Bachelard, 1984). O objeto científico, nesse sentido, é resultado e não ponto de partida, não é um objeto que por sua

natureza e propriedades possa ser imediatamente percebido, ele é criado, matematicamente construído.

> A característica de nossa ciência [é] ter feito surgir no mundo coisas que de forma alguma existiam no plano de nossa percepção. Tenta-se coordenar a ciência com uma gênese mítica a partir da percepção (...). Não foi daí que surgiu a ciência. Ela surgiu daquilo que estava em germe nas demonstrações euclidianas. Mesmo estas continuam sendo muito suspeitas por ainda comportarem esse apego à figura, que tem o pretexto de sua evidência. Toda evolução da matemática grega nos prova que o que sobe ao zênite é a manipulação do número. Pelo mero jogo de uma verdade, não abstrata, mas puramente lógica, pelo mero jogo de uma combinatória estrita, submetida simplesmente à necessidade de que, sob o nome de axiomas, lhe sejam sempre apontadas as regras, pelo mero jogo de uma verdade formalizada – eis que se constrói uma ciência. (...) O espaço em que se desdobram as criações da ciência, só podemos a partir disso qualificá-lo de insubstância, de *acoisa*, numa palavra só. Fato que altera completamente o sentido de nosso materialismo. (Lacan, 1992/ 1969-1970, p. 151).

Lacan chega propor um neologismo a fim de criar um termo que diga com maior precisão aquilo que se passa no domínio científico com relação ao perceber e ao observar. Um novo termo é necessário uma vez que não há nada equivalente em nossa linguagem comum que possa dizê-lo, demarcando, assim, um corte epistemológico, uma descontinuidade entre o discurso comum e o discurso da ciência. No que diz respeito ao campo científico, “o que eu percebo [diz Lacan], pretensamente original, deve, com efeito, ser substituído por um ***opercebe*”**. Segundo a tradução: “no original *opercoit*, é uma “condensação das formas verbais *opère* e *perçoit*, opera e percebe, respectivamente”. (Lacan, 1992/1969-1970, p. 152). Aquilo que nesse campo se percebe e o que se produz não é nada mais do que “efeitos de uma verdade formalizada”, num discurso DU que repousa somente sob a base do significante (Lacan, 2012/1971-1972, p. 172).

Figura 35. Discurso do saber DU e o significante S1 no lugar da verdade



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

> O que é o saber que se certifica da verdade? Esse saber não é nada senão aquele que provém da notação resultante de postular a **verdade** a partir do **significante**. Essa postura é bem difícil de sustentar, mas se confirma por fornecer um saber não iniciático, posto que procedente, digam o que disserem, do **sujeito** que um discurso sujeita, como tal à **produção**, desse sujeito que há matemáticos que qualificam de criativo. (Lacan, 2012/1971-1972, p. 166 [grifo nosso]).

Para dizer do que se produz de criativo com relação à percepção concebida como efeito de uma verdade formalizada, Lacan toma como exemplo o caso das ondas eletromagnéticas; conhecidas como ondas de radiofrequência previstas por Maxwell e demonstradas por Heinrich Hertz. Ondas eletromagnéticas produzidas por estruturas astronômicas cuja aplicação cotidiana se estende a uma grande variedade de aparelhos.

> Ondas hertizianas ou quaisquer outras, nenhuma fenomenologia da percepção nunca nos deu delas a menor ideia, e com certeza jamais nos teria conduzido a elas. O que chamei de verdade formalizada tem já suficiente *status* de verdade no nível onde ela opera, onde ela *opercebe*. (Lacan, 1992/1969-1970, p. 152).

Como se pode notar, segundo Lacan, através do “objeto onda”, não se trata em absoluto de um objeto empírico, de um objeto dado à percepção imediata em absoluta exterioridade com relação a jogos de linguagem com que opera o

observador, cuja construção de um modelo possa fornecer sua racionalidade. Pelo contrário, trata-se de um objeto teoricamente construído, cuja existência lógica é provada por uma série de operações e demonstrações ao final das quais o sujeito "opercebe". Trata-se de um objeto científico que não se pode ver, tocar ou sentir e, no entanto, dependemos dele a todo momento para operar nossos múltiplos sistemas de transmissão de informação.

Já no caso da outra vertente epistemológica, com suas operações que visam à representação formal do objeto dado, o elemento é tido por dominante, "por ser a presença efetiva do objeto". Mas qual o problema? A questão é perceber, primeiro que empirismo e formalismo assumem nesse contexto da representação formal do objeto dado à função de serem termos que formam um par. Fazem parte de um mesmo movimento que constitui uma epistemologia que não é nem o empirismo, nem formalismo, mas um "um conjunto de noções pelas quais se designam num primeiro tempo a sua diferença, e num segundo tempo a sua correlação." (Badiou, 1969/2007, p. 44). Assim, segundo essa concepção de ciência, a atividade científica começa com a observação de fatos mensurados aos quais se procura encontrar as regras de redução a fim correlacioná-los a sua representação em um modelo teórico.

Contudo, isso não é *imediatamente* redutível a uma ideologia do dado, faz-nos notar Badiou. No positivismo lógico, Rudolf Carnap, por exemplo, "num artigo canônico intitulado 'Os fundamentos lógicos da unidade da ciência' propõe a distinção entre ciência formal e ciência empírica como primeira distinção a ser feita em cada caso. "O uso de operadores de redução" permitem, nesse caso, afirmar a "linguagem fisicalista como base de redução universal para as ciências empíricas." (Badiou, 1969/2007, p. 45).

O mais característico dessa vertente reunida sob o par empirismo-formalismo é, segundo a crítica materialista, a diferença entre "o fato empírico" e as "formas lógicas", que encontram sua unificação no uso que fazem da noção de modelo. A construção de modelos cujo destino é relacionar realidade empírica e forma teórica estabelecendo um objeto controlável, segundo Badiou, é o motor comum dos diferentes discursos, num arco que vai sem piedade de Carnap a Leví-Strauss**. O que é preciso sublinhar, segundo esses diferentes discursos que se reúnem sob o par empirismo-formalismo, é que "os 'fatos observados' de que o**

modelo fornece a racionalidade", "*são fornecidos como tais fora de toda a intervenção teórica*". (Badiou, 1969/2007, p. 62). Como por exemplo, nas propostas "ateóricas" dos Manuais Estatísticos e Diagnósticos de Desordens Mentais DSM, em que parte-se do pressuposto de que a descrição do que se observa como "comportamento" é isenta de teoria.

O risco de um recobrimento ideológico se dá justamente pelo uso que se faz da noção de modelo como "imagem teórica" que integra interesses e encobre contradições, onde a norma de segurança é o equilíbrio. Modelos, "imagem portátil", cujas montagens materiais em economia, por exemplo, destinam-se a unificar exteriormente uma política econômica, legitimando-a, ocultando sua causa e sua norma. Nessa epistemologia dos modelos condicionada pela *apropriação ideológica que estabelece uma imagem de ciência em detrimento de seu processo*, "a ciência divide-se por um lado em intervenção produtora (invenção e montagem de modelos), e por outro em verificação empírica ou investigação". (Badiou, 1969/2007, p. 64). Nessa concepção de modelo como verificação empírica, e isso é importante:

> 1º. O modelo com efeito não ministra nenhuma prova. Não é constrangido por um processo demonstrativo, mas somente confrontado ao real.
> 2º. Donde, se o modelo representa a verdade do trabalho científico, esta verdade nunca é mais do que a do melhor modelo.
> 3º. Assim, encontra-se restaurada a dominância do empirismo: entre os modelos necessariamente múltiplos, a atividade teórica não pode optar, por que é precisamente a atividade fabricante dos modelos.
> 4º. É pois o "fato" que decide, designando o melhor modelo, isto é, a melhor aproximação dele próprio [o fato]. (Badiou, 1969/2007, p. 64).

A pergunta sobre "o que é um modelo" nessa epistemologia, a reposta é circular: um modelo é um objeto artificial que fornece a racionalidade de todos os fatos empíricos considerados. Porém se perguntarmos quais os critérios que decidem o verdadeiro modelo, a resposta é: aquele que todos os fatos representam; ou seja, conclui o autor, nesse uso ideológico do conceito matemático de modelo "a

ciência não é um processo de transformação prática do real, mas a fabricação de uma imagem plausível". (Badiou, 1969/2007, p. 65).

O que contrasta dialeticamente com a epistemologia das matemáticas em que vemos operar uma "série de manipulações escriturais sem ambiguidade" que resulta no "aspecto propriamente experimental" de um processo no qual o modelo constitui um acentuar material da prova.

> Mas como controlar a reprodução? Qual o critério de "bom" modelo? Segundo uma concepção experimentalista da ciência, como a de Bachelard para a física, ou de Canguilhem para a fisiologia, o "fato" experimental é ele próprio um artefato: é um acentuar material da prova e jamais preexiste. (Badiou, 1969/2007, p. 63).

Nesse sentido matemático, o critério para se reconhecer se uma determinada estrutura é ou não um modelo de uma teoria formal é saber "*se todos os axiomas dessa teoria são validos para essa estrutura*". (Badiou, 1969/1970, p. 107). E aqui novamente é preciso muita atenção, pois a semântica nesse caso é estabelecida numa "relação intramatemática", mais ainda, a semântica é aí um protocolo experimental.

> A semântica é um protocolo experimental. De modo algum no sentido de que os sistemas seriam o formal, e de que os modelos representam as realidades concretas, mas pelo contrário, no sentido em que os sistemas formais são o tempo experimental, [e o modelo] o encadeamento *material* da prova, depois do tempo conceitual das demonstrações. (Badiou, 1969/2007, p. 125).

O tempo conceitual das demonstrações, a sintaxe e a interpretação semântica devem ser considerados como momentos "de um processo experimental único, onde ***a combinatória é apenas a montagem experimental para uma verificação escritural de que a semântica regula as formas práticas***". (Badiou, 1969/2007, p. 130 [grifo nosso]). São esses os argumentos que levam a Badiou, numa referência ao teorema de Gödel (1906-1978), a afirmar primeiro, que "um sistema é coerente se e somente se possui um modelo" (p. 131), e "não importa qual estrutura será

modelo para este sistema. Esta equivalência semântico-sintática assegura-nos que o nosso dispositivo é uma lógica formal". (p. 152). Segundo que "se pretendemos conservar o rigor das propriedades do conceito, e não as aviltar em variantes de uma noção ideológica", é preciso aceitar que "toda passagem da teoria dos modelos para fora do domínio da experimentação matemática é ilegítima". (Badiou, 1969/2007, p. 132).

E um critério impõe restrições no modo empírico com que manejamos a noção de modelo, porém, contrário do que pode parecer, esta é, ao menos no caso de Lacan, uma *restrição produtiva*. É no atendimento a esse critério intramatemático que entendemos estar à razão pela qual, segundo Rona (2012), Lacan propõe uma *homologia* entre as propriedades do significante e a àquelas que encontramos no conceito de conjunto. "O significante é um conjunto; é matemática, não estamos fora do campo" (Rona, 2012, p. 73). Trata-se a nosso ver do cumprimento de um critério claro e bem definido, que exige na entrada da teoria dos modelos a recolocação do enunciado dos problemas em termos lógico- matemáticos de modo a inscrever aquilo que se deseja tratar sob uma escrita e num domínio onde a chave de leitura dos problemas é matemática. Nada mais lacaniano: "na ética que se inaugura pelo ato psicanalítico", pontua Lacan, "a lógica manda", contudo, "isso é certo, por nela encontrarmos seus paradoxos". (1967-1968/2003, p. 367).

A fim de situarmos o paradoxo que nos concerne, do trabalho de Rona (2012) retemos o essencial: a homologia entre significante e o conjunto tal qual ela se apresenta na sua raiz axiomática. Segundo o autor, partindo de Saussure, a teoria dos conjuntos entra no exato ponto em que se constata a *impossibilidade lógica* de se fazer a partir do significante uma identidade, uma unidade consigo mesmo. Se "a linguagem deve ser abordada como sistema articulado", a "diferença existe como elemento de origem" (Coelho citado por Rona, 2012, p. 107), pois como já sublinhamos, não só *o significante não é idêntico a si mesmo* como também, *o significante sozinho não significa nada,* pois seu valor emana de sua relação com outros significantes. Nesse sentido que "aquilo que nos cabe observar é que **este problema apresenta-se como homólogo àquele enfrentado pela matemática quando da tentativa de definir a natureza de um conjunto**". Precisamente no momento em que nos perguntamos sobre qual pode ser a "unidade constitutiva de um conjunto?" (Rona, 2012, p. 98 [grifo nosso]).

A partir da demonstração que Lacan faz da gênese lógica do significante e do objeto *a* por meio da operação com o conjunto do par ordenado, como vimos anteriormente[24], se pode verificar que *tanto o significante quanto o conjunto se definem pela mesma propriedade*: de não poder representar ou conter a si mesmos, respectivamente. Propriedade irredutível, demonstrada na teoria dos conjuntos pelo paradoxo de Russel (1872-1970), do catálogo de todos os catálogos que não contém a si mesmos. “O paradoxo de Russel arruína a pretensão da consistência do Um como primária, é sua consequência, a ruína do Todo, como o conjunto de todos os conjuntos”. De forma homóloga, a impossibilidade do significante representar a si mesmo arruína a pretensão da consistência do Outro, como portador do significante de todos os significantes. (Rona, 2012, p. 107). *Assim, como não há conjunto universal, não há para o ser falante a significação absoluta*.

O importante para esse momento é destacar que, uma vez que a pesquisa lacaniana demonstre haver uma homologia entre as propriedades do significante psicanalítico e aquelas da noção matemática de conjunto, o significante pode consequentemente ser considerado e ser manejado - por essas propriedades homólogas - como um objeto matemático. Segundo essa tese, os axiomas que valem para os conjuntos também valem para o significante, por conseguinte as semânticas psicanalíticas construídas a partir da lógica do significante atendem à condição exigida pela teoria dos conjuntos de manter-se no domínio interno a experimentação matemática.[25]

---

[24] Cf. Cap. 2 da Parte II.

[25] Para o exame em detalhe das relações da lógica do significante com o paradoxo dos conjuntos, remetemos o leitor ao trabalho de Paulo Rona (2012) “O significante, o conjunto e o número. A topologia na psicanálise de Jacques Lacan”, com especial atenção ao capítulo 2 – “Do significante em suas relações com a teoria dos conjuntos.” Nesta tese de referência temos além de uma introdução contextualizada, o passo a passo da formalização do axioma do significante segundo as regras da axiomática dos conjuntos, tal como é preconizada por Badiou nesse estudo sobre o conceito de modelo. (1969/2007). Sobre a forma heurística com que Lacan utiliza da lógica matemática no modo como conduz a formalização dos quatro discursos como método de pesquisa, remetemos o leitor à Introdução e principalmente aos capítulos quatro e cinco da Parte I e os capítulos um e dois da Parte II desse nosso estudo.

CAP. 5. GRUPO NÃO INVOLUTIVO E SENTIDO ANTI-HORÁRIO

Nos capítulos anteriores, vimos que a estrutura do grupo de Klein se define por algumas propriedades: “a primeira de estar constituída por vetores orientados. A segunda, decisiva para Lacan adotá-la, por ser um grupo involutivo. E a terceira é que permite também situar o produto.” (Brodsky, 2004a, p. 52). Assim, respondendo à pergunta sobre qual o interesse de Lacan nesse grupo transformativo, no que diz respeito à construção da fórmula matriz dos quatro discursos, podemos dizer que essa estrutura interessa a Lacan desde a perspectiva heurística. Na medida em que partindo dela se possam propor mudanças em sua estrutura a fim de obter um esquema que permita: formalizar operações cujo produto seja uma transformação criativa, num processo ao final do qual os elementos já não são mais os mesmos. Uma transformação diferente daquela que ocorre com o grupo involutivo que, muito embora ocorram transformações, ainda assim, ao final de um percurso ao retornar a seu ponto de partida, o que se verifica é que nada mudou, pois tudo continua na mesma ordem. Como bem observou Graciela Brodsky:

> [Lacan] se vale desse esquema para ilustrar o percurso analítico. O esquema lhe serve porque tem vetores e implica a ideia de produto. O grupo Klein é o único esquema matemático que tem essa ideia somada à ideia de percurso, isto é, ideia do produto de um percurso. Na multiplicação, falamos de produto, mas não de percurso. (...) Lacan, todavia, utiliza-o de um modo que partindo do produto, não se pode voltar ao ponto de partida. [E no caso de uma segunda volta] obtém [se] um produto diferente da primeira (...) que certamente não desemboca na repetição. (Brodsky, 2004a, p. 55; 58).

Antes de continuarmos, alguns comentários feitos pela autora acima citada exigem que façamos uma observação. Quanto ao modo como Lacan maneja os modelos matemáticos, há uma noção bastante frequente nos comentadores de sua obra (Cf. Rona, 2012) e que também se aplica ao uso que Lacan faz do grupo de Klein que é preciso ser comentada. Brodsky (2004a), nesse ponto, adere à ideia de

que Lacan faz com o grupo de Klein o mesmo uso que faz com os modelos tomados de outras ciências, ele “subvertia-os”, “ficando com o que lhe convinha para continuar avançando nos conceitos da psicanálise” (p. 57). Quanto a isso, estamos de acordo, porém, essa “subversão” lacaniana dos modelos matemáticos costuma ser acompanhada, ora mais ora menos, de um certo tom que acaba afastando o modo como Lacan procede em suas elaborações do campo da matemática propriamente dita. Como por exemplo, afirmar que o autor utiliza do esquema de Klein para “ilustrar” o percurso do tratamento. O que, ao que tudo indica, trata-se de uma leitura equivocada do modo como Lacan entende o que seja uma estrutura, pois não se trata de *ilustração* e sim de *homologia.* No seminário XVI (1969-1969), por exemplo, na abertura da aula em que irá demonstrar a gênese lógica do significante e do objeto *a* através das operações com o conjunto do par ordenado, ao se referir às relações entre a mais-valia com o que denomina de mais-de-gozar, causa do desejo, Lacan faz a seguinte correção de perspectiva: “dizer homologia é dizer, justamente, que a relação entre eles não é de analogia. Trata-se, com efeito, da mesma coisa. Trata-se do mesmo tecido, na medida em que se trata do recorte de tesoura do discurso.” (Lacan, 1968-69/2008, p. 44).

Em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade* (1959-1960), texto contemporâneo ao Seminário VII *A ética da psicanálise* (1959-1960), Lacan já havia confirmado sua posição com a seguinte distinção:

> Entre uma estrutura como que aparente (que implicaria a crítica daquilo que o caráter descritivo comporta de natural) e uma estrutura que ele (Lagache) pode declarar distante da experiência (já que se trata do "modelo teórico" que ele reconhece na metapsicologia analítica), essa antinomia desconhece **um modo de estrutura** que, por ser terceiro, não deve ser excluído, ou seja, **os efeitos que a combinatória pura e simples do significante determina na realidade em que se produz**. Pois, é ou não **o estruturalismo aquilo que nos permite situar nossa experiência como o campo em que isso fala?** Em caso afirmativo, "a distância da experiência" da estrutura desaparece, já que **opera nela não como modelo teórico, mas como a máquina original** que nela **põe em cena o sujeito**. (Lacan, 1959-1960/1998 p. 655 [grifo nosso]).

Nem estrutura descritiva, nem modelo teórico, mas um modo de estrutura que opera na experiência como máquina original que, pelos efeitos da combinatória significante, nela põe em cena o sujeito. Como se pode notar, Lacan tem uma posição bem mais radical com relação aos modelos do que comumente se imagina. Primeiro por que não compartilha em absoluto da concepção empirista de que a realidade seja algo dado, e sim da concepção de que é o discurso que estrutura o mundo real, e de que a experiência é preparada pelo conceito. Segundo, que essa divisão entre realidade empírica e o plano teórico, revela-se, do ponto de vista materialista, como uma *formação ideológica*; essa sim se utiliza dos modelos a fim de produzir ilustrações, "imagens plausíveis" da realidade empírica naturalizada, visando controle e manipulação – ao invés de – partindo de uma realidade construída, mediante à estrutura dos discursos, como máquina original, por em ato um processo de "transformação prática do real" que põe em cena o sujeito.

Somado a isso, ainda a respeito da relação da teorização lacaniana com o modo de produção do campo das matemáticas, além da homologia defendida pelo autor entre as propriedades do significante e as dos conjuntos, defendemos que se deve considerar com mais atenção à adesão de Lacan, a heurística, enquanto parte da lógica interessada em experimentos, coerente com sua observância dos critérios matemáticos para o uso do conceito de modelo preconizados por Badiou, como vimos anteriormente. Esperamos que essa somatória possa reequilibrar a equação em prol da defesa e da continuidade de pesquisas e invenções que visem à fundamentação dos conceitos e da práxis psicanalítica no campo criativo das matemáticas[26].

[26] Leo Corry (1992) nos indica mais um caso dessa perspectiva criativa no próprio domínio da matemática, segundo o autor "o estilo de Bourbaki", por exemplo, "é geralmente descrito como um rigor intransigente sem concessões heurísticas ou didáticas ao leitor. Esta caracterização talvez se encaixe na maior parte do tratado, mas não na Teoria dos Conjuntos. De fato, quanto mais avançamos nos capítulos da Teoria dos Conjuntos, encontrando novos símbolos e resultados, mais Bourbaki assiste a ele mesmo com explicações heurísticas do significado das declarações, mesmo quando não são especialmente difíceis". (p. 321). Para o exame desse e de outros exemplos, ver ainda Cruz (2012). Bourbaki: um estilo que revolucionou a matemática. In *O estilo em matemática: pessoalidade, criação em ensino*; Corry (1992) *Nicolas Bourbaki and concept of mathematical structure*; Grande, R. M. (2015) *Sobre o papel heurístico da matemática na descoberta de antipartículas em mecânica quântica relativística* e Maldonado (2005). *Heurística y producción de conocimiento nuevo en la perspectiva* CTS [Ciência, Tecnologia e Sociedade].

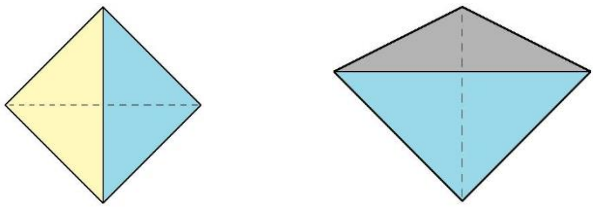
Retornando aos nossos objetivos mais imediatos, vejamos neste capítulo, o desenvolvimento de mais uma etapa da teoria dos discursos que havia sido anunciada por Lacan e que ficara suspensa até então, que é a questão da transformação. ***Examinemos quais as mudanças propostas por Lacan no grupo de Klein a fim de que se obtenha uma estrutura combinatória em que seja possível realizar um percurso em que as operações – não sejam mais – involutivas.*** O que nos possibilitará esclarecer quais podem ser as operações e condições que respondem pela transformação dos elementos na passagem de um discurso a outro, tal qual fora indicada por Lacan no curso do Seminário XVII *O avesso da psicanálise* (1969-1970).

Como já dissemos[27], o "tetraedro dos discursos" é uma construção que atravessa alguns Seminários de Lacan, no entanto é no Seminário XIX ... *ou Pior* (1971-1972) que sua construção é demonstrada passo a passo. Contudo, nesse momento, Lacan não faz menção à relação entre o tetraedro, o grupo de Klein, as mudanças realizadas por ele em sua estrutura e a questão da transformação dos elementos sugerida no Seminário XVII. Por tanto, tais relações precisarão ser pacientemente reconstruídas. Procedemos por etapas: primeiro as mudanças propostas por Lacan na estrutura tetraédrica dos discursos. Concentraremos nosso exame num breve, mas importante, esclarecimento de Lacan que se encontra em seu Seminário XIX a respeito da relação dos discursos com a topologia. "Meus quadrípodes", diz Lacan (1971-1972/2012, p. 64 [grifo nosso]):

> eu os dispus de acordo com o que se chama uma topologia, a qual, por ser uma das mais simples, não deixa de ser **uma topologia** no sentido do que é matematizável, e o é de maneira mais rudimentar, ou seja, **repousa no agrupamento de não mais de quatro pontos** [sob a forma dos quatro ápices de um tetraedro regular].

[27] Cf. CAP. 2, Parte III.

Figura 36. Tetraedro

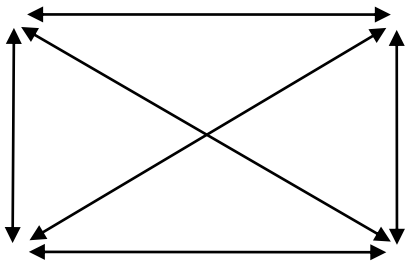


Fonte: Lacan (1970-1971). Lição 03.02.1972. http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Na sequência, Lacan irá vetorizar o tetraedro e tendo como referência o percurso tal como encontramos no grupo de Klein, irá subtrair parte de seus vetores, alterando, assim, a orientação e o percurso sobre a estrutura. Demonstrando o modo como partindo do grupo involutivo, podemos obter um grupo criativo, tal como se pode conferir em suas fórmulas dos quatros discursos. Continua (Lacan, 2012/ 1971-1972, p. 65):

> [O tetraedro] ele tem isto de particular: se os lados – ou seja, esses tracinhos que juntam o que é chamado em geometria de ápices –, se vocês [1] vetorizarem, isto é, se marcarem neles um sentido (...)

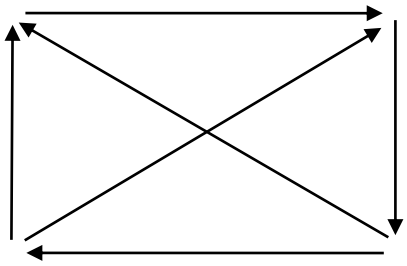
Figura 37. (1) Tetraedro vetorizado.



> [2] basta postularem como princípio que nenhum dos ápices será privilegiado, que em parte alguma poderá haver convergência de três vetores, nem em parte alguma divergência de três vetores no mesmo ápice – caso contrário, haveria pelo menos dois ápices que não poderiam beneficiar-se de vetores, e os outros seriam privilegiados -, se vocês

postularem esse princípio, portanto, obterão necessariamente a seguinte distribuição:

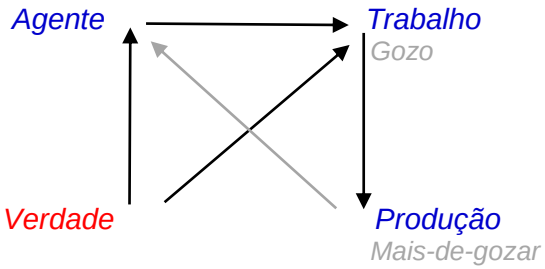
Figura 38. (2) Tetraedro segundo o princípio de não convergência de três vetores.



2 chegando → 1 partindo
2 chegando → 1 partindo
1 chegando → 2 partindo
1 chegando → 2 partindo

Em todo caso, vocês poderão obter, pela supressão de um dos lados, a fórmula pela qual esquematizei meus quatro discursos:

Figura 39. (3) Tetraedro modificado pela extração de um dos lados, fórmula dos discursos.



2 chegando → 1 partindo
2 chegando → 1 partindo
1 chegando → 1 partindo
2 partindo

Observem que um dos ápices [*Verdade*] tem realmente a propriedade da divergência, mas sem que chegue nenhum vetor para nutri-lo. Inversamente, temos esse trajeto triangular (Figura 39). O número e a orientação dos vetores são suficientes para distinguir por um caráter absolutamente especial cada um dos quatro polos que enuncio usando os termos verdade, semblante, gozo e mais–de-gozar [ou verdade, agente, trabalho, produção][28]. Essa é a topologia que decorre de toda função da

[28] Cf. nota .16

fala (...) a única forma de ação que se coloca como verdade. (Lacan, 1971-1972/2012, p. 65; 67):

Figura 40. Trajetos triangulares e a impotência do produto de atingir a verdade

Pelas trajetórias triangulares fica evidente o que resulta da propriedade divergente da verdade: os trajetos indicam claramente que a partir do desvio vetorial "a produção não tem, em qualquer caso, relação alguma com a verdade". (Lacan, 1992/1969-1970, p. 166). Da perspectiva semântica, há nesse ponto não apenas uma falta de comunicação, mas uma obturação "a estrutura de cada discurso exige aí uma impotência, definida pela barreira do gozo, para se diferenciar dele como disjunção, sempre a mesma, entre sua produção e sua verdade." (Lacan, 2003/1970, p. 445). Cada discurso se depara com **a impotência** do produto para atingir a verdade. A raiz dessa impotência decorre da perda irrecuperável de gozo que marca a entrada na linguagem, "da qual extraímos a função do mais-de-gozar" (Lacan, 1992, 1969-1970, p. 87). No discurso do mestre que é o discurso "que fornece o princípio da representação significante do sujeito" (Askofaré, 2013, p. 34), localizamos essa perda pela produção do objeto *a* como objeto perdido.

Figura 41. Discurso do inconsciente DM, entrada na linguagem, perda de gozo, objeto mais-de-gozar

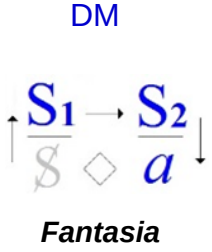
DM

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Porém, apesar de se tratar de uma nova estrutura comparada com a estrutura do grupo de Klein, é preciso notar que se trata ainda de uma estrutura involutiva. Para que ocorra uma transformação dos elementos no sentido criativo, é preciso acrescentar a essa barreira do gozo que define um lugar sem retorno nessa nova estrutura: a operação de um quarto de giro dos elementos sobre os lugares. A propriedade essencial à estrutura do grupo transformativo se mantém: a de que dois elementos se combinam para formar um terceiro. Nesse caso a combinação se faz entre *elementos* e *lugares*, e o que resulta disso, a cada movimento, é a alteração da função do elemento na estrutura. A função do elemento não é a mesma quando ocupa o lugar do agente, do trabalho, da produção e da verdade.

Segundo essa nova regra de funcionamento e as novas propriedades atribuídas aos lugares, não são apenas os elementos que se alteram, e sim a própria estrutura se transforma. Contudo, para que haja uma mudança que permita *desmontar a inércia* dessa estrutura inicial involutiva que fornece a fórmula do discurso do inconsciente DM, e por que não, a *fórmula da neurose*, seria preciso que uma nova modalidade de passagem pela verdade fosse possível sem incidir na quebra do princípio de exclusão interna ao discurso entre produção e verdade. Para que houvesse aí uma passagem possível, teríamos que, partindo do discurso do inconsciente DM ***fazer o aparelho girar no sentido contrário ao recalcamento da fantasia que fixa o sujeito ao objeto da pulsão e mantém as identificações primordiais (S1) no comando da repetição sintomática***.

Figura 42. Estrutura inicial involutiva



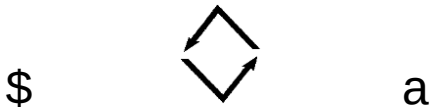
Fantasia

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Seria preciso inverter a orientação vetorial do sentido horário involutivo, que mantém a inércia e a impotência dos discursos, para o sentido anti-horário, abrindo assim uma passagem pela verdade no sentido inverso. Não mais no sentido da impotência da produção em alcançar a verdade e sim pelos efeitos da verdade na produção. Essa nova passagem se encontra simbolizada na estrutura pelo símbolo lógico da punção. Segundo o algoritmo da fantasia ($ ◊ a) e a lógica dos conjuntos o símbolo da punção ◊ designa à *disjunção* e à *conjunção,* no caso entre o conjunto do sujeito $, no lugar da verdade, e o conjunto do objeto *a* no lugar da produção. (Figura 43). O algoritmo funciona segundo o princípio de que "na disjunção dos dois conjuntos [sujeito e objeto] há perda", e "na conjunção dos dois conjuntos, há o conjunto vazio" que é o que "indica o objeto [a] no fantasma". (Nogueira, 1997, p.138). Trata-se de operações articuladas num processo de borda circular com ***uma torção no retorno sem reciprocidade*** entre aquilo que vai com aquilo que volta.

Figura 43. Algoritmo da fantasia, discurso do inconsciente

Na disjunção (a perda) na conjunção (o vazio)



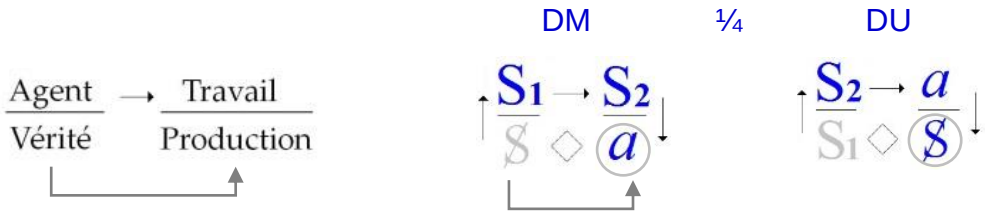
Processo de borda circular, torção no retorno sem reciprocidade

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Esse operador, que na conjunção produz conjunto vazio e na disjunção produz perda, mantém abrigado o lugar da verdade, ao mesmo tempo em que permite uma direção vetorial no sentido inverso dos ponteiros de um relógio. (Lacan, 1998/1964). Impede a passagem *da produção para a verdade*, o que se ocorresse implicaria na possibilidade do agente do discurso tornar-se senhor da verdade, porém possibilita o contrário que, algo *da verdade passe a produção* como perda e elemento a ser recuperado. Entendemos que é uma possibilidade de giro discursivo condizente com

a ética e com o ato psicanalítico. Como podemos examinar na passagem do discurso do inconsciente para o discurso do saber (DM-DU), a consequência do ato é que ***ali onde antes havia um objeto (a) – o ato analítico produz um sujeito ($)*.** (Figura 44). Uma leitura precisa em termos discursivos do imperativo ético freudiano "*Wo es war, soll ich werden*" na tradução de Lacan: "*La onde isso era [estava], lá, como sujeito devo [eu] advir*" (Lacan, 1965-66/1998, p. 87).

Figura 44. Um quarto de giro anti-horário e o sujeito dividido, da verdade à produção

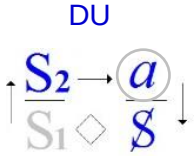


La onde isso era (a) como sujeito ($) devo [eu] advir

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

O que nesse caso implica na passagem do sujeito dividido $ no lugar da verdade no discurso do inconsciente DM, para o lugar da produção no discurso do saber DU. A segunda transformação que damos destaque nessa mudança é o movimento inicial de separação do sujeito com relação ao objeto da fantasia (S ◊ a). Com essa mudança de discurso o objeto *a* desloca-se do lugar da produção e emerge no discurso do saber DU no lugar do trabalho no campo do Outro. Essa *emergência do objeto da pulsão no discurso manifesto* pode ser lida como o movimento que resulta na "***posta em ato da realidade sexual do inconsciente***" na relação transferencial com o analista.

Figura 45. O real da pulsão na transferência

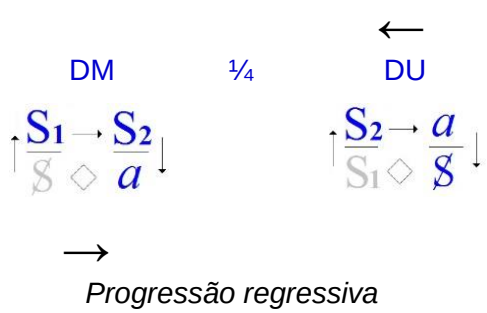


Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

> Esse percurso dá lugar a outro tempo, quando a prioridade significante cede e começa a estar em jogo a presença do gozo. É aí onde muitas vezes se interrompe uma análise, as associações se detêm neste ponto onde o significante não consegue dizer toda a verdade do objeto. Aparece então o real da pulsão na transferência. Ali temos a progressão por regressão, até o último dos significantes, até a última posição que do fantasma leva à pulsão. (Flesler, 2001, p. 56).

A emergência do "real da pulsão na transferência" se apresenta sob a forma fundamental da **demanda**. A abstinência do analista que suporta a fala propicia a regressão. Trata-se de uma demanda radical, e "é por essa via que a regressão analítica pode se produzir". (Lacan, 1958/1998, p. 623). Como diz o texto da direção da cura "é por intermédio da demanda, que todo o passado se entreabre, até os recônditos da primeira infância. Demandar: o sujeito nunca fez outra coisa, só pôde viver por isso, e nós entramos na sequência". O analista por se abster de dar a demanda uma resposta imediata, interroga a demanda a fim de que por meio dela reapareçam os significantes em que a frustração do sujeito está retida (Lacan, 1958/1998, p. 623). Como veremos a seguir com a construção do caso clínico a "*regressão psicanalítica implica"* em seu próprio movimento *a "dimensão progressiva da história do sujeito*" escandida por suas identificações. (Lacan, 1953/1998, p. 289). "Por partir da demanda de amor" a regressão "abre a sequência da transferência, ou seja, a via em que poderão ser denunciadas as identificações que, detendo essa regressão, a escandem", entre elas "a identificação com o objeto". (Lacan, 1958/1998, p. 642).

Figura 46. Posta em ato da identificação do sujeito com o objeto na transferência



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

> Lacan coloca que se trata da regressão, tanto nos discursos como no progresso da cura. O progresso da cura se dá por regressão. Em termos freudianos, isto ocorre por atualização de gozo, atualização com o analista daquilo que ocorreu em outro tempo. Nos termos de Lacan a análise caminha por regressão da demanda. (Flesler, 2001, p. 55).

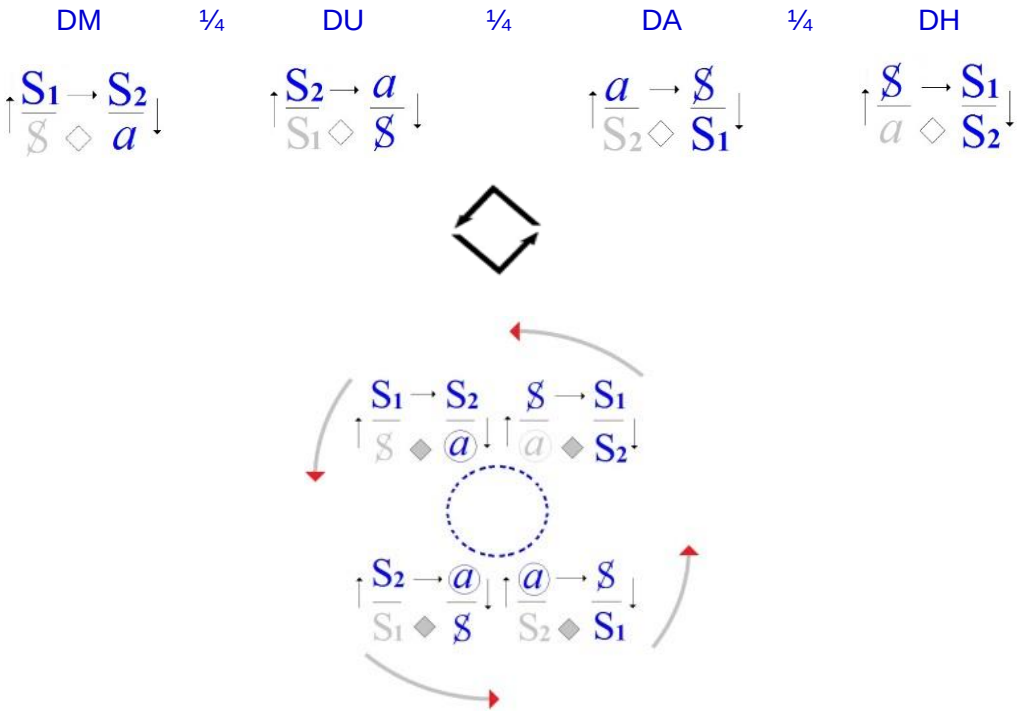
O cálculo que a estrutura dos discursos nos permite verificar nessa posta em ato da realidade sexual do inconsciente, nessa emergência do real da pulsão na transferência, é a localização do objeto *a* no campo do Outro DU. O analista, quando convocado a satisfazer ou a encarnar essa função, mantém o objeto *a* no registro do real, pois, como observou Lacan, é "somente ao acuar **o impossível** em seu último reduto que a impotência [da fantasia] adquire o poder de fazer o paciente transformar-se em agente" (Lacan, 2003/1970, p. 446 [grifo nosso]).

Transformação que faz do paciente um analisante numa passagem em que esse assume sua posição de sujeito, ou seja, aceita que o sujeito que lhe habita a fala ocupe o lugar de agente do discurso DH. Trata-se de uma transformação criativa, porém contingente, não é para todos, pois diz a ética da psicanálise que ela pode ser recusada.

> Então, de que é que se trata nessa confiança depositada no analista? (...) Quem não sabe, por experiência, que podemos não querer gozar? (...) Mas o que pode significar não querer desejar? Toda a experiência analítica (...) nos testemunha que não querer desejar, e desejar, são a mesma coisa. Desejar comporta uma fase de defesa que torna idêntico a não querer desejar. (...) É nesse ponto de encontro que o analista é esperado. (...) Enquanto o analista é suposto saber, ele é suposto saber também partir ao encontro do desejo inconsciente. (Lacan, 1998/1964, p. 222).

Nessa operação de desejo a desejo, o paciente transformado em analisante fala a partir de sua divisão, fala a partir de sua angústia e de seus sintomas, é o que se pode verificar na passagem do discurso do saber ao discurso da histeria (DU-DH) justamente por se tratar de uma passagem que implica a transformação do sujeito dividido em agente. Nessa estrutura, isso requer uma passagem prévia pelo discurso do analista DA no qual o sujeito, antes de se instalar no lugar do agente, deve necessariamente passar pelo lugar do trabalho. (Figura 47).

Figura 47. Inversão da orientação vetorial do sentido horário para o sentido anti-horário seguida da série transformativa numa perspectiva de conjunto



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

O trabalho que aí se realiza na passagem do discurso do saber para o discurso analítico (DU-DA), tendo o analista como suporte, produz uma travessia das identificações e a separação do sujeito em relação aos significantes ($ - S1) enquanto marcas de gozo em que o desejo se encontra alienado.

Na vertente da escrita, logo se vê que se trata de uma leitura das operações combinatórias diferente das encontradas no grupo de Klein. No grupo Klein a transformação se dá pela permutação dos elementos definida por uma regra numa estrutura em que ao final de um percurso, constata-se, tal qual a neurose, que houve um retorno ao ponto de partida sem que nada tenha mudado, como indica a presença do afeto da impotência.

Trata-se, numa psicanálise, de elevar a impotência (aquela que explica a fantasia) à impossibilidade lógica (aquela que encarna o real). (Lacan, 2012/1971-1972, p. 235). O caminho, portanto, mantendo abrigado o lugar da verdade ***vai da impotência ao impossível***. Pela via do ato analítico, o quarto de giro põe em

movimento os elementos num circuito de operações ao final das quais se podem verificar: na *vertente da experiência da análise*, perdas e uma impossibilidade de retorno ao ponto de partida que provoca uma mudança da posição que faz do paciente um analisante.

Na vertente da *pesquisa formal*, uma impossibilidade real que mantém abrigado o lugar da verdade, **impedindo em sintaxe e semântica que o agente se torne senhor da verdade, nesse e em qualquer um dos quatro discursos**. É o que possibilita o giro transformativo a partir do qual, ali onde havia uma única estrutura, produzam-se quatro diferentes modalidades de discurso. Quatro novas estruturas *ordenadas* e *covariantes*, que não podem ser tomadas isoladamente e nem fora da ordem, e sim como uma série, numa perspectiva de conjunto. Nessa nova abordagem, segundo Lacan “não há discurso que não tenha que receber seu sentido de outro”, ou melhor, um discurso “não adquire sentido somente por recebê-lo de um outro discurso, mas de um conjunto de discursos.” (Lacan, 2012/1971-1972, p. 48).

PARTE IV

OS DISCURSOS NA CONSTRUÇÃO E NA FORMALIZAÇÃO DO CASO CLÍNICO

CAP. 1. CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE E TEORIA

Nos capítulos anteriores examinamos experimentos de Lacan com a escrita dos quatro discursos e propusemos uma leitura planejada em cinco etapas: a elaboração do problema, o estabelecimento da fórmula, a operação do quarto de giro e o que este produz, as regras que essa nova estrutura exige para funcionar, por fim, proporemos testes a fim de conferir sua funcionalidade na pesquisa clínica.

Trata-se através dessa escrita algébrica e topológica saber como dela podemos nos servir a fim de estabelecer um método para a construção e formalização de casos clínicos enquanto “método de pesquisa” em psicanálise. A proposta é testar a funcionalidade clínica dos discursos lacanianos desde uma perspectiva de conjunto. Para tanto, estabelecemos um recorte que dá destaque à construção do caso desde o ponto de vista dessa modalidade específica de transferência – como posta em ato da realidade sexual do inconsciente – que entendemos encontrar sua fórmula nessa estrutura em movimento.

Nesse caminho, duas perguntas se impõem: a primeira delas é em relação à definição de caso clínico com que estamos trabalhando e a segunda, por que ele precisa ser *construído*? Entendemos que o caso clínico é antes de tudo um texto, uma escrita, constituindo assim “um gênero ou subgênero entre o literário e o científico”. (Dunker & Zanetti, 2017, p. 24). Sua função em psicanálise, como defende Freud (1905/1989), faz-se decisiva na elaboração dos conceitos, na fundamentação das teses, na exposição ao juízo público a respeito dos métodos e procedimentos empregados, na demonstração da eficácia do tratamento e na comunicação dos resultados. Quanto à razão pela qual um caso clínico psicanalítico precisa ser *construído*, entendemos que essa necessidade se impõe por motivos clínicos, éticos e metodológicos. Em primeiro lugar:

> Um caso clínico tem de ser construído, porque ele envolve, necessariamente, ***a função do esquecimento e da separação com relação ao real ocorrido na sessão***. Se isso não fosse uma *condição metodológica*, bastaria filmar as sessões e depois analisá-las quanto aos seus processos enunciativos, aos seus movimentos subjetivos e assim por diante. (Dunker, 2017, p. 9 [grifo nosso]).

Essa condição metodológica e as implicações éticas e clínicas a ela relacionadas encontram sua fórmula na recomendação freudiana a respeito da descontinuidade metodológica e temporal entre as duas diferentes modalidades de pesquisa *Forschung* e *Untersuchung*, tal qual introduzimos no primeiro capítulo. Recordemos a diferença entre essas duas abordagens que explicam primeiro porque um caso clínico precisa ser construído e segundo, *retrospectivamente*.

A recomendação de que a escrita do caso com finalidade científica se faça em um tempo descontinuo com relação ao tempo do tratamento impõe limites ao campo de pesquisa. No entanto, para Freud e Lacan, essa restrição se converte numa *restrição produtiva*. Freud, na discussão do caso Hans, expõe claramente as consequências de seu assentimento a esse critério que marca a descontinuidade temporal entre tratamento, pesquisa e transmissão em psicanálise. A restrição produz um tensionamento nas relações da psicanálise com a ciência: segundo o texto, Freud está de acordo com o fato de que uma psicanálise enquanto *práxis* e experiência de tratamento não é e não pode ser "uma investigação científica imparcial" (*keine tendenzlose wissenschaftliche Untersuchung*), isso por que como experiência de tratamento ela é antes de tudo "uma medida terapêutica", ou melhor, um método de tratamento em que a pesquisa da verdade inconsciente (*Forschung*) e esforços terapêuticos coincidem. Nesse sentido, "sua essência [enquanto *Forschung*] *não é provar* nada, mas simplesmente *mudar alguma coisa*". (Freud, 1909/1988 p. 86 [grifo nosso]). Na experiência da análise a produção de provas científicas e a promoção de mudanças terapêuticas opõem-se radicalmente. Assim, em respeito aos compromissos com o tratamento, as provas e a explicações científicas precisam ser construídas *a posteriori*:

> Casos que são dedicados, desde o princípio, a propósitos científicos, e assim tratados, sofrem em seu resultado; enquanto os casos mais bem sucedidos são aqueles em que se avança, por assim dizer, sem qualquer intuito em vista, em que se permite ser tomado de surpresa por qualquer nova reviravolta neles, e sempre se os enfrenta com liberalidade, sem quaisquer pressuposições. (Freud, 1912/1988, p. 114).

Assim, quando se trata de trabalhar com um caso com propósitos científicos (*Methode der Untersuchung*), isso deve ocorrer em descontinuidade com o tempo da análise e desligado de suas incumbências terapêuticas em relação a um tratamento em específico, momento em que a fala deve ser substituída pela escrita teórica, no nosso caso, um discurso sem palavras. **A escrita do caso aí é concebida**, a exemplo dos discursos na cura, **como um protocolo experimental**, como bancada de laboratório onde se elaboram problemas, testam-se soluções que põem à prova a teoria gerando novos fatos científicos. (Nogueira, 1997, Badiou, 2007). Nesse sentido, entendemos que a formalização heurística do caso clínico põe à prova a teoria e a faz avançar à luz de novas interpretações.

Quanto à importância dessa escrita teórica, Freud e Lacan têm posições semelhantes, o mesmo não ocorre com relação ao modo como se operam as *construções em análise*. Vejamos primeiro a posição de Freud, depois a leitura de Lacan. Considerando a função do esquecimento, a separação do real e as razões do corte retrospectivo na construção do caso, em que sentido devemos entender uso do termo "**construção**" utilizado por Freud? Tomamos como ponto de partida as construções tal qual elas se apresentam como técnica de investigação nas duas vertentes.

- As "construções em análise" no tempo e no enquadre da pesquisa em psicanálise enquanto *Forschung,* como investigação do inconsciente pela fala em transferência que ocorre em simultaneidade com o tratamento, na qual pesquisa científica e esforços terapêuticos coincidem.

- A "construção do caso clínico" no tempo e no enquadre da pesquisa enquanto *Untersuchung* que ocorre em descontinuidade com a análise, como escrita imparcial e retrospectiva, ou seja, desligada das incumbências terapêuticas relacionadas a um tratamento em específico e voltadas para o desenvolvimento e transmissão da psicanálise.

As construções nas duas vertentes têm como baliza a **definição de *real*** – enquanto registro de *existência* em que aquilo que em última instância se produz, apresenta-se de maneira concreta sob a forma de um obstáculo, um "escolho lógico", como aquilo "que do simbólico se enuncia como impossível" (Lacan,

192/1969-1970, p. 116). Dito isso, examinemos na vertente da pesquisa analítica que ocorre em simultaneidade com a análise as relações que as “construções” freudianas estabelecem entre *esquecimento e separação*. Em seguida vejamos, a partir disso, o que podemos dizer sobre a construção quando se trata da escrita do caso clínico pela via dos discursos na vertente da investigação científica desligada do tempo do tratamento.

Em *Construções em análise* (2017/1937) lemos que o objetivo do trabalho analítico é fazer o paciente vir a suspender os recalques de seu primeiro desenvolvimento dos quais suas inibições e sintomas são as consequências. “Para esse fim, ele precisa voltar a recordar determinadas vivências e moções de afeto por elas desencadeadas, que atualmente estão sob o esquecimento”. Porém, não se pode deixar de observar que o esquecimento na neurose decorre da amnésia, se dá por efeito do recalque. (Freud, 2017/1937, p. 366).

> Um esquecimento bem sucedido [por sua vez] seria algo que desaparece, mas não por efeito do recalque. **Por isso [em razão do recalcamento] Freud diz que na neurose (...)o sujeito não pode esquecer**. O neurótico está doente de recordações [recalcadas], e não doente por causa de esquecimentos (Brodsky, 2004b, p. 76 [grifo nosso]).

Deste modo, é preciso que haja uma *mudança de posição* daquele que sofre, ele “precisa criar coragem para ocupar a sua atenção as manifestações de sua doença”, não poderá mais ignorá-la como algo desprezível para ele. Seu adoecimento neurótico “deve ser antes um adversário digno, uma parte de sua essência que se apoia em bons motivos, de onde se trata de buscar algo valioso para sua vida futura” (Freud, 2017/1914, p. 157). Os materiais e os elementos que o trabalho oferece para tanto são vários:

> Fragmentos dessas lembranças em seus sonhos, em si de um valor incomparável, mas em geral fortemente deformados por todos os fatores que participam da formação do sonho; ocorrências que ele produz quando se entrega a “associação livre”, a partir das quais podemos descobrir alusões às vivência recalcadas e derivados das moções de afeto

> reprimidas, assim como as reações contra elas; por fim, alusões de repetições de afetos pertencentes ao recalcado em ações importantes ou triviais do paciente tanto dentro como fora da situação analítica. A experiência nos mostra que a ***relação de transferência*** que se estabelece com o analista é especialmente adequada para favorecer o retorno de tais conexões de afeto. A partir dessa matéria prima, como a chamamos, é que deveremos ***produzir*** o que queremos. O que queremos é uma imagem dos anos de vida esquecidos do paciente. (Freud, 2017, 1937, p. 366 [grifo nosso]).

Segundo Freud, as tarefas diante desse objetivo analítico são divididas em duas partes, o *analisante* é levado a suspender os recalques e a recordar, já o *analista,* diante desse conjunto de fragmentos e alusões, caberá uma construção, ou seja, precisará:

> ***Inferir o esquecido*** a partir dos sinais por ele deixados, ou, mais corretamente, ele terá de ***construir*** (*Konstruieren*) o esquecido. Como, quando e com que explicações ele comunica as suas construções (*Konstruktionen*) ao analisando é o que estabelecerá a ligação entre as duas partes do trabalho analítico. (Freud, 2017/1937, p. 367 [grifo nosso]).

A fim de esclarecer o sentido utilizado do termo "**construção**" (*Konstruktion*) nesse contexto, Freud propõe uma *analogia*, uma comparação em que encontra semelhanças entre o trabalho do analista e o trabalho realizado pelo arqueólogo: este "constrói as paredes de um prédio a partir dos *resquícios* da parede ainda existentes", o analista faz o mesmo com "os fragmentos de lembranças, associações e declarações do analisando." (Freud, 2017/1937, p. 368 [grifo nosso]).

Aqui temos uma diferença entre Freud e Lacan com relação à abordagem das construções. Lacan também dá ênfase à tarefa de construção das cenas esquecidas e perdidas para o recalque, porém como tarefa mais do analisante do que do analista. Em seu Seminário livro I, *Sobre os escritos técnicos de Freud* (1953-1954), numa releitura do artigo de Freud *Konstruktionen in der Analyse*, o deslocamento de valor da construção do analista para a construção do analisante é evidente:

> O interesse, a essência, o fundamento, a dimensão própria da análise*, é a* ***reintegração, pelo sujeito, da sua história*** até os seus últimos limites sensíveis. (...) A história não é o passado. A história é o passado ***na medida*** em que é historiado no presente (...). O fato de que o sujeito revive, rememora, no sentido intuitivo da palavra, os eventos formadores da sua existência, não é, em si mesmo, tão importante. ***O que conta é o que ele disso reconstrói***. (Lacan, 1986/1953-1954, p. 21-22 [grifo nosso]).

Além disso, com Lacan, no plano da escrita a analogia com as escavações arqueológicas – como forma de compreensão do sentido em que devemos entender e praticar as construções, ou seja, *a matéria e as regras para se realizar inferências em psicanálise* – são substituídas pela formalização matemática do significante com recursos da lógica e da topologia. Como vimos, com o algoritmo do significante, torna-se possível realizar inferências por meio de um processo de cálculo algébrico e topológico. Apesar das diferenças, é preciso reconhecer que nisso ambos concordam, pois Freud também compartilha da posição epistêmica de que não se deve apegar em demasia a sedução das analogias. Nas suas teorizações, elas constituem um passo intermediário na investigação da estrutura, tanto do ponto de vista lógico quanto a partir de sua tópica:

> As cenas infantis [as peças reconstruídas] provam ser por seu conteúdo como complementos irrecusáveis à estrutura associativa e lógica das neuroses, e somente sua inserção torna o processo inteligível – na maioria das vezes poderia dizer torna-o evidente por si mesmo (Freud, 1896/1989, p. 204).

Assim, quando se trata de reconstruir, diferente do escavador que lida com objetos físicos destruídos, continua Freud, o analista lida com um objeto incomparavelmente mais complicado do que o objeto da arqueologia, pois o ***objeto psíquico***, como “complemento irrecusável à estrutura associativa e lógica das neuroses”, é um objeto diferente de um *objeto material*, que apesar de apresentarem propriedades análogas, sua “estrutura íntima”, “ainda abriga muitos mistérios”. Portanto, para Freud, permanece desconhecida. (Freud, 2017/1937, p. 368). É nesse ponto que Lacan dá sua contribuição, conferindo a partir do algoritmo

significante à estrutura, à existência e às propriedades lógicas desse objeto real que, segundo Freud, ainda que desconhecido, *ocupa o lugar de uma peça perdida* cuja reconstrução depende tanto os efeitos terapêuticos como o andamento da cura.

Desde a perspectiva freudiana, na vertente da direção da cura o "caminho que começa com a construção do analista" e que "deveria terminar com a recordação do paciente", por algum motivo, não conduz ao objetivo almejado, "nem sempre ele vai tão longe. Inúmeras vezes não conseguimos levar o paciente à recordação do recalcado". Mas, insiste Freud, se ao invés disso pudéssemos reconstruí-lo? Assinalando que se executarmos a análise de forma correta, "conseguimos que ele [o analisante] tenha uma convicção segura da *verdade da construção* [do analista], que do ponto de vista terapêutico, tem o mesmo efeito que uma recordação recuperada". (Freud, 2017/1937, p. 376 [grifo nosso]).

É verdade que Freud modula sua intervenção de forma a evitar ao máximo que as construções do analista operem como sugestão, sempre aguardando confirmações indiretas antes de prosseguir ou abandonando construções que se mostram equivocadas, sempre segundo o *critério analítico* de que somente a continuidade da análise pode decidir sobre a correção da construção. Mas ainda assim, é preciso reconhecer como já pontuamos a contribuição de Lacan no tratamento desse problema. Como nos lembra Berenguer (2018), além do risco do empuxo à alienação abordado por Freud, Lacan também faz severas críticas às construções realizadas pelos analistas pós-freudianos que, justificadas ou não, resultam na concepção de um final de análise pela identificação com o analista. É no sentido contrário a esse empuxo identificatório que entendemos a atribuição da tarefa de construir ao analisante. Com Lacan, a ação do analista apoia-se, não num ideal, mas no efeito produzido por um objeto real que no dispositivo analítico vem a ocupar e exercer a função de enigma e *semi-dizer* da verdade, causa do desejo. (Berenguer, 2018, p. 197). Objeto real cuja estrutura lógica "escapava a Freud", levando-o a completar as lacunas da memória de seus pacientes, com as "construções do analista". (Berenguer, 2018, p. 196). Esse mesmo real que deixou Freud impaciente diante dos obstáculos encontrados na psicanálise do "Homem dos Lobos" (1988/ 1918 [1914]), por exemplo. Um caso paradigmático em que se pode observar "os efeitos de uma construção de saber pelo analista sem que haja uma elaboração, *Durcharbeitung*, por parte do analisante". (Bernardes, 2003, p. 83).

Nos casos relatados por Freud, sublinha Lacan, esse *poder* que a neurose e o próprio dispositivo concedem ao analista, só lhe davam “a solução do problema ***na condição de não se servir dele***”, esse era o “***princípio de seu poder***”. Somente renunciando a ele que esse mesmo assumia todo o seu desenvolvimento de transferência. (Lacan, 1998/1958, p. 603 [grifo nosso]). Advertido dos riscos das construções do analista poderem fazer par com a alienação do sujeito e dos perigos das ambições terapêuticas, podemos dizer que Lacan pensa com a lógica e a topologia do significante “um modo de forçar o dispositivo – e não o paciente”. Forçar o dispositivo a fim de “obter um pedaço de real”, mas ao mesmo tempo “evitando que a operação do analista” fixe-se no lugar do ideal estabelecido pela estrutura da neurose, como vinda “de um Outro demasiadamente poderoso”. (Berenguer, 2018, p. 196). A questão que esta dificuldade nos impõe pode ser traduzida nos seguintes termos: como perturbar a defesa sem que haja da parte do analista um forçamento?

> A análise não deixa de estar feita da mesma matéria: palavras, **a busca da verdade no sintoma**, **um saber que se constrói e que nunca acaba de coincidir com a verdade esperada**. Não se pode pensar um acesso direto ao real que não passe pelos elementos, já que em qualquer caso o real que concerne ao ser falante está enredado nas palavras que o constituem.
>
> Daí a necessidade de pensar de novo a análise, construí-la como uma estrutura – como posta em ação do percurso da demanda, com suas repetições – na qual as formas sempre falhas do desejo e seus fracassos igualmente repetidos, deixam [sempre] algum resíduo. **De tudo isso que falha se tem que extrair uma referência fixa, um valioso resto**. (...) Um caminho de perdas traçara assim o contorno de um real que insistia desde sempre para o sujeito, em aparência estranho a ele, mas o mais íntimo e ignorado [objeto a]. (Berenguer, 2017, p. 197 [grifo nosso]).

Considerando o ensino de Lacan – voltado à formação de analistas e sua relação com a ciência (Askofaré, 2013) – entendemos que essa concepção do dispositivo clínico demonstra a necessidade de se acrescentar a direção da cura à construção teórica do analista num tempo descontinuo à condução das análises. O

que pressupõe uma *relação dialética* com a análise do analista e sua prática de controle (supervisão). Essa dialética é a via pela qual cada um, ao seu modo, possa vir a saber, por sua própria *experiência e construção* "em torno do que o movimento gira". Dessa forma, permite ao analista em cada caso realizar a passagem a uma concepção renovada do dispositivo da cura e de sua condução.

> Pois não há para o analista *nenhum além*, nenhum além substancial ao qual se pudesse reportar aquilo em que ele se sente fundado para exercer sua função.
>
> O que ele obtém, no entanto, é de um valor inestimável – a confiança de um sujeito enquanto tal, e os resultados que isto comporta pela via de uma certa técnica. Ora, ele não se apresenta como um deus, ele não é um Deus para seu paciente. O que significa então essa confiança? Em torno do que ela gira? Sem dúvida para aquele que se fia, que recebe a recompensa [o analisante], a questão pode ser eludida. Ela não pode sê-lo para o psicanalista.
>
> A formação do psicanalista exige que ele saiba, no processo que conduz seu paciente *em torno do que o movimento gira*. Ele deve saber, a ele deve ser transmitido, e numa experiência, aquilo para o que ele retorna. Esse ponto pivô é o que eu designo (...) pelo nome de *desejo do psicanalista.* (Lacan, 1998/1964, p. 218 [grifo nosso]).

Resultado final de uma análise para além da terapêutica, o desejo do analista é o que habilita – a cada um que dele se ocupe no exercício de sua função para um outro – a responder adequadamente a essa situação, que logo percebemos "não envolver sua pessoa". (Lacan, 2003/1968, p. 254). Ou seja, no momento em que é convocado pela neurose a manter a alienação e a inércia do sintoma, a colaborar com a fantasia no tamponamento da falta no Outro, ali onde a transferência encontra o analista a fim de que este colabore com a ratificação da satisfação que a neurose fixou como destino – nesse momento é esperado que o desejo do analista funcione na vertente do ato e da interpretação. Na vertente do ato como *Versagung*, como não resposta, faz "casa vazia", a fim de que algo do sujeito tenha lugar nessa estrutura (Fingermann, 2005). Na vertente da interpretação

mantendo o saber abrigado no lugar da verdade, como semi-dizer faz “enigma”, tencionando desestabilizar a defesa a fim de relançar o trabalho analisante como princípio fundamental da direção da cura: que o sujeito em análise faça, por si, sua construção a fim de dar conta do desejo inconsciente que lhe habita, no tratamento da satisfação mórbida que mantém a inércia de seus sintomas.

As construções teóricas do analista, num tempo descontínuo para com o tratamento, encontram na lógica e na topologia dois grandes recursos. A exigência de integração e de rigor na produção teórica como parte das condições da *práxis*, apesar de óbvia, com o ensino de Lacan se encontra renovada por sua inabalável insistência em fazer ver, a todo o momento, *a estreita* “relação existente entre a teoria que se produz e o modo em que se conduz a análise”, e que dessa relação “depende [tanto] a direção da cura, assim como seus desvios”. (Berenguer, 2018, p. 198).

Não se pode deixar de sublinhar em Lacan o horizonte ético dessas exigências mínimas de rigor que as construções teóricas dos analistas devem atender, o que se estende a todos os aspectos de sua formação. Pois como assinalamos no Seminário XI sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1998/1964), se o estatuto do inconsciente é ético, e a estrutura não é um dado imediato, mas algo construído, não se pode esperar que o inconsciente exista por si mesmo, “senão que se trata de fazê-lo existir”. (Berenguer, 2018, p. 199). O que implica do lado do analista no seguinte desdobramento:

> É indispensável que o analista seja pelo menos dois: o analista [que sustenta sua *práxis*] a fim de que ela tenha efeitos, e o analista que faz desses efeitos sua teorização. (Lacan, 1974-1975, n.d., aula 10/12/74).

Portanto, retomando nossa perspectiva inicial, “o fazer existir o inconsciente” cabe abordá-lo em duas vertentes, no ato e na escrita:

- Na vertente do ato como presença real do analista que faz existir o inconsciente e autoriza o trabalho analisante.

- Na vertente da escrita, da construção teórica como proposta para que cheguemos a fazer existir o inconsciente em cada caso.

CAP. 2. FRAGMENTOS DE UM CASO CLÍNICO

Dito isso, vamos ao caso clínico, examinemos primeiro como Freud opera com as construções em análise num caso em específico, e que relações elas estabelecem com a direção da cura. Em seguida, vejamos, com Lacan, como através do relato podemos – pela via de um processo de redução formal do tecido narrativo - estabelecer a estrutura de percurso específico da transferência no curso da análise por meio da topologia e da lógica dos quatro discursos.

O relato que selecionamos para esse exame foi a história clínica do caso freudiano o “Homem dos Ratos”, publicado sob o título *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1976/1909). Os extratos da história desse caso, considerado um caso “relativamente sério” de neurose obsessiva, contém segundo Freud:

- A história do tratamento que resultou no restabelecimento completo e extinção de suas inibições.

- Além de um conjunto de assertivas sobre a gênese e a forma de ação dos processos obsessivos.

Quanto ao método de comunicação, Freud faz várias observações sobre as dificuldades de se manter a inteligibilidade do caso diante das transformações no relato exigidas a fim de se manter a identidade do sujeito irreconhecível. É o que justifica, segundo Freud, a *redução drástica* tanto da história do tratamento, quanto da apresentação dos resultados. Por outro lado, pondera Freud, se fosse possível reproduzir a análise em sua íntegra, ainda assim, é preciso reconhecer que seria impossível “tornar a estrutura visível” devido ao grande “volume de trabalho terapêutico que se lhe superpõe” (Freud, 1976/1909, p. 160). É o que se pode facilmente verificar pelas diferenças entre a construção do caso clínico tal como iremos acompanhar, e seu registro original que serviu de base para sua construção. No registro original, fica evidente o volume de trabalho terapêutico realizado ao longo do qual, entre altos e baixos, o paciente vai recuperando seu humor e sua disposição para o amor e o trabalho. Diferente desse registro original, a construção do caso que iremos acompanhar, está focada mais nas dificuldades do trabalho

analítico com relação à transferência e à direção da cura do que nos efeitos terapêuticos propriamente ditos. Seu objetivo com a construção do caso é claro: *trazer, à luz, a estrutura lógica e associativa em ação da forma mais evidente possível*.

> Nessas circunstâncias, não há alternativa senão relatar os fatos de um modo imperfeito e incompleto no qual eles são conhecidos e pelo qual é legítimo que se os comunique. Os fragmentos de conhecimento oferecidos nestas páginas, embora tenham sido reunidos com suficiente laboriosidade, não podem, em si, dar provas de satisfazerem a contento [o discernimento analítico da estrutura]; podem, contudo, servir de ponto de partida para o trabalho de outros investigadores [*die Arbeit anderer Untersucher*], e um esforço comum poderá trazer o êxito que talvez esteja além do alcance do esforço individual. (Freud, 1976/1909, p. 161).

No sentido desse esforço comum, nosso **objetivo é tornar visível pela via dos discursos a estrutura que se encontra em ação na direção da cura e no tratamento de uma neurose** e mais especificamente num tempo da transferência reconhecido como um momento em que os aspectos traumáticos da realidade do inconsciente são postos em ato na relação com o analista.

Comecemos por alguns recortes do relato referentes ao **início do tratamento** (*Die Einleitung der Behandlung*): trata-se de um jovem que relata ter sofrido de obsessões desde a infância e cujos sintomas se agravaram recentemente. Era acometido de episódios de *medo obsessivo de que algo ocorresse com duas pessoas a quem admirava, seu pai e sua namorada*. Entre impulsos e proibições, relata ter gasto anos de sua vida lutando contra suas ideias. Experimentou vários tratamentos e só obteve alguma melhora em circunstâncias em que foi possível manter relações sexuais regulares. Fora dessa situação momentânea, sua vida sexual havia sido obstruída, apesar de manter a potência dentro da normalidade.

A decisão do paciente de começar o relato de seus sofrimentos pela sua vida sexual adveio, segundo ele, de seu interesse em relação às teorias freudianas, e mais precisamente, sobre algumas explicações que encontrou folheando um dos livros de Freud a respeito de *associações* curiosas entre ideais, palavras e fatos

semelhantes às que lhe ocorriam e que por sua própria conta tentara se livrar sem obter sucesso. Foram essas leituras que o levaram a tratar-se com Freud.

A **regra fundamental da psicanálise** fora assim introduzida: “No dia seguinte, eu o fiz comprometer-se a submeter-se à única e exclusiva condição do tratamento, ou seja, dizer tudo o que lhe viesse à cabeça, ainda que lhe fosse desagradável ou que lhe parecesse sem importância, irrelevante ou sem sentido”. (Freud, 1976/1909, p. 164). Assim, foi-lhe concedida a escolha de começar por qualquer assunto que lhe contentasse, “e assim ele começou”.

Conta primeiro sua admiração por um amigo (*freund*) que procura sempre que se encontra atormentado por seus impulsos criminosos e que o acalma quanto aos julgamentos que ele mesmo faz sobre sua própria pessoa. Em seguida, lembra de outro suposto amigo que por um tempo o fez acreditar que o admirava, e que após ter alcançado seu objetivo, ser recebido em sua casa e ter conquistado sua irmã, passou então a desprezá-lo. Afirma ter sido esse “*o primeiro grande golpe de sua vida*”. Sem transição aparente retoma a história de sua vida sexual, e as cenas por volta do quarto ou quinto ano de vida que revelam o despertar precoce de sua sexualidade por meio das liberdades e da intimidade que tinha com duas jovens governantas. Algumas situações o deixavam num estado de intensa excitação numa curiosidade ardente e atormentadora de vê-las nuas.

Aos seis anos, recorda que já sofria com ereções e que certa vez superou seus receios e queixou-se a sua mãe sobre isso. Tinha um vago pressentimento de que havia alguma conexão entre suas ideais, indagações e assuntos sexuais. E o que mais lhe impressionava era uma ideia mórbida de que seus pais conheciam seus pensamentos. “*Encaro esse fato como o começo de minha doença*. Havia determinadas pessoas, moças, que muito me agradavam e eu tinha um forte desejo de vê-las despidas”, contudo, continua, “*desejando isso, eu tinha um estranho sentimento, como se algo devesse acontecer se eu pensasse em tais coisas, e como se devesse fazer todo tipo de coisas para evitá-lo*.” (Freud, 1976/1909, p. 167 [grifo nosso]. Indagado sobre seus temores, sobre o que poderia acontecer se continuasse com esses pensamentos lascivos em relação a algumas pessoas, evoca como exemplo, ***o medo atormentador*** *de que se assim o fizesse seu pai morreria*. Porém, também se recorda que esse medo e pensamento não constituíram um fato isolado em sua vida, segundo diz: “os pensamentos a respeito

da morte de meu pai ocuparam minha mente desde uma idade muito precoce e por um longo período, deprimindo-me enormemente" (Freud, 1976/1909, p. 167).

Freud interpola no texto alguns comentários, dentre eles, o de que se vê claramente nessas recordações e outros detalhes fornecidos, que o paciente quando criança esteve "sob o domínio de um componente da pulsão sexual, o desejo de olhar [escopofilia]". Um desejo muito intenso de ver pessoas do sexo feminino que o agradavam nuas. Se conforme o relato, o desejo ainda não se tornara compulsivo, "era porque o ego ainda não se havia posto em oposição a ele, *e ele ainda não o encarava como algo estranho a si próprio*". (Freud, 1976/1909, p. 167 [grifo nosso]). Com base nessas e outras recordações, segundo Freud, podemos dizer o seguinte: "uma pulsão erótica e uma revolta contra ela, um desejo que ainda não se tornou compulsivo e, lutando contra ele, um medo já compulsivo; um afeto aflitivo e uma impulsão em direção ao desempenho de atos defensivos. [Como podemos conferir por sua narrativa] o inventário da neurose [infantil] alcançou sua amostragem completa", porém alguma coisa a mais está presente. Freud classifica esse ***a mais*** como "uma espécie de delírio ou *delirium* com o estranho conteúdo de que seus pais conheciam seus pensamentos". (Freud, 1972/1909, p. 168).

Porém, Freud chama a atenção para o fato de que, do ponto de vista da análise, não se pode deixar de observar que *isso tudo que fora relatado nada diz sobre qual pode ter sido o sentido original da ideia de que se ele tivesse desejos lascivos como esses, seu pai "estaria fadado a morrer"*. Seria essa ideia um disparate, ou existem meios de compreender essas palavras como consequência de eventos e pensamentos anteriores? A hipótese de Freud é que, antes disso, deve ter havido crises e conflitos que foram surpreendidos pela *amnésia* que durou até o seu sexto ano de vida. No entanto, a amnésia deixou "atrás de si" "um resíduo", que é justamente o que se pode verificar no "conteúdo particular do *medo obsessivo*". (Freud, 1976/1909, p. 169 [grifo nosso]). Freud questiona a extensão do que será possível ***reconstruir*** das experiências que tornariam inteligíveis suas estranhas e atormentadoras obsessões.

Mais algumas sessões e finalmente conta uma experiência atual, que segundo ele, constituiu o ***motivo imediato pelo qual decidiu tratar-se*** com Freud. Vejamos o relato em primeira pessoa:

> [Em meio a manobras militares] eu antes estivera padecendo e me atormentando com todas as espécies de pensamentos obsessivos, mas eles passaram rapidamente durante as manobras. Eu estava a fim de mostrar aos oficiais regulares que pessoas como eu não só haviam aprendido bastante, mas também podiam aguentar bastante. Um dia, partimos de……em marcha lenta. Durante uma parada, *perdi meu pince-nez* [óculos] e, embora pudesse encontrá-lo facilmente, não queria atrasar nossa partida, de modo que o deixei para lá. Todavia, telegrafei aos meus oculistas em Viena para que me enviassem um par, pelo próximo correio. Durante aquela mesma parada sentei-me entre dois oficiais, um dos quais, um Capitão de nome tcheco, não iria ter pequena importância para mim. Eu tinha certo terror dele, pois ele obviamente gostava de crueldade. Não digo que era um homem mau, mas no grupo de oficiais ele sempre havia defendido a introdução de castigo corporal, de modo que eu fora obrigado a discordar dele com veemência. Pois bem, durante a parada passamos a conversar, e o Capitão contou-me que havia lido sobre um castigo particularmente horrível aplicado no Leste…' (Freud, 1976/1909, p. 170-171[grifo nosso].

Nesse momento o paciente interrompe seu relato, levanta-se do divã e pede para que lhe poupe de contar os detalhes sobre a execução do castigo. Freud lhe assegura de que não tem gosto nem desejo algum de atormentá-lo, porém não poderia conceder-lhe o que pedira, pois a "superação das resistências era uma lei do tratamento, e de forma alguma se poderia dispensá-la". Com a insistência e alguns auxílios de Freud, o castigo enfim é relatado: o criminoso fora amarrado e "um vaso foi virado sobre suas nádegas… alguns ratos [*Ratten*] foram colocados dentro dele… e eles…' - de novo se levantou e mostrava todo sinal de horror e resistência - `penetravam no…' - Em seu ânus, ajudei-o a completar, recorda Freud. (Freud, 1976/1909, p. 171). Com as maiores dificuldades, prosseguiu dizendo que, no momento em que ouviu o relato desse castigo, ocorreu-lhe a seguinte *ideia*:

> Naquele momento atravessou minha mente, como um relâmpago, a ideia de que isso estava acontecendo a uma pessoa que me era muito cara.
>
> Respondendo uma pergunta direta, ele disse que [segundo a ideia que lhe ocorrera como um relâmpago] não era ele mesmo quem estava infligindo o

> castigo [a uma pessoa que lhe era muito cara], mas que este estava sendo aplicado como se fosse de forma impessoal.
>
> Após pequena insinuação, eu soube que a pessoa a quem essa ideia se referia era a moça [sua namorada].
>
> Interrompeu sua história para me assegurar de que esses pensamentos lhe eram totalmente alheios e repulsivos. (...)
>
> Simultaneamente a ideia, sempre aparecia uma sanção, isto é, a medida defensiva que ele estava obrigado a adotar, a fim de evitar que ***a fantasia*** fosse realizada.

Após um ato falho, que ao invés de dizer ter conseguido evitar *uma* ideia, diz ter evitado *ambas,* viu-se assim

> obrigado a admitir que uma segunda lhe ocorrera simultaneamente, ou seja, a ideia de que o castigo estava sendo aplicado também a seu pai. Como seu pai havia falecido muitos anos antes, esse medo obsessivo era muito mais disparatado. (Freud, 1976/1909, p. 172 [grifo nosso]).

O sujeito se encontrava dominado por uma ***fantasia*** contra a qual era preciso executar uma série de medidas defensivas complicadas, muitas vezes assumindo a forma de ideias obsessivas delirantes (*Zwangsdelirien*). Prosseguindo o relato, conta-nos que nessa mesma noite em que lhe ocorreu tais pensamentos enquanto ouvia o Capitão relatar o castigo, ele entrega-lhe uma encomenda dos correios, os óculos que havia pedido, dizendo que as despesas haviam sido pagas pelo Tenente A., a quem ele deveria reembolsar. Nesse exato momento, *uma sanção* apresenta-se em seus pensamentos como um relâmpago, de *que não deveria devolver o dinheiro*, caso contrário "aquilo iria acontecer", ou seja, "a fantasia dos ratos se realizaria em relação a seu pai e a moça". Para combater essa sanção de *não pagar*, outra ordem contrária lhe surgiu como juramento: "***você*** deve pagar de volta as 3.80 coroas ao Tenente A." (Freud, 1976/1909, 172 [grifo nosso]). Disso segue uma série de planos e tentativas de realizar o pagamento ao Tenente A., que se encontrava aquartelado num lugarejo a três horas de viagem. Um dos "planos" traçados para realizar o pagamento deveria atender à condição de que ele mesmo

estivesse presente no ato, mas que outra pessoa o fizesse em seu lugar. Porém, todas as realizações se mostraram do ponto de vista prático muito complicadas e todas as tentativas de cumprir o juramento de algum modo fracassaram. Seu relato "pleno de contradições" recorda Freud, "soava desesperadamente confuso".

Esclarecida uma série de distorções, superadas as resistências, foi possível estando em tratamento pôr em ordem suas ideias lhe permitido concluir, com a ajuda de seu amigo (*freund*), realizar o pagamento das despesas pelo envio do dinheiro diretamente para a agência dos correios. Momento em que revela que, na verdade, sempre soubera que o Capitão havia se equivocado quanto ao reembolso ao Tenente A., e que o pagamento deveria ser feito não ao Tenente, mas a uma jovem funcionária da agência dos correios que havia feito o pagamento em seu lugar e lhe enviara a encomenda. *Ainda assim,* recorda Freud, "muitos meses depois, *quando sua resistência atingiu seu ápice,* sentiu uma vez mais a tentação de viajar para P.....,apesar de tudo, a fim de visitar o Tenente A. e realizar a farsa de lhe devolver o dinheiro." (Freud, 1976/1909, p. 177 [grifo nosso]).

"*Decidi contar-lhe algo que considero mais importante e que me atormentou desde o primeiro instante*", assim inicia a sessão que, segundo Freud, irá lhe possibilitar uma ***introdução ao entendimento da cura*** (*Die Einführung ins Verständnis der Kur*) (Freud, 1976/1909, p. 178 [grifo nosso]). Decisão importante que, como veremos, sinaliza uma *mudança de posição no discurso* cujo andamento do trabalho de análise conduzira tanto à localização da causa desencadeante do adoecimento, quanto, pelo caminho da transferência, à solução da ideia do rato e de seu medo obsessivo.

Decide contar a história da doença de seu pai que o levou a morte nove anos atrás. Censurou-se pôr ter dormido e não ter estado presente ao seu lado no momento de sua morte. Recorda que isso lhe foi doloroso, mas não a ponto de se atormentar. Por muito tempo, constantemente, sucedeu-lhe agir e pensar como se o pai ainda estivesse vivo. Em sua imaginação estivera ocupado em lhe contar coisas, aguardar sua chegada ou encontrá-lo em casa, embora, "jamais tivesse esquecido" que estava morto. Passados dezoito meses da morte de seu pai, sua autocensura retornou e a partir de então "começou a atormentá-lo terrivelmente". Segundo ele, o que ocasionou essa crise foi *uma fala* do tio que ao se referir à esposa falecida, diz a

todos os presentes em tom de lamento que: “os maridos se permitem toda indulgência possível [se divertem por aí]; eu vivi só para essa mulher”. (Freud, 1976, 1909, p. 179). Imediatamente interpretou as palavras do tio como se esse estivesse por alusão pondo sob suspeita a fidelidade conjugal de seu pai. Muito embora o tio tenha negado com firmeza tal interpretação, *o efeito imediato* sobre ele, a princípio *desproporcional* e *ininteligível,* foi que começou tratar a si próprio como um criminoso, seguido da ampliação da “estrutura de seus pensamentos obsessivos” que passaram “a incluir o outro mundo. Como observa Freud, essa inclusão “do além” na estrutura do seu pensamento obsessivo “era fortalecido com determinada dose de superstição – um traço de onipotência, como se seus desejos maus possuíssem poder”, e como se esse poder já lhe tivesse sido “confirmado” por experiências reais. (Freud, 1976/1909, 260). “A consequência imediata dessa evolução fora ele ficar *seriamente incapacitado de trabalhar*”. (Freud, 1976/1909, p. 179 [grifo nosso]).

Nesse estado, o único apoio que encontrava para seguir adiante era o consolo do amigo que lhe aliviava a autocensura com “base no fato de que eram totalmente exageradas” (Freud, 1976, 1909, p. 179). Nesse momento, Freud entende necessário realizar uma intervenção em sua fala sobre a opinião do amigo, o que entendemos ser uma *retificação subjetiva* fundamental.

> O leigo irá dizer que o afeto é demasiadamente grande para a ocasião – que isso é exagerado – (...) Pelo contrário, o analista diz: Não. O afeto se justifica. O sentimento de culpa não está, em si, aberto a novas críticas. Mas pertence a algum outro contexto, o qual é desconhecido (inconsciente) e que exige ser buscado. O conteúdo ideativo conhecido só entrou nessa posição graças a uma falsa conexão. (Freud, 1976/1909, p. 177 [grifo nosso]).

Dessa retificação, seguida de mais algumas considerações sobre o tema da culpa resultou que “na sessão seguinte, o paciente mostrou grande interesse” por aquilo fora dito e apresentou dúvidas sobre a relação entre sentimento de culpa e a terapêutica, seguido de uma série de explicações de Freud sobre *sua teoria* do inconsciente. Freud conclui com a afirmação de que no seu caso “os derivados desse inconsciente reprimido eram os responsáveis pelos *pensamentos involuntários* que constituíram a sua doença” (Freud, 1976/1909, p. 181 [grifo

nosso]). Aqui, uma observação importante de Lacan, quanto ao modo “audacioso” que Freud procede com a interpretação e as “explicações teóricas” nesse caso, assinalando que se tratam na verdade mais do que uma introdução ao entendimento da cura, como acreditava Freud, e sim de intervenções que resultaram numa verdadeira *retificação* da posição do sujeito diante de seus sintomas, ou seja, na introdução do paciente “numa primeira localização de sua posição no real”. (Lacan, 1998/1958, p. 603).

Na sessão seguinte a essas primeiras localizações, responde apresentando ao trabalho mais um fragmento de sua história infantil. Recorda duas cenas em que a morte de seu pai se inseriu entre suas ideias. Lembra que aos sete anos, havia o medo de que os pais adivinhassem seus pensamentos e que aos doze, diante de uma afeição não correspondida - *pela irmã de um amigo* - “viera-lhe a ideia de que *ela lhe seria afável* se alguma desgraça viesse a lhe acontecer; e, como exemplo dessa desgraça, a morte de seu pai insinuou-se forçadamente em sua mente. Ele logo rejeitava com energia a ideia”. (Freud, 1976, 1909, p. 179). Mesmo hoje, não poderia aceitar que isso poderia ter sido um desejo, mesmo admitindo que repudiara a ideia com energia. Freud dá outros exemplos, “ele estava abalado”, todavia “não abandonou sua objeção.” (Freud, 1976, 1909, p. 182).

Prosseguiu dizendo de um pensamento que lhe ocorreu meses antes da morte de seu pai. Namorando, desejando casar-se, porém impossibilitado por razões financeiras, ocorreu-lhe a ideia sinistra de que a “morte de seu pai poderia torná-lo rico o suficiente para desposá-la. Defendendo-se dessa ideia, ele estivera a ponto de desejar que seu pai não lhe deixasse absolutamente nada, de modo que ele não pudesse ter compensação alguma pela sua terrível perda.” (Freud, 1976, 1909, p. 183). Freud traz mais um fragmento de teoria sobre a relação entre medo e desejo, “Ele estava muito agitado com isso, e muito incrédulo. Queria saber como lhe fora possível ter um desejo desses, considerando que ele amava seu pai mais do que amava qualquer outra pessoa no mundo”. Certamente assinala Freud, “*ele teria renunciado a todas as suas próprias perspectivas de felicidade se, fazendo-o, pudesse ter salvo a vida de seu pai*”. (Freud, 1976, 1909, p. 183 [grifo nosso]). Contudo, frente a suas contradições e objeções, Freud lhe assegura que “*exatamente um amor assim intenso era a precondição necessária do ódio reprimido*” e, ao que tudo indica, a fonte da qual “sua hostilidade pelo pai tirava sua

indestrutibilidade era, evidentemente, algo da natureza de *desejos sensuais*, e nessa correlação ele deve ter sentido seu pai como uma interferência". Freud acrescenta afim de que se acalme e reconsidere sua posição que, segundo as pesquisas psicanalíticas, "um conflito como esse entre sensualidade e amor infantil" é absolutamente típico. Provavelmente datam de uma época em que seu amor pelo pai não era maior do que o amor sentido por outras pessoas. (Freud, 1976, 1909, p. 183).

Como temos acompanhado, Freud fornece-nos todos os detalhes de seu modo de operar, as construções do analista armadas a partir do material significante produzido pela associação livre, devem ser confirmadas pelas construções do analisante. As confirmações sobre ***a verdade*** em jogo nas construções são sempre indiretas sob a forma de ocorrências e recordações que fazem alusão a outra cena que se mantém inconsciente e cuja reconstrução por parte de ambos depende tanto o efeito terapêutico quanto o andamento da cura.

Retornando ao caso, entre as alusões confirmatórias, após uma pontuação de Freud quanto à hostilidade recalcada e o sentimento de culpa, o paciente diz-lhe ocorrer à lembrança de uma leitura que fizera certa vez, em que o narrador se depara com a mesma questão que lhe está sendo colocada, diz o narrador: "Eu o fiz, diz minha Lembrança. Eu não posso ter feito isto, diz meu Orgulho, e permanece inexorável. No final a Lembrança cede." – Momento em que o paciente acrescenta a afirmação de que – no seu caso a "lembrança não cedeu nesse ponto". Admitindo assim, ainda que de forma indireta, sua resistência como obstáculo à recordação, diante do que, Freud faz a seguinte intervenção: se, conforme diz, a lembrança não cedeu nesse ponto, isto se deve "porque o senhor deriva o prazer de suas próprias autocensuras como meio de autopunição". (Freud, 1976, 1909, p. 187). Uma intervenção que se apoia, além de todas as evidências produzidas pela análise de seus sintomas, no fato indiscutível de que após a morte de seu pai, seu estado neurótico piorou muito. De acordo com seu relato, seus sentimentos de culpa tornaram-se, desde então, a fonte principal da intensidade de sua doença, impedindo o andamento do trabalho de luto que aí assumiu uma expressão patológica.

CAP. 3. CONSTRUÇÃO E TRANSFERÊNCIA

Diante dessa recolocação do problema, segue nova abertura ao trabalho com a recordação de atos violentos e ciumentos para com o irmão, além dos intensos sentimentos de ciúmes e fantasias de vingança para com a namorada que em algum momento havia recusado suas propostas amorosas. Alusões, segundo Freud, a caminho dos verdadeiros motivos de sua inexplicável obsessão de tomar-se a si mesmo como culpado por um crime. Nesse momento, tudo indica que se aproxima passo a passo do reconhecimento e da localização subjetiva de "um sentimento de raiva muito grande, inacessível à consciência do paciente, e dirigido contra alguém que surgira como uma interferência no curso de seu amor" (Freud, 1976/1909, p. 192). Após relatar um episódio em que os cuidados dispensados pela sua namorada a sua avó doente impedem, de alguma forma, seus encontros, somados à recordação da recusa de sua proposta de casamento, produz *um sonho* que mostra a força que o antagonismo assume nessas circunstâncias. Esse sonho, como veremos, marca o início de uma nova etapa do trabalho analítico com a ***transferência*** do conflito inconsciente para sua relação com o analista:

> Certa vez, trouxe-me um sonho que representava o mesmo conflito na sua ***transferência para a relação com o médico***. Sonhou que minha mãe havia morrido; ele estava ansioso por prestar-me suas condolências, mas tinha receio de que, se o fizesse, poderia ele irromper em uma *risada inoportuna*, como fizera repetidas vezes, no passado, em ocasiões idênticas. Por conseguinte, preferiu deixar um cartão para mim, onde se lia 'p.c.' [*pour condoler*]; mas ao escrevê-lo, as letras mudaram para 'p.f.' [*pour féliciter*]. (Freud, 1976, 1909, p. 196[grifo nosso]).

O percurso das associações o conduziu a admitir uma série de fantasias com a mesma temática de conflito entre amor e ódio associados aos obstáculos a seu plano de casamento. O que chama atenção de Freud nessas associações é que os significantes "plano de casamento" [*Heiratsplanes*], bem como "casar" (*Heirate*) – em homofonia com o significante "ratos" de sua atormentadora fantasia (*Ratten*) – reapareceram em sua fala em outro importante momento da construção de sua história. O que Freud observa é que o sujeito menciona essa outra ocorrência, ***de***

estrutura idêntica aos seus conflitos atuais**,** porém o faz *de passagem*, sem atribuir a mínima importância ao que estava sendo dito. Freud logo reconhece nessa *indiferença* o resultado de uma modalidade de recalcamento, que ao contrário da amnésia, mantém o evento consciente, porém lhe destitui completamente seu valor psíquico. Trata-se nada mais do que a cena em que, após a morte de seu pai, *é-lhe dito* expressamente por sua mãe que já se encontrava em andamento um plano familiar a respeito de seu futuro conjugal e profissional. Esse ***dito materno*** constituiu, segundo os dados gerados pela análise, a ***causa*** desencadeante de sua crise atual iniciada aproximadamente há seis anos.

Em seus comentários sobre o caso, Lacan (2008/1952; 1998/1958) dá toda a importância a essa passagem destacada por Freud, localizando o desencadeamento da neurose que até então se encontrava relativamente estabilizada. Segundo o exame realizado por Freud, a causa precipitadora de sua doença reside na seguinte história ocultada por ação do recalque e que fora relatada como algo sem a menor importância pelo paciente:

> Sua mãe foi educada numa família saudável com a qual ela se relacionava com certa distância.

Na verdade, segundo outro momento do relato, sua mãe fora educada como filha adotiva, numa família poderosa onde foi muito mal tratada. Seu pai, por sua vez, “era primo em primeiro grau de sua mãe, ambos de condições bem humildes” (Freud, 1976/1909, p. 286).

> Essa família administrava uma grande empresa industrial. Seu pai, quando de seu casamento, entrou nesse negócio e, com seu casamento, adquiriu uma posição relativamente confortável.
> O paciente soube, numa vez que houvera uma zanga entre seus pais (cujo casamento foi extremamente feliz), que seu pai, pouco antes de conhecer sua mãe, cortejara uma humilde [porém bonita] jovem sem recursos. (...)
> Após a morte de seu pai, a mãe do paciente, um dia, lhe contou que havia discutido com ricos parentes sobre o futuro dele, e que um dos primos seus prontificou-se a permitir-lhe que, ao completar a sua educação, ele se casasse com uma de suas filhas; uma relação de negócios com a firma oferecer-lhe-ia brilhantes perspectivas na profissão.

> Esse plano familiar desencadeou um conflito relacionado a saber se ele permaneceria fiel a sua amada, a despeito de sua pobreza, ou se seguiria os passos de seu pai e casaria com a linda, rica e bem relacionada jovem que lhe haviam predestinado.
>
> E resolveu esse conflito, que de fato existia entre seu amor e a persistente influência dos desejos de seu pai, ficando doente; ou melhor, caindo doente evitava a tarefa de resolvê-lo na vida real. (Freud, 1976, 1909, p. 201).

Segundo Freud, a maior comprovação disso é que “a principal consequência de sua doença foi uma obstinada incapacidade para o trabalho”, o que lhe possibilitou “adiar por anos a conclusão de sua educação”. (Freud, 1976/1909, p. 201). Ficando doente, evitava ter que escolher entre suas próprias inclinações sexuais e amorosas e uma união associada a boas perspectivas profissionais e sociais tal qual fora planejada pelos pais. Tão importante quanto, é a nota metapsicologia acrescentada por Freud a essa passagem: “digno de ênfase [diz Freud] é o *fato dessa fuga para doença ter sido possível através de sua* ***identificação*** *com o pai*. *A identificação capacitou aos seus afetos regredir aos resíduos de sua infância*”. (Freud, 1976/1909, p. 201).

Como era de se esperar, continua Freud, tais esclarecimentos não foram aceitos de imediato. “Ele não era capaz de imaginar, segundo disse, que o plano de casamento [*Heiratsplanes*] pudesse ter tido um resultado desses”. (Freud, 1976/1909, p. 201). Porém, assim como no sonho anterior em que o conflito negado pelo recalque fora transferido para a relação com o analista, neste ponto, pode-se verificar a mesma operação do inconsciente: aquilo de que não se pode recordar é atualizado na transferência.

> No curso posterior da cura (*Im weiteren Verlaufe der Kur*) ele foi levado forçosamente a acreditar na correção de minha conjectura, e isso de uma forma bastante singular.
>
> Com o auxílio de uma ***fantasia de transferência*** (*Übertragungsphantasie*), vivenciou, ***como se fosse um fato novo e atual***, o próprio episódio

> passado, do qual se havia esquecido ou que apenas lhe passara inconscientemente pela mente. (Freud, 1976, 1909, p. 202 [grifo nosso]).

Segue a isso um período difícil e sombrio para o tratamento, até que por fim se torna possível mais um desdobramento do trabalho com a transferência, *uma posta em ato da realidade do inconsciente na relação com o analista*. Apoiado numa identificação inconsciente com a história paterna lhe ocorreu à seguinte fantasia:

> Aconteceu que ele encontrou, certa vez, uma menina nas escadas de minha casa e imediatamente imaginou que fosse minha filha, ela lhe agradou, *e ele imaginou que a única razão por que eu era agradável e incrivelmente paciente com ele estava no fato de que eu desejava torná-lo meu genro*.
>
> Ao mesmo tempo, elevava a riqueza e a posição de minha família a um nível que coadunava com o modelo [familiar] que tinha em mente. Contudo, seu inextinguível amor pela dama [com quem pretendia casar-se] lutava contra essa tentação. *Após atravessarmos uma série das mais severas resistências e das mais amargas injúrias de sua parte, ele não podia mais permanecer cego ao efeito esmagador da perfeita analogia entre a fantasia de transferência e o estado atual de acontecimentos passados.* (Freud, 1976, 1909, p. 202 [grifo nosso]).

Em um de seus sonhos desse período, por exemplo, via essa moça que reconhecera como sendo filha de Freud. Na cena do sonho ela tinha “dois pedaços de estrume em lugar dos olhos”, o que na linguagem onírica, assinala Freud, era uma forma de dizer que “se casava com minha filha, não por causa de seus ‘*beaux yeux’* [belos olhos], mas sim pelo seu dinheiro”. (Freud 1976/1909, p. 202).

Partindo da localização da causa e seguindo seus elos associativos com sua pré-história infantil, é possível constatar que seu conflito atual “encontra-se numa situação semelhante àquela na qual, conforme sabia ou desconfiava, seu pai estivera antes de seu casamento”. (Freud 1976/1909, p. 202). Através dessa semelhança, fora possível identificar-se com seu pai. No entanto, “o conflito nas raízes de sua doença era, em essência, uma luta entre a persistência influência dos

desejos de seu pai e suas próprias inclinações amorosas.” (Freud 1976/1909, p. 202). Uma luta antiga.

Considerando a hipótese de Freud de que sua “fuga para a doença” somente foi possível através dessa identificação com o pai, vejamos como o atravessamento dessa identificação inconsciente pelo trabalho da análise pôde resultar na solução da “ideia do rato” na qual seu medo obsessivo estivera fixado. O que se pode dizer pelas informações adquiridas em análise, seu pai antes do casamento, prestara por muitos anos o serviço militar como Subtenente. Ao mesmo tempo em que se distinguia por seu senso de humor cordial e tolerância amigável para com seus companheiros, em outras ocasiões se mostrava uma pessoa impetuosa e violenta. Embora, ocasionalmente, castigasse severamente os filhos quando travessos, na medida em que cresciam, passara a compartilhar com eles “um conhecimento das pequenas falhas e infortúnios de sua vida com afável sinceridade.” Filho e pai “haviam vividos juntos como dois bons amigos [*Freunde*]”, com “exceção a um único aspecto” em relação ao qual se deve tornar compreensível o fato de que “os pensamentos a respeito da morte de seu pai ocuparam sua mente, com uma intensidade inabitual e indevida, quando ele era menino”; e também o porquê de tais pensamentos terem surgido “na trama das ideias obsessivas de sua infância.” (Freud 1976/1909, p. 203).

Esse único aspecto que os separava certamente envolvida algo do âmbito da sexualidade. Segundo os dados gerados pela análise, não pode haver dúvidas de que o pai exercera uma oposição a sua vida erótica prematuramente despertada. Lembrando que quando adulto, o pai também se opôs diretamente ao início de namoro com aquela que, mais tarde, tornou-se sua maior paixão.

Outra ocorrência importante nesse contexto foi sua atitude bastante incomum para com a masturbação. Ele não a praticara na puberdade, somente vindo a ceder a seus impulsos quando tinha vinte e um anos de idade, pouco tempo depois da morte de seu pai. Suas fantasias indicam que sua prática masturbatória assumiu um tom de desafio a uma ordem estabelecida. Por exemplo, numa de suas fantasias preferidas, após a morte de seu pai, durante seus estudos, agia como se fosse receber uma visita dele, e então “abriria a porta da frente do apartamento, como se seu pai estivesse do lado de fora; em seguida, regressando ao *hall*, ele tiraria para fora o seu pênis e olharia para ele no espelho”. Como quando o pai era vivo tinha

sido preguiçoso em seus estudos, agora “que ele retornava como um fantasma” poderia ficar muito contente por ver seu filho estudando, mas por outro lado, “era impossível que seu pai gostasse da outra parte do seu comportamento; nisto, portanto, estava desafiando-o.” (Freud 1976/1909, p. 206). Assim, observa Freud, “com um singular e ininteligível ato obsessivo, expressava os dois lados de sua relação com o pai.” (Freud 1976/1909, p. 207).

Diante de tantas evidências e da incredulidade de seu paciente para com a existência desse outro lado de sua relação com o pai, Freud lhe apresenta a seguinte construção: “quando criança de menos de seis anos, fora culpado por alguma má conduta relacionada com a masturbação, tendo sido duramente castigado”, o que “deixara atrás de si um rancor inextinguível pelo seu pai e o fixara para sempre em seu papel de perturbador do gozo sexual”. (Freud 1976/1909, p. 207). Para sua surpresa, o paciente recorda que muitas vezes sua mãe lhe contara um fato dessa natureza, que ele mesmo não se lembra, mas que ela nunca esquecera em virtude de “suas surpreendentes consequências”. Quando pequeno, entre três e quatro anos, “praticara um travessura, pela qual seu pai lhe batera.”

> O pequeno foi tomado de terrível raiva e xingara seu pai ainda enquanto apanhava. Entretanto, como não conhecia impropérios, chamara-o de todos os nomes de objetos comuns que lhe vinham à cabeça e gritara: ‘Sua lâmpada! Sua toalha! Seu prato!’, e assim por diante. Seu pai, abalado com uma tal explosão de fúria natural, parou de lhe bater, e exclamara: ‘O menino ou vai ser um grande homem, ou um grande criminoso!’
>
> O paciente acreditava que a cena causara uma impressão permanente tanto em si próprio como em seu pai. Ele disse que seu pai jamais bateu nele de novo; e também atribuiu a essa experiência parte da mudança que ocorreu em seu próprio caráter. A partir daquela época, tornou-se um covarde, por medo da violência de sua própria raiva. (Freud 1976/1909, p. 207).

Sobre o motivo pelo qual recebera o castigo, não é feito nenhuma menção a sua atitude sexual. Contudo, em outros momentos, já havia confessado as repetidas investidas suas sobre sua irmã mais nova, mesmo depois que seu pai falecera. E também acrescenta o comentário dos criados de que “sua irmã o beijava como um

amante e não como um irmão". Por esse e outros detalhes dessa relação, a conclusão de Freud é de que o castigo que recebera do pai muito provavelmente se relacionava de alguma forma "com sua investida sobre suas irmãs". O que torna inteligível a sanção que se impunha na sua fantasia dos ratos de que se não cumprisse determinada promessa "alguma coisa iria acontecer a seu pai no outro mundo", ao que Freud faz a seguinte interpretação, essa sanção significava o seguinte: "Se meu pai ainda estivesse vivo e soubesse disso, ele me castigaria de novo e eu mais uma vez me tomaria de raiva contra ele, o que lhe causaria a morte, de vez que os meus afetos são onipotentes." (Freud 1976/1909, p. 278).

Ainda assim, continuou insistindo contra o valor de verdade que tal fragmento agregara a construção, apoiando-se no fato de que "ele mesmo não consegui lembrar-se da cena." Somente "pelo ***caminho doloroso da transferência*** é que foi capaz de se convencer de que sua relação com o pai realmente carecia da postulação desse complemento inconsciente". (Freud 1976/1909, p. 209). Como recorda Freud, em transferência à situação chegou a tal ponto que, no decorrer das sessões, em sonhos, fantasias despertas e associações, "ele começou a acumular os mais grosseiros e indecorosos impropérios contra mim e minha família embora em suas ações deliberadas jamais me tratasse de outra forma senão com o maior respeito". (Freud 1976/1909, p. 209). É preciso notar e reconhecer que, apoiado no solo firme da transferência, Freud não se engana com essas agressões, não as toma para si e novamente assinala que "seu comportamento, enquanto me repetia esses insultos, era de um homem em desespero". (Freud 1976/1909, p. 209).

Intrigado diante da *não resposta* do analista, desse "não-agir positivo", como diz Lacan (1998/1951), frequentemente perguntava: "Como pode um cavalheiro como o senhor", como pode "deixar-se xingar desse modo por um sujeito baixo e à-toa como eu? O senhor devia é me enxotar, é o que mereço." (Freud 1976/1909, p. 210).

> Enquanto assim falava, costumava levantar-se do divã e circular pela sala - um hábito que a princípio explicou como sendo devido a uma questão de ética: ele não podia chegar, como disse, a proferir coisas tão horríveis estando ali deitado, tão comodamente. Logo, porém, ele próprio encontrou uma explicação mais plausível, ou seja, que estava evitando a minha proximidade por medo de que eu lhe desse uma bofetada. Se ficava no

> divã, comportava-se como alguém em desesperado terror que tentasse se salvar de castigos terrivelmente violentos; costumava enterrar a cabeça nas mãos, cobrir o rosto com o braço, saltar de repente e correr, com o semblante desfigurado de dor etc. (Freud 1976/1909, p. 209).

O trabalho fora tanto até que recordou o quanto seu pai tinha um "temperamento passional" e em algumas ocasiões em que batera nos filhos, "em seu caráter violento, não soubera parar". Paulatinamente, relata-nos Freud, "nessa escola de sofrimento", o paciente adquiriu por seus próprios meios a convicção que lhe faltava sobre o que estava em questão em seus sintomas e fantasias.

A partir de então, inicia-se um novo movimento, o ponto alto da cura (*der Kur*). Passado à posição de trabalho, o paciente torna disponível uma considerável quantidade de associações e demais materiais retidos até o momento, sendo assim possível produzir as conexões significantes que haviam sido perdidas para o recalque. Agora sim, "estava aberto o caminho para a solução de sua ideia do rato". (Freud 1976/1909, p. 211). Como já dissemos, para Lacan, o advento dos **significantes** que representam o sujeito associados ao "plano de casamento" (*Heiratsplanes*), o plano de pagamento da dívida (*Raten*) e a ideia do rato [*Rattenvorstellung*] são os que conferem a originalidade desse caso clínico, por trazerem à luz o que podemos chamar de "**linhas de destino do sujeito**".

> *A constelação original* que presidiu ao nascimento do sujeito, ao seu destino e quase diria à sua pré-história, a saber, as relações familiares fundamentais que estruturaram a união de seus pais, *mostra ter uma relação* muito precisa, e *talvez definível numa fórmula de transformação*, *com o que aparece* como o mais contingente, o mais fantasístico, o mais *paradoxalmente mórbido* de seu caso, a saber, o último estado de desenvolvimento de sua grande apreensão obsedante, *roteiro imaginário* [do pagamento da dívida ao Tenente A.] *a que chega como se fosse à solução da angústia* ligada ao desencadeamento da crise. (Lacan, 2008/1952, p. 19 [grifo nosso]).

O primeiro enigma a solucionar é saber por que as duas falas do Capitão, sobre o suplício com os ratos e sobre o pagamento da dívida, "tinham exercido um

tal efeito de agitação sobre ele e provocado reações tão violentamente patológicas". (Freud 1976/1909, p. 212). O elo associativo entre seus complexos familiares e as falas do Capitão foi possível porque nos assuntos militares o paciente estivera em um "estado de identificação inconsciente com seu pai" que, segundo nos conta, servira o exército por muitos anos. O elemento chave dessas associações se encontrava no fraseado relativo a uma das aventuras relatadas por seu pai, tal fragmento da história paterna "tinha um importante elemento em comum com o pedido do Capitão". (Freud 1976/1909, p. 212). Em ambos, as cenas estruturam-se em torno do pagamento de uma dívida para com um outro que pagou no seu lugar, pagou por uma falta. Entre as histórias de seu pai, recorda que na qualidade de Subtenente, ficara responsável por uma pequena quantia de dinheiro, e que "em certa ocasião perdera-lo num jogo de cartas", ou seja, ele tinha sido um *rato-de-jogo* (*Spielratte*), termo coloquial alemão para designar jogador. (Freud 1976/1909, p. 212). Teria ficado numa situação muito ruim se um de seus camaradas não lhe tivesse emprestado o dinheiro. Após sua saída do exército, quando se encontrava numa boa situação financeira, procurou pelo amigo a fim de reembolsá-lo, mas nunca conseguiu reencontrá-lo.

Enquanto relata, fica em dúvida se o pai conseguiu ou não devolver o dinheiro. Lembrar-se disso, para ele, era particularmente sofrido pois, apesar de negar, estava "repleto de críticas hostis ao caráter de seu pai", (Freud 1976/1909, p. 213) ponto no qual reconhece em si uma identificação com sua mãe nas críticas que ela endereçava ao marido. (Freud, 1976/1909, p. 297). Assim, "as palavras do capitão, 'Você deverá reembolsar ao Tenente A. os 3.80 *kronen*', soaram aos seus ouvidos como uma alusão a essa dívida não liquidada de seu pai". (Freud 1976/1909, p. 213). No roteiro imaginário que elaborara a fim de chegar à solução para sua angústia e de seu medo expresso pela fantasia dos ratos, entre pagar e não pagar, também se encontra em outro sentido identificado com seu pai, pois assim como o pai, antes do casamento, ele também hesitou entre duas mulheres. No caso de seu pai entre uma moça rica e uma pobre e bonita, e no seu caso, o plano de casamento (*Heiratsplanes*) através do qual o desejo de seus pais traçara seu destino e que se opunha as suas próprias escolhas amorosas.

Após os episódios e o trabalho decorrente das atuações em transferência, nesse giro de discurso, expõe-nos Freud, "*o paciente começou a elaborar grande*

volume de material associativo". A ideia do suplício realizado por meio dos ratos "inflamara todos os seus impulsos, precocemente suprimidos, de crueldade, tanto egoísta como sexual (Freud 1976/1909, p. 217 [grifo nosso]), além de que "evocaram um conjunto de recordações". Ele, de certa forma, encontrara no significante rato "uma imagem viva de si mesmo"; ele próprio fora quando pequeno um roedor "sempre pronto a morder as pessoas quando *enfurecido*, e fora terrivelmente punido por tê-lo feito." (Freud 1976/1909, p. 218). Assim, por meio de sua elaboração, foi possível reconstituir a seguinte *série de significantes* que passaram a representar o sujeito e sua divisão.

> No curto intervalo entre a história do capitão e seu pedido para reembolsar o dinheiro, os ratos [*Ratten*] tomaram *uma série* de significados simbólicos [*symbolischen Bedeutungen*] aos quais outros, recentes, se foram acrescentando, durante o período que se seguiu. (Freud 1976/1909, p. 214 [grifo nosso]).

1. A associação e a homofonia entre *Ratten* (ratos) e *Raten* (prestações) forneceram a ponte verbal pela qual foi possível conferir uma significação monetária aos ratos.
2. Mediante as pontes verbais entre – *Ratten* (ratos), *Raten* (como prestações a pagar) e *Spielratte*, (rato-de-jogo / jogador) – *o pedido que lhe fizera o Capitão reconduziu* seus pensamentos inconscientes "à dívida contraída por seu pai no jogo".
3. Na raiz dessa série, encontramos o significante *Heiratsplanes* "plano de casamento" como causa material do desencadeamento da crise, da luta interna e do "medo da violência de sua própria raiva" que atinge seu ápice com horror e revolta contra a posição do Capitão tcheco a respeito do castigo com os ratos (*Ratten*), a partir do qual irá construir sua fantasia.

> O capitão – homem que poderia defender esse tipo de punição – tornou-se um substituto de seu pai, e, por conseguinte, atraíra sobre si parte dessa vívida repulsa que explodira, na ocasião, *contra seu cruel pai*. A ideia que lhe veio por um instante à consciência, com relação ao fato de que algo

> dessa natureza podia acontecer a alguém de quem ele gostava, pode, provavelmente, ser traduzida como um desejo parecido com '*É preciso que lhe façam também a mesma coisa*!', dirigido àquele que narrou a história, e através dele, a seu pai. (Freud 1976/1909, p.219 [grifo nosso]).

Contudo, quando o Capitão, depois do relato do suplício, entrega-lhe a encomenda dos óculos e lhe pede para que pague as taxas de envio ao Tenente A., mesmo sabendo que o Capitão estava equivocado e que as taxas deveriam ser pagas à funcionária do correio, "das agitações de seu complexo paterno", responde a esse pedido (em seus pensamentos) com uma sanção que lhe ordena que faça o contrário, que não pague, pois caso o fizesse algo aconteceria a seu pai e a sua namorada. O que essa sanção disfarça é o desafio, algo como se dissesse: "não vou pagar coisa nenhuma" se tivesse que pagar ao Tenente A, seu pai (no além) e sua namorada supostamente infiel também pagariam, seriam ambos punidos com o castigo dos ratos. Uma fantasia de punição que, sem dúvida, recebera força de seus impulsos sádicos reprimidos desde sua pré-história infantil.

Em seus pensamentos essa sua fantasia cruel e onipotente que tanto temia que se realizasse, "clamava por punição". A pena voltada contra si próprio consistia em "se comprometer com um juramento que lhe fosse impossível cumprir". A sanção que lhe foi ordenada como punição por suas fantasias violentas fora a seguinte: "'Agora [mesmo sabendo que a dívida não é com o Tenente A.] você deverá realmente reembolsar o dinheiro" a ele. Ou seja: "Sim, você precisa reembolsar o dinheiro a A., conforme o exigiu o substituto de seu pai [o Capitão]. [Pois] *seu pai não pode estar equivocado*". Valem destacar que "apenas uma vaga noção desses eventos foi assimilada pela consciência do paciente" (Freud 1976/1909, p. 220).

Com isso, simbolizara dois antigos conflitos, se deveria ou não manter obediência cega ao pai e assim abandonar sua namorada a fim de casar com a moça rica que lhe fora predestinada pelo plano familiar, e não obstante, se deveria ou não manter-se fiel a sua namorada por quem alimentara desejos de vingança por seus anseios amorosos não correspondidos e, principalmente, pelo fato posteriormente revelado de que por razões de saúde ela não poderia ter filhos.

Assim, se fosse possível cumprir seu roteiro imaginário, conciliaria o inconciliável, se tivesse reembolsado o dinheiro [ao Tenente] A., teria expiado a dupla falta de seu pai, no serviço militar e no campo do amor. Pois, além de pagar a dívida para com o amigo, simultaneamente, teria deixado sua namorada (que também era sua prima) "em favor de alguém mais atraente", no caso a "linda filha" do proprietário de uma hospedaria próxima à estação dos correios, que o havia encorajado a retornar após a conclusão de seu serviço militar, fato que guardara segredo em seus relatos anteriores. O aparecimento desta personagem que o cativara é o que torna inteligível sua constante tentação de retornar a localidade a fim de pagar a dívida, quando sempre soube que bastaria enviar a ordem de pagamento à agência. Onde se verifica por que via se estabeleceu ***a repetição*** – por identificação ao pai – do conflito entre mulher rica – mulher pobre, tal como se constata na história paterna anterior ao casamento. "***Quando achamos a solução descrita acima, o delírio que o paciente sofria sobre os ratos desapareceu***." (Freud 1976/1909, p. 222 [grifo nosso]). Segundo o comentário de Lacan:

> Tudo se passa como se os impasses próprios da situação original [a história do casamento dos pais] se deslocassem para um outro ponto da rede mítica, como se o que não é resolvido num lugar se reproduzissem sempre noutro. (Lacan, 2008/1952, p. 27).

No seu roteiro obsessivo, assim como na *história paterna*, há uma dupla dívida: Por um lado, *a dívida amorosa*, que diante das dificuldades escolhe abandonar uma relação baseada na libido em prol de um casamento que lhe trouxesse vantagens profissionais e econômicas, e por outro, a *dívida social* contraída pelo jogo "nunca resolvida" envolvendo, em segundo plano, o personagem do "amigo" (*Freund*). (Lacan, 2008/1952, p. 27). Há nessa repetição do significante da dívida (*Raten*) voltas que contornam o mesmo ponto, sem que no retorno ao ponto de partida as linhas se encontrem, não fecha o circuito, dando início a uma segunda volta em parafuso. Forma-se, assim, uma "cadeia de significantes" que se compõe "segundo as leis de uma ordem fechada": "como anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis". (Lacan, 1998/1957, p. 505). *O significante da dívida articula-se com outros significantes recalcados, e com eles uma outra cena*

inconsciente toma o lugar da cena atual: os significantes *Ratten* (ratos) e *Raten* (como prestações a pagar) da cena do relato do castigo e do pagamento ao Tenente A. com o Capitão tcheco, associam-se com os significantes recalcados da história familiar e das dívidas paternas *Spielratte*, (rato-de-jogo / jogador) e *Heiratsplanes* (plano de casamento):

> o elemento da dívida está situado em dois planos ao mesmo tempo [consciente e inconsciente], e é precisamente na impossibilidade de fazer esses dois planos se encontrarem que se desenrola todo o drama do neurótico. Ao tentar fazer um e outro se recobrirem [por meio de uma identificação], faz uma operação circular, nunca satisfatória, que não consegue fechar seu ciclo. (Lacan, 2008/1952, p. 27).

Muito embora, a análise tenha obtido êxito em estabelecer fragmentos importantes da cena inconsciente em jogo – nos "impasses onde se desgarraram sua vida moral e seu desejo" (Lacan, 1998/1958, p. 603) – o material associativo produzido, conclui Freud, ainda assim apontava para a continuidade do trabalho analítico na direção de outros elementos dessa estrutura aos quais sua neurose mantinha-se fixada por ação do recalque. Por exemplo, os conflitos e identificações do menino com sua mãe, bem como o lugar que as relações com suas irmãs ocupavam em seus complexos, pois ao que tudo indica, de alguma forma, elas estavam relacionadas à "rigorosa distinção" que sempre buscara fazer em suas relações entre "aquelas que consistiam somente na cópula e tudo aquilo que era denominado de amor". A ideia de que alguém que lhe interessara, por exemplo, tenha sido amada por ele ou por outrem, "aos olhos dele" a fazia "um objeto inadequado para sua sensualidade." (Freud, 1976/11909, p. 263). Se por um lado mantinha com "a amada" um "voto de abstinência inconsciente", por outro, essa rigorosa distinção lhe permitia por acréscimo ser sexualmente infiel a sua noiva, sem que isso lhe revertesse em qualquer dúvida sobre sua fidelidade amorosa. Se ama não deseja, se deseja não pode amar. Vale lembrar que mesmo depois de dito e de algum trabalho sobre esses temas apenas uma parcela de sua significação fora assimilada por sua consciência.

Mesmo havendo muito a ser feito nesse sentido, a continuidade da análise nesse caso esbarrou num obstáculo inesperado que fora criado por seu próprio sucesso terapêutico.

> Era impossível desmanchar esse tecido de fantasia, fio por fio; o êxito terapêutico do tratamento era exatamente o obstáculo. O paciente restabeleceu-se, e sua vida normal começou a fazer reivindicações: havia muitas tarefas a cumprir, as quais já vinha, há muito tempo, negligenciando, e que eram incompatíveis com a continuação da cura (*Fortsetzung der Kur*). Por conseguinte, não me devem culpar por esse hiato na análise.

Portanto, além do manejo da transferência e de sua estrutura, entre as descobertas que a construção retrospectiva desse caso põe em pauta, não se pode deixar de sublinhar a existência desse tipo muito particular de obstáculo a continuidade da análise que se apresentou nesse caso sob a roupagem do "sucesso terapêutico". Em "Caminhos da terapia analítica" (2017/1919 [1918]), por exemplo, Freud tece uma série de considerações sobre a posição do analista frente às ameaças diante das interrupções prematuras das análises decorrentes de melhoras no estado de sofrimento. Principalmente aquelas seguidas da rápida formação de novos sintomas, como satisfações substitutivas, sem que nada tenha sido alterado do ponto de vista da posição do sujeito quanto a seus complexos inconscientes e aos fenômenos referentes à compulsão à repetição, entre eles, o sentimento inconsciente de culpa e a derivação de prazer no sofrimento como meio de autopunição. São aqueles "êxitos terapêuticos" no qual "corremos o risco de nunca alcançarmos nada além de melhoras modestas e insustentáveis". (Freud, 2017/1919 [1918], p. 196).

Quanto ao balanço final da construção em relação ao tratamento que acompanhamos, Freud retoma a questão imposta pelo denominado obstáculo terapêutico à luz das duas vertentes de pesquisa em psicanálise que temos dado destaque ao longo desse estudo:

> A exploração científica da psicanálise [*Die wissenschaftliche Erforschung durch die Psychoanalyse*] é, presentemente, apenas um co-produto de seus objetivos terapêuticos, e por esse motivo é, com frequência, exatamente nos casos em que o tratamento falha que muitas descobertas são feitas [*a posteriori*]. (Freud, 1976/1909, p. 211 [grifo nosso]).

Nesse caso em particular, vê-se claramente um dos momentos no curso de uma análise em que as duas vertentes se separam: a exploração científica enquanto *Forschung*, que ocorre em simultaneidade com a análise, determinada como vimos pelo tempo da transferência, na qual a pesquisa da verdade e os esforços terapêuticos coincidem no tratamento dos sintomas; e no limite, a investigação científica imparcial, *Methode der Untersuchung,* que ocorre em descontinuidade e desligada do tratamento. Na construção do caso clínico, nessa modalidade de pesquisa imparcial e retrospectiva, a fala é substituída pela escrita que entendemos ser uma via experimental na qual se propõe modelos e se testam soluções que põem à prova a teoria e seus conceitos a luz de novas situações e novos problemas.

CAP. 4. CASO CLÍNICO: REDUÇÃO ALGÉBRICA E ESTRUTURA TOPOLÓGICA

O que iremos verificar agora é como podemos ler e escrever algumas passagens importantes do caso construído através das fórmulas dos quatro discursos. Mais especificamente, quais os cálculos e operações são possíveis localizar a partir da estrutura dos discursos no que se refere a um determinado percurso da transferência. Para tanto, partiremos da definição de que o ***conceito de exposição*** que organiza a apresentação de um caso clínico é ou deveria ser "idêntico ao progresso do sujeito", ou seja, idêntico "a realidade da análise", como é proposto por Lacan no texto *Intervenção sobre a transferência* (1998/1952). Como vimos no caso do *Homem dos Ratos*, a realidade da análise tal qual ela é posta em ato na transferência, numa experiência em que o sujeito propriamente dito "se constitui por um discurso" que implica "a presença do analista". O dispositivo, assim constituído, produz uma neurose artificial, nos termos de Lacan, uma neurose modelo: "fazer um modelo da neurose é, em suma, a operação do discurso do

analista”. A operação do discurso com a neurose modelo visa subtrair da repetição sua dose de gozo. (Lacan, 1971-1972/2012, p. 146).

Trata-se, como dissemos anteriormente, da criação de um modelo na *vertente do ato* que, ao repetir a neurose na escala da análise, coloca-se a enfermidade no campo de alcance do tratamento. Passemos agora ao modelo na *vertente da escrita* onde o caso formalizado fornece uma nova interpretação da teoria. Nessa vertente, o primeiro passo do método consiste em retornar ao caso construído dando destaque a algumas escansões que marcam as mudanças da posição do sujeito com relação à verdade e à emergência real do objeto na transferência.

> Não se trata ali de um artifício de ordenação de um material cujo surgimento, como Freud formula de maneira decisiva, fica entregue ao gosto do paciente. Trata-se de uma *escansão das estruturas* em que, *para o sujeito a verdade se transmuta*, e que não tocam apenas em sua compreensão das coisas, mas em sua própria posição como sujeito da qual seus “objetos” são função. Isto é*, o conceito da exposição é idêntico ao progresso do sujeito, isto é, à realidade da análise*. (...) *A transferência* n*ão é nada de real no sujeito senão o aparecimento*, num momento de estagnação da dialética analítica, dos *modos permanentes pelos os quais ele constitui seus objetos*. (Lacan, 1998/1952, p. 217, 224 [grifo nosso]).

A fim de examinar as escansões do caso que indicam ***o progresso do sujeito na transferência,*** é preciso que realizemos certa redução que permita extrair do relato suas fórmulas. No nosso caso, as fórmulas serão propostas. Não obstante, assim como se deu na sua origem nos seminários de Lacan, elas serão novamente postas à prova, seguindo nosso protocolo experimental iremos pô-las à prova da experiência clínica. Em Lacan, no texto *A ciência e a verdade* (1998/1965-1966), a observação que se impõe com a realização de uma redução formal do tecido narrativo, é a de que o sujeito, em seu estado dividido, nós o reconhecemos cotidianamente em nossa experiência clínica, contudo, esse reconhecimento empírico não basta para que saibamos o que acontece em nossa *práxis.* O saber empírico intuitivo não nos entrega as chaves, e ainda menos a *estrutura* em que se

produzem e em que se orientam nossas operações. Com relação ao saber, é preciso que se opere certa redução, que no caso dos discursos implica inicialmente na realização de cortes no tecido narrativo nos quais se possam localizar por meio de uma redução algébrica os elementos que irão compor sua estrutura. A redução implica num processo de notação simbólica que destaca elementos e relações agrupando-as em fórmulas que possibilitam cálculos clínicos e de direção da cura numa estrutura topológica vetorizada.

Dito isso, retomemos o relato do caso do *Homem dos Ratos* marcando algumas de suas escansões. A primeira parte que Freud intitula como ***início do tratamento*****,** consiste fundamentalmente no endereçamento de uma *demanda,* o sujeito se apresenta dizendo querer conversar sobre o início de suas ideias obsessivas. Elas o atormentavam a ponto de ter gasto anos de sua vida lutando contra elas. Em geral, impõem-se como ordens sem sentido, muitas delas seguidas de impulsos compulsivos, algumas vezes violentos, que são combatidos por sanções contrárias diante das quais se vê obrigado a obedecer, a fim de evitar que essas ideias e impulsos se realizem. Segue o relato das primeiras entrevistas:

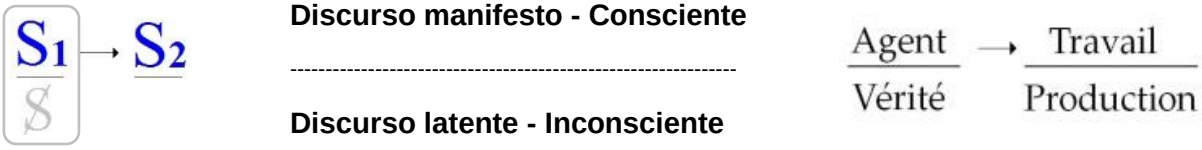
> 10 de out. Anunciou que queria conversar sobre o começo das suas ideais obsessivas. (...) [Elas começaram] quando ele estudava para as provas de concurso público. Estavam ligadas à namorada, iniciando-se por pequenas ordens sem sentido (por exemplo, contar até certo número, no espaço entre o trovão e o relâmpago; sair correndo da sala em determinado exato minuto etc.) (...). Tinha uma ordem de fazer os exames em julho, mas se opôs à ideia aconselhado por seu amigo; contudo, mais tarde recebeu ordem de fazê-los (...), em outubro, à qual obedeceu. Animou-se em seus estudos com a fantasia de que deveria apressar-se de modo a fazer-se capaz de casar com a namorada. (...) A namorada ainda permanece em grande mistério.
>
> 11 de out. – (...) Ele descreveu o modo como procura rechaçar ideais obsessivas. Durante o seu período religioso, ele compôs, para si mesmo, preces, que tomavam cada vez mais tempo, durando por vezes uma hora e meia - *e a razão disso, é que sempre se inseria alguma coisa nas frases simples* [que] *as revertia em seu sentido contrário*, por exemplo: `Que Deus - não - o proteja!' (...) Numa dessas ocasiões, ocorreu-lhe a noção de

> amaldiçoar: isto certamente não se transformaria em uma ideia obsessiva. (Era este o significado original daquilo que tinha sido reprimido). [Posteriormente] ele formara uma palavra com *as iniciais de algumas de suas preces* - algo como "*Hapeltsamen*" (...) - *e a dizia com tanta rapidez que nada poderia se insinuar para dentro dela.* Tudo isso era fortalecido com determinada dose de superstição, um traço de onipotência, como se seus desejos maus possuíssem poder, e isto se confirmava por experiências reais. (Freud, 1976/1909, p. 259-260 [grifo nosso]).

A dinâmica desses conflitos, a nosso ver, deixa-se aprender de maneira exemplar pela fórmula lacaniana do discurso do inconsciente DM. Trata-se de uma estrutura de linguagem em que os elementos se ordenam num discurso cujo lugar do agente é ocupado por imperativos. A estrutura de linguagem do inconsciente organiza-se de tal modo que aquele que fala a partir desse discurso não sabe ou tem apenas uma vaga intuição de onde vem tais ordens, e do porquê - para além do próprio medo - o falante sente-se obrigado a obedecê-las em meio a violentas lutas internas e contradições.

Vejamos o quanto a estrutura desse conflito tornar-se clara a partir da fórmula proposta por Lacan do discurso do mestre DM enquanto discurso do inconsciente. Para tanto é preciso substituir as ordens obsessivas e demais elementos que encontramos no relato pelos símbolos algébricos que compõe a fórmula do discurso. As ordens passam a ser reunidas e simbolizadas pelo S1 que designa na estrutura o significante mestre. Assim como as ideias obsessivas, o S1 no lugar do agente também se impõe no discurso como um ***ideal***, nesse caso como um ideal que remete a um Outro *não barrado* I(A). Aquele que aí se instala como falante, não sabe que tais ordens no campo do Ideal se fixam pelo fato de que o ser do sujeito ($) que o habita a linguagem, encontra-se ***parcialmente identificado*** a esses traços idealizados (S1). Uma identificação que exerce uma dupla função na estrutura do sujeito, se por um lado aliena-o, por outro, representa-o por um traço que é possível localizar e que marca sua "pura diferença" como "um-entre outros" (Lacan, 1985/1972-1973, p. 196).

Figura 48. Identificação inconsciente do sujeito $ com o significante S1

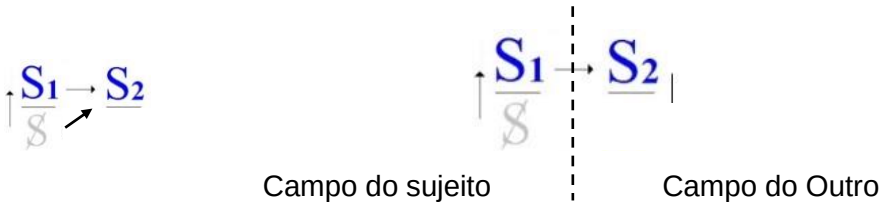


Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Se o significante é o que representa o sujeito para um outro significante, o apagamento do sujeito sob efeito dessa representação é o que sustenta o S1 nessa posição de mestria. O sujeito dividido nesse discurso encontra-se oculto sob a barra do recalque no lugar da verdade. Como podemos conferir nas fórmulas abaixo (Figura 49,50) a ***divergência dos vetores*** que partem do sujeito barrado no lugar da verdade em direções opostas, ***um na vertical outro na diagonal***, simboliza a divisão do sujeito e indicam que os efeitos do recalcamento incidem no discurso manifesto em dois lugares e elementos, deixando-se apreender em diferentes campos: no campo do sujeito e no campo do Outro.

❖ No campo do sujeito, os efeitos do recalcamento deixam apreender-se sob a forma alienada com que se estabelece a ***identificação*** do sujeito $ com as ordens impostas pelo S1 na posição de Ideal no lugar do agente.

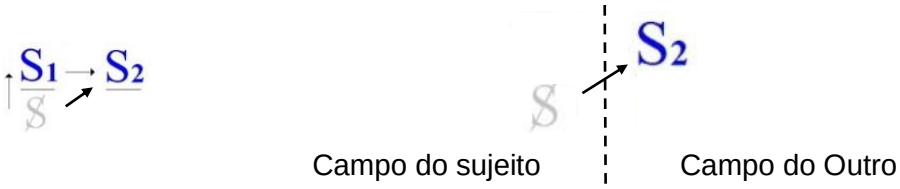
Figura 49. Identificação do $ com o S1 na posição de Ideal I(A): campo do sujeito



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

❖ No campo do Outro, os efeitos do recalcamento do sujeito no lugar da verdade deixam apreender-se sob a forma alienada com que as ***ideais intrusivas*** *como semi-dizer do desejo* se apresentam e perturbam a consciência daquele que ocupa nesse discurso o lugar da fala e do trabalho.

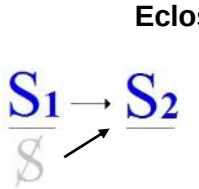
Figura 50. Ideias intrusivas: campo do Outro



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Importante observar que os dois vetores conflitantes que partem do sujeito barrado no lugar da verdade, tomando direções opostas, quando alcançam o andar de cima da estrutura, convergem para o mesmo lugar, incidindo sobre o mesmo elemento S2 (Figura 51). Segundo o modelo abaixo, essa convergência de vetores opostos para um mesmo ponto simboliza no discurso manifesto a **eclosão do conflito** no plano das ideias.

Figura 51. Vetores, convergência conflitiva incidindo sobre S2 no plano das ideias

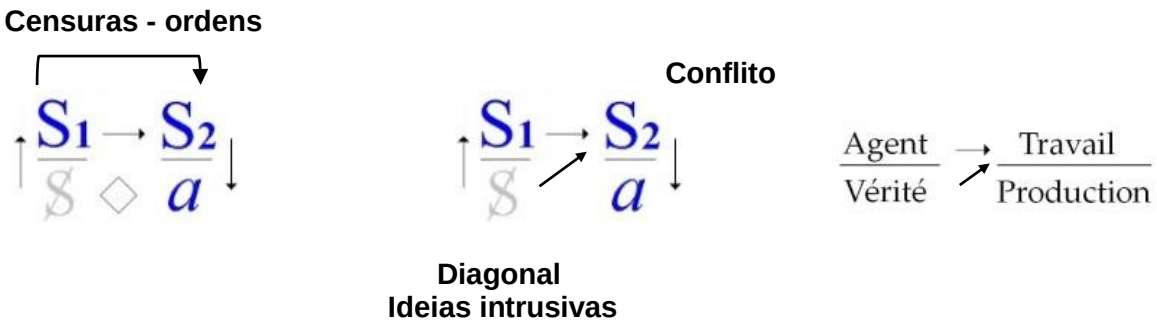


Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

No caso do *Homem dos Ratos*, uma cena destaca-se pela clareza e simplicidade com que se deixa apreender a incidência das ideias intrusivas entre seus pensamentos. Trata-se de uma cena que se repetia com muita frequência e que, segundo ele, era referente ao seu "período religioso". Quando em "suas preces" iria pedir pela proteção de alguém que lhe era próximo, sem que pudesse dizer de onde e nem por que, "sempre se inseria *alguma coisa* nas frases simples [que inexplicavelmente] as revertia em seu sentido contrário", por exemplo, "que Deus o proteja!", transformava-se em: "Que Deus - *não* - o proteja!". A intromissão perturbadora do *não* no meio da frase é, segundo Freud, uma das formas em que se

pode observar o retorno do recalcado. Um modo de dizer da verdade. Assim, segundo o modelo que propomos na vertente da escrita (Figura 52), a ação das ***ideias intrusivas*** nesse caso podem ser reduzidas e localizadas nessa estrutura pelo ***vetor da diagonal*** que, partindo do sujeito dividido no lugar da verdade recalcada, do lado esquerdo da fórmula, atinge no lado oposto o S2 enquanto saber no lugar do trabalho - sem que a mensagem passe pelo crivo da **censura** imposta por seus Ideais simbolizados pelo S1 no lugar do agente.

Figura 52. Efeitos do recalcamento, discurso do inconsciente



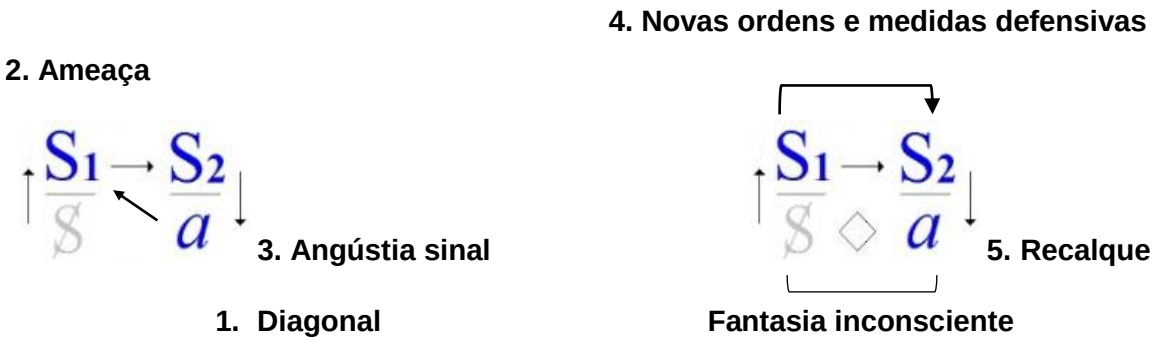
Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970/1971-1972). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Tais ideias intrusivas além de serem contrárias à ordem instituída pelo S1 geram um ***conflito***, ao mesmo tempo em que fazem alusão a uma ***fantasia*** ($ ◊ *a*) que construída, permite calcular a posição do sujeito com relação ao objeto ao qual ele está fixado. No andar inferior da fórmula do discurso do inconsciente, no lugar da produção, temos a presença velada do objeto *a*, que aí assume a função de *objeto da pulsão fixado pela fantasia*.

No tetraedro, a ***segunda diagonal*** que partindo do objeto (a) no lugar da produção, alcança o S1 no lugar do agente, simboliza a incidência do objeto sobre o S1 na posição de Ideal, ou seja, o incidência no plano do Ideal, ***do eu do sujeito identificado ao objeto da pulsão na fantasia***. (Figura 53). A incidência de tais objetos no discurso manifesto no andar superior da fórmula representa um perigo para a neurose, *uma* ***ameaça*** (de castração imaginária, ou nos termos da lógica simbólica, de inscrição de uma falta no Outro, segundo o matema do significante do

Outro barrado S(Ⱥ)). Toda situação, que de alguma forma evoca essa possibilidade, desperta no falante o afeto da ***angústia*** enquanto sinal***,*** diante do qual, a fim de evitar o perigo, são imediatamente acionadas ***novas ordens e imperativos***, S1 - S2, que muito embora possam representar certo alívio e falsa segurança, com o passar do tempo acirram ainda mais a divisão e o conflito inconsciente, exigindo constantemente novas medidas defensivas cada vez mais onerosas. Um circuito que quando retroalimentado tende a produzir um agravamento da neurose podendo deixar o sujeito num estado realmente crítico, como veremos a seguir.

Figura 53. Discurso do inconsciente e neurose



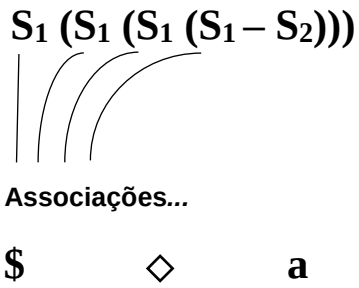
Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970/1971-1972). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Retornando ao caso construído, Freud anuncia ao sujeito a ***regra fundamental da psicanálise***. Disso, segue uma sessão intitulada “O início do tratamento**”** (*Behandlung*)**.** A sequência do trabalho resultou numa série significativa de lembranças, sonhos e livres ocorrências principalmente em torno de suas experiências sensuais vividas ainda no meio familiar. Como veremos seus impasses e conflitos atuais, tanto no campo do amor e da libido, quanto no campo do trabalho, estavam entrelaçados com suas experiências e histórias familiares. O fato de que sua fala ao longo das sessões tenha produzido um fluxo importante de detalhes sobre o contexto histórico e familiar de suas obsessões, ainda assim, não podemos dizer, até o momento, que com a aplicação da regra fundamental houve necessariamente uma mudança de discurso. É importante conferir no texto, as sessões sobre “o início do tratamento”, “sexualidade infantil”, “o grande medo

obsessivo” até o laborioso enfrentamento das resistências que atingem seu ápice “na introdução ao entendimento da cura”, em todas elas na fala que aí se realiza, não há dois lados a céu aberto, o relato não deixa dúvidas: *o conflito que desencadeara sua crise e com ela o retorno atualizado de sua neurose infantil: segue velado*. Ainda que haja um importante trabalho e construção, seguido de efeitos terapêuticos e o enfrentamento das resistências, a posição relativa à estrutura do discurso continua a mesma: *a divisão do sujeito propriamente dita não é assumida pelo falante no curso do trabalho.*

Tal qual em nossas *estruturas involutivas*[29], o percurso das associações sempre retorna, acrescentando detalhes e novas ocorrências simbolizadas pela repetição do S1 (S1 (S1– S2)) que enriquecem a construção, constituindo uma série ordenada, *um enxame*[30]. Porém, a cada nova ocorrência S1 colhida da fala, as situações que estão sendo tratadas variam ao mesmo tempo em que a cadeia simbólica recua indefinidamente, mantendo os elementos na mesma posição, segundo a mesma estrutura:

Figura 54. *Enxame* S1, Discurso do inconsciente



Fonte: Elaborado pelo autor.

Vejamos, nesse caso, uma segunda variante do discurso do inconsciente DM introduzida por um novo S1 que marca um primeiro tempo da construção da fantasia em análise. Na sessão seguinte aquela em que relatou passagens importantes de sua vida sexual infantil, o sujeito dá mais um passo no vencimento das resistências e inicia sua fala dizendo do motivo pelo qual decidiu vir “conversar”

[29] Cf. Parte III, cap. 3.

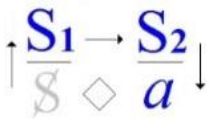
[30] O termo 'enxame', *essaim*, utilizado por Lacan, em francês é homófono a S1. (Lacan, 1985/1972-1973, p. 196). Cf. Parte II, cap. 1 e 2.

com Freud sobre suas ideais obsessivas. "*Acho que hoje começarei com a experiência que constituiu o motivo direto para eu vir visitá-lo*" (Freud, 1976/1909, p. 170 [grifo nosso]). O motivo da procura pela análise nesse caso *foi o medo*, um *medo obsessivo* (*Zwangsbefürchtung*). Em meio às manobras militares, em uma das paradas, perde seus óculos e solicita a seu oculista em Viena que lhe enviem outros. Nessa mesma parada, senta-se ao lado de dois oficiais. Um deles era Capitão e tinha um nome tcheco. "Eu tinha certo terror dele, pois ele obviamente gostava de crueldade", defendia na corporação o castigo corporal, contra o qual, diz-nos, ele se opunha com veemência. Durante essa parada, o Capitão lhe conta o que lera num livro sobre um castigo "particularmente horrível" aplicado no Oriente.

Em meio a todas as dificuldades, com a ajuda de Freud e num estado de agitação e tormenta, consegue fazer o relato do que ouvira do Capitão: relata a história que um "criminoso" (*Verbrecher*) condenado (*Verurteilte*), que foi amarrado, e um vaso foi virado sobre suas nádegas e alguns ratos foram colocados dentro dele e cavaram caminho no... "em seu ânus, ajudei-o a completar", recorda Freud. (1976/1909, p. 170). Ao ouvir o relato da forma como um "criminoso" fora punido, "não percebe" que o Capitão utiliza do mesmo significante utilizado pelo pai em sua infância na cena em que fora duramente castigado. A sequência de sua fala em análise, partindo desse novo S1 (*Verbrecher*), mostra claramente que, desde então, o sujeito encontrara-se dominado pela incidência de uma ***fantasia de punição***. Conforme nos mostrou "sua expressão fisionômica quando me repetia a história", certamente afirma Freud, a história desse castigo corporal relatado pelo Capitão "***inflamara todos os seus impulsos, precocemente suprimidos, de crueldade, tanto egoísta como sexual***. (Freud, 1976/1909, p. 217 [grifo nosso]).

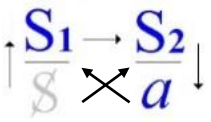
> Naquele momento *atravessou minha mente, como um relâmpago*, a ideia de que *isso estava acontecendo a uma pessoa que me era muito cara.* [Na verdade a duas, a namorada e ao pai]. Respondendo a uma pergunta direta, ele disse que *não era ele mesmo quem estava infligindo o castigo, mas que este estava sendo aplicado como se fosse de forma impessoal*.

Figura 55. Fantasia dos ratos: pensamentos e impulsos de crueldade suprimidos



Fantasia recalcada

Eu do sujeito identificado
ao objeto da pulsão (a) na fantasia



Diagonais

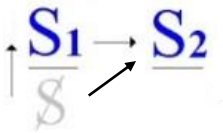
Atravessamentos na consciência
de ideias e impulsos inconscientes

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970) http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

> (...) Interrompeu sua história para me assegurar de que esses **pensamentos lhe eram totalmente alheios e repulsivos,** e para contar-me que tudo que se tinha seguido, no curso deles, passara por sua cabeça com a mais extraordinária rapidez.

Figura 56. Convergência conflitiva, pensamentos repulsivos

Convergência conflitiva, repulsa

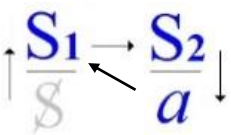


Diagonal pensamentos
precocemente suprimidos

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970) http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Figura 57. Convergência conflitiva, Impulsos de crueldade

Ameaça

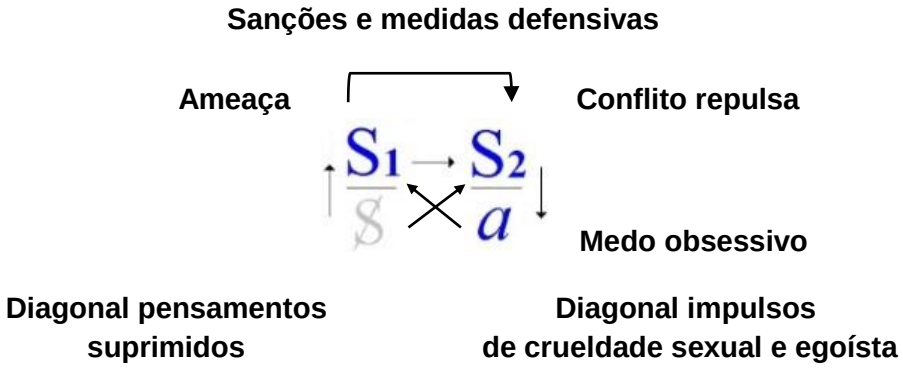


Diagonal impulsos
de crueldade sexual e egoísta

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970) http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

> Simultaneamente à ideia, sempre aparecia ***uma sanção*** [S1 – S2]', isto é, a medida defensiva que ele estava obrigado a adotar, a fim de evitar que a fantasia fosse realizada.

Figura 58. Discurso do inconsciente e neurose obsessiva



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970) http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

> Quando o capitão falara desse horrendo castigo, ele prosseguiu, e essas ideias lhe vieram à mente, empregando as suas fórmulas de praxe (um `mas' acompanhado de um gesto de repúdio, e a frase `o que é que você está pensando') ele acabara por conseguir evitar ambas [as ideias, com a namorada e com o pai] (...). Como seu pai havia falecido muitos anos antes, esse ***medo obsessivo*** era muito mais disparatado até mesmo do que o primeiro; e, em consequência, tentara evadir-se de ter confessado por mais algum tempo. (Freud, 1976/1909, p. 170 [grifo nosso]).

O disparate dessa fantasia o medo desencadeados pela história relatada desse castigo se esclarecem quando os examinamos a luz das identificações inconscientes. Entre elas, sua identificação com o significante "**criminoso**" **(*Verbrecher*), um significante mestre (S1)** de sua pré-história infantil. Esse significante recuperado pelo trabalho analítico remete a cena perdida para amnésia, porém lembrada por sua mãe, em que o pai lhe batera com severidade por algo que

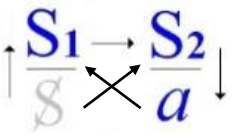
havia feito até o momento em que a criança reagira à punição de modo surpreendente. Numa explosão de fúria, xingara o pai e como vimos na construção do caso, seu pai, abalado com uma tal explosão, parou de lhe bater, e exclamara diante de todos: **‘O menino ou vai ser um grande homem (*großer Mann*), ou um grande criminoso (*großer Verbrecher*)!** A situação atual recebera um agravante no fato de que o relato do *castigo com os ratos* ter sido feito por um oficial superior na hierarquia militar que defendia, assim como seu pai, as punições corporais. Segundo a estrutura de seus complexos infantis, o Capitão ocupara o lugar anteriormente ocupado pelo Pai.

Portanto, o **medo obsessivo** de que a *punição com os ratos estaria sendo aplicado ao seu pai*, explica-se por uma inversão inconsciente: se o castigo revoltante fosse aplicado a ele mesmo em sua identificação com o S1 “criminoso condenado”, como **vingança** contra essa violência, esse mesmo castigo também deveria ser aplicado ao próprio Pai. Já o significante “grande homem”, ao que tudo indica, também exercera um papel em seus conflitos, todavia na vertente amorosa do pai Ideal I(A), contrapondo-se veemente contra a violência e a crueldade de seus impulsos inconscientes.

No roteiro elaborado com o objetivo de que o reembolso fosse feito ao Tenente A. e a dama dos correios, o significante dívida (*Raten*) destaca-se e assume na estrutura de seu delírio obsessivo, o lugar de agente na posição do significante mestre S1. Assim, o jogo da estrutura se repete. Com este significante nessa posição, outros dois significantes recalcados da história familiar entram em conexão, mantendo-se por um tempo ainda em estado latente. São eles: *Spielratte*, (rato-de-jogo / jogador) e *Heiratsplanes* (plano de casamento). Da identificação parcial do sujeito com esses significantes seguem novos conflitos e novas sanções ***impossíveis*** de se realizarem, por visarem objetivos absolutamente contrários.

Segundo nosso tetraedro vetorizado, ***a neurose pode dar muitas voltas na estrutura desse discurso,*** *o discurso do mestre, discurso do inconsciente. A cada novo S1 introduzido por esse processo falho que decorre da ação do significante S1 (S1 (S1 (S1 – S2))), variam as situações e as temáticas, mas estrutura do conflito continua a mesma.*

Figura 59. Estrutura do conflito segundo o tetraedro vetorizado



A cada novo S1 variam as situações mas a estrutura continua a mesma

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Como vimos na construção do caso, ***uma mudança de discurso anuncia-se*** quando o paciente comunica a Freud ***uma decisão*** que tomara no intervalo entre as sessões. Decide lhe falar algo que até então guardara para si: “Decidi contar-lhe algo que considero mais importante e que me atormentou desde o primeiro instante”. (Freud, 1976/1909, p. 170 [grifo nosso]). Assim conta, com detalhes, a história da doença de seu pai que o levara a morte há nove anos e de como censurou-se “por não estar do seu lado” na noite em que falecera. Tais censuras não lhe perturbaram de imediato, foi somente um ano e meio depois “que a lembrança de sua negligência lhe veio e começou a atormentá-lo terrivelmente, de forma que passara a tratar a si próprio como um criminoso (*Verbrecher*)”. (Freud, 1976/1909, p. 179 [grifo nosso]). Isso segundo recorda, ocorreu-lhe logo após a uma visita de condolências feita a um tio pela morte de sua tia, na qual o tio, em tom de lamento, dissera a todos que ali estavam o quanto *ele* fora fiel à sua mulher e que o mesmo não se poderia dizer em relação a outros homens. Um lamento que aos seus ouvidos soara como se o tio estivesse pondo em dúvida a fidelidade conjugal de seu pai. A partir desse momento, mesmo que posteriormente o tio tenha negado tal interpretação, seu estado começou a se tornar crítico e “a estrutura de seus pensamentos obsessivos”, fortalecida pela superstição, ampliou-se a ponto a incluir o além, o mundo dos mortos. A consequência disso, como vimos no caso, fora ele ficar “seriamente incapacitado de trabalhar”. Suas autocensuras eram tão intensas nesse tempo, que teria posto fim a própria vida, segundo diz, não fosse o consolo que lhe prestara o amigo (*Freund*) durante todo esse período. (Freud, 1976/1909, p. 179 [grifo nosso]).

O que restara ininteligível é por que a fala do tio tivera esse efeito sobre ele? Mesmo tendo tirado isso a limpo, uma vez que o próprio tio, que admirava seu pai, negara essa interpretação, ainda assim, como observa Freud, o efeito já não podia mais ser anulado. Que razão havia para tanto não fosse que a suspeita de traição – que *ele mesmo* atribuíra ao pai – lhe remetera a sua própria? A princípio, com relação a seu amor para com ele, a ponto de em algumas situações quando criança ter-lhe desejado a morte, entregando-se a impulsos e relações que o pai reprovava, mas também *inconscientemente* na sua vida adulta em relação a sua amada. Basta lembrar a "rigorosa distinção" que sempre fizera em suas relações entre "aquelas que consistiam somente na cópula e tudo aquilo que era denominado de amor". Se ama, deve manter-se sexualmente abstinente, se deseja, não pode amar. O que lhe permitia num mesmo ato sintomático ser sexualmente infiel a sua amada, sem que isso lhe revertesse em qualquer dúvida sobre seu amor, e ao mesmo tempo, manter sua fidelidade à interdição paterna no campo do desejo sexual.

Assim, mesmo que seu sentimento de culpa pudesse parecer totalmente exagerado aos olhos do amigo, certamente, defende Freud, ele se justificava, porém devia pertencer "a algum outro contexto" o qual era "desconhecido (inconsciente)" e que necessitava ser buscado. "O conteúdo ideativo conhecido", a ideia "absurda" de ter sido um criminoso para com o pai, "só entrou em sua posição real graças a uma falsa conexão". (Freud, 1976/1909, p. 179).

Muito embora traga para o trabalho uma série de lembranças sobre momentos específicos desde sua infância em que a ideia da morte de seu pai lhe ocorrera, em plena contradição, *não podia admitir* que em certas situações nutrira contra o pai um *desejo de morte*. Em apoio a essa interpretação basta observar que em todas as ocasiões em que essa ideia parricida lhe ocorrera, involuntariamente e como um relâmpago, algo de seus intensos anseios sexuais sempre estivera presente. Ao que tudo indica, o pai exercera na história uma *interferência* positiva em seus anseios sensuais infantis, principalmente com relação às investidas recíprocas que ocorriam entre ele e suas irmãs, o que inclusive se estenderam mesmo depois de sua morte.

O fato é que, na medida em que fora crescendo, ele e o pai foram se tornando grandes amigos, o que agravara ainda mais seus conflitos em razão do recalque que mantivera *inalterado* os profundos ressentimentos em relação ao pai desde sua primeira infância. A culpa e a divisão de seu eu se tornara cada vez maior,

justamente por abrigar tamanho sentimento de raiva e hostilidade inacessível a sua consciência, contra alguém que, com o passar do tempo, passara a amar mais do que a qualquer outra pessoa. Uma das indicações da dificuldade que essa relação antagônica lhe impunha fora que sua neurose se intensificara muito desde a morte de seu pai, momento em que suas autocensuras “por não ter estado do seu lado” na noite em que falecera se tornaram claramente patológicas, pois passou a considerar-se após a fala do tio como um ***criminoso***. Certamente por que sem que soubesse por que considerava-se como sendo de alguma forma o responsável pela morte de seu pai, por ter lhe traído, pois em suas fantasias precocemente recalcadas, na sua morte não estivera do seu lado... e sim contra ele.

Esse contexto inconsciente recalcado desde sua primeira infância, o sentimento de culpa a ele relacionado, a fonte de sua raiva irracional, bem como sua sede de vingança, fora parcialmente mapeado no trabalho feito pelas *construções do analista*. Mesmo negando as conclusões que poderiam se extrair de suas recordações, sonhos e associações, o paciente continuou a colaborar com sua parte no trabalho de reconstrução da pré-história de sua vida sexual e amorosa.

O que ainda não ficara claro, é qual pode ter sido o segundo evento que, após a fala de seu tio sobre a traição, causara a exacerbação de sua neurose obsessiva que já era grave, colocando-o num estado crítico. Essa *conexão chave*, bem como, o lado violento de sua relação paterna, mantinha-se recalcada. Apesar do trabalho de reconstrução e do acúmulo de evidências a favor das interpretações e construções do lado do analista, do seu lado, a negação, apesar de abalada, ainda permanecia e ele não podia admitir, como dissemos, que tais ideias e lembranças tão longínquas sobre os pensamentos que tivera sobre a morte de seu pai, ao longo de sua história, estivessem relacionadas com seus sofrimentos atuais, e mais, que isso um dia possa ter sido um desejo.

Como nos alerta Freud, ***segundo a dinâmica do tratamento e a estrutura da neurose, quanto maior a resistência, maior a atuação, que é precisamente a via pela qual a neurose original se transforma em neurose de transferência***. Assim, nessa neurose modelo, por exemplo, o analisando não conta que lembra ter sido rebelde e incrédulo diante da autoridade dos pais, mas se comporta dessa forma diante do analista. Nesse sentido, apesar das resistências, a transferência continua realizando seu trabalho de colocar a neurose ao alcance do tratamento.

Vejamos como na história desse caso, o enfrentamento das resistências, por meio das construções e do manejo da transferência, resultou no caminho da cura na "posta em ato da realidade sexual do inconsciente", e de que forma podemos escrever e examinar a estrutura em jogo nessa passagem por meio das fórmulas dos discursos e do desejo do analista como operador fundamental.

CAP.5. OS DISCURSOS NA CURA: TRANSFERÊNCIA E ATO ANALÍTICO

"Certo dia o paciente mencionou, de passagem", recorda Freud, um evento que "não podia deixar de reconhecer", senão "como *a causa* que precipitou sua doença", pelo menos, como "o *motivo imediato da crise* iniciada há uns seis anos atrás" em meio à realização dos exames pelos quais iria concluir seus estudos. (Freud, 1976/1909, p. 198 [grifo nosso]).

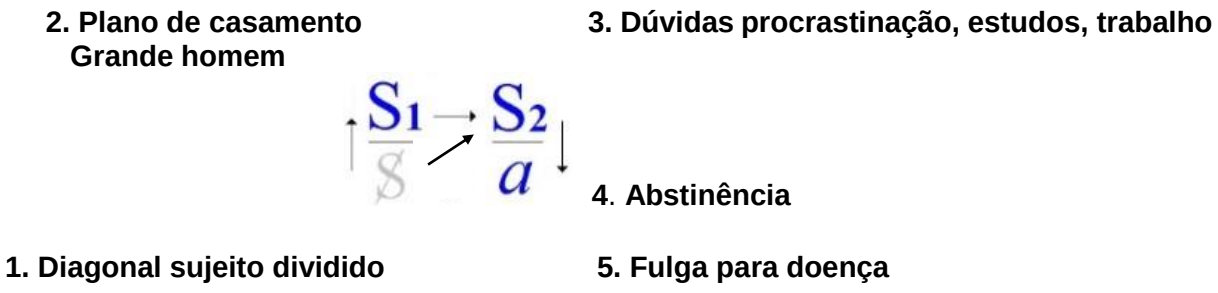
Como já havíamos sublinhado na construção do caso, o que chama a atenção no relato é que no momento em que mencionara o ocorrido "ele próprio não tinha noção alguma de que havia apresentado algo muito importante; não era capaz de se lembrar de haver ligado, alguma vez, importância ao evento, do qual, ademais, jamais se esquecera". (Freud, 1976/1909, p. 198). Como dissemos, trata-se da cena em que, passados alguns anos da morte de seu pai, *sua mãe lhe disse* expressamente que, segundo conversas que tinha tido com um primo rico que lhe era próximo, já se encontrava em andamento um antigo plano familiar a respeito de seu futuro conjugal e profissional para logo após concluísse seus estudos.

> Esse plano familiar desencadeou nele um ***conflito relacionado a saber se ele permaneceria fiel à sua amada,*** a despeito de sua pobreza, ***ou se seguiria os passos de seu pai*** e casaria com a linda, rica e bem relacionada jovem que lhe haviam predestinado. ***E resolveu esse conflito, que de fato existia entre seu amor e a persistente influência dos desejos de seu pai***, ***ficando doente***; ou melhor, caindo doente evitava a tarefa de resolvê-lo na vida real. (Freud, 1976/1909, p. 201).

A maior confirmação desse diagnóstico está na constatação de que a principal consequência de seu adoecimento fora uma “obstinada incapacidade para o trabalho”, o que lhe permitiu “adiar por anos a conclusão de sua educação” e com ela o enfrentamento do conflito. (Freud, 1976/1909, p. 201). A introdução do ***S1 “plano de casamento”*** associado ao par ***S1 “será grande homem” ou “grande criminoso”*** ao ocuparem o lugar de agente do discurso, como significantes aos quais o sujeito se identifica, permite-nos formar uma série covariante. Feito isso, podemos calcular com a estrutura dos discursos a dinâmica inconsciente do conflito que desencadeara sua crise atual em torno da escolha conjugal que se aproximara com a conclusão de seus estudos.

O estabelecimento dessa variante atualizada do conflito pela introdução desses novos significantes mestres é fundamental para nossos propósitos, uma vez que o “plano de casamento” é entre eles o conflito que precede e introduz efetivamente no caminho da cura *a posta em ato do inconsciente na relação de transferência* que estamos propondo examinar pela via dos discursos.

Figura 60. Plano de casamento S1, convergência vetorial conflitiva S2



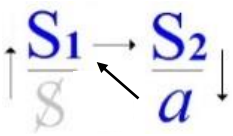
Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Nessa nova variante do discurso do inconsciente introduzida pelo S1 “plano de casamento”, a convergência de vetores conflitantes que incide sobre o S2 produz aí o fenômeno da ***dúvida*** tão frequente nas obsessões. A procrastinação que aí se instala, é facilitada pela própria estrutura do significante em ação nesse discurso que, pela reiteração da falha em constituir para o sujeito uma identidade, produz o

enxame S1, S1 (S1 (S1 (S1 (S1 – S2). O voto de ***abstinência*** representa a incidência do conflito decorrente da divisão do sujeito no campo do gozo e se torna possível pela "rigorosa distinção" feita entre *objeto de amor* e *objeto da libido*. Trata-se de um impedimento que produz uma perda que nesse contexto assume a forma de um mais-de-gozar a recuperar. A busca neurótica como tentativa de evitar a perda e tamponar a falta faz um fuga para doença. Nesse caso, a fuga fora facilitada segundo Freud, "pelo problema infantil" que constituiu, para ele, a "escolha entre uma irmã mais velha e uma mais moça" e também "por sua regressão à história de casamento de seu pai". (Freud, 1976/1909, p. 292). A regressão por meio da identificação do sujeito com os significantes de sua história familiar também permitiu a regressão de seus afetos "aos resíduos de sua infância". (Freud, 1976/1909, p. 201).

Figura 61. História de casamento e diagonal resíduos de infância, primeira volta

2. História de casamento **3. Dúvidas procrastinação**



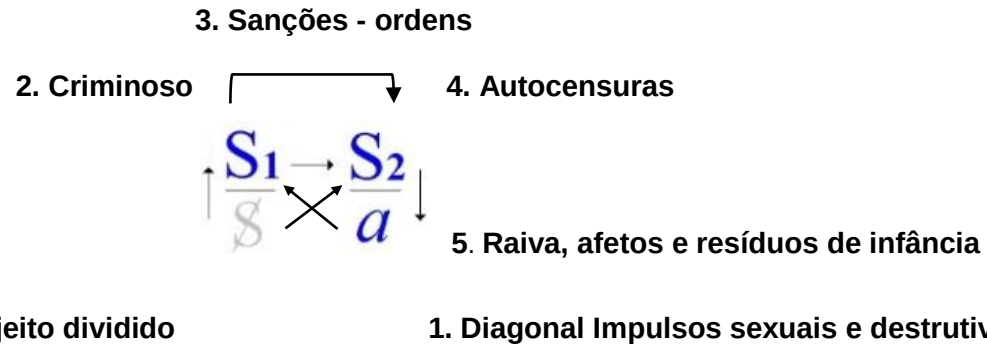
4. Afetos e resíduos de infância

1. Diagonal Impulsos sexuais e destrutivos

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Entre os significantes que facilitaram sua fuga para doença, está o significante mestre "criminoso". (Figura 62). Na posição de agente, formando uma série com o S1 "grande homem" e "casamento", esse significante superegóico condena os impulsos destrutivos e sexuais que do objeto da pulsão na fantasia incidem sobre o discurso manifesto no lugar do agente. Condena e aciona contra esses impulsos sanções e ordens, gerando autocensuras que satisfazem o sentimento de culpa e a necessidade de punição que acirram ainda mais a divisão do sujeito mantido sob recalque no lugar da verdade.

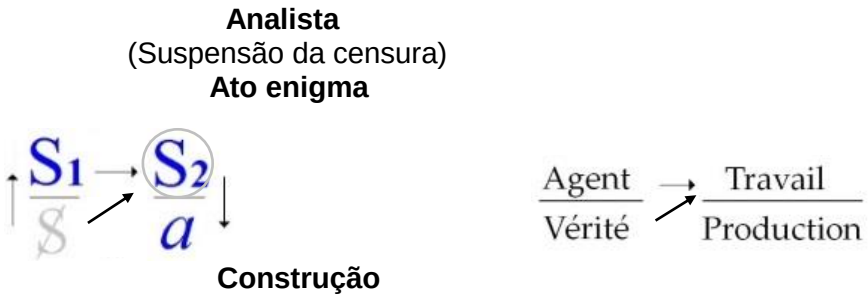
Figura 62. Diagonal resíduos de infância e censura, segunda volta



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Como podemos verificar novamente, a neurose pode dar muitas voltas nessa estrutura sem que haja mudança de discurso. Como observa Lacan seguindo essa "topologia feita na enxada", "o efeito de 'progresso' a esperar do inconsciente é uma censura." (LACAN, 1970/2003, p. 435). A questão que nos colocamos do ponto de vista da direção da cura é: *em qual lugar e como o desejo do analista opera com o discurso do inconsciente a fim de que haja aí uma mudança?* Ao analisarmos a questão a partir do modelo acima (Figura 62), podemos dizer que o analista assume nessa estrutura o lugar do Outro para qual a fala se endereça na busca de um saber S2. (Figura 63). A questão toda se concentra no fato de que ao aceitar ocupar o lugar do Outro que lhe é designado pela transferência, o analista com sua presença real altera a função do saber S2 na estrutura suspendendo a censura e os julgamentos. A partir de então, como vemos pela diagonal, a incidência do *sujeito dividido* $ no discurso manifesto (como furo da verdade no saber) não será mais censurada como estava sendo até então. Com a presença do analista a incidência do sujeito no discurso fará a função de enigma para o saber S2 no lugar do trabalho. O analista, situado nessa função e nesse lugar, suspende os julgamentos e autoriza a análise convocando o analisante a contribuir com a construção e a produção dos elementos que se encontram no andar de baixo da estrutura. A importância dessa colaboração é que da produção do objeto pelo discurso se pode então inferir a posição do sujeito no lugar da verdade.

Figura 63. Lugar e função com que opera o analista no Discurso do inconsciente



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

O analista, instalado pela transferência no lugar do Ouvinte, suspende o julgamento, ou seja, ali onde pela dinâmica da neurose o falante espera do Outro censuras ou uma certeza que suture sua divisão de sujeito, *o analista faz ato, faz de seu saber "cesto vazio" para que aquilo que chega do sujeito $ situado, no lugar da verdade, tenha lugar no discurso manifesto.*

Retornando ao caso, como vimos o paciente "não era capaz de imaginar", segundo dizia, que o S1 "plano de casamento" pudesse ter tido como resultado o desencadeamento de sua crise atual, uma vez que, na época, isso não lhe causara impressão alguma. "Ele não tinha noção de que era para escapar a esse conflito que se refugiou na doença". (Freud, 1976/1909, p. 201). Sua mudança de posição acerca dessa possibilidade se deu no curso posterior da cura de uma "forma bastante singular".

Segundo os sonhos desse período, esse casamento por interesses era para ele uma tentação, "cuja significação parecia não estar ciente", e que mesmo assim o deixara dividido. (Freud, 1976/1909, p. 291). No entanto, outros elementos se associaram a isso acirrando o conflito. É o que se pode notar, como veremos a seguir, com a emergência das injúrias em transferência, pois isso que lhe fora imposto pelos pais *tocara num ponto sensível de sua estrutura*, como indica o ódio que sentira contra a família de sua mãe. Em seu íntimo, repudiara seu pai por ter aceito um casamento nessas mesmas condições que lhe estavam sendo impostas. Principalmente com uma família que, apesar da elevada posição social e riqueza, era conhecida por histórias de crueldades e maus tratos que a mãe lhe contava e

que ele simplesmente abominava, chegando a adoecer pelos efeitos que tivera sobre ele alguns desses relatos, algo semelhante ao que escutara do cruel Capitão que conhecera durante seu serviço militar[31]. Mas também, guardava acusações contra a mãe por atribuir a ela a culpa por ter transmitido a ele essas características que odiava e que tanto lhe amedrontara.

Fato é: mesmo tendo coligido tais passagens que poderiam justificar as dúvidas quanto a casar-se ou não com a prima a qual lhe foi predestinada e então estreitar os laços com essa família que odiava, ainda assim, estranhamente relutava em aceitar que pudesse ter sido esse o conflito desencadeador de sua crise. Como diz Freud, "se acompanharmos um complexo patogênico desde sua representação no consciente até sua raiz no inconsciente, (seja ele evidente como sintoma, seja mesmo bastante imperceptível)*"* muito frequentemente chegamos *"*a uma região em que a resistência se evidencia tão claramente" que a próxima ocorrência terá de realizar um acordo entre as exigências da censura e aquelas do trabalho de pesquisa (*Forschungarbeit*)". (Freud, 1912/2017, p. 112). **Assim, diz a dinâmica da cura, uma forma de acordo possível dá-se quando "algo da matéria do complexo for adequado para ser transferido à pessoa do médico**" (Freud, 1912/2017, p. 112). No caso construído, a *emergência do inconsciente para fora do recalcamento* deu-se no ponto mais alto das resistências da seguinte forma: a negação durou um tempo, até que **por uma circunstância acidental, *algo de seu complexo encontrou no analista um elemento significante adequando para a transferência*.** A partir de então, tornou-se possível, em análise, que sua posição recalcada pudesse se fazer representar no campo do Outro. Retomemos essa passagem a fim de examinar a estrutura em ação na transferência.

[31] Segundo as histórias contadas por sua mãe, um de seus tios quando jovem, por exemplo, era tão sensível, dizia ela, que tinha o hábito de "cortar a cabeça de frangos a fim de se tornar um homem rijo". Essa era uma das várias histórias que se repetiam em sua casa e que o deixava muito irritado. A segunda delas, conta que seu avô materno "certa vez preparou à moda judaica' um gato, pondo-o no forno e, depois, esfolando-o. [Segundo o que recorda em análise] Isso o fez sentir-se tão mau, que seu [futuro] cunhado [na época] o aconselhou amigavelmente a fazer alguma coisa pela sua saúde." (Freud, 1976/1909, p. 290).

> Com o auxílio de uma ***fantasia de transferência*** (*Übertragungsphantasie*), *vivenciou, como se fosse um fato novo e atual*, o próprio episódio passado, do qual se havia esquecido ou que apenas lhe passara inconscientemente pela mente. Adveio, então, um período obscuro e difícil no tratamento.
>
> Finalmente aconteceu que ele encontrou, certa vez, uma menina nas escadas de minha casa e *imediatamente imaginou* que fosse minha filha. Ela lhe agradou, **e *ele imaginou* que a única razão por que eu era agradável e incrivelmente paciente com ele estava no fato de que eu desejava torná-lo meu genro**. Ao mesmo tempo, elevava a riqueza e a posição de minha família a um nível que coadunava com o modelo que tinha em mente. Contudo, seu inextinguível amor pela dama lutava contra essa tentação.
>
> ***Após atravessarmos uma série das mais severas resistências e das mais amargas injúrias*** *de sua parte*, ***ele não podia mais permanecer cego*** ao efeito esmagador da perfeita analogia entre a fantasia de transferência e o estado atual de acontecimentos passados. (Freud, 1976/1909, p. 202 [grifo nosso]).

Sua oposição violenta a essa união planejada por seus pais também aparece *em sonhos* que dão continuidade a sua *fantasia de transferência*. É dessa forma, pela "**posta em ato da realidade do inconsciente**" na transferência que "peça por peça" desse estado doentio pudera ser colocado no horizonte da cura. Segundo os princípios que orientam a análise, enquanto o paciente vivencia "isso como algo real e atual", o analista por sua vez entra "com o trabalho terapêutico, que em boa parte consiste na recondução ao passado." (Freud, 1914/2017, p. 157).

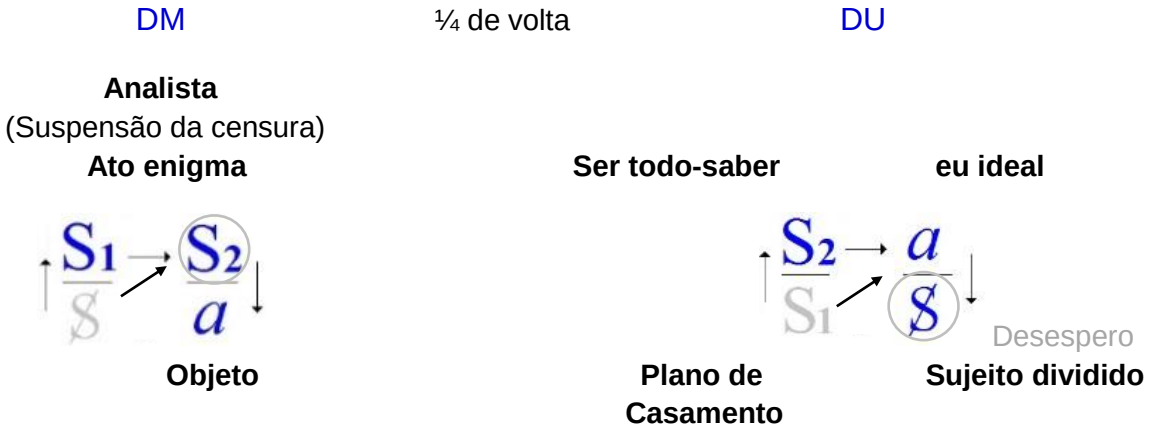
Vejamos quais os cálculos podemos realizar sobre esse percurso transferencial quando o examinamos à luz da estrutura dos discursos. Como dizem o texto e a dinâmica da transferência, quanto maior a resistência maior a atuação. Desse modo, no ponto mais alto das resistências, o fato que estava sendo negado até então é atuado pelo sujeito que não vê relação alguma entre o que estava vivendo na relação analítica naquele momento, com a cena que desencadeara sua crise logo após a morte de seu pai: ao ver uma menina que lhe agradara nas escadas do consultório "imediatamente imaginou" ser a filha de seu analista, que supunha ser de uma família rica e influente, e que a única razão pela qual o analista continuava

sendo agradável e incrivelmente paciente para com ele se devia ao fato de que, no fundo, desejava que ele se casasse com sua filha, e se tornasse seu genro.

O primeiro ponto a se considerar é que – **a atualização que essa fantasia de transferência realiza –** somente foi possível **em função do manejo que fez do desejo do analista um enigma para o analisante** (Figura 64). Como dizia, ele não podia compreender por que Freud, apesar de todas as injúrias, de seus acessos de raiva e de sua revolta, não lhe respondia com censuras, com violência e nem lhe expulsava do consultório *como ele esperava* que o fizesse. Foi justamente no *lugar vazio* deixado pela não resposta positiva do analista a esta demanda inconsciente que se deu à emergência em ato, na transferência, do eu do sujeito identificado com o objeto da pulsão (a), que no discurso do inconsciente DM encontrava-se sob recalque fixado pela fantasia ($ ◊ *a*).

A consequência do ato analítico foi que ali onde no andar debaixo do discurso do inconsciente DM havia um objeto (a), na passagem para o discurso do saber DU vimos se produzir um sujeito (Figura 64): essa é uma das lições extraídas da construção desse caso clínico, a emergência do eu do sujeito identificado ao objeto da pulsão na transferência produz como efeito da fala um sujeito dividido. Como vimos no relato, por meio das construções em análise, tratava-se de uma posta em ato que trouxe para o raio de alcance do tratamento uma fantasia na qual **o sujeito se via como objeto de impulsos sexuais e destrutivos relacionados a um "plano de casamento"** (*Heiratsplanes*).

Figura 64. Ato analítico e emergência do eu do sujeito identificado ao objeto da pulsão (a) no lugar do trabalho



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

A agitação e o desespero que essa fantasia lhe provocava deviam-se ao fato de que segundo seus complexos o significante “plano de casamento” (*Heiratsplanes*) bem como “casar” (*Heirate*) encontravam-se associados com os significante “ratos” (*Ratten*) e “dívida” (*Raten*). O problema era que, para ele, esse *Heiratsplanes* implicava fazer laço com uma família cujas histórias de crueldades contadas pela mãe lhe causavam pânico. As histórias de maus tratos e dos próprios castigos sofridos em sua infância estabeleceram conexões significantes com a história do castigo com os ratos que lhe fora contada pelo cruel Capitão durante seu serviço militar. A chave de sua tormenta fora a identificação inconsciente com o significante “criminoso” (*Verbrecher*) que ouvira do pai quando criança devido a surpreendente explosão de raiva com que reagira ao modo violento com que fora castigado. Segundo o relato, depois disso tornara-se um covarde por medo de sua própria raiva. Pudemos acompanhar como essa progressão regressiva do discurso do inconsciente conduzida até o último dos significantes, fez uma passagem entre discursos que da fantasia levou a pulsão (Flesler, 2001, p. 56), ou melhor, de que da fantasia levou à emergência do real da pulsão na transferência sob a forma da demanda. Nesse caso em específico, como demanda inconsciente de castigo.

Quanto a esse modo de emergência do real da pulsão na transferência, é preciso lembrar que Freud considera “o retorno em direção ao próprio eu” como um dos destinos das pulsões. (Freud, 1915/2013). Um tipo de defesa contra impulsos cuja consecução direta representa um perigo para o eu do sujeito podendo abalar sua relação com o grande Outro. O sadismo, por exemplo, cuja meta ativa é torturar, infligir dores, consiste na violência e no exercício do poder contra outra pessoa tomada como objeto. Na defesa contra essa pulsão, pelo perigo que ela representa, o objeto é deixado de lado e *substituído* pelo eu do próprio sujeito. Neste ponto o eu do sujeito se instala no lugar do objeto da pulsão. O que transforma a meta ativa torturar em passiva ser torturado. Para tanto, outra pessoa (um estranho) é procurada como objeto para assumir o papel de *agente* da ação. Num momento posterior essa defesa primária pode ser substituída pelo recalcamento que dá outro destino a pulsão. Com recalcamento essa lógica se fixa e se atualiza na fantasia masoquista que encontramos na neurose examinada por Freud sob a lógica do “bate-se numa criança”. Forma pela qual a pulsão sádica se satisfaz numa fantasia inconsciente regida pelo retorno em direção ao próprio eu. (Zanetti, 2012).

Segundo os discursos que estamos investigando, podemos dizer que os insultos e o repudio despertados por esse *Heiratsplanes* (plano de casamento), indicam uma mudança, o momento preciso em que se conclui a passagem do discurso do inconsciente para o discurso do saber (DM-DU) (Figura 64). Nisso, é preciso considerar duas transformações: a ***emergência do objeto da pulsão*** no lugar do trabalho, e a ocupação do lugar do agente pelo S2 na posição idealizada de um ***ser todo-saber*** (*d'etre tout-savoir*). (Lacan, 1969-1970/1992, p. 29).[32]

Segundo Freud, os insultos e a revolta apresentados, além de indicarem uma mudança, não devem ser lidos na chave da agressividade e sim como desespero.[33] Se nos orientamos pela estrutura dos discursos, podemos dizer que o desespero, nesse caso, ou mesmo a vergonha, devem-se ao fato do sujeito se ver de alguma forma fixado na *posição de objeto de gozo* submetido a satisfação de um ser que sua interpretação imaginária eleva a posição onipotente de um *ser todo-saber*. Uma interpretação determinada por uma convergência estrutural inapreensível no discurso manifesto, passível de ser observada apenas mediante construção.

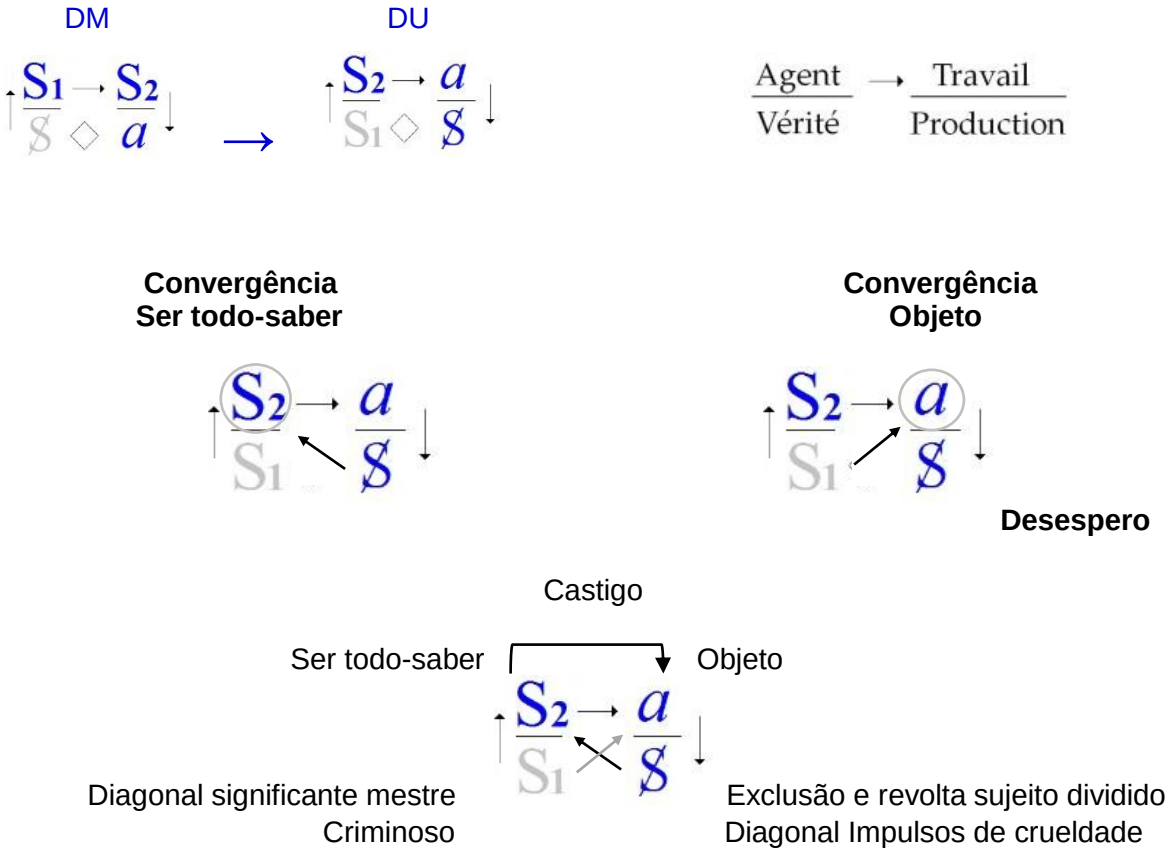
Como vemos pela convergência dos vetores, nesse giro do discurso do inconsciente para o discurso do saber (DM – DU) dois elementos, S1 e S2, concorrem para a fixação do objeto (a) no lugar do trabalho e, por conseguinte, para a produção do sujeito riscado do discurso manifesto. (Figura 65). **O problema simbolizado pelas diagonais do discurso do saber DU é que nessa nova configuração, a convergência vetorial não é conflitiva** como no caso do discurso do inconsciente DM. **No discurso do saber, S2 no lugar do agente e S1 no lugar da verdade convergem e incidem sobre o objeto (a) de forma consonante, que é o que nos indica os momentos de desespero relatados no caso**. Trata-se de uma combinatória em que dois elementos convergem para composição significante daquilo que no lugar do trabalho assume a forma imaginária de um **objeto ideal** na qual o eu do sujeito se identifica. Um objeto destinado a corrigir a falha da estrutura do significante em constituir para o sujeito uma identidade definitiva pela vertente do gozo e realizar, assim, o ideal de uma obediência e uma submissão absoluta aos imperativos determinados pelo significante mestre no lugar da verdade. **O sujeito riscado do discurso e reduzido a sua posição de objeto se vê, segundo sua**

[32] Cf. Parte II, cap. 4.
[33] Cf. Parte I, cap. 3, (Dunker, 2011, p.40).

fantasia, diante de um S2 ser todo-saber, um ser onividente que seria capaz de ler seus pensamentos e de puni-lo por seus desejos mais secretos e pela rebeldia de seus impulsos suprimidos, tal qual imaginava que seus pais pudessem fazê-lo em sua primeira infância.

Como é possível conferir pela diagonal dos impulsos no discurso do saber DU (Figura 65), o sujeito dividido, ainda que excluído, retorna e também participa na montagem da cena que se apresenta no discurso manifesto: tanto o sujeito $ que se produz no lugar da perda, como o S1 no lugar da verdade, convergem na sustentação do S2 no lugar do agente. Trata-se de ***uma convergência consonante, uníssona*** – dois se combinam para formar um S2 que***, para ser completo precisa excluir o sujeito do discurso reduzindo à condição de objeto de gozo*** destinado a tamponar a falta no campo do Outro.

Figura 65. Giro do Discurso do inconsciente DM para Discurso do saber DU, convergências consonantes



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Importante notar (Figura 65) que isso ocorre ao mesmo tempo em que, na *diagonal do significante*, temos a **presença oculta do S1 "criminoso"** com o qual o sujeito se identificara e que incide sobre o objeto no lugar do trabalho. Sempre que algum significante se associa aos significantes de seus complexos e impulsos recalcados, esse significante mestre, instalado no lugar da verdade, incide no discurso manifesto sob a forma de acusações e de uma ameaça, quando não de uma certeza de que o sujeito precisa se defender a fim de impedir que suas fantasias de punição se realizem.

Outra escansão no relato que põe em evidência o *progresso do sujeito na transferência* pode ser observada na emergência em análise da cena que se estendeu em sua história dos três aos seis anos, em que fora "culpado por alguma má conduta", "tendo sido duramente castigado por seu pai". Enquanto apanhava, foi tomado de uma explosão de raiva que surpreendeu a todos, reagindo a punição do pai com xingamentos.

O impacto que essa cena teve sobre seu caráter, (tornou-se um covarde por medo da violência de sua própria raiva) torna-se mais inteligível se considerarmos que o ***ocorrido coincidiu com a doença fatal que levou a morte uma de suas irmãs mais velhas***. Freud entende que, de alguma forma, a *morte da irmã* amplificou *nas fantasias da criança* o *medo* com relação à *onipotência* imaginária de seus impulsos agressivos, e a punição por seus maus pensamentos, visto que, nessa época, acreditava que seus pais podiam ler seus pensamentos. Conforme as fantasias da criança, seus pais eram, portanto, ***onividentes***. O imaginário dessa onipotência atribuída aos pais faz do outro um grande Outro cujo olhar *tudo vê e tudo sabe* nos termos dos discursos, ou seja, faz do outro como dissemos, um "*ser todo-saber".*

A *emergência em análise* da cena descrita tantas vezes por sua família, realmente abalara o paciente "em sua recusa a acreditar que em algum período pré-histórico de sua infância tivesse sido tomado de fúria contra o pai, a quem amava tanto." (Freud, 1976/1909, p. 208 [grifo nosso]). Entretanto, diz o relato, contra todas as evidências, por um tempo ainda continuou recusando aceitar o valor dessa história, agarrando-se ao fato de que "ele mesmo não conseguia lembrar-se da cena". Foi "somente pelo ***caminho doloroso da transferência*** é que foi capaz de se convencer de que sua relação com o pai realmente carecia da postulação desse

complemento inconsciente (Freud, 1976/1909, p. 208 [grifo nosso]). Vejamos a narrativa de Freud sobre a forma singular que esse postulado inconsciente nas “raízes de sua enfermidade” apresentara-se como posta em ato da realidade do inconsciente na transferência. No ápice de suas resistências:

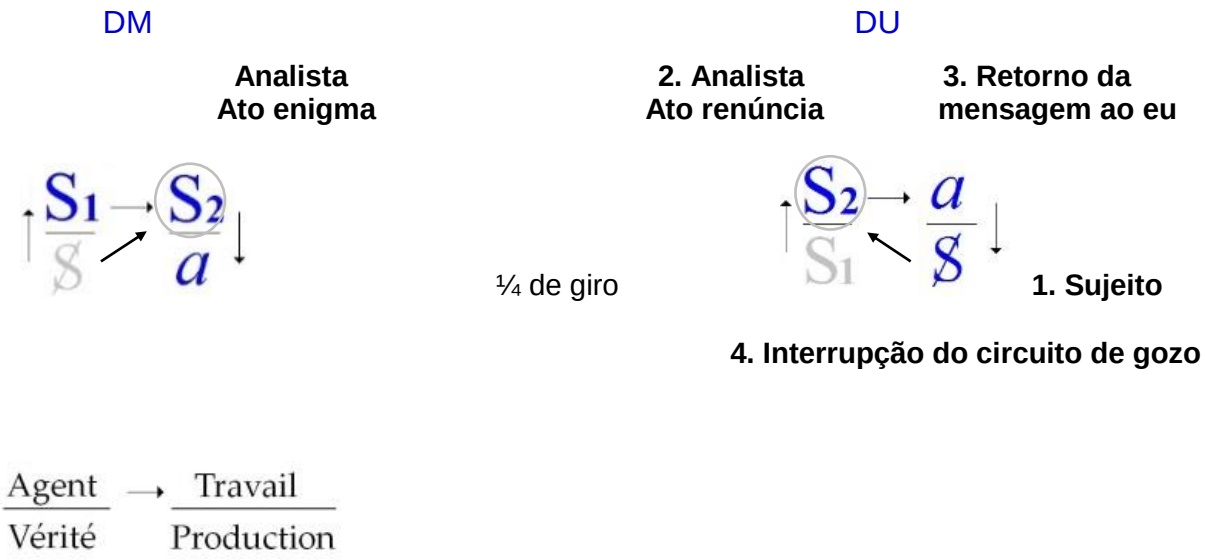
> As coisas atingiram um ponto em que, em seus sonhos, em suas fantasias despertas e em suas associações, ele começou a acumular os mais grosseiros e indecorosos [insultos] contra mim e minha família embora em suas ações [intencionais] jamais me tratasse de outra forma senão com o maior respeito. Seu comportamento, enquanto me repetia esses insultos, era de um homem em desespero. ‘Como pode um cavalheiro como o senhor’, ele costumava perguntar, ‘deixar-se xingar desse modo por um sujeito baixo e à-toa como eu? O senhor devia é me enxotar, é o que mereço.’ Enquanto assim falava, costumava levantar-se do divã e circular pela sala - um hábito que a princípio explicou como sendo devido a uma questão de ética: ele não podia chegar, como disse, a proferir coisas tão horríveis estando ali deitado, tão comodamente. Logo, porém, ele próprio encontrou uma explicação mais plausível, ou seja, que estava evitando a minha proximidade por medo de que eu lhe desse uma bofetada. Se ficava no divã, comportava-se como alguém em desesperado terror que tentasse se salvar de castigos terrivelmente violentos; costumava enterrar a cabeça nas mãos, cobrir o rosto com o braço, saltar de repente e correr, com o semblante desfigurado de dor etc.
>
> Recordou que seu pai tivera um temperamento passional e, às vezes, em seu caráter violento, não soubera quando parar. Assim, paulatinamente, ***nessa escola de sofrimento***, o paciente logrou o sentimento de convicção que lhe faltava - embora a uma pessoa de fora a verdade fosse evidente quase por si mesma.
>
> Agora estava aberto o caminho para a solução de sua ideia do rato. O tratamento atingiu seu ponto crítico, e boa quantidade de informações materiais, retidas até então, tornou-se disponível, ficando assim possível reconstruir a concatenação completa dos eventos. (Freud, 1976/1909, p. 209 -210 [grifo nosso]).

> Quando achamos a solução descrita acima, o delírio que o paciente sofria sobre os ratos desapareceu. (Freud, 1976/1909, p. 222 [grifo nosso]).

O que precisamos examinar nessa configuração é como e desde que lugar o desejo do analista opera com as dificuldades impostas pela passagem do inconsciente para fora do recalque pela via da transferência. Desde essa orientação, qual o lugar e o elemento nos quais o analista pode se apoiar nessa estrutura a fim de realizar a parte que lhe cabe nesse trabalho? Segundo a leitura que estamos propondo, os insultos e a revolta, que se dirigem contra o analista no curso dessa fantasia de transferência indicam que nesse caso o lugar que o analisante lhe concede é o lugar de agente, ou seja, o analista deve assumir, nesse discurso, a função do S2 que se encontra instalado na posição do *ser todo-saber*.

Assim, como vimos no caso do giro do discurso do inconsciente para o discurso do saber (DM-DU), do ponto de vista da direção da cura, a questão concentra-se no fato de que, ao assumir esse lugar, o analista altera a função do saber S2. A partir de então, a convergência entre os vetores que incidem sobre o saber S2 no lugar do agente no discurso do saber DU não produzem mais como efeito combinatório um *ser todo-saber*. A presença do analista tende a anular esse efeito totalizante produzido pelo ocultamento do S1 no lugar da verdade. O analista aceita o lugar, porém, com seu ato, ***renuncia ao poder*** de sugestão que a transferência lhe confere. (Figura 66). O analista no lugar de agente não responde desde a posição de um *ser todo-saber*, tampouco coloca seu sujeito como elemento na operação, provocando assim uma **interrupção do circuito mórbido de gozo**. O analista com seu saber sobre a estrutura faz "**casa vazia**", deixando passar a mensagem que lhe vem do sujeito dividido no lugar da produção, a fim de que, passando por ele, ela retorne ao analisante como sujeito na posição de objeto no lugar trabalho. A "casa vazia" instalada pelo desejo do analista no lugar do agente abre o circuito de ***retorno da mensagem*** **do sujeito** que chega ao **eu na posição de objeto**, colocando-o diante do impossível de sua demanda, que por ter se mantido inconsciente, permanecera até o momento inquestionável. (Figura 66). O eu do sujeito é posto em questão quanto sua posição e seu desejo com relação aos significantes mestres (S1) de sua história, seus Ideais, que ocupam no discurso do saber DU o lugar da verdade.

Figura 66. Lugar e função com que opera o analista na passagem do discurso do inconsciente DM para o discurso do saber DU

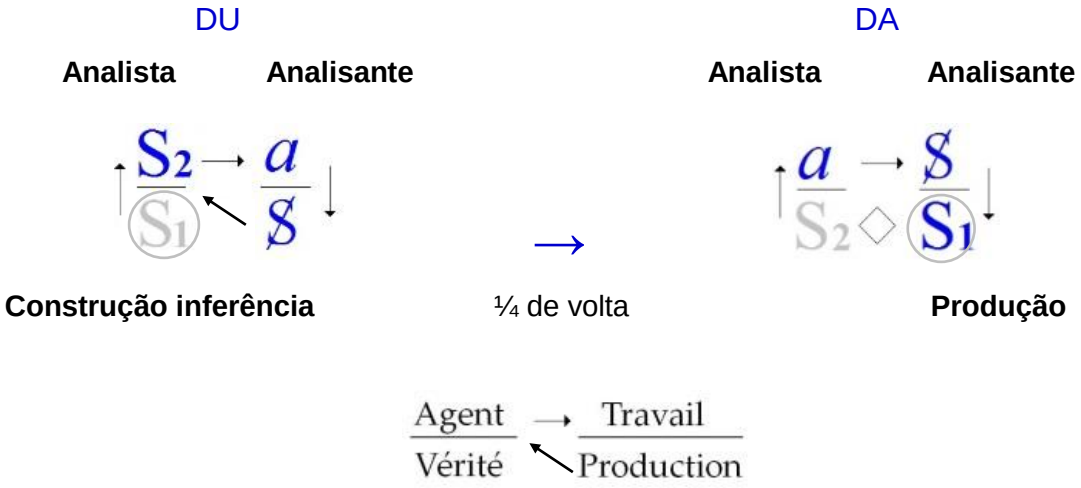


Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Vimos com a construção do caso clínico do *Homem dos Ratos*, o duro combate contra as resistências do eu do sujeito em se descolar do valor de verdade atribuído aos *ditos paternos* (será um grande homem, ou um grande criminoso) e realizar uma mudança de discurso que possibilite que esse circuito mórbido de culpa e satisfação ceda e que o gozo seja sim alcançado, mas na escala invertida do desejo. (Lacan, 1998/ 1960).

Como pudemos acompanhar no relato, o conjunto do trabalho visa construir as condições simbólicas para que seja possível uma mudança. No entanto, a mudança exige que o falante reconheça e renuncie ao gozo mórbido que extrai de seus sofrimentos e se disponha pôr o seu sujeito dividido no lugar do trabalho e a colaborar no discurso do analista DA com a produção dos elementos S1 que para ele ocupam em seus sintomas o lugar da verdade. Feito isso o caminho está aberto para que os elementos se desloquem na estrutura dando lugar a uma segunda mudança de discurso. Desse modo, inicia-se outra etapa das ***construções em análise*** que, partindo do discurso do saber DU, *busca inferir* – da posição do objeto no discurso manifesto no lugar do trabalho e da mensagem do sujeito que lhe retorna do inconsciente – o S1 que ocupa no caso o lugar da verdade. (Figura 67).

Figura 67. Giro discurso do discurso do saber DU para o discurso do analista DA



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Examinemos com as fórmulas a passagem para o discurso do analista DA. Vimos que a posta em ato do inconsciente no discurso do saber DU instala objeto da pulsão no lugar do trabalho, o que implica a pulsão na transferência. (Figura 66). O ato de renúncia do analista, em relação ao poder que a transferência lhe concede, abre a via pela qual a mensagem retorna, como por exemplo, com a produção de sonhos que interpretam, para o falante, na posição de objeto, sua posição de sujeito dividido e inconsciente. (Figura 67).

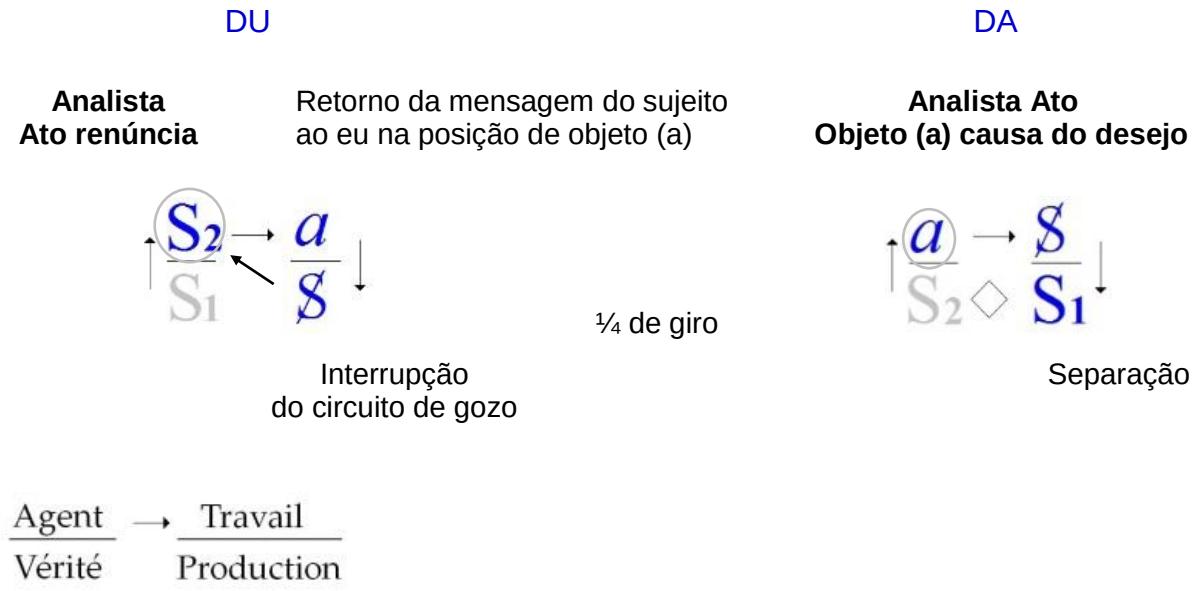
Pelas voltas do trabalho nessa estrutura, chega o momento, observa Freud, em que superadas as resistências, o tratamento apodera-se do analisando e sua produção passa a ser concentrar "num único lugar, a saber, na sua relação com o analista" (Freud, 1916-1917/ 1989, p. 404). A partir de então, é preciso observar que já não estamos mais no mesmo discurso, não estamos mais "tratando com uma enfermidade anterior do paciente, e sim com uma neurose recém-criada e reconstruída, que substitui à primeira", uma neurose artificial. (Freud, 1916-1917/1989, p. 404). Lembrando nossas fórmulas, isso implica na ***vertente do ato***: "fazer um modelo da neurose [que] é, em suma, a operação do discurso do analista. Por quê? Pela medida em que ele lhe subtrai a dose de gozo." (Lacan, 1971-1972/2012, p. 146 [grifo nosso]. A introdução da neurose de transferência, enquanto neurose modelo, "consuma a repetição vã. Uma repetição consumada o dissolve, por ser uma repetição simplificada." (Lacan, 1971-1972/2012, p. 146). Na ***vertente***

da escrita, como pudemos acompanhar no passo a passo da construção das fórmulas, é preciso considerar que “um modelo substitui a complexidade excessiva das situações reais”, seus “axiomas expressam as condições do jogo”, suas “funções representam a ação e a solução coerente com as condições impostas”. (Fingermann, 2009, p. 23).

A estrutura e a dinâmica da transferência permitem-nos observar que, na experiência da cura, acompanhamos a reedição do distúrbio antigo como neurose artificial desde o princípio e podemos dizer que “estamos especialmente aptos a nos situar dentro dele, de vez que, por sermos seu objeto, estamos colocados em seu próprio centro”. (Freud, 1916-1917/ 1989, p. 404). A inserção do analista no centro da neurose pode ser localizada nos termos da estrutura como passagem do discurso do saber para o discurso do analista (DU-DA) (Figura 67). Um giro transformativo que desloca o objeto da pulsão do lugar do trabalho (S2 – a) para o lugar do agente do discurso (a – $), e é desde esse lugar que o analisa opera com a dinâmica da transferência.

Contudo, ao assumir esse lugar e essa posição, assim como nos outros discursos, o desejo do analista altera a função desse elemento na estrutura, pois opera sobre ele uma redução radical, que de ***objeto da pulsão*** o faz passar a ***objeto causa do desejo*** (Figura 68). Lugar e elemento “casa vazia” em torno do qual irá se concentrar a produção analisante. O analista, ao ocupar o lugar do agente na posição de objeto, conduz o analisante na posição de sujeito no lugar do trabalho a produzir os significantes mestres e a realizar uma ***separação*** que lhe permita fazer uma nova leitura das marcas de gozo aos quais ele se encontra alienado. Uma leitura que possibilite com que “os sintomas” abandonem “seu significado (*bedeutung*) original” e inconsciente, e incorporem “um novo sentido (*sinn*) que consiste num vínculo com a transferência.” (Freud, 1916-1917/ 1989, p. 404 [grifo nosso]).

Figura 68. Lugar e função com que opera o analista na passagem do discurso do discurso do saber DU para o discurso do analista DA



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

No caso que acompanhamos, foi nesse percurso da transferência que, paulatinamente, o paciente adquiriu por seus próprios meios à convicção que lhe faltava sobre o valor conflitante de suas identificações aos S1 significantes mestres de sua história familiar, estando presentes em momentos importantes, como no desencadeamento de suas crises e do agravamento de seus sintomas.

Convencido pelo impacto que as transferências tiveram sobre si e suas resistências (pela força de realidade das atuações de fragmentos negados de sua história em família) alterou sua posição e passou a receber e a se ocupar das mensagens antes barradas pelo função de censura que o saber exercia no lugar do agente. Em nossa leitura, uma vez que a presença do analista alterou a função do saber nesse discurso, suspendendo os julgamentos, o paciente pôde recordar e dizer o quanto seu falecido pai que amara tanto tinha mesmo um temperamento violento, e que quando batia, algumas vezes não soubera parar.

Tal como vimos com a atualização em transferência em que o analisante levantara do divã com um medo terrível de tomar uma bofetada como represália por seus pensamentos e suas falas em transferência. Recordemos que em seus

momentos mais difíceis apenas aguardava o instante em que seria mandado embora, dizendo a Freud coisas como "*Agora o senhor irá me expulsar*". Nessa passagem em especifico tratava-se de uma reação de medo de retaliação em razão de uma imagem que lhe ocorrera: a imagem de Freud e de sua mulher na cama com uma criança morta. Um pensamento de transferência. Conforme podemos examinar com nossas fórmulas a mensagem em trânsito passara pelo analista para retornar ao sujeito (Figura 68). A *posteriori,* após relatá-la em análise, o próprio paciente reconhecera a origem da cena transferida. Conforme recordara por efeito retroativo de sua própria fala, a cena que lhe retornou passando pela transferência com Freud, foi a seguinte: quando pequeno, entre cinco ou seis anos, ele estava deitado entre seu pai e sua mãe e urinou na cama, seu pai *lhe bateu e o expulsou* dali. Assim como imaginara que Freud pudesse fazê-lo enquanto estava deitado no divã. Já ideia de uma criança morta entre os pais, pondera Freud, "só podia ter sido sua irmã "que havia falecido quando ele era pequeno. Ele de algum modo deve ter ganhado as atenções dos pais com a morte de sua irmã. Tais associações justificariam seu sentimento de culpa, suas autocensuras ininteligíveis. Com o passar do tempo, à medida que fora crescendo, foi tomando a si mesmo como um criminoso, e aumentando de forma ininteligível seu terror de punições violentas. Uma evidencia da correção dessas construções fora sua própria conduta durante o relato de seus pensamentos de transferência: "Sua conduta em sessão nesse momento era de um homem em desespero" procurando salvar-se de agressões violentas. (Freud 1976/1909, p. 283).

Esse foi um ponto chave da construção desse caso. As construções possibilitaram inferir quais os significantes mestres ocupavam nas cenas o lugar da verdade. A partir da convicção que o paciente adquiriu por sua própria conta e experiência sobre a existência do inconsciente, e sobre o retorno do recalcado, se iniciou no curso da análise *"um novo movimento".* Freud reconhece essa experiência de travessia do inconsciente para fora do recalque pela transferência como sendo *"o ponto alto da cura*". No caso resultou que após a travessia das cenas atuadas em análise, muitas informações retidas até então se tornaram disponíveis possibilitando reconstruir o nexo e as conexões entre os eventos que haviam sido apagadas pelo recalque.

Como se pergunta Lacan, qual pode ser "a natureza dessa ficção? Qual é a diferença entre a transferência e a o puro automatismo de repetição? Lacan

responde que no enquadramento da cura, “existem fenômenos psíquicos que se produzem, se desenvolvem, se constroem para serem ouvidos”, ou melhor, para serem lidos como se *lê a um texto que se decanta da fala*, “justamente para este Outro que está ali, mesmo que não se o saiba.” (Lacan, 1960-1961/1992 p.177). “Ler no nível *de que* saber inconsciente foi feito o trabalho que decanta o que efetivamente é a verdade de tudo o que se acreditou ser.” (Lacan, 1992/1969-1970, p.28 [grifo nosso]). O que se observa nesse novo movimento da cura, sublinha Freud, é que “o paciente, que até então se abstinha, horrorizado, de encarar suas próprias produções patológicas, começa a dar-lhes atenção e conseguir uma opinião mais nítida e detalhada a respeito delas”. Nessa passagem da escuta para a leitura, as mensagens lhe permitem ler seus sonhos e sintomas no registro da escrita como um “texto real”, reduzindo o significante a letra.

> A experiência mostra que uma ordem obsessiva (ou seja lá o que for), conhecida na vida desperta apenas de forma truncada ou deformada, como ***uma mensagem telegráfica mutilada***, *pode ter o* ***seu texto real*** *esclarecido num sonho*. Tais textos aparecem nos sonhos sob a forma de conversas. (Freud, 1976/1909, p. 225).

O endereçamento da escuta e da leitura ao analista é o que diferencia a transferência do automatismo de repetição. Esse endereçamento transferencial é para análise “um fato constitutivo”.

> Ele constitui uma fronteira, e nos instrui, ao mesmo tempo, para não engolfar o fenômeno da transferência na possibilidade geral de repetição que a própria existência do inconsciente constitui. Ora, na análise, existem com certeza repetições ligadas à constante da cadeia significante no sujeito. Essas repetições devem ser estritamente distintas daquilo que podemos chamar de transferência, mesmo que possam, em certos casos, ter efeitos homólogos (Lacan, 1960-1961/1992 p.177).

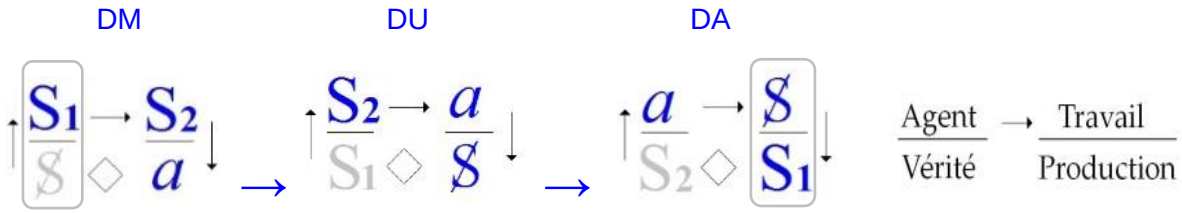
Como vimos no caso, pelo trabalho da análise o endereçamento da fala e a construção das cenas, diferenciam a transferência por ela visar o saber. Um saber inconsciente que nos leva a considerar que na experiência da análise não se trata de algo que fora tão somente esquecido, mas sim de algo que fora recalcado. *A*

desconexão com a fala gerada pelo recalcamento, também desconecta esses fragmentos da vida do sujeito da produção da estrutura no tempo, faz com que, isolados de suas conexões, permaneçam inalterados. Na medida em que algum elemento significante se mantenha recalcado o sujeito não pode mais simplismente esquecê-lo. Recalcado, no lugar da verdade, ele continua agindo e interferindo no discurso manifesto sem que seja possível reconhecê-lo a não ser por meio de uma construção. Por outro lado, como bem observou Brodsky:

> Um esquecimento bem sucedido seria algo que desaparece, mas não por efeito do recalque. Por isso Freud diz que na neurose – cuja fenomenologia (...) é a amnésia, a falta de recordação – (...) o sujeito não pode esquecer. O neurótico está doente de recordações, e não doente por causa de esquecimentos.(Brodsky, 2004b, p. 76).

Esse é um dos aspectos importantes em jogo no discurso do analista DA na relação de inversão que ele estabelece com o discurso do inconsciente DM (Figura 69). O que nos diz esse esquecimento se não de uma ***separação*** seguida de um ***trabalho de luto*** que faz com que os sintomas abandonem seu significado original inconsciente atribuido aos seus significantes mestres [S1 DM] e incorporem um novo sentido na passagem para o discurso do analista [S1 DA]. Nos termos propostos: nessa vertente do luto e da separação, cabe primeiro saber “por que os significantes [S1] privilegiados na vida de alguém”, esses significantes com os quais o sujeito se encontra alienado no discurso do inconsciente DM, o que ocorre nessa passagem entre discursos que faz com que eles percam esse “privilegio” em relação a todos os outros significantes?

Figura 69. Separação e luto na passagem do discurso do inconsciente DM para o discurso do analista DA



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

O que nos diz os discursos na construção do caso sobre o que ocorre nessa mudança que resulta na queda no discurso do analista DA desses significantes de seu posto de Ideal no discurso mestre DM. Na passagem do S1 do lugar do agente no discurso do inconsciente DM, como significante ao qual o sujeito encontrasse identificado, para o S1 no lugar da produção no discurso do analista DA, podemos localizar na estrutura a separação e a desidentificação do sujeito com seus singificantes S1. Há uma perda nessa passagem, o S1 não é o mesmo num e noutro lugar. Nesse sentido, de acordo com Brodsky (2004b), entendemos que a resposta de Lacan a essa questão é totalmente freudiana, esses significantes privilegiados na vida de alguém são esquecidos, eles caem de seu posto ideal nesse percurso porque a libido os abandona.

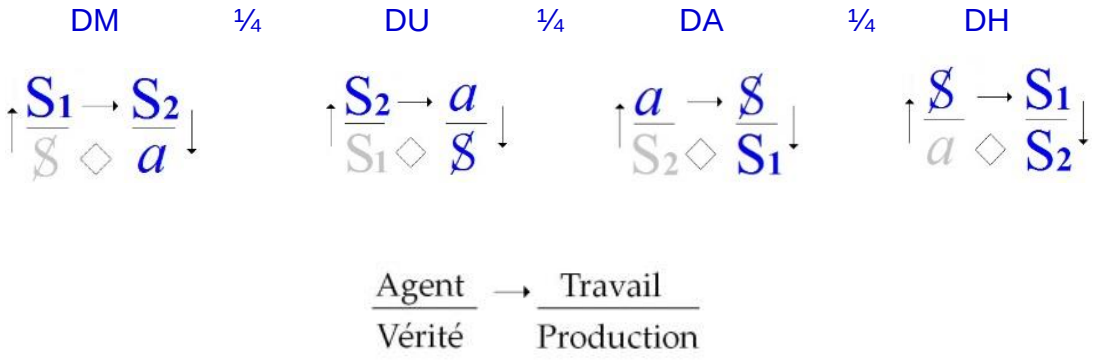
> Um significante existe, pesa, dói, na medida em que está habitado pela libido. Quanto um significante é desinvestido, quando sua carga libidinal lhe é subtraída, este significante já não me diz mais nada. [Trata-se de um] desinvestimento libidinal – se preferirem, podemos dizer de outra maneira, [de uma] perda de gozo. (Brodsky, 2004b, p. 76).

É o tempo que dura o trabalho de luto, que inclusive, no caso que acompanhamos se encontrava patologicamente interrompido, e fora retomado somente a custa de uma laboriosa transformação no curso do tratamento. Segundo Freud, havia nele uma "*tentativa de negar a realidade da morte de seu pai*" que constituira "*a base de toda sua neurose*" (Freud, 1976/1909, p. 299 [grifo nosso]). Apesar do tratamento ter sido interrompido, o final do relato nos dá indicações de

que a libido que antes estava em grande parte retida em identificações inconscientes pareceu ao final estar parcialmente livre para investir em novos objetos. Esse é, a nosso ver, um momento muito vivo e marcante do caso, ainda que seu sucesso terapêutico tenha levado a sua interrupção. Como vimos na história desse tratamento, após a solução da "ideia do rato" – que fora a via mórbida por onde seu luto estava sendo elaborado – o paciente se reestabeleceu, e retomou sua disposição. As tarefas da vida que havia postergado por tanto tempo o aguardavam, e as circunstâncias impediam a continuidade da análise naquele momento. Como diz Freud, a análise encontrou nesse caso um obstáculo a sua continuidade justamente por seu sucesso terapêutico.

Nesse caso as passagens pelo discurso do inconsciente para o discurso do saber (DM -DU), e desse para o discurso do analista (DU-DA) foram bem marcantes. O mesmo não de pode dizer do giro do discurso do analista para o discurso da histeria (DA-DH), também denominado discurso do analisante.

Figura 70. Passagens entre os discursos



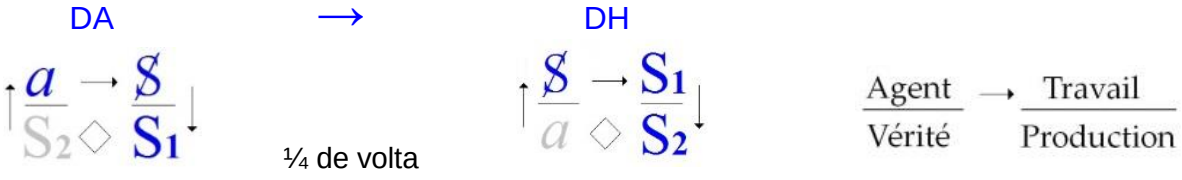
Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Do ponto da estrutura podemos dizer que a interrupção da cura se deu na passagem do discurso do analista para o discurso do analisante (DA-DH) (Figura 71). Retomemos o modo como Lacan define essa passagem a partir do discurso analítico.

> Se caracterizamos um discurso centrando-nos no que é sua dominante, existe o ***discurso do analista***, e este não se confunde com o ***discurso***

> ***psicanalisante***, com o dsicurso proferido efetivamene na experiência analítica. O que o analista institui como experiência analítica pode-se dizer simplesmente – é ***a histerização do discurso***. Em outras palavras, ***é a introdução estrutural mediante condições artificiais, do discurso da histérica***. (Lacan, 1992/1969-1970, p. 31).

Figura 71. Introdução estrutural, mediante condições artificiais, do discurso da histéria DH enquanto discurso do analisante



Histerização do discurso

Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

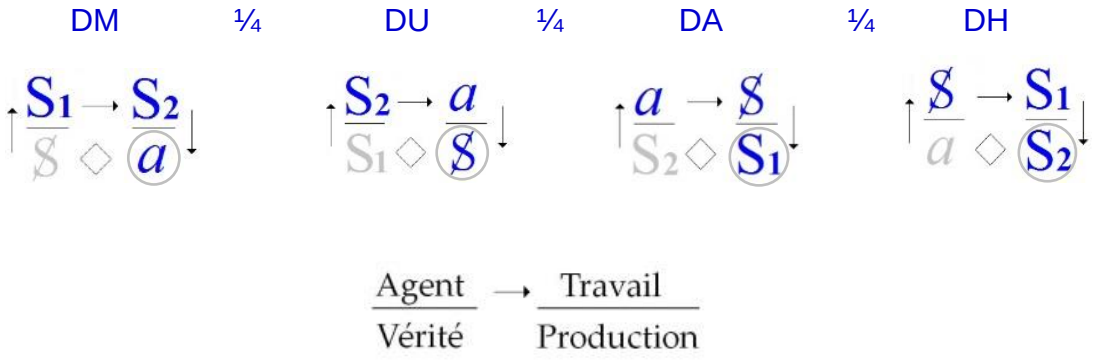
A primeira pergunta que devemos fazer seguindo a orientação heurística desse estudo é: com os discursos na construção e na formalização do caso pudemos esclarecer alguns aspectos dessa "introdução estrutural mediante condições artificiais" da neurose de transferência, agora queremos saber, até que ponto, e o que é possivel dizer sobre fórmula do discurso da histeria como discurso do analisante a partir dessa historia clínica?

A resposta exige a retomada de alguns pressupostos. Antes de tudo, é preciso considerar que – desde que se observe seus critérios e pressupostos[34] – nada impede que se investigue o ordenamento da série partindo de outros discursos que não o discurso do inconsciente DM e numa rotação no sentido contrário do que estamos propondo nesse momento.

[34] Cf. Parte I, II e III do presente estudo.

Como dissemos no início, do ponto de vista da direção da cura, partimos das teses de que “para além da fala é toda a estrutura de linguagem que a experiência analítica descobre no inconsciente” (Lacan 1957/1998, p.498) – e de que “é na análise que ele [o inconsciente] se ordena como discurso” (Lacan 1973 /2003, p.452). Entendemos que os discursos na construção do caso, quando tomados desde uma perspectiva de conjunto e de sua rotação no sentido anti-horário, corroboram a ideia de que é necesssário que haja um tempo e um percurso mínimo a partir da transferência, para que: a) os elementos sejam produzidos, um a um, na passagem de um discurso a outro; b) que essa produção em ato ordene os elementos numa série, formando um grupo covariante no qual os elementos ocupam distintos lugares e funções. Desse modo, construimos passo a passo as condições simbólicas para que se possa realizar a operação do ¼ quarto de volta, e com ela os giros necessários até a histerização do discurso que faz do paciente um analisante.

Figura 72. Produção dos elementos na passagem de um discurso a outro

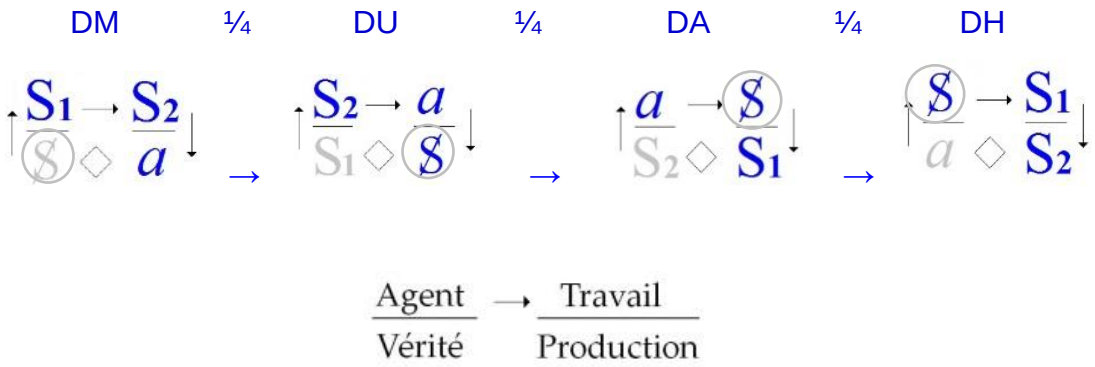


Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Como vimos, com a série ordenada proposta a partir do discurso do inconsciente DM (Figura 73), o sujeito dividido $ que no discurso do analisante DH ocupa o lugar de agente ($ – S1) teve um percurso prévio fundamental. Segundo o que a estrutura dos quatro discursos permite examinar, ***o sujeito***, que ocupava o lugar da verdade no discurso do inconsciente DM, com o quarto de volta anti-horário passa ao lugar da produção, como produto do discurso do saber DU. Desse lugar de

resíduo no discurso do saber DU o sujeito emerge no discurso do analista DA no lugar do trabalho, para então finalmente ocupar o lugar de agente no discurso do analisante DH.

Figura 73. Percurso do sujeito até a histerização do discurso



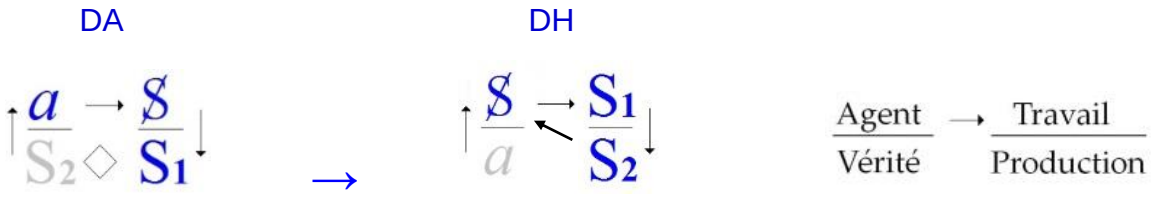
Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Desse modo, podemos arriscar uma definição *stricto sensu* do ***analisante*** como a função que se instala quando o falante ao final de um percurso ***aceita*** que a análise coloque seu sujeito dividido no lugar do agente do discurso, e a partir dele se disponha a *buscar no significante S1 uma resposta* para sua divisão. Trata-se por tanto, de um discurso e de uma posição em que ***a divisão do sujeito é assumida*** *pelo falante* em primeiro plano, no discurso manifesto, no lugar do agente. O sintoma se transforma em enigma. Isso consiste em interrogar os significantes S1 e pô-los a trabalhar e a produzir um saber S2 que permita por meio de uma construção inferir o objeto que para ele se encontra no lugar da verdade.

O analista ao ocupar no discurso do analisante DH o lugar do trabalho na posição de S1, altera a função desse elemento nessa estrutura, pois aceita a transferência, mas não se identifica com a atribuição que lhe feita, tão pouco coloca suas identificações ou Ideais a trabalhar e produzir um saber que pudesse responder as questões do analisante. Não responde desde seus significantes, seu desejo de analista faz casa vazia no campo do Outro, cede lugar aos significantes produzidos pelo sujeito por sua passagem prévia pelo discurso do analista DA.

Suporta para o sujeito seus próprios significantes mestres a fim de que ocupem o lugar do trabalho e produzam um saber próprio que lhe retorna como mesagem desde o lugar da produção.

Figura 74. Saber produzido na passagem do discurso do analista para o discurso analisante



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970). http://staferla.free.fr/ (Acesso livre).

Examinemos o saber S2 que o significante produz nessa passagem. No discurso da histeria DH "o que é efetivamente questionado? Posto em trabalho?" Daquilo que aí o significante produz, o que retorna ao sujeito como mensagem? A mensagem que lhe retorna de seus questionamentos é a de que "o significante não é feito para as relações sexuais" (Lacan, 1992/1969-1970, p.31). Em outras palavras, a constatação de que não há significante, por mais idealizado que seja, que possa corrigir a falha da estrutura em conferir ao sujeito uma identidade absoluta com o outro que estabilize definitivamente sua relação com gozo e com o desejo. Essa estabilização, como mostra o discurso da histeria DH, se encontra do lado do objeto *a* que ocupa aí o lugar da verdade. A estabilização somente irá se produzir *no uso* que o sujeito aprenderá a fazer de sua fantasia, com a conclusão de uma volta completa pela estrutura que retorna a seu ponto de partida, no discurso do inconsciente DM.

Sobre o caso do *Homem dos ratos* o ensaio formal que realizamos mostra que as passagens do trabalho da análise pelo discurso do inconsciente para o discurso do saber (DM-DU) e do discurso do saber para o discurso do analista (DU-DA) foram bem marcantes. Porém, a nosso ver, a continuidade do giro do discurso do analista para o discurso da histeria (DA-DH), que faria do paciente um analisante, não fora

realizada. Apesar do extenso trabalho e de seus efeitos terapêuticos significativos, não se pode dizer que ao final o paciente na condição de falante tenha assumido sua divisão de sujeito no discurso manifesto, a ponto de aceitar que ela ocupasse o lugar de agente a partir do qual seus significantes mestre pudessem ser questionados.

A questão enderaçada ao S1 no discurso do analisante é da ordem do ser: ***por que sou o que o S1 diz que sou?*** O sujeito com seu sintoma demanda resposta para sua divisão, mantendo subjacente "no lugar da verdade" o gozo que obtém ao dirigir sua *falta a ser* sob a forma de demanda ao outro que supõe saber ser um grande Outro. (Mello, 2011). Esse giro que no caso do *Homem dos Ratos* poderia ter posto em questão seus significantes S1 no lugar do trabalho não se realizou de forma estável a ponto de produzir um saber próprio com o qual se pudesse inferir a causa de seus sintomas no lugar da verdade.

Vejamos o que diz o relato do caso a respeito posição do sujeito em relação aos significantes que representaram na história de seus sintomas e de suas identificações a função de significantes mestres S1. No caso, logo após a série de passagens do inconsciente para fora do recalque por meio de atualizações sob transferência, o paciente adquiriu a convicção necessária para uma mudança de discurso. O que resultou em seu engajamento no trabalho da análise ocupando o lugar do trabalho no discurso do analista DA.

Assim, diz o relato, se abriu caminho para a solução da "ideia do rato", sua mais atormentadora obsessão. Com isso "o tratamento atingiu seu ponto crítico, e boa quantidade de informações materiais, retidas até então, tornou-se disponível". (Freud, 1976/ 1909, p. 211). Seu feixe de ***identificações inconscientes*** (S1 – (S1 – (S1 – S2) com a historia de seus pais, bem como com os significantes paternos que marcaram sua história, tais como, "grande homem ou grande criminoso", bem como a história da "dívida", constituiram no caso os elementos que possibilitaram a solução de sua ideia obsessiva. A *contingência* do encontro com o pedido do Capitão desempenhou um importante papel na formação de sua ideia obsessiva sobre o castigo com os ratos, que fora mediada por associações com os significantes que compunham seu complexo paterno e suas identificações. Segundo a construção e a interpretação de Freud "o capitão - homem que poderia defender esse tipo de punição - tornou-se um substituto de seu pai, e, por conseguinte, atraíra sobre si parte dessa vívida repulsa que explodira, na ocasião, contra seu cruel pai"

(Freud, 1976/1909, p. 219). A idéia que lhe ocorreu como um raio em seus pensamentos enquanto ouvia o relato do castigo feito pelo Capitão, foi a de que essa punição estava acontecendo não somente ao “criminoso” condenado do relato mas também as pessoas que ele gostava. Segundo a interpretação de Freud, com base na identificação inconsciente com o significante “criminoso”, essa ideia de que isso também ocorrreria a pessoas que lhe eram próximas “pode, provavelmente, ser traduzida como um desejo parecido com ‘É preciso que lhe façam também a mesma coisa!’, dirigido àquele que narrou a história, e através dele, a seu pai. (Freud, 1976/1909, p. 219).

Importante notar que essas foram interpretações e construções *do analista*. Muito embora o paciente tenha colaborado na elucidação de muitos pontos do complexo, com relação a sua raiva e seu ressentimento para com o pai, esses somente foram acessiveis por meio de alusões em sonhos e associações, mas principalmente por suas postas em ato na transferência. Mesmo com a força de realidade e os detalhes que as atualizações com o analista forneceram a análise, seguida de confirmações indiretas, ainda assim, observa Freud, ele se mantinha descrente dessa possibilidade.

> Fato bastante estranho, sua crença de que ele realmente nutria sentimentos de raiva contra o pai *não fez progresso algum*, apesar de ele verificar que existia uma razão lógica qualquer para supor que possuía esses sentimentos. (Freud, 1976/ 1909, p. 306 [grifo nosso]).

Mesmo havendo certa desidentificação com relação a história parterna, o questionamento dos significantes S1 permaneceu velado, fora feito de forma indireta sem que pudesse assumir esse conflito em primeira pessoa e a partir disso produzir um saber. As queixas e críticas que surgiram contra seus pais no curso da reconstrução de sua história não resultaram no questionamento dos significantes mestres S1. O valor profético e os efeitos que tivera sobre ele os ditos e histórias parentais, muito embora tenham sofrido abalos importantes, se mantiveram até o fim, sem que pudesse se perguntar: que historia é essa, e o que ela tem a ver com a verdade?

Sem que essa e outras perguntas pudessem serem feitas o tratamento interrompido deixou em aberto questões e sintomas tão ou mais importantes do que

suas obsessões atuais. A questão da “rigorosa distinção” que sempre fizera em seus relacionamentos com mulheres, entre amor e desejo sexual, “se ama não pode desejar, se deseja não pode amar”, não fora trabalhada. Por que seria ele afinal de contas “um grande homem, ou um grande criminoso” como havia dito o pai? também não chegou a ser questionado. Por fim, com relação a cena que fora localizada na raiz de sua neurose, a cena do castigo quando criança, muito provalmente, por suas investidas sensuais sobre suas irmãs, conclui Freud:

> Uma interpretação mais profunda dos sonhos do paciente com relação a esse episódio revelou os mais nítidos vestígios da presença em sua mente de uma produção imaginativa de um caráter positivamente épico.
>
> Seus desejos relativos a sua mãe e a sua irmã, e a morte prematura de sua irmã, ligavam-se ao castigo infligido pelo pai do jovem herói. Era impossível desmanchar esse tecido de fantasia, fio por fio, o êxito terapêutico do tratamento era exatamente o obstáculo. (Freud, 1976/1909, p. 210-211).

CONCLUSÃO

O objetivo dessa última parte de nosso estudo foi testar a funcionalidade clínica dos quatro discursos desde uma perspectiva de conjunto, e saber como podemos nos servir de sua escrita algébrica e topológica a fim de estabelecer um método para a construção e formalização de casos clínicos enquanto “método de pesquisa” em psicanálise que considere o percurso do sujeito na transferência.

A descoberta e o tratamento do obstáculo que a exclusão do discurso do saber gerava para a continuidade da pesquisa com essa estrutura fundamental nos conduziram a uma série de outras descobertas. Entre elas pudemos demonstrar que quando se trata de ler, construir e escrever a clínica do ponto de vista da direção da cura, a passagem da escrita pelos discursos lança outra luz sobre a transferência. Quando integrado com os outros discursos, o discurso do saber revelou-se especialmente apto à localização e à investigação da atualização do inconsciente sob a forma da emergência do eu do sujeito identificado ao objeto da pulsão no lugar do trabalho, num endereçamento transferencial com o analista.

A ênfase dada à perspectiva heurística com que Lacan conduziu sua formalização dos discursos a partir da lógica do significante estabeleceu as bases e os critérios para se repensar a pesquisa com casos clínicos a partir da introdução do conceito de modelo em psicanálise, tanto na vertente do ato, sob a forma da neurose de transferência, como na vertente da escrita, enquanto modelo matemático. A estrutura dos quatro discursos nos permitiu simplificar e organizar parte importante das operações implicadas na construção do caso clínico em um sistema formal de relações estáveis. Com sua escrita pudemos reunir e distinguir cada um dos elementos e operadores em jogo, e situar as diferentes relações e lugares ocupados por cada um numa estrutura em movimento. O processo de notação formal dos significantes colhidos das escansões realizadas no relato do caso tornou possível que realizássemos uma série de cálculos lógicos que na passagem de um discurso a outro permitiu pensar o curso da análise como um percurso de transformações.

Entendemos que leitura que propomos, entre outras leituras possíveis, tem a vantagem de atender a uma importante recomendação lacaniana: de que devemos sim nos habituar ao “manejo dos esquemas” e dos modelos em nossos métodos de

pesquisa, mas lembrando que os mesmos devem ser “cientificamente retomados por uma ética” (Lacan, 2003, 1970a, p.386). Um ponto importante dessa retomada ética que realizamos com os discursos foi a descontinuidade e a diferenciação entre as duas modalidades de pesquisa estabelecidas por Freud, a pesquisa do inconsciente realizada no tempo do tratamento e a pesquisa imparcial retrospectiva. Esse corte metodológico retrospectivo impôs restrições à construção do caso clínico, contudo, como vimos, trata-se no caso da psicanálise de uma restrição produtiva, uma vez que a partir dele pudemos propor critérios claros e bem definidos que conferem rigor aos seus métodos de pesquisa. Também damos destaque às proposições realizadas pelo experimento quanto à questão deixada em aberto por Lacan sobre as transformações dos elementos na passagem de um discurso a outro, que consideramos como uma das principais descobertas desse estudo. Nesse ponto deixamos em aberto para a pesquisa futura o esclarecimento de que outras transformações possíveis nas propriedades dos elementos poderiam decorrer de uma segunda ou mais voltas sobre essa estrutura topológica, desde a perspectiva de um conjunto de quatros discursos; bem como a investigação de outras possibilidades de leitura da rotação dos discursos no sentido horário, contrário aquele que propusemos, tanto na vertente da experiência analítica como da pesquisa teórica.

Por fim, no caso do *Homem dos ratos*, na passagem pelo discurso do saber situamos a posição e o lugar do analista no lugar do agente, contudo, nada impede que, em outros casos, o analista ocupe outra posição, por exemplo, a posição de objeto no lugar do trabalho, oferecendo-se a ser interpretado pelo analisante que ocuparia nessa outra variante a posição de ser todo-saber. Essa possibilidade decorre, como dissemos, da introdução da função desempenhada pelo desejo do analista como operador estrutural. O desejo do analista revelou-se como o elemento chave que habilita as operações com essa estrutura fundamental. Sua função permite que se ocupe qualquer um dos lugares possíveis nos discursos, uma vez que sua operação e sua ética vão na contramão da identificação com o elemento e com o lugar que a neurose lhe concede. O analista aceita a transferência, contudo, por fazer “casa vazia” altera a função do elemento a ele atribuído na estrutura, provocando o giro dos discursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Askofaré, S. (2013). *D'um discours l'Autre. La Science à l'épreuve de la psychanalyse*. Presses Universitaires du Mirail, Université de Toulouse-Le Mirail.

Assoun, P.L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro, Imago.

Badiou, A. (2007). *Le concept de modèle: Introduction à une épistémologie matérialiste des mathématiques*. Paris: Ed. Fayard. (Originalmente publicado em 1969).

Bachelard, G. (1984). O novo espírito cientifico. São Paulo: Abril Cultural – *Os Pensadores.* (Originalmente publicado em 1934).

Bachelard, G. (2013). *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto. (Originalmente publicado em 1938).

Bachelard, G. (1984). A filosofia do não. São Paulo: Abril Cultural - *Os pensadores*. (Originalmente publicado em 1940).

Barbut, M. (1996). Sobre o sentido da palavra estrutura nas matemáticas. Trad. Poloma Vidal. In *Letra Freudiana: Ato psicanalítico* – ano XV, n.16. Rio de Janeiro: Revinter. pp. 145-167.

Barroso, S. F. (2003). Sobre o caso clínico: uma contribuição à metodologia de pesquisa em Psicanálise. In: Almanaque: Psicanálise e Saúde Mental. EBP MG, Belo Horizonte, Ano 6, no.9

Berenguer, E. (2018). *Cómo se construye un caso*? *Seminario teórico y clínico*. Barcelona: Nuevos Emprendimientos Editoriales.

Bernardes, A. C. (2003). *Tratar o impossível: a função da fala na psicanálise*. Rio de Janeiro: Garamond.

Brodsky, G. (2004a). *Short story: os princípios do ato analítico*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria (Coleção Opção Lacaniana).

Brodsky, G. (2004b). A eficácia da psicanálise. *Opção Lacaniana* nº41, p.68-87.

Canguilhem, G. (1979). Qu'est-ce que la psychologie? In *Études d'histoire et de philosophie des sciences.* Paris: Vrin. (Originalmente publicado em 1958), pp. 365-381

Canguilhem, G. (1979). L'evolution du concept du methode de Claude Bernard a Gaston Bachelard. In *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin. (Originalmente publicado em 1966). pp. 163-171

Cauwe, J. Vanheule, S., Desmet, M. (2017). The Presence of the Analyst in Lacanian Treatment. *Journal of the American Psychoanalytic Association* 65(4), 609–638.

Chauí, M. (2010). Rupturas epistemológicas e revoluções científicas. In *Convite a filosofia* (p.257-259). São Paulo: Editora Ática.

Checchia, M. (2015). *Poder e política na clínica psicanalítica*. São Paulo: Annablume, (Coleção Ato Psicanalítico).

Coelho, E. P. (1968). Introdução ao um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. In *Estruturalismo antologia de textos teóricos*. Martins Fontes.

Coldebella (2016). *Caracterização das propriedades físicas, químicas e anatômicas da madeira* de *Maclura tinctoria* (L.) D*. Don ex steud*. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/320130589

Corry (1992) Nicolas Bourbaki and concept of mathematical structure. *Synthese: International journal for epistemology, methodology and philosophy of science*, Netherlands, v. 92, n.3, pp.315-348.

Costa, N. C. A. (2014). Psicanálise e Lógica [Entrevista com Newton da Costa realizada por Oscar Cesarotto e Márcio Peter de Souza Leite]. *Leitura Flutuante*, n. 6 v. 2, pp. 51-77.

Costa, A. M. R., Ribeiro, P. L., Gomes, V. (1997). Análise e tratamento psicanalítico de estruturas discursivas. *Estilos da Clínica. Dossiê Psicanálise e Medicina.* Ano II, n.3, 2º sem, pp. 30-42.

Cruz (2012). *O estilo em matemática: pessoalidade, criação em ensino*. Tese - Programa de Pós-Graduação em Educação (Ensino de Ciências e Matemática) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Delacampagne, C. (1997). *História da filosofia no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Dunker, C. I. L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. Uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume. (Coleção Ato Psicanalítico).

Dunker, C. I. L., Paulon, C. P., Ramos, J. G. M. (2016). *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. São Paulo, SP: Estação das Letras e Cores.

Dunker, C. I. L. (2017a). *Discurso e semblante*. São Paulo: nVersos, Leituras sobre Lacan, vol. 1.

Dunker, C. I. L. (2017b). *Litorais do patológico*. São Paulo: nVersos, Leituras sobre Lacan, vol. 2.

Dunker, C. I. L. (2017c). A garrafa de Klein como método para formalização de casos clínicos em psicanálise. In A *construção de casos clínicos em psicanálise: método clínico e formalização discursiva.* C. I. L. Dunker; H. A. Ramirez; T. C. Assadi (orgs.). São Paulo: Annablume, pp. 181 – 231 (Coleção Ato Psicanalítico).

Dunker, C. I. L.; Zanetti, C. E. (2017). Construção e formalização de casos clínicos. In A *construção de casos clínicos em psicanálise: método clínico e formalização discursiva.* C. I. L. Dunker; H. A. Ramirez; T. C. Assadi (orgs.). São Paulo: Annablume, pp. 23 – 45 (Coleção Ato Psicanalítico).

Dunker, C. I. L; Parker, I. (2018). Psicanálise e Análise de Discurso (Projeto). Recuperado de https://www.researchgate.net/project/Psicanalise-e-Analise-de-Discurso

Dulsster, D., Vanheule, S., Cauwe, J., Ingouf, J., & Truijens, F. (2018). Lacanian Talking Therapy Considered Closely: *A Qualitative Study. Psychoanalytic Psychology*, june 21, pp.1-10. Recovered http://dx.doi.org/10.1037/pap0000187

Eidelsztein, A. (2008). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. (Vol.1). Buenos Aires: Letra Viva.

Fingermann, D. (2005). La fin qui justifie les moyens. *L'analyse de l'analyste: que'exigeons-nous de sa fin? Champ Lacanien*, 1/n.2, pp. 66-68. Recuperado de https://www.cairn.info/revue-champ-lacanien-2005-1-page-55.htm

Fingermann, D. (2009). Estratégia da transferência – tática do ato, política do fim. *Textura* – Revista de psicanálise, n. 8, pp. 21-26.

Fender, W. D. & Moretto, M. L. T. (2016). Percursos e percalços da construção do caso clínico em psicanálise. Trabalho apresentado no *VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia*

*Fundamenta*l, 8-11 setembro. Paraíba: João Pessoa. Recuperado de http://www.psicopatologiafundamental.org.br/pagina-anais-854

Flesler, A. (2001). O discurso da histérica. In *Os discursos na cura* (Vegh, I. [et al.], p.45 -74) Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Freud, S. (1999). *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*, (1890 – 1939) Frankfurt am Main: Fischer Verlag.

Freud, S., Breuer, J. (1987). Estudios sobre la histeria. J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol. 2). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1893).

Freud, S. (1989). La etiologia de la histeria. In J. Strachey (Ed. e José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol. 3, pp. 187-218). Buenos Aires: Ed. Amorrortu. (Original publicado em 1896).

Freud, S. (1987). La interpretación de los sueños. J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud.* (Vol. 4, 5, pp. 3-608). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1900).

Freud, S. (1988). Fragmento de análisis de um caso de histeria. J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud.* (Vol. 7, pp. 1-107). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1905 [1901]).

Freud, S. (1988). Análisis de la fobia de um niño de cinco años. J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud.* (Vol. 10, pp. 1-117). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1909).

Freud, S. (1988). A propósito de um caso de neurosis obsesiva. J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud.* (Vol. 10, pp. 119-149). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1909).

Freud, S. (1976). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 10, pp. 157-317). Rio Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)

Freud, S. (1988). Consejos al médico sobre tratamento psicoanalítico. In J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud.* (Vol. 12, pp. 107-119). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1912).

Freud, S. (2017). Recomendações aos médicos para o tratamento psicanalítico. Tradução Claudia Dornbusch. *Obras incompletas de Sigmund Freud*, 6, pp. 93-106. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1912).

Freud, S. (1988). Sobre los tipos de contracción de neurosis. In J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol. 12, pp. 235-263). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1912).

Freud, S. (2017). Sobre a dinâmica da transferência. Tradução Claudia Dornbusch. *Obras incompletas de Sigmund Freud*, 6, pp. 107-120. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1912).

Freud, S. (1988). Recordar, repetir y reelaborar. In J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol. 12, pp. 145-157). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1914).

Freud, S. (2017). Lembrar, repetir e perlaborar. Tradução Claudia Dornbusch. *Obras incompletas de Sigmund Freud*, 6, 151-164. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1914).

Freud, S. (1988). Pulsiones y destinos de pulsíon. J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol. 14, pp. 105 - 133). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1915).

Freud, S. (2013). As pulsões e seus destinos. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. *Obras incompletas de Sigmund Freud*, 2). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1915).

Freud, S. (2017). Observações sobre o amor de transferência. Tradução Claudia Dornbusch. *Obras incompletas de Sigmund Freud*, 6, pp.165-182. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1915).

Freud, S. (1989). 27ª conferencia. La transferência. J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol. 16, pp. 392 - 407). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1916- 1917).

Freud, S. (1989). 28ª conferencia. La terapia analítica. J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol. 16, pp. 408 - 421). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1916-1917).

Freud, S. (1988). De la historia de uma neurosis infantil. J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol.7, pp.1-112). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1918 [1914].

Freud, S. (2017). Caminhos da terapia psicanalítica. Tradução Claudia Dornbusch. *Obras incompletas de Sigmund Freud*, 6, pp.191-204. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1919 [1918]).

Freud, S. (1989). Dos artículos de enciclopédia: “Psicoanálisis” y “Teoría de la libido”. In J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp. 227-254). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1923).

Freud, S. (1989). 31ª Conferencia. La decomposicion de la personalidade psíquica. In J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol. 22, pp. 53-74). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1933).

Freud, S. (1989). Construcciones em el análisis. In J. Strachey (Ed. José L. Etcheverry Trad.), *Obras Completas Sigmund Freud*. (Vol. 23, pp. 256-270). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1937).

Freud, S. (2017). Construções em análise. Tradução Claudia Dornbusch. *Obras incompletas de Sigmund Freud*, 6, pp.365-382. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1937).

Grande, R. M. (2015) Sobre o papel heurístico da matemática na descoberta de antipartículas em mecânica quântica relativística. In Melogno, Pablo. (Org.). *Ciencia, matemática y experiencia: Estudios en historia del conocimiento científico*. 1ed.Montevidéu: Índice Grupo Editorial, pp. 137-154.

Granger, G. G. (1975). *Pensamento formal e ciências do homem*. Editorial Presença, Lisboa. (Original publicado em 1967).

Houaiss, A. e Villar, M. de S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.

Ianinni, G. (2013). Epistemologia da pulsão: Fantasia, ciência, mito. In As pulsões e seus destinos; tradução Pedro Heliodoro Tavares. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, 2, pp. 91-129. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Koyré, A. (1991). *Estudos de história do pensamento científico*. Brasília: Forense Universitária.

Koyré, A. (1991). *Estudos de história do pensamento filosófico*. Brasília: Forense Universitária.

Koyré, A. (2006). *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

Lacan, J. (1998). Intervenção sobre a transferência, In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 214-225). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1952).

Lacan, J. (2008). *O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1952).

Lacan, J. (1998). Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise, In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1953).

Lacan, J. (1986*). O seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*, 1953-1954. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (2002*). O seminário, Livro 3: As psicoses*, 1955-1956. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1957).

Lacan, J. (n.d.). *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud*, 1957. Recuperado de http://staferla.free.fr/

Lacan, J. (1998). A coisa freudiana, In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 402-437). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1956).

Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1957).

Lacan, J. (1998). A direção da cura e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1958).

Lacan, J. (1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 653-690). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1959-1960).

Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (pp. 807-842). (Trabalho original publicado em 1960).

Lacan, J. (1992). *O seminário, Livro 5: As formações do inconsciente,* 1957-1958. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (1992). *O seminário, Livro 8: A transferência*, 1960-1961. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (n.d.). *Seminário*, livro 9: *A identificação*, 1961-1962). Inédito.

Lacan, J. (1998). *O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1964. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (1998b). Posição do inconsciente. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 843-864). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1964).

Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1965-1966).

Lacan, J. (2018). *Seminário, Livro 13: O objeto da psicanálise,* 1965-1966. Edição não comercial destinada aos membros da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano Brasil. São Paulo: Fórum do campo lacaniano de São Paulo.

Lacan, J. (n.d). *Seminário, Livro 14: A lógica da fantasia,* 1966-1967. Inédito.

Lacan, J. (n.d). *Seminário, Livro 15: O ato psicanalítico*, 1967-1968. Inédito.

Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967. In *Outros Escritos.* (V. Ribeiro, trad., pp. 248-264). Rio de Janeiro Ed. (Originalmente publicado em 1968).

Lacan, J. (2003). O ato psicanalítico – resumo do seminário de 1967-1968. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (pp. 371-379).

Lacan, J. (2008). *O seminário, Livro 16: De um Outro ao outro*, 1968-1969. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (1992). *O seminário, Livro 17:* O avesso da psicanálise, 1969-1970. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (n.d.). *Le Séminaire: L'envers de La psychanalyse*. (1969-1970). Recuperado de http://staferla.free.fr/

Lacan, J. (2003). Prefácio a uma tese. In *Outros Escritos.* (V. Ribeiro, trad., pp. 389-399). Rio de Janeiro Ed. (Originalmente publicado em 1970a).

Lacan, J. (2003). Radiofonia. In *Outros Escritos.* (V. Ribeiro, trad., pp. 400-447). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Originalmente publicado em 1970b).

Lacan, J. (2011). *Estou falando com as paredes: conversas na capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Originalmente publicado em 1971).

Lacan, J. (2012). *O seminário, Livro 19:* ... ou pior. 1971-1972. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (2003). O Aturdito. In *Outros Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 448-497) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1972).

Lacan, J. (1985). *O seminário, Livro 20:* Mais ainda. 1972-1973. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (1978) *Du discours psychanalytique*. Discours de Jacques Lacan à l'université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue: Lacan in Italia 1953-1978, traduction française: En Italie Lacan, Milan, La Salamandra, pp. 32-55.

Lacan, J. (2003). O Aturdito. In J. Lacan, *Outros Escritos.* (V. Ribeiro, trad., pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Originalmente publicado em 1973).

Lacan, J. (n.d.). *RSI*. (1974-1975). Recuperado de http://staferla.free.fr/

Longo, J.L.& D'Agord, M.R.L. (2011). A vizinhança e o *mathema* dos quatro discursos. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, 6 (*11*), pp. 09-18.

Maldonado, C. E. (2005). Heurística y producción de conocimiento nuevo en la perspectiva CTS. In *Estética, ciencia y tecnología*. Creaciones electrónicas y numéricas (I.Hernández, compiladora, pp. 98-127). Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana.

Mello, B. N. (2011). A perfomatividade nos quatro discursos. *Estudos interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 2, n.1, pp. 72-87.

Milidoni, C.B. (1993). *Heurística Freudiana no "Projeto para uma psicologia científica"*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Nanclares, A. B. M. (2001). Discurso universitário. In *Os discursos na cura* (Vegh, I. [et al.], pp.113 -140) Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Nancy, J. L.; Labarthe, P. L. (1991). *O Título da Letra - uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta.

Nogueira, L. C. (1997). *A psicanálise: Uma experiência original; o tempo de Lacan e a nova ciência*. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Peusner, P. (2009). "¿Qué importa quién habla?" El encuentro de Lacan y Foucault que dio origen a los cuatro discursos. Recuperado de http://www.forofarp.org/images/pdf/Praxisyclinica/Pablo%20Peusner/Que%20importa%20quien%20habla-AUN.pdf

Rabinovich, D. (2004). Clínica da pulsão – as impulsões. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Rodrigues, G. V. (2010). *A psicanálise pelo Avesso*: uma leitura do seminário O Avesso da Psicanálise livro 17 de Jacques Lacan. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa.

Rona, M. P. (2012). *O significante, o conjunto e o número*: *a topologia na psicanálise de Jacques Lacan.* São Paulo: Annablume.

Santos, H. L. L. (2015). *A Noção de Estilo em Lacan*. Dissertação (Psicologia Clínica) Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Saussure, F. *Curso de Linguística Geral* (2012). 28ª ed. São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1916).

Siboni, J. (2000) *Les Mathèmes de Lacan Anthologie des assertions entièrement transmissibles et de leurs relations dans les écrits de Jacques Lacan*. Recuperado de http://www.lutecium.org/jacsib/thesaur4/thesaur4.html.

Soler, C. (2012). *O inconsciente: o que é isso*? São Paulo: Annablume (Coleção Ato Psicanalítico).

Soler, C. (2013). *A repetição na experiência analítica*. São Paulo: Escuta.

Torres, R. (2013). *Do ato psicanalítico ao discurso do analista*. A estrutura do campo lacaniano. Tese (Psicologia Clínica) Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Triska, V. H. C. & D'Agord, M. R. L. (2017). A estrutura local em psicanálise. *Psicologia USP*, 28(2), 230-238. https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420150133

Triska, V. H. C, & D'Agord, M. R. L. (2018). As raízes científicas da topologia estrutural de Lacan. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 21(2), pp. 224-232. Recuperado de https://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982018002008

Vegh, I., Wainsztein, S., Flesler, A., Amigo, S., & Nanclares, A. (2001). *Os discursos na cura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Vegh, I. (2001b). Os discursos na cura. In *Os discursos na cura* (Vegh, I. [et al.], pp.141 - 157) Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Víctora, L. G. (2006). *Os grupos de Klein na obra de Lacan*. Recuperado de https://www.freud-lacan.com/getpagedocument/8627.

Víctora, L. G. (2016). *Topologia e clínica psicanalítica*. 2ª ed. Porto Alegre: Redes Editora.

Víctora, L. G. (2017). O nó do amor. *Correio Appoa* 264, março. Recuperado de http://www.appoa.com.br/correio/edicao/264/o_no_do_amor/420

Zanetti, C. E. (2005). A Introdução da fantasia na metapsicologia freudiana: a realização alucinatória de desejo e o signo de realidade. *Revista de Filosofia* (PUCPR), v. 17, n.20, pp. 25-43.

Zanetti, C. E. (2006a). O sentido da crença na teoria freudiana do juízo e as origens do aparelho psíquico. *Natureza Humana*, v. 8, pp. 61-71.

Zanetti, C. E. (2006b). *Corpo, representação e o domínio do real: a constituição do conceito de realidade psíquica em Freud*. Dissertação Mestrado (Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise). Pós-Graduação em Filosofia – UFSCar. São Carlos.

Zanetti, C. E. (2007). Representação e matéria: o estatuto do real e da realidade psíquica do desejo inconsciente em Freud. *Adverbum* (Campinas. Online), v. 02, pp. 60-86.

Zanetti, C. E. & Simanke, R. T. (2011). Clínica e crítica na trajetória freudiana da neurologia a psicanálise. *Mental* (Barbacena), v. 9, pp. 303-326.

Zanetti, C. E. (2012). D'escola da coisa: pulsão em reanálise. Atas *X Jornada de Cartéis*. *Escola da Coisa Freudiana.* Curitiba, PR.

Zanetti, C. E. & Dunker, C. I. L. (2018). Os discursos na construção do caso clínico. In *O caso entre a exceção e a transmissão* / Nina Virginia de Araújo Leite, Mariana Marques Moraes, J. Guilhermo Milán-Ramos (orgs.). (pp. 57 – 64). Campinas, SP: Mercado das Letras.